



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Florinda Donner-Grau

A bruxa e a arte do sonhar

Tradução de
A. COSTA



Donner, Florinda

A bruxa e a arte do sonhar / Florinda Donner-Grau;

tradução de A. Costa. - Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1998.

Tradução de: The witch's dream ISBN 85-01-05059-8

1. Índios Yanomami - Religião e mitologia. 2. índios Yanomami - Medicina. 3. Xamanismo - Venezuela. 4. Etnologia - Venezuela - Trabalho de campo. I. Título.

Título original norte-americano **THE WITCH'S DREAM**

Copyright © 1998 by Florinda Donner-Grau

Primeira publicação em língua inglesa pela Simon & Schuster, Inc. 1985 sob o título The Witch's dream by Florinda Donner-Grau. Publicado em Arcana 1997. Copyright © Florinda Donner, 1997. Publicado mediante acordo com Viking Penguin, uma divisão da Penguin Books USA, Inc.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A. Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 585-2000 que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil ISBN 85-01-05059-8

Contra-capa:

Uma conhecida discípula do brujo Dom Juan Matus, Florinda Donner-Grau foi introduzida ao mundo da cura espiritual como antropóloga. Mas seu envolvimento logo se transformou e se aprofundou na direção de algo bem mais pessoal.

Este livro é o relato extraordinário de suas experiências com Dona Mercedes, uma xamã idosa de uma remota cidade venezuelana conhecida por sua população de espiritualistas, feiticeiros e médiuns. Trabalhando como aprendiz de Dona Mercedes, Florinda testemunhou em primeira mão o poder e a beleza da verdadeira cura espiritual.

Ao mesmo tempo, travou contato com muitas pessoas que procuravam a xamã em busca de ajuda. Entremeadas com as histórias impressionantes de Dona Mercedes, está a própria história dramática de autodescoberta da autora, pois é através dos encontros com essas pessoas que Florinda se conscientiza de seus próprios poderes espirituais e se dá conta do quanto sua presença se torna importante como auxiliar nos trabalhos da velha curandeira.

"Para todos aqueles que não posso citar pelo nome."

Prefácio

O trabalho de Florinda Donner-Grau tem um significado todo especial para mim. Na verdade, seu trabalho coincide com o meu, ao mesmo tempo que se desvia dele. Florinda Donner-Grau é minha companheira de trabalho. Nós dois estamos envolvidos no mesmo projeto e ambos pertencemos ao mundo de Don Juan Matus. A diferença provém do fato de ela ser mulher. No mundo de Don Juan, homens e mulheres caminham na mesma direção, seguem o mesmo caminho de luta, mas estão de lados opostos da estrada. Portanto, as visões de um mesmo fenômeno, obtidas a partir destes dois pólos, serão diferentes nos detalhes, mas não em sua essência.

Essa proximidade com Florinda Donner-Grau acarreta, acima de qualquer outro aspecto, um inevitável senso de lealdade que acaba sendo maior do que um exame impiedoso. Mas por baixo destas premissas do caminho do guerreiro, as quais nós dois seguimos, lealdade somente é expressa quando utilizamos o melhor de nós mesmos. E o melhor, para nós, acarreta um exame completo das nossas possibilidades.

Seguindo os ensinamentos de Don Juan, apliquei a premissa do exame implacável no trabalho de Florinda Donner-Grau. Para mim, existem três diferentes níveis, três esferas distintas para apreciação.

A primeira é o rico detalhamento das descrições e da narrativa. Para mim, esse detalhamento é etnográfico. O relato minucioso do dia-a-dia, comum no ambiente cultural dos personagens que ela descreve, é algo totalmente desconhecido para nós.

A segunda tem a ver com a arte. Gostaria de comentar que um etnografista também pode ser um escritor. Na tentativa de inserir-nos no horizonte da etnografia que ele ou ela descrevem, um etnografista deve ser mais do que um simples cientista social; um etnografista deve ser um artista.

A terceira é a honestidade, simplicidade e objetividade do trabalho. Neste ponto, com certeza, sou mais exigente. Eu e Florinda Donner-Grau

fomos moldados pelas mesmas forças, portanto, seu trabalho ajusta-se a um padrão geral de busca da excelência. Don Juan nos ensinou que nosso trabalho precisa ser um reflexo completo de nossas vidas.

Eu não posso deixar de sentir a admiração e o respeito do guerreiro por Florinda Donner-Grau, que sozinha e contra terríveis desavenças manteve-se calma, permaneceu fiel aos caminhos do guerreiro e seguiu os ensinamentos de Don Juan ao pé da letra.

Carlos Castaneda

Nota da Autora

O estado de Miranda, no nordeste da Venezuela, foi habitado pelos índios Caribe e Ciparicoto durante o período pré-hispânico. Durante a colonização, dois outros grupos raciais e culturais tornaram-se proeminentes por lá: os colonizadores espanhóis e os escravos africanos, trazidos pelos primeiros para trabalhar em suas plantações e minas.

Os descendentes destes índios, espanhóis e africanos deram origem à mestiça população que atualmente sobrevive nas pequenas aldeias, vilarejos e cidades espalhadas pelo interior e pelo litoral.

Muitas destas cidades no estado de Miranda são famosas pelos seus curandeiros, muitos dos quais também são espiritualistas, médiuns e bruxos.

Em meados da década de 70, viajei para Miranda. Naquele tempo, eu era uma estudante de antropologia interessada nas práticas curativas e acabei trabalhando com uma curandeira nativa. Para honrar seu pedido de anonimato, dei a ela o nome de Mercedes Peralta e denominei sua cidade de Curmina.

Tentando ser o mais fiel e acurada possível, e com a permissão da curandeira, escrevi em um diário de campo tudo sobre meu relacionamento com ela, desde o momento em que fui para sua casa. Separadamente, também gravei algumas coisas que os pa-

cientes de Mercedes contavam sobre si mesmos. O presente trabalho consiste em partes do meu diário de campo e as histórias dos pacientes que foram selecionadas pela própria curandeira. As partes retiradas de meu diário foram escritas na primeira pessoa. As histórias dos pacientes, entretanto, transcrevi em terceira pessoa. A única liberdade que tomei com este material foi trocar os nomes e dados pessoais dos personagens das histórias.

Parte Um

Capítulo 1

Isto começou para mim com um evento transcendental, um evento que moldou o curso da minha vida. Eu conheci um *nagual*. Ele era um índio do extremo norte do México.

O dicionário da Real Academia Espanhola define *nagual* como uma adaptação espanhola para a palavra que significa, na linguagem náuatle do extremo sul do México, bruxo ou mago.

As tradicionais histórias de *naguais* — homens de tempos antigos que possuíam poderes extraordinários e eram capazes de atos que desafiam a imaginação — continuam a existir no México moderno. Mas, tanto nas cidades quanto nas zonas rurais, os *naguais* contemporâneos são puramente legendários. Eles parecem viver somente no folclore, passado de boca em boca, ou no mundo da fantasia.

O *nagual* que conheci, entretanto, era real. Não havia nada ilusório nele. Quando perguntei, sem querer ser curiosa, o que o tornava um *nagual*, ele me apresentou uma explicação ao mesmo tempo simples e totalmente complexa sobre o que fazia e era. Ele me disse que o *nagualismo* começa com duas convicções: a certeza de que os seres humanos são seres extraordinários vivendo em um mundo extraordinário, e a certeza de que nem o homem nem o mundo podem ser aceitos como verdade sob nenhuma circunstância.

A partir dessas doces e simples premissas, disse ele, surge uma conclusão simples: o *nagualismo* retira uma máscara para colocar outra. Os *naguais* retiram a máscara com a qual vemos nós mesmos e o mundo em que vivemos como um local comum, sem graça, previsível e repetitivo e colocam uma segunda, que irá ajudar-nos a vermos nós próprios — e o ambiente que nos envolve — da forma que realmente somos: momentos

emocionantes que florescem uma única vez durante nossa transitória existência e que nunca mais se repetem.

Após o encontro com este inesquecível nagual, tive uma hesitação momentânea ao perceber o medo que senti ao me deparar com estas questões como um paradigma imposto. Quis correr para longe daquele índio e de sua busca, mas, ao mesmo tempo, não queria fazer isso. Algum tempo depois, tomei uma decisão drástica e me juntei a ele e a seu grupo.

Mas esta não é uma história sobre aquele nagual, embora suas idéias e influência estejam fortemente presentes em tudo o que faço. Não é minha tarefa escrever sobre ele, nem mesmo dizer seu nome. Existem outros no grupo que irão fazer isso.

Quando decidi acompanhá-lo, ele me levou ao México para conhecer uma estranha e forte mulher, sem me dizer que ela era possivelmente a mulher mais influente e sábia do grupo dele. Seu nome: Florinda Matus. Apesar das roupas malcuidadas que usava, ela tinha uma elegância comum às mulheres altas e magras. O aspecto pálido de sua face, fina e severa, era coroado por tranças de cabelos brancos e iluminada por largos e luminosos olhos. Sua voz rouca e a risada alegre e jovial dissiparam meu temor irracional.

O nagual me deixou aos cuidados dela. A primeira coisa que quis saber de Florinda era se ela também era um nagual. Sorrindo quase enigmáticamente, ela apenas refinou a definição da palavra.

— Ser um bruxo, um mago ou uma feiticeira não significa ser um nagual. Mas qualquer um pode se tornar um deles, a partir do momento em que ele ou ela se tornam responsáveis por um grupo de homens e mulheres e em que encaminham este grupo para um envolvimento em uma questão específica do conhecimento — disse ela.

Quando perguntei que questão era essa, ela respondeu que para estes homens e mulheres o objetivo era encontrar a segunda máscara, aquela que nos vai ajudar a vermos nós mesmos e o mundo da maneira que nós realmente somos: momentos emocionantes.

Entretanto, este livro também não é a história de Florinda, apesar do fato de ela ser a mulher que me guia em todos os meus atos. Pelo contrário,

esta é a história de uma das muitas coisas que ela me mandou fazer.

— Para a mulher, a busca do conhecimento é, na verdade, um relacionamento curioso — Florinda me disse uma vez. — Nós temos que ultrapassar estranhos ardis.

— Por que é assim, Florinda?

— Porque mulheres não se importam de verdade.

— Eu me importo.

— Você apenas diz que se importa.

— Estou aqui com você. Isto não significa que me importe?

— Não. Acontece que você gosta do nagual. A presença dele dominou você. Aconteceu o mesmo comigo. Fui dominada pelo nagual antecessor. O bruxo mais irresistível que já existiu.

— Admito que você está certa, mas em parte. Eu me importo pela busca do nagual.

— Não duvido. Mas só isso não é suficiente. As mulheres precisam conhecer algumas manobras específicas a fim de encontrar a essência de si mesmas.

— Quais manobras? De que essência você está falando, Florinda?

— Se existe alguma coisa dentro de nós que não conhecemos, como habilidades escondidas, coragem e astúcia jamais imaginadas ou uma nobreza de espírito frente a dor e o sofrimento, ela aparecerá se nós formos confrontados com o desconhecido, nos momentos em que estamos sozinhos, sem amigos, sem o apoio familiar, sem suporte. Se, nessas situações, não acontecer nada, é porque nós não temos nada. E antes de dizer que você realmente se importa com a busca do nagual, deve descobrir se existe algo dentro de você. Preciso que você faça isso.

— Temo não me sair bem sendo testada, Florinda.

— Minha dúvida é: você pode viver sem saber se há algo escondido dentro de você?

— E se eu for uma dessas pessoas que não têm nada?

— Se for este o caso, então terei que apresentar minha segunda dúvida: você continuará vivendo no mundo que escolheu se não tiver nada dentro de si?

— É claro que vou continuar aqui. Já estou ligada a você.

— Não. Você apenas acredita que escolheu meu mundo. Para ingressar no mundo do nágual não basta apenas dizer que quer. Tem que provar.

— Como posso fazer isso?

— Vou dar-lhe uma sugestão. Você não tem que segui-la. Mas, se quiser, deve ir sozinha ao lugar onde nasceu. Nada será mais fácil do que isto. Vá até lá e veja suas chances, sejam elas quais forem.

— Mas sua sugestão é impraticável. Não sinto uma sensação boa sobre aquele lugar. Não saí de lá numa boa situação.

— Bem melhor. Assim você poderá enfrentar suas antigas desavenças. Por isso escolhi seu país. Mulheres não gostam de ser incomodadas além da conta. Se elas têm que se preocupar com vários assuntos, elas se desestruturam. Prove-me que você não é assim.

— O que sugere que eu faça naquele lugar?

— Seja você mesma. Faça seu trabalho. Você me disse que quer tornar-se uma antropóloga. Seja uma. Poderia ser mais simples?

Capítulo 2

Anos depois, seguindo a sugestão de Florinda, finalmente fui à Venezuela, país onde nasci. Aparentemente, voltei para reunir dados antropológicos sobre o curandeirismo. Na verdade, seguindo as instruções de Florinda, estive lá para pôr em prática as estratégias necessárias para descobrir se possuía as habilidades escondidas — sem as quais jamais poderia ingressar no mundo do nagual.

Não tardei a descobrir que minha jornada deveria ser solitária. Com palavras fortes e gestos decisivos, Florinda proibiu-me de pedir, sob qualquer circunstância, conselhos a qualquer pessoa. Ao saber que iria para uma universidade, ela me advertiu que não utilizasse os adornos da vida acadêmica enquanto estivesse no campo. Eu não poderia pedir favores, ter supervisores acadêmicos, nem mesmo pedir qualquer tipo de ajuda a minha família e amigos. Deveria deixar os acontecimentos me guiarem para um caminho a ser seguido. Escolhido um, deveria mergulhar nele com a fúria de uma mulher no caminho do guerreiro.

Iria à Venezuela para fazer uma visita informal. Poderia visitar meus parentes, pensei, reunir informações e saber a possibilidade de cursar aulas de antropologia cultural. Florinda me elogiou pelo meu discurso e pela minha minúcia. Pensei que ela estivesse sendo irônica. Não havia motivo algum para me elogiar. Além disso, disse à Florinda que estava amedrontada por ela não me ter dado maiores instruções. Várias vezes quis saber mais detalhes sobre minha missão na Venezuela. Conforme chegava o dia de minha partida, fui ficando cada vez mais ansiosa sobre o resultado daquilo tudo e insistia que precisava saber mais.

Estávamos sentadas em cadeiras de vime, confortavelmente acolchoadas com almofadas macias, sob a sombra de uma das muitas árvores frutíferas que cresciam no imenso pátio interno. Um antigo vestido de musselina, um chapéu de abas largas, um leque de renda com o qual se abanava davam a ela a aparência de pertencer a um outro tempo.

— Não se preocupe com informações precisas — disse impaciente. — Isto não vai fazer nenhum bem a você.

— Tenho certeza de que me ajudaria muito — insisti. — Realmente, não entendo por que você está fazendo isso comigo, Florinda.

— Culpe o fato de eu pertencer ao mundo do nagual. Na verdade, sou uma mulher e tenho um humor diferente.

— Humor? O que você quer dizer com humor diferente? Ela me olhou fixamente, mas sem interesse.

— Queria que você pudesse ouvir a si própria falando: que humor? — disse sarcástica. Seu rosto estampava um tolerante desdém. — Não estou à procura de combinações aparentemente sistemáticas de pensamentos e ações. Para mim, ordenar é diferente de arrumar as coisas sistematicamente. Pouco me importa a estupidez e não tenho paciência. Esse é o humor.

— Isso soa terrível, Florinda. Sempre fui levada a acreditar que no mundo do nagual as pessoas não eram mesquinhas e não se comportavam com impaciência.

— Pertencer ao mundo do nagual não tem nada a ver com a minha impaciência — disse, enquanto fazia um gesto engraçado e esperançoso. — Como vê, sou impecavelmente impaciente.

— Gostaria, realmente, de saber o que quer dizer com ser impecavelmente impaciente.

— Significa que estou perfeitamente consciente de que você está me chateando agora com sua estúpida insistência em ter instruções detalhadas. Minha impaciência me diz que eu deveria fazer você parar. Mas é minha impecabilidade que fará você se calar. Ou seja, mesmo tendo pedido para você se calar, se você persistir e continuar me perguntando por detalhes, simplesmente por ter o péssimo hábito de ter tudo explicado, vou bater em você. Mas não se preocupe pois nunca vou ficar com raiva ou usar isso contra você.

Embora seu tom de voz fosse sério, comecei a rir.

— Você realmente me bateria, Florinda? Pois acerte-me se tiver que fazer isto — completei olhando para seu rosto determinado. — Preciso saber o que vou fazer na Venezuela. Estou ficando louca com esta preocupação.

— Tudo bem! Se insiste em saber detalhes que considera importantes vou lhe dizer. Espero que entenda que nós estamos separadas por um abismo e ele não pode ser ultrapassado com conversas. Agora, você parece imitar os homens. Mulheres têm que construir uma ponte para esse abismo através de suas ações. Nós damos a vida, você sabe. Fazemos pessoas. Quero que você vá para longe e sozinha consiga descobrir quais são suas forças e fraquezas.

— Entendo o que você diz, Florinda, mas leve em conta minha posição.

Florinda enterneceu-se, desfazendo a resposta incisiva que estava pronta para me dar.

— Tudo bem, tudo bem — disse devagar, acenando para que puxasse minha cadeira para mais perto da dela. — Vou dizer o que considero importante para sua viagem. Felizmente, não existem os detalhes que você tanto procura. O que você quer exatamente de mim é que eu diga como agir numa situação futura e quando isso vai acontecer. É algo estúpido demais para se perguntar. Como poderia dar instruções de algo que ainda não existe? Em vez disso, ensinarei a você como arrumar seus pensamentos, sentimentos e reações. Com esse trunfo na mão, será capaz de resolver qualquer eventualidade que possa surgir.

— Você realmente está falando sério, Florinda? — perguntei incrédula.

— Seríssimo — assegurou-me. Inclinando-se na cadeira, disparou a falar com um meio sorriso que, a qualquer momento, parecia que iria tornar-se uma gargalhada. — O primeiro detalhe a ser considerado é fazer uma avaliação de si mesma. Você verá que, no mundo do nágual, nós somos responsáveis pelos nossos atos.

Ela me lembrou que eu conhecia o caminho do guerreiro. Durante todo o tempo em que estive com ela, recebi um extenso treinamento da trabalhosa filosofia prática dos náguals. Por isso, qualquer instrução detalhada que ela me desse seria, na verdade, uma lembrança detalhada do caminho do guerreiro.

— No caminho do guerreiro, mulheres não se sentem importantes —

dizia num tom de quem parece estar recitando de cor —, porque importantes marés caem furiosamente. No caminho do guerreiro, mulheres são a fúria. Elas permanecem furiosamente impassíveis sob qualquer circunstância. Elas não exigem nada e, ainda assim, estão prontas para dar qualquer coisa de si mesmas. Elas procuram furiosamente um sinal do espírito das coisas na forma de palavras ou de um simples gesto e, quando conseguem achá-lo, expressam sua gratidão redobrando sua fúria.

"No caminho do guerreiro, mulheres não julgam. Elas se reduzem furiosamente a nada para poder ouvir e ver; só assim poderão vencer, sendo humildes pela sua conquista, ou perder, sendo realçadas pela sua derrota".

"No caminho do guerreiro, mulheres não se rendem. Elas podem ser derrotadas milhares de vezes, mas nunca rendidas. No caminho do guerreiro, acima de tudo, as mulheres são livres."

Incapaz de interrompê-la, fiquei olhando de maneira fixa para Florinda, completamente fascinada, embora não pudesse captar o que ela dizia. Senti-me profundamente desesperada quando ela parou de falar parecendo que não tinha mais nada a dizer. Não consegui me controlar e comecei a chorar de forma compulsiva. Sabia que o que ela acabara de dizer não me ajudaria a resolver meus problemas.

Ela me deixou chorar por um bom tempo e, então, começou a rir.

— Você está realmente chorando! — disse ela com incredulidade.

— Você é a pessoa mais sem coração e insensível que já conheci — disse entre soluços. — Você está prestes a me mandar para sabe-se lá Deus onde e não quer me dizer o que devo fazer.

— Mas eu disse — falou ainda rindo.

— O que você acabou de dizer não tem nenhum valor em uma situação real — retruquei com raiva. — Você soa como um ditador proferindo *slogans*.

Florinda observou-me alegremente.

— Você será surpreendida pelo quanto usará destes *slogans* estúpidos — falou. — Mas, por agora, vamos chegar a um entendimento. Não estou mandando você para um lugar qualquer. Você é uma mulher no caminho do guerreiro e é livre para fazer o que desejar. Você sabe disto. Você

ainda não entendeu o que é o mundo do nagual. Não sou sua professora, nem sua mentora, ou mesmo responsável por você. Você é a responsável por si própria. O ensinamento mais difícil de entender no mundo do nagual é que ele oferece liberdade irrestrita. Mas liberdade não significa estar livre.

"Cuido de você porque você tem uma habilidade natural para ver as coisas como elas são, tem a capacidade de se afastar de uma situação e ver a beleza em tudo isso. Isto é um presente, você nasceu assim. A maior parte das pessoas que se envolvem com o mundo do nagual leva anos para conseguir afastar-se das situações nas quais está envolvida e ser capaz de ver a beleza disso tudo."

Apesar de seu elogio, estava prestes a ter um ataque de nervos. Ela finalmente me acalmou, prometendo que antes de meu avião partir me daria as informações específicas e detalhadas que eu tanto queria.

Esperei no corredor de embarque da companhia aérea, mas Florinda não apareceu. Desapontada e desanimada, dei liberdade para o sentimento de desespero e desapontamento que crescia dentro de mim. Sem me importar com os olhares curiosos em volta de mim, sentei-me e comecei a chorar. Nunca havia me sentido tão sozinha. A única coisa na qual pensava era que ninguém havia vindo se despedir de mim, ninguém havia vindo me ajudar com minha bagagem. Estava acostumada a me despedir dos meus parentes e amigos.

Florinda tinha me advertido que qualquer um que escolhesse o mundo do nagual deveria estar preparado para uma solidão forçada. Ela deixou claro que, para ela, solidão não significa estar sozinho, mas sim um estado físico de solidão.

Capítulo 3

Nunca poderia imaginar que minha vida se tornaria tão monótona. Em um quarto de hotel de Caracas, sozinha e sem ter noção do que fazer, experimentei, pela primeira vez, a solidão da qual Florinda havia falado. Tudo que gostava de fazer era sentar-me na cama do hotel e assistir à TV. Não queria tocar na minha bagagem. Cheguei a pensar em pegar um avião de volta para Los Angeles. Meus pais não estavam na Venezuela neste período e também não conseguia telefonar para meus irmãos.

Depois de um esforço tremendo, comecei a desfazer minha mala. Escondido no meio de uma calça dobrada, encontrei um pedaço de papel com a letra de Florinda, que comecei a ler avidamente.

Não se preocupe com detalhes. Detalhes tendem a se ajustar para servir as circunstâncias, se alguém tiver uma convicção. Seus planos devem ser como pegadas. Escolha alguma coisa e a chame de começo. Então vá e encare o início. Quando estiver cara a cara com o começo, deixe que ele a leve para qualquer lugar possível. Confio que suas convicções não deixarão que você escolha um início excêntrico. Seja realista e simples para poder selecionar com sensatez. Faça isso agora! P. S.: Qualquer coisa pode ser um começo.

Possuída pelas palavras de Florinda, tirei o telefone do gancho e disquei para o número de uma velha amiga. Não tinha certeza se ela ainda estaria em Caracas. A educada senhora que atendeu minha ligação me passou outros possíveis números de telefone, pois minha amiga não estava mais naquele endereço. Liguei para todos. Não podia parar, o começo estava tomando conta de mim. Finalmente, localizei um casal de amigos de meus pais que conhecia desde a infância. Eles queriam me ver imediatamente, mas estavam indo a um casamento, que aconteceria dali a uma hora. Insistiram que eu os acompanhasse, assegurando-me que não haveria problema.

No casamento, conheci um ex-padre jesuíta que era um antropólogo

amador. Conversamos durante horas. Falei do meu interesse sobre os estudos antropológicos. Como se estivesse esperando por mim para dizer uma palavra mágica, ele começou a falar sobre o controvertido valor dos curandeiros populares e sobre as regras sociais que praticam em suas sociedades.

Eu não havia mencionado curandeiros ou cura em geral como um possível tópico para meu estudo, embora isto estivesse em primeiro lugar na minha mente. Em vez de me sentir feliz por ele estar se dirigindo aos meus pensamentos mais secretos, comecei a ser tomada por um sentimento de apreensão que logo se transformou em medo. Quando ele me disse que eu não deveria ir a cidade de Sortes, embora lá fosse o maior centro espiritualista do oeste da Venezuela, comecei a ficar realmente chateada com ele. Ele parecia estar antecipando-se a mim de todas as formas. Era exatamente para esta pequena cidade que eu estava planejando ir se nada mais acontecesse.

Já estava quase me despedindo e deixando a festa quando ele me disse que eu deveria considerar seriamente a possibilidade de ir para a cidade de Curmina, no nordeste da Venezuela, onde poderia ter um sucesso fenomenal, pois a cidade era um novo e verdadeiro centro de espiritualismo e cura.

— Eu não sei como descobri isso, apenas sei que você está morta de vontade de estar com as bruxas de Curmina — disse num tom de voz seco e prático.

Ele pegou um pedaço de papel e desenhou um mapa da região, dando-me as distâncias exatas de Caracas aos vários pontos na região onde espiritualistas, bruxos, feiticeiras e curandeiros viveriam. Deu uma ênfase especial a um nome: Mercedes Peralta. Primeiro sublinhou-o e, não satisfeito com isso, circulo o nome, depois desenhou um quadrado e escreveu novamente o nome.

— Ela é uma espiritualista, uma feiticeira e uma curandeira — disse sorrindo. — Vá até lá e veja-a. Você fará isso?

Sabia sobre o que ele estava falando. Sob a orientação de Florinda, conheci e trabalhei com espiritualistas, bruxos, feiticeiras e curandeiros do

norte do México e também com a população latina do sul da Califórnia. Desde o início, Florinda me ensinou como classificá-los. Espiritualistas são profissionais que rogam aos espíritos e santos para que, com uma ordem superior, intercedam por eles em benefício de seus pacientes. Sua função é estabelecer contato com os espíritos e interpretar seus conselhos. Tais conselhos são obtidos em sessões, nas quais os espíritos são chamados. Bruxos e feiticeiras são profissionais que afetam seus pacientes diretamente. Através de seus conhecimentos de artes ocultas, eles são capazes de trazer elementos desconhecidos e imprevisíveis para se relacionarem com os dois tipos de pessoas que os procuram: doentes em busca de ajuda e clientes em busca de serviços de feitiçaria. Curandeiros são profissionais que se empenham, exclusivamente, em restaurar a saúde e o bem-estar.

Florinda também fez questão de incluir em sua classificação uma possível combinação destas três práticas.

Como em um jogo, mas sendo absolutamente séria a respeito daquilo tudo, ela sustentou que, na tentativa de restaurar a saúde, eu estava predisposta a acreditar que as práticas de cura não-ocidentais eram mais holísticas que a medicina ocidental. Ela me fez ver que eu estava errada, porque a cura depende do profissional e não de um conjunto de conhecimentos. Ela argumentou que não existe nada como as práticas de cura não-ocidentais, desde que a cura, ao contrário da medicina, não seja uma disciplina formalizada. Ela costumava gozar do meu próprio caminho. Fazia-me ver que meu preconceito era como o daquelas pessoas que acreditam que, se um doente foi curado pelo tratamento com plantas medicinais, por massagens ou por rezas, a doença seria psicossomática ou a cura seria resultado de uma sorte acidental que o profissional não conseguiria entender.

Florinda estava convencida de que uma pessoa que recuperasse a saúde, tanto pelas mãos de um médico quanto de um curandeiro, seria alguém capaz de alterar em si próprio os sentimentos fundamentais do corpo e também suas ligações com o mundo — seria então, alguém capaz de oferecer o corpo, assim como a mente, a novas possibilidades, que quebrariam o habitual molde que o corpo e a mente tinham aprendido a

obedecer. Uma outra dimensão de conhecimento tornar-se-ia acessível e as expectativas de doença e cura do senso comum poderiam começar a ser traduzidas como novos conhecimentos corporais que se tornaram cristalizados.

Florinda começou a gargalhar quando demonstrei uma surpresa genuína ao ouvir seus pensamentos que, naquele momento, eram revolucionários demais para mim. Ela me disse que tudo o que havia falado surgiu do conhecimento compartilhado com seus companheiros no mundo do nágual.

Seguindo as instruções do bilhetes de Florinda, deixei os acontecimentos me guiarem. Deixei-os desenvolverem-se sem a menor interferência de minha parte. Sentia que deveria ir para Curmina e conhecer a mulher sobre a qual o ex-jesuíta havia falado.

Quando fui, pela primeira vez, à casa de Mercedes Peralta, não tive que esperar durante muito tempo no sombrio corredor antes que uma voz me chamasse por detrás da cortina que servia como porta. Subi os dois degraus que levavam a uma sala larga e pouco iluminada, que cheirava a fumaça de charuto e amônia. Centenas de velas, queimando em um sólido altar encostado na parede, iluminavam imagens e retratos de santos dispostos em volta do manto azul da Virgem de Coromoto. Era uma estátua cuidadosamente esculpida, com lábios vermelhos que sugeriam um sorriso, bochechas rosadas e olhos que pareciam me encarar com um olhar bondoso e inesquecível.

Cheguei mais perto. Em um canto, quase escondida entre o altar e uma alta mesa retangular, estava sentada Mercedes Peralta.

Ela parecia dormir, sua cabeça estava recostada no encosto da cadeira e seus olhos estavam fechados. Ela aparentava ser extremamente velha. Nunca havia visto um rosto como aquele. Embora estivesse imóvel, revelava uma força assustadora. Ao contrário de amenizar seus traços asperamente esculpidos, as chamas das velas apenas acentuavam a determinação traçada pela rede de rugas.

Vagarosamente, ela abriu os olhos. Eram largos e amendoados. A parte branca de seus olhos estava ligeiramente descolorida. A princípio, eles

estavam quase vazios, mas então ganharam vida e me encararam com o enervante olhar fixo de uma criança. Segundos se passaram e comecei a me sentir desconfortável sob seu olhar firme, que não era nem amigável nem antagônico.

— Boa-tarde, dona Mercedes — saudei-a antes que começasse a perder toda coragem e saísse correndo daquela casa. — Meu nome é Florinda Donner e serei bem direta a fim de que a senhora não perca seu tempo valioso.

Ela piscou repetidas vezes, ajustando seu olhar para mim.

— Vim para a Venezuela para estudar métodos de cura — continuei, ganhando cada vez mais confiança. — Estudo em uma universidade norte-americana, mas gostaria, realmente, de ser uma curandeira. Posso pagar-lhe se me aceitar como sua aluna. Mas mesmo que não queira me ter como aluna, posso pagar por qualquer informação que me queira dar.

A velha mulher não disse uma só palavra. Fez um sinal para que eu me sentasse em um banquinho, então se levantou e fixou o olhar em um instrumento de metal que estava sobre a mesa. Pude ver uma expressão cômica em seu rosto quando ela se virou para me olhar.

— Que objeto é esse?

— É uma bússola náutica — falou casualmente. — Ela me diz todo o tipo de coisa. — Então, pegou-a e colocou-a na prateleira mais alta de um armário de vidro, na parede oposta da sala. Aparentemente envolvida por um pensamento engraçado, ela começou a rir. — Vou tornar uma coisa muita clara para você agora — falou. — Sim, vou dar a você todo o tipo de informação sobre cura. E não é porque você me tenha pedido, mas sim porque você é sortuda. Agora sei isso com certeza. O que eu não sei é se você é igualmente forte.

A velha mulher ficou em silêncio e então recomeçou a falar, sussurrando forçosamente sem me olhar. Sua atenção estava voltada para algo dentro do armário de vidro.

— Sorte e força são tudo o que importam — disse — Na noite em que a vi na praça, soube que você tinha sorte e que estava procurando por mim.

— Sobre o que está falando? Não consigo entender — disse.

Mercedes Peralta virou seu rosto na minha direção e, então, começou a rir de uma maneira tão desconcertante que comecei a achar que ela era louca. Ela abriu tanto a boca que pude ver os poucos molares que ainda possuía. Ela parou abruptamente, sentou-se na cadeira e insistiu que havia me visto há duas semanas exatamente, tarde da noite, na praça. Mercedes explicou que estava sendo deixada em casa por um amigo depois de uma sessão espírita em uma das cidades do litoral. Embora seu amigo tenha ficado perplexo ao me ver sozinha tão tarde da noite, ela não ficou nem um pouco surpresa.

— Você me fez recordar instantaneamente alguém que uma vez conheci — falou. — Já passava da meia-noite. Você sorriu para mim.

Não me lembrava de tê-la visto ou mesmo de ter estado sozinha na praça tão tarde. Mas isto poderia ter acontecido na noite em que cheguei a Curmina. Depois de esperar em vão para que a chuva que caía há uma semana parasse, finalmente arrisquei viajar de Caracas a Curmina. Sabia que, provavelmente, encontraria deslizamentos de terras pelo caminho; esses contratempos transformaram uma viagem de duas horas em uma de quatro. Na hora em que cheguei toda a cidade dormia e tive dificuldade para encontrar a pousada próxima à praça, que me havia sido recomendada por aquele padre.

Enfeitiçada pela certeza dela em saber que eu estava vindo para vê-la, falei sobre ele e sobre o que ele me tinha dito na cerimônia de casamento em Caracas.

— Ele insistiu bastante para que eu a conhecesse — disse. — Mencionou que seus antepassados foram bruxos e curandeiros famosos durante o período colonial e que eles foram perseguidos pela Inquisição.

— Você sabia que, naquele tempo, as feiticeiras acusadas eram mandadas para Cartagena, na Colômbia, onde eram julgadas? — perguntou e imediatamente continuou a falar. — A Venezuela não era suficientemente importante para ter um tribunal da Inquisição.

— Fez uma pausa e, olhando direto nos meus olhos, perguntou:

— Originalmente, onde você planejava estudar os métodos de cura?

— No estado de Yaracuy — eu disse vagamente.

— Sortes? — indagou. — Maria Lionza?

Balancei a cabeça concordando. A cidade de Sortes é o principal local de culto a Maria Lionza. Dizem que ela nasceu do relacionamento entre uma princesa indiana e um conquistador espanhol, e foi reconhecida por ter tido poderes sobrenaturais. Hoje, é reverenciada por milhões de venezuelanos como uma santa milagrosa.

— Mas eu segui o conselho do ex-padre e vim para Curmina — disse. — Também conversei com duas curandeiras. Ambas concordaram que você é a mais sábia, a única que poderia explicar-me os métodos da cura.

Impensadamente, pois tinha acabado de criá-los naquele momento, falei sobre os métodos que queria seguir: observação direta e participação em algumas das sessões de cura ao mesmo tempo em que as gravaria e, mais importante de tudo, entrevistar sistematicamente os pacientes que tivesse observado.

A velha mulher concordava com a cabeça, rindo de vez em quando. Para minha grande surpresa, ela aceitou todos os métodos propostos. Com uma ponta de orgulho, contou-me que havia sido entrevistada, há alguns anos, por uma psicóloga da Universidade de Caracas, que permanecera em sua casa por uma semana.

— Para tornar isto mais fácil — sugeri —, você pode vir para cá e morar conosco. Nós temos vários quartos vazios.

Aceitei seu convite, mas aproveitei para dizer que planejava ficar ali durante seis meses, no mínimo. Ela não demonstrou qualquer sinal de perturbação. Por ela, poderia ficar lá durante anos.

— Estou feliz que esteja aqui, *Musiúa* — complementou docemente.

Sorri. Embora tenha nascido na Venezuela, durante toda minha vida fui chamada de *musiúa* (moo-see-yua). Normalmente, é um termo depreciativo, mas, dependendo da entonação em que é dito, pode tornar-se uma expressão carinhosa para se referir a uma pessoa que seja louca e de olhos azuis.

Capítulo 4

Assustada com o ligeiro toque de uma saia em mim, abri meus olhos e, na semi-escuridão da sala, fixei meu olhar em uma vela que queimava no altar. A chama bruxuleante deixava um rastro solitário de fumaça negra. Na parede, surgiu a sombra de uma mulher com uma bengala na mão, que parecia empalar a cabeça dos homens e das mulheres que, mantendo os olhos fechados, ocupavam, ao meu lado, as velhas cadeiras de madeira dispostas em círculo pela sala. Poderia, francamente, ter disfarçado uma risadinha nervosa ao descobrir que era Mercedes Peralta quem colocava grandes charutos artesanais na boca de cada um. Depois disso, ela apanhou uma vela no altar e acendeu cada charuto com a chama e, então, retomou seu lugar no centro do círculo. Com uma voz extremamente monótona, começou a entoar um ininteligível e repetitivo cântico.

Contendo um acesso de tosse, tentei sincronizar a fumaça de meu charuto com as baforadas rápidas das pessoas em volta de mim. Através de meus olhos marejados vi rostos sérios, como máscaras, tornarem-se animados com cada baforada, dissolvidas na fumaça espessa da sala. Como um objeto desincorporado, a mão de Mercedes Peralta materializou-se naquela névoa. Estalando os dedos, ela tracejou, repetidas vezes, linhas imaginárias no ar, ligando os quatro pontos cardeais.

Imitando os outros, comecei a balançar minha cabeça de um lado para o outro, acompanhando o ritmo do estalar de dedos e os encantamentos dela. Ignorando minha náusea crescente, forcei-me a manter meus olhos abertos para não perder nenhum detalhe do que estava acontecendo a minha volta. Essa foi a primeira vez que tive permissão para acompanhar um encontro de espiritualistas. Dona Mercedes estava ali como médium e iria contactar os espíritos.

A definição de Mercedes para espiritualistas, curandeiros e feiticeiras era a mesma de Florinda, com uma exceção: ela reconhecia um outro grupo independente, os médiuns. Ela define médium como um intérprete

intermediário conduzido pelos espíritos para que eles se expressem. Para ela, médiuns eram tão independentes que não poderiam pertencer a nenhuma das outras três categorias. Entretanto, eles poderiam ser os quatro em uma só pessoa.

— Existe uma força perturbadora na sala — disse uma voz masculina, interrompendo os cânticos de dona Mercedes.

A brasa vermelha dos charutos perfurou a escuridão enevoada como olhos acusadores esperando a concordância do resto do grupo.

— Estou vendo — ela concordou levantando-se da cadeira e passando por cada uma das pessoas da sala, parando por um instante diante de cada uma.

Berrei de dor ao sentir alguma coisa afiada perfurando meu ombro.

— Venha comigo — ela murmurou em meu ouvido. — Você não está em transe. — Com medo de que eu fosse resistir, ela me pegou com firmeza pelo braço e me encaminhou à cortina vermelha que servia como porta.

— Mas você me pediu que viesse — insisti antes que fosse posta para fora da sala. — Não vou aborrecer ninguém se puder ficar sentada em um canto.

— Você está aborrecendo os espíritos — murmurou enquanto puxava a cortina sem fazer barulho.

Andei até a cozinha no fundo da casa, onde, normalmente, trabalhava à noite transcrevendo as fitas e organizando os dados de campo, que gradualmente aumentavam. Um enxame de insetos rondava a única lâmpada, que pendia do teto da cozinha. Essa luz fraca iluminava a mesa de madeira armada no meio do aposento, mas deixava os cantos às escuras, onde as pulgas reinavam e cachorros sarnentos dormiam. Um dos lados da cozinha, que tinha um formato retangular, se abria para o jardim. Encostados nas outras três paredes, escuras pela fuligem, erguiam-se um reservatório para comida feito de barro, um fogão de querosene e um tubo de metal redondo cheio de água.

Andei pelo jardim enluarado. A laje de cimento, onde Candelária — a acompanhante de dona Mercedes — colocava a roupa para quasar ao sol todos os dias, parecia uma poça d'água prateada. As cordas do varal

pareciam uma mancha branca contra a escuridão das paredes de gesso que cercavam o jardim. Delineadas pela lua, árvores frutíferas, plantas medicinais e o canteiro de vegetais formavam uma escura massa uniforme, movimentada apenas pelos insetos e pelo barulho estridente dos grilos.

Voltei para a cozinha e fui até o fogão ver a panela que já estava fervendo. A qualquer hora do dia ou da noite, sempre havia alguma coisa para comer lá. Normalmente, havia uma sopa reforçada feita de carne, galinha ou peixe, dependendo do que estava disponível, e todo tipo de vegetais e raízes.

Procurei por um prato de sopa entre a louça empilhada em uma das amplas prateleiras de barro construídas na parede. Havia dúzias de pratos de porcelana, metal e plástico. Servi-me de um prato cheio de sopa de galinha mas, antes de me sentar, lembrei-me de tirar com uma concha um pouco de água do tubo para repor a que tinha usado na panela. Não levei muito tempo para me familiarizar com os estranhos hábitos daquele lar excêntrico.

Comecei a escrever o que tinha acontecido naquela sessão. Tentar recordar todos os detalhes de um evento e todas as palavras de uma conversa era sempre o melhor exercício para lutar contra o sentimento de solidão que, invariavelmente, me atingia.

O nariz gelado de um cachorro roçou minha perna. Procurei por pedaços de pão e, depois de dá-los ao cachorro, voltei às minhas anotações.

Trabalhei até sentir sono, meus olhos ardiam, por causa da força que fazia para ler sob a luz fraca. Guardei meu gravador e meus papéis e, então, me dirigi para meu quarto, situado no outro extremo da casa. Parei um momento no pátio interno, completamente inundado pelo luar. Uma ligeira brisa farfalhava as folhas da videira. Esses recortes de sombras desenhavam nos tijolos do quintal uma espécie de renda.

Senti a presença dela, antes mesmo de realmente vê-la. Ela estava agachada no pátio, quase escondida por grandes potes de cerâmica espalhados pela área. Um tufo de cabelo envolvia sua cabeça como um halo branco, mas seu rosto continuava indistinguível, em harmonia com a escuridão em volta dela.

Nunca a havia visto antes na casa. Dissipei meu temor inicial, imaginando que ela, provavelmente, deveria ser uma amiga de dona Mercedes ou, talvez, uma de suas pacientes, ou, então, uma parente de Candelária, esperando que ela saísse da sessão.

— Desculpe — disse. — Sou nova aqui. Trabalho com dona Mercedes.

A mulher ia concordando com a cabeça enquanto eu falava. Ela me deu a impressão de saber sobre o que eu estava falando. Possuída por uma inexplicável inquietação, tentei não me apavorar. Continuei repetindo para mim mesma que não havia motivo para pânico só porque uma velha mulher estava agachada no pátio.

— Estava na sessão? — perguntei hesitante. A mulher balançou a cabeça afirmativamente.

— Eu estava lá também — falei —, mas dona Mercedes me tirou de lá. — De repente, me senti aliviada e quis fazer graça da situação.

— Você está com medo de mim? — a velha mulher me perguntou abruptamente. Sua voz tinha um tom gélido, grosso e vigoroso.

Ri. Com um ar petulante, estava prestes a dizer não, quando alguma coisa me fez voltar. Ouvei a mim mesma dizendo que eu estava com medo dela.

— Venha comigo — a mulher me ordenou prosaicamente. Novamente, minha primeira reação foi segui-la, mas, em vez disso, ouvi a mim mesma dizendo que não deveria acompanhá-la.

— Tenho que terminar meu trabalho. Se não se incomodar, pode falar aqui e agora.

— Eu mandei você me acompanhar! — a voz dela ressonou. Toda a energia do meu corpo parecia esvair-se de mim de uma só vez, mas ainda exclamei:

— Por que você não manda a si própria para ficar!

Não podia acreditar que havia dito aquilo. Estava prestes a me desculpar, quando um resto de energia brotou em meu corpo e me senti quase sob controle.

— Faça como quiser — a mulher falou enquanto se erguia. Sua altura era incomensurável. Ela crescia e crescia, até seus joelhos ficarem na

altura dos meus olhos.

Neste momento, comecei a sentir minha energia se esvaindo e deixei escapar uma série de gritos furiosos e penetrantes.

Candelária veio correndo para onde eu estava. Ela percorreu a distância entre a sala, na qual estava acontecendo a sessão espírita, e o pátio antes que eu tivesse tempo de tomar algum ar e gritar mais uma vez.

— Está tudo bem agora — ela ficou repetindo num tom de voz reconfortante, que parecia vir de longe dali.

Gentilmente, acariciou minha cabeça mas não consegui parar de tremer. E, sem querer, comecei a chorar.

— Não devia ter deixado você sozinha — desculpou-se. — Mas quem poderia imaginar que uma *musiúá* seria capaz de vê-la?

Antes que os outros participantes da sessão saíssem para ver o que estava acontecendo, ela me levou para a cozinha. Ajudou-me a sentar e me deu um copo de rum. Bebi e, então, contei a ela o que havia acontecido no pátio. No instante em que terminei de beber a dose e de contar o meu relato, senti-me sonolenta, distraída, mas longe de estar bêbada.

— Deixe-nos a sós, Candelária — disse dona Mercedes, ao entrar em meu quarto. Além de me colocar na cama, Candelária havia posto um colchonete ao lado para estar junto de mim quando eu acordasse.

— Não sei como dizer isso — dona Mercedes começou a falar depois de um longo silêncio —, mas você é uma médium. Sempre soube disso. — Seus olhos agitados pareciam estar suspensos em uma substância cristalina ao estudar atentamente meu rosto.

— A única razão para eles terem deixado você participar da sessão é porque você tem sorte. Médiuns têm boa sorte.

Apesar da minha apreensão, comecei a rir.

— Não ria disso — repreendeu-me. — Isso é sério. No pátio, você chamou um espírito sozinha. E o mais importante dos espíritos, o espírito de um dos meus antepassados, veio até você. Ela quase não aparece, mas, quando o faz é por algum motivo importante.

— Ela é um fantasma? — fiz esta pergunta estúpida.

— Claro que ela é um fantasma — respondeu com firmeza.

— Nós entendemos as coisas da maneira como fomos ensinados. Não há desvios disto. Nossa convicção é de que você viu o mais assustador dos espíritos e de que somente um médium vivo pode comunicar-se com o espírito de um médium morto.

— Por que este espírito veio até mim? — perguntei.

— Não sei. Uma vez ela veio para me alertar, mas eu não segui seu conselho — replicou. Seus olhos tornaram-se gentis e sua voz ficou mais doce ao complementar: — A primeira coisa que disse quando você chegou foi que você tinha boa sorte. Eu também tinha sorte, até que alguém rompeu com ela. Você me faz lembrar desta pessoa. Ele era louro como você. O nome dele era Federico e ele também tinha sorte mas não tinha qualquer força. O espírito me disse para deixá-lo sozinho. Não deixei e continuo pagando por isso.

Sem saber como lidar com esta recente reviravolta dos fatos e com a tristeza que transparecia nela, coloquei minhas mãos entre as dela.

— Ele não tinha nenhuma força — repetiu. — O espírito sabia disso.

Embora Mercedes sempre estivesse disposta a discutir qualquer coisa sobre seus métodos, ela desencorajou, bem enfaticamente, minha curiosidade a respeito de seu passado. Uma vez, não sei se a peguei desprevenida ou se foi um gesto deliberado da parte dela, Mercedes me contou que havia sofrido uma grande perda muitos anos atrás.

Antes de ter a chance de decidir se ela estava me encorajando, na verdade, a fazer perguntas pessoais, ela levou minha mão à sua face e segurou-a contra a bochecha.

— Sinta estas cicatrizes — sussurrou.

— O que aconteceu com você? — perguntei, percorrendo com meus dedos a áspera marca da cicatriz em sua bochecha e pescoço. Até tocá-las, as cicatrizes passavam despercebidas entre as rugas. Sua pele escura parecia tão frágil. Estava com medo de que ela pudesse desintegrar-se em minhas mãos. Uma vibração misteriosa emanava de todo o seu corpo. Não consegui desviar meu olhar dos seus olhos.

— Nós não vamos falar a respeito do que você viu no pátio — ela disse enfaticamente. — Coisas como essa somente pertencem ao mundo dos

médiuns e você nunca deve discutir esse mundo com mais ninguém. Eu, com certeza, poderia ter avisado que não tivesse medo daquele espírito, mas não acene para ela tolamente.

Ela me ajudou a sair da cama e foi me levando para fora da casa, até o ponto onde eu havia visto a mulher. Ao ficar ali, em pé, observando a escuridão que nos cercava, me dei conta de que não tinha a menor idéia se eu havia dormido durante algumas horas ou uma noite e um dia inteiros.

Dona Mercedes parecia adivinhar minha dúvida.

— São quatro da manhã — falou. — Você dormiu cerca de cinco horas.

Ela se abaixou no mesmo local onde a mulher esteve. Agachei-me ao seu lado, entre os arbustos de jasmims que pendiam

das venezianas de madeira como se fossem uma cortina perfumada.

— Nunca me ocorreu que você não soubesse fumar — disse e começou a rir aquela gargalhada seca e estridente. Ela alcançou o bolso da saia, apanhou um charuto e acendeu-o. — Em um encontro de espiritualistas, nós fumamos charutos enrolados à mão. Espiritualistas sabem que o cheiro do tabaco ajuda os espíritos. — Depois de uma pequena pausa, ela colocou o charuto aceso em minha boca. — Tente fumar — ordenou.

Traguei, inalando profundamente. A grossa fumaça me fez tossir.

— Não inale — disse sem paciência. — Deixe-me mostrar como é. — Ela pegou o charuto, tragando-o repetidamente, inspirando e expirando em um curto espaço de tempo. — Você não quer que a fumaça vá para seus pulmões mas sim para sua cabeça

— explicou. — Essa é a maneira como os médiuns chamam os espíritos. A partir de agora, você estará chamando os espíritos deste local. E não fale sobre isso até você ser capaz de conduzir sozinha uma sessão espírita.

— Mas eu não quero chamar os espíritos — protestei sorrindo. — Tudo o que quero é ter um lugar em um desses encontros e assistir.

Ela retrucou com uma assustadora determinação:

— Você é uma médium e médiuns não vão a uma sessão para

assistir.

— Qual a razão da sessão? — perguntei, mudando o assunto.

— Fazer perguntas aos espíritos — respondeu prontamente.

— Alguns espíritos dão grandes conselhos. Outros são maus. — E acrescentou com um toque de malícia: — Qual espírito irá aparecer? Depende do estado de ser do médium.

— Os médiuns estão à mercê dos espíritos? — perguntei. Olhando para mim, ela ficou em silêncio durante um longo

tempo sem deixar transparecer qualquer sentimento em seu rosto. Então, em um tom de voz provocador disse:

— Não, se eles forem fortes. — Continuou a me encarar furiosamente e, logo depois, fechou seus olhos. Quando ela os abriu de novo, eles estavam sem qualquer expressão.

— Ajude-me a ir para meu quarto — murmurou. Segurando na minha cabeça, ela se endireitou. Sua mão desceu até meu ombro e depois até meu braço. Os dedos rijos envolviam meu pulso como raízes carbonizadas.

Silenciosamente, nos arrastamos pelo corredor escuro, no qual bancos de madeira e cadeiras cobertas com couro de cabra erguiam-se inflexíveis contra a parede. Ela caminhou para dentro do quarto. Antes de fechar a porta, me disse mais uma vez que médiuns não falam sobre seu mundo.

— Sabia, desde o instante em que a vi na praça, que você era uma médium e que viria me ver — afirmou. Um sorriso, cujo significado não entendi, cruzou seu rosto. — Você teve que vir para me trazer alguma coisa do meu passado.

— O quê?

— Eu não me conheço por completo. Memórias, talvez — disse vagamente. — Ou talvez esteja trazendo a minha velha sorte de volta. — Ela acariciou minha face com o dorso da mão e suavemente foi fechando a porta.

Capítulo 5

Embalada por uma brisa suave e pela risada de uma criança que brincava na rua, cochilei durante toda a tarde em uma rede pendurada entre dois pés de fruta-do-conde. Também me distraía com o odor do sabão em pó misturado ao forte odor de creolina com o qual Candelária lavava o chão duas vezes por dia, não importando o quanto estivesse sujo.

Esperei até quase seis horas. Então, quando Mercedes Peralta me chamou, fui até seu quarto e bati na porta. Não obtive nenhuma resposta. Em silêncio, entrei. Normalmente, a essa hora, ela estava com as pessoas que vinham para ser tratadas por ela de uma ou outra doença. Ela não atendia mais de dois pacientes por dia. Nos dias ruins, que eram cada vez mais freqüentes, ela não via nenhum. Nessas ocasiões, eu a levava, no meu jipe, para dar uma longa volta pelas montanhas próximas à casa.

— É você, *musiúa*? — perguntou, estirada em uma longa rede, presa por duas argolas de metal fixadas na parede.

Saudei-a e sentei-me na cama de casal perto da janela. Ela nunca dormia nela. Ela afirmava que de uma cama, apesar do seu tamanho, havia o risco de alguém levar um tombo fatal. Esperando que ela se levantasse, olhei em volta do quarto estranhamente mobiliado e que nunca chegou a me encantar. As coisas pareciam estar arrumadas lá com uma intencional incongruência. As duas mesinhas-de-cabeceira e o móvel ao pé da cama, repletos de velas e figuras de santos, serviam de altar. Um pequeno guarda-roupa de madeira, pintado de azul e rosa, bloqueava a porta que dava para a rua. Imaginei o que havia lá dentro, pois as roupas de dona Mercedes, ela não usava outra cor além de preto, estavam espalhadas por todos os lugares, nos ganchos presos na parede e atrás da porta, na cabeceira e no pé da cama de metal e até nas cordas que sustentavam a rede. Um lampião de cristal, que parecia não funcionar, balançava precariamente preso ao teto de bambu. Estava cinzento de poeira e as aranhas confeccionaram suas teias em volta dos prismas. Um calendário, daqueles que se arranca uma página a

cada dia, cobria a parte de trás da porta. Passando os dedos pelos cabelos brancos desalinhados, Mercedes Peralta deu um profundo suspiro, colocou suas pernas para fora da rede e procurou por seus chinelos de pano. Sentou-se por um momento, então se dirigiu à uma janela muito estreita e ficou observando a rua, abrindo os painéis de madeira. Piscou seguidamente até que seus olhos se adaptassem à luz de final de tarde que invadia sua sala. Atentamente, ela fixou o olhar no céu, como se estivesse esperando alguma mensagem do pôr-do-sol.

— Vamos dar uma volta? — perguntei. Devagar, ela se virou.

— Uma volta? — repetiu, arqueando surpresa suas sobrancelhas. — Como posso dar uma volta quando há uma pessoa esperando por mim?

Abri minha boca prestes a informá-la de que não havia ninguém lá fora, mas a expressão de escárnio de seus olhos cansados compeliram-me a ficar calada. Ela pegou minha mão e juntas caminhamos para fora do quarto.

Com o queixo encostado no peito, um velho homem, que parecia bem fraco, cochilava em um banco de madeira na parte de fora do quarto onde ela tratava as pessoas que procuravam ajuda. Percebendo nossa presença, ele se esticou.

— Não me sinto bem — disse numa voz quase imperceptível, apanhando seu chapéu de palha e a bengala estendida ao seu lado.

— Octavio Cantú — Mercedes falou e se dirigiu a mim ao mesmo tempo em que apertava a mão dele. Ela o fez subir os dois degraus até a sala. Segui-os bem de perto. Ele se virou e ao me encarar, percebi uma expressão indagadora em seus olhos.

— Ela tem me ajudado — falou. — Mas, se você não quiser que ela fique conosco, ela vai lá para fora.

Mexendo os pés nervosamente, ele parou por um momento. Deu um sorriso torto.

— Se ela vem ajudando você — murmurou com um toque de desamparo —, suponho que está tudo bem.

Com um rápido movimento de cabeça, Mercedes Peralta indicou que eu colocasse meu banco perto do altar e que, então, ajudasse o velho homem

a sentar-se em uma cadeira em frente à grande mesa retangular. Ela se sentou à direita dele, observando-o.

— Onde poderá estar? — resmungou repetidamente, procurando entre uma variedade imensa de jarros, velas e charutos, raízes secas e restos de material espalhados por sobre a mesa. Suspirou aliviada ao encontrar sua bússola náutica, que colocou na frente de Octavio Cantú. Atentamente, ela estudou a caixa redonda de metal.

— Olhe isso! — gritou, acenando para que eu chegasse mais perto.

Era a mesma bússola que eu a havia visto examinar tão intensamente no primeiro dia em que entrei na sala. A agulha, pouco visível através do vidro opaco e muito arranhado, movia-se vigorosamente para frente e para trás, como se estivesse sendo animada por uma força invisível emanada de Octavio Cantú.

Mercedes Peralta utilizava a bússola como um aparelho de diagnóstico apenas quando acreditava que a pessoa estava sofrendo de uma enfermidade espiritual e não de uma doença orgânica. Até aqui, não era capaz de determinar os critérios que ela usava para diferenciar os dois tipos de males. Para ela, uma enfermidade espiritual pode manifestar-se na forma de uma maré de azar ou como um simples resfriado que, dependendo da circunstância, também pode ser diagnosticado como uma doença orgânica.

Esperando encontrar algum dispositivo mecânico que ativasse a agulha, examinei a bússola em todas as oportunidades. Como não havia nenhum, aceitei a explicação dela como uma verdade absoluta: sempre que uma pessoa estiver centrada, ou seja, quando espírito, corpo e alma estiverem em harmonia, a agulha não irá se mover. Para provar sua afirmação, ela colocou a bússola em frente de si própria, de Candelária e de mim. Para minha grande surpresa, a agulha só moveu quando a bússola foi colocada na minha frente. Octavio Cantú esticou seu pescoço para examinar o instrumento.

— Estou doente? — perguntou suavemente, olhando para dona Mercedes.

— O seu espírito é que está — resmungou. — Seu espírito está em um grande turbilhão. — Ela colocou a bússola de volta no armário de vidro

e, então, postou-se por trás do velho homem, repousou suas mãos na cabeça dele. Permaneceu nesta posição durante um longo tempo. Depois, com movimentos rápidos e seguros, foi correndo os dedos até os seus ombros e braços. Rapidamente, ela foi para a frente dele, suas mãos roçavam suavemente o peito, descendo pelas pernas e por todo o caminho até alcançar os pés. Recitando uma prece — parte litania sacra, parte encantamento (ela dizia que os bons curandeiros sabiam que o catolicismo e o espiritualismo complementavam um ao outro) —, ela alternou massagens no peito e nas costas dele por quase meia hora. De vez em quando, para dar um alívio momentâneo às suas mãos cansadas, ela as balançava vigorosamente para trás, dizendo que estava jogando fora a energia negativa acumulada.

Para indicar o final da primeira parte do tratamento, ela batia seu pé direito três vezes no chão. Octavio Cantú tremia incontrolavelmente. Ela puxou a cabeça dele para trás, pressionando a palma da mão contra sua têmpora até que ele começasse a tomar fôlego. Murmurando uma prece, ela andou até o altar, acendeu uma vela e um charuto artesanal, que começou a fumar em rápidas baforadas.

— Posso estar sendo usado por *ele* agora? — o velho homem perguntou, quebrando o silêncio.

Sobressaltada pela voz dele, ela começou a tossir até que lágrimas rolassem por suas bochechas. Fiquei imaginando se ela, acidentalmente, havia engolido a fumaça.

Octavio Cantú, sem ligar para a tosse dela, continuou a falar:

— Já disse a você muitas, muitas vezes que eu sonho apenas um sonho, não importa que eu esteja sóbrio ou bêbado. Estou em pé na minha choupana. Está vazia. Sinto o vento e vejo sombras se movendo por todos os lados. Mas não existe mais nenhum cachorro para latir no vazio e na escuridão. Acordo com uma terrível falta de ar, como se alguém estivesse sentado em cima do meu peito, e, quando abro meus olhos, vejo as pupilas amarelas de um cachorro. Elas se abrem cada vez mais e mais, até que me engolem... — Sua voz sumiu. Arfando, ele olhou por toda a sala. Parecia não saber onde estava.

Mercedes Peralta deixou o charuto cair no chão. Jogando sua cadeira para trás, ela rapidamente o virou para que ele pudesse olhar para o altar. Com movimentos lentos e repetitivos, ela começou a massagear a região em volta dos olhos dele.

Estava sozinha na sala, provavelmente devo ter cochilado. A vela no altar estava quase apagada. Acima de mim, à direita, na quina do teto, havia uma mariposa do tamanho de um pequeno pássaro. Ela tinha dois enormes círculos negros nas asas, que pareciam me encarar como dois olhos curiosos.

Um inesperado sussurro me fez virar. Mercedes Peralta estava sentada em uma cadeira perto do altar. Abafei um grito. Poderia jurar que ela não estava lá um minuto atrás.

— Não sabia que estava aí — disse. — Veja esta grande mariposa acima da minha cabeça. — Procurei pelo inseto mas eleja tinha ido embora.

Alguma coisa, na maneira como ela me olhou, me fez estremecer.

— Estava muito cansada e caí no sono — expliquei. — Também não descobri o que havia de errado com Octavio Cantú.

— Ele vem me ver de tempos em tempos — falou. — Ele precisa de mim como uma espiritualista e curandeira. Aliviei o fardo que pesava em sua alma. — Ela se voltou para o altar e acendeu três velas. Sob esta luz trêmula, os olhos dela eram da cor das asas da mariposa. — Você deveria dormir — sugeriu. — Lembre-se de que nós vamos dar uma volta ao amanhecer.

Capítulo 6

Certa de que eu havia dormido demais novamente, vesti-me rápido e corri corredor abaixo. Ciente de que as dobradiças iriam ranger, abria porta do quarto de Mercedes Peralta cuidadosamente e, na ponta dos pés, fui em direção à rede.

— Está acordada? — sussurrei, puxando para o lado o mosquitoieiro, confeccionado com um material transparente como gaze. — Você ainda quer dar um passeio?

Seus olhos se abriram no mesmo instante, mas ela não estava totalmente acordada. Ficou olhando tranqüilamente para a frente.

— Quero — finalmente disse com a voz rouca, puxando o mosquitoieiro totalmente para o lado. Limpou a garganta, cuspiu em um balde no chão e, então, chegou para o lado para me dar um lugar na rede. — Estou feliz que você tenha se lembrado de nosso passeio — resmungou ao fazer o sinal-da-cruz. Fechando os olhos, ela juntou as mãos e rezou para a Virgem Maria e para inúmeros santos dos céus. Agradeceu a cada um deles pela disposição em ajudá-la com as pessoas que ela trata e, então, pediu perdão a eles.

— Por que você pede perdão a eles? — inquiri assim que ela terminou sua longa prece.

— Olhe as linhas em minhas palmas — falou, colocando a mão virada no meu colo.

Com meu dedo indicador, percorri duas claras e delineadas linhas, uma das letras tinha o formato de um V a outra de um M, que pareciam ter sido marcados a ferro. O V estava na palma da mão esquerda e o M, na da direita.

— V significa *vida*. M significa *muerte*, morte — explicou, pronunciando as palavras com uma deliberada precisão. — Eu nasci com o poder de curar e de prejudicar. Ela tirou as mãos do meu colo e começou a balançá-las no ar, como se quisesse apagar as palavras que acabara de dizer. Começou a olhar em volta da sala e, então, deliberadamente

movimentou suas pernas magras e descarnadas para fora da rede e enfiou os pés num velho sapato rasgado, que deixava o dedão do pé para fora. Seus olhos piscavam alegremente, ao endireitar a blusa e a saia preta com que havia dormido.

Segurando no meu braço, levou-me para fora.

— Deixe-me mostrar-lhe uma coisa antes de sairmos para dar uma volta — falou, dirigindo-se para a sala de trabalho. Ela foi direto ao altar maciço, todo feito de cera derretida. — Começou com uma simples vela — disse — por minha tataravó, que também era uma curandeira. — Suavemente, ela correu suas mãos pela lustrosa, quase transparente superfície. — Procure pela cera negra no meio das camadas coloridas — me estimulou. — É a evidência de que feiticeiras acendem velas negras quando usam seu poder para fazer o mal.

Havia poucas linhas de cera negra nas camadas coloridas.

— Aquela mais próxima ao topo é minha — falou. Seus olhos brilharam com estranha fúria ao acrescentar: — Uma curandeira de verdade também é uma feiticeira.

Por um momento, um esboço de sorriso ocupou seus lábios, depois começou a contar que não era conhecida apenas naquela região de Curmina; as pessoas que se tratavam com ela vinham de lugares distantes como Caracas, Maracaibo, Mérida e Cumaná. Fora do país ela também era conhecida em Trinidad, Cuba, Colômbia, Brasil e Haiti. Fotografias espalhadas pela casa comprovavam que algumas dessas pessoas eram ministros de Estado, embaixadores e até bispos.

Ela me olhou enigmaticamente e, depois, balançou os ombros.

— Minha sorte e força eram incomparáveis naquele tempo — falou. — Perdi as duas, e agora só posso curar. Abriu um grande sorriso e seus olhos tinham um brilho gozador. — Seu trabalho está progredindo? — perguntou com a inocente curiosidade de uma criança. Antes que eu tivesse chance de falar a respeito, ela completou: — Não importa o número de curandeiros e pacientes que você entrevistou, você nunca aprenderá desta maneira. Um curandeiro de verdade precisa primeiro ser um médium e um espiritualista, e, depois, um feiticeiro. — Um sorriso maravilhado iluminou seu rosto. —

Não fique chateada se um dia desses eu queimar o seu bloco de anotações — falou casualmente. — Você está perdendo seu tempo com essa coisa sem sentido.

Comecei a ficar seriamente preocupada. Não gostei da perspectiva de ver meu trabalho virar cinza.

— Você sabe o que realmente importa? — perguntou e em seguida respondeu sua própria pergunta. — As coisas que estão por trás dos aspectos superficiais da cura. Coisas que não podem ser explicadas mas podem ser experimentadas. Existiram muitas pessoas que estudaram os curandeiros. Eles acreditavam que apenas olhando e fazendo perguntas conseguiriam entender o que médiuns, feiticeiras e curandeiros fazem. Partindo do princípio de que não há nada para discutir com eles, é melhor deixá-los sozinhos para fazerem o que quiserem.

"Não tem que ser assim no seu caso — ela continuou. — Não vou deixar você se perder. Então, em vez de estudar os curandeiros como faz agora, você vai chamar todas as noites, no pátio da casa, pelo espírito de meu ancestral. Você não poderá tomar notas durante o encontro porque os espíritos contam o tempo de uma maneira diferente. Você verá. Lidar com os espíritos é como entrar no centro do universo."

A lembrança da mulher que vira no pátio me perturbou terrivelmente. Por um momento pensei em abandonar toda a minha missão, esquecer os planos de Florinda e sair correndo dali.

Repentinamente, dona Mercedes explodiu uma gargalhada que dissipou meus receios.

— *Musiúá*, você deveria ver seu rosto — disse. — Esteve prestes a desmaiar. Entre outras coisas, você é uma covarde. — Apesar do tom de zombaria, senti simpatia e amabilidade em seu sorriso. — Não posso forçá-la. Mas vou dar uma coisa da qual você irá gostar, uma coisa mais valiosa do que seus planos de estudo. Um vislumbre da vida de alguns personagens de minha preferência. Vou contar histórias para você. Histórias sobre fê. Histórias sobre sorte. Histórias sobre amor. — Ela encostou sua cabeça perto da minha e, num suspiro suave, completou: — Histórias sobre força e histórias sobre fraqueza. Esse será meu presente para você se manter calma.

— Ela pegou meu braço e me levou para fora. — Vamos dar o nosso passeio.

Nossos passos ecoavam solitários na rua deserta, margeada por altas calçadas de concreto. Murmurando baixinho, obviamente preocupada em não acordar as pessoas que dormiam pelas casas por onde nós passávamos, Mercedes Peralta contou que, durante o tempo em que era uma jovem curandeira, sua casa — a maior da rua — permaneceu isolada no que era então considerado o limite da cidade.

— Mas agora — falou, gesticulando os braços como se fosse abraçar tudo em volta de nós — parece que eu vivo no centro da cidade.

Dobramos na rua principal e andamos até a praça, onde descansamos em um banco, olhando para uma estátua de Bolívar em cima de um cavalo. A prefeitura se erguia em um dos lados da praça, no outra estava a igreja, que tinha uma torre e um sino. Muitos dos prédios originais foram postos abaixo dando lugar a construções em forma de caixa. No entanto, as velhas casas que ainda existiam, com grades de ferro forjado, com telhados vermelhos que com o tempo se tornaram cinzentos e amplos beirais que permitiam que a água da chuva corresse por sobre as paredes pintadas, davam ao centro da cidade uma distinta atmosfera colonial.

— Esta cidade não é a mesma desde o dia em que o relógio na torre da prefeitura foi consertado — lamentou.

Ela explicou que há muito tempo o relógio, como se estivesse se ressentindo dos avanços do progresso, parou quando marcava meio-dia. O farmacêutico local viu o defeito e o relógio foi consertado. Logo depois, como se a cidade tivesse sido conjurada por um ato de magia, postes de iluminação foram colocados na cidade e irrigadores de água foram colocados na praça, fazendo com que a grama permanecesse verde durante o ano inteiro. E antes que alguém soubesse o que estava acontecendo, centros industriais cresceram rapidamente por todos os lados.

Ela parou de falar por um instante para tomar fôlego e, depois, apontou para os barracos que cobriam os morros que envolviam a cidade.

— E estes posseiros formaram uma nova cidade — completou. Ela se levantou e caminhou até o final da rua principal, onde

os morros começavam. Barracos construídos com folhas de metal

enrugado, grades e pedaços de papelão pendiam dos degraus da ladeira. Os proprietários dos barracos próximos às ruas da cidade faziam ligações clandestinas nos postes de luz. O isolamento dos fios era feito grosseiramente com fitas coloridas. Nós viramos em uma rua lateral, depois em uma viela e, finalmente, seguimos um estreito caminho que desembocava no único morro da região que ainda não havia sido ocupado pelos posseiros.

O ar, ainda úmido do orvalho da madrugada, cheirava a alecrim silvestre. Escalamos até quase o topo, onde crescia uma árvore solitária. Sentamo-nos no chão úmido, coberto de pequenas margaridas amarelas.

— Você consegue ouvir o barulho do mar? — Mercedes Peralta perguntou.

A brisa suave, farfalhando pelos confusos cumes tecidos pelas árvores, espalhava uma chuva de pó dourado vindo das flores das árvores. Elas pousavam nos ombros dela como se fossem borboletas. Seu rosto cobria-se de uma calma incomensurável.

Abriu a boca ligeiramente, revelando os poucos dentes, amarelados pelo tabaco e pelos anos.

— Você consegue ouvir o mar? — repetiu, virando seus olhos sonhadores e um pouco enevoados na minha direção.

Disse a ela que o mar estava muito distante, além das montanhas.

— Sei que o mar está muito longe — falou docemente. — Mas, quando está cedo como agora e a cidade ainda não acordou, consigo ouvir o barulho das ondas sendo empurradas pelo vento. — Fechando seus olhos, ela se recostou no tronco da árvore como se fosse dormir.

O silêncio da manhã foi quebrado pelo barulho de um jipe a dobrar uma estreita rua abaixo. Fiquei imaginando se era o padeiro português entregando bisnagas frescas ou se era a polícia recolhendo os últimos bêbados da madrugada.

— Descubra quem é — recomendou.

Desci alguns metros e avistei um senhor deixando um jipe verde estacionado ao pé do morro. O casaco dele pendia sobre os ombros e ele usava um chapéu de palha. Percebendo que estava sendo observado, ele olhou para cima e balançou sua bengala como se estivesse me

cumprimentando. Acenei de volta.

— É o velho homem que você tratou ontem — disse a ela.

— Que sorte! — murmurou. — Chame-o. Diga para ele vir até aqui. Diga que quero vê-lo. Meu presente para você começa agora.

Desci até onde o jipe estava estacionado e pedi ao velho homem que me acompanhasse até o alto do morro. Ele me seguiu sem dizer uma palavra.

— Nenhum cachorro hoje — ele disse para Mercedes Peralta enquanto a cumprimentava e se sentava ao seu lado.

— Deixe-me contar um segredo para você, *musiúa* — ela falou, indicando que eu me sentasse na sua frente. — Sou uma médium, uma feiticeira e uma curandeira. Das três, prefiro a segunda porque feiticeiras têm uma maneira particular de entender os mistérios da fé. Por que algumas pessoas são ricas, bem-sucedidas e felizes, enquanto outras só encontram dificuldades e sofrimento? O que decide essas coisas não é o que vocês chamam de fé, é algo mais misterioso do que isso. E somente feiticeiras sabem o que é.

Ao se virar para Octavio Cantú, suas feições se contorceram, por um instante, de uma forma que não consegui compreender.

— Algumas pessoas dizem que nós nascemos com nossa fé. Outras asseguram que nós criamos nossa fé com nossas ações. Feiticeiras não dizem nenhuma das duas. Para elas, fé é algo que nos apanha como um caçador de cachorros pega um destes animais. O segredo é estar lá se quisermos ser apanhados ou não estar se não quisermos ser apanhados.

Seu olhar perdeu-se pelo céu, do lado onde o sol nascia por trás de montanhas distantes. Depois de alguns minutos, ela encarou o velho homem mais uma vez. Seus olhos pareciam ter absorvido o esplendor do sol, pois eles brilhavam como se estivessem pintados com fogo.

— Octavio Cantú está indo até minha casa para seu tratamento periódico — ela falou. — Talvez, aos poucos, ele possa contar uma história para você. Uma história sobre como a oportunidade junta a vida das pessoas e como algo que só as feiticeiras conhecem pode prendê-las em um só fardo.

Octavio Cantú balançou a cabeça concordando. Uma tentativa de

sorriso partiu de seus lábios. A barba rala em seu queixo era branca como os cabelos que sobravam para fora do chapéu de palha.

Octavio Cantú já fora oito vezes até a casa de dona Mercedes. Aparentemente, ela o vem tratando de tempos em tempos desde que ele era jovem. Além de ser velho e fraco, ele era um alcoólatra. Entretanto, dona Mercedes enfatizou que todas as doenças dele eram provenientes do espírito. Ele precisava de encantamentos e não de medicina.

No início, ele dificilmente falava comigo, mas então, talvez por sentir mais confiança em mim, começou a falar. Ficamos conversando sobre a vida dele durante horas. No começo de cada uma de nossas sessões, ele, invariavelmente, parecia que iria sucumbir ao desespero, solidão e culpa. Insistia em saber por que eu estava interessada na sua vida. Mas ele sempre se controlava e recuperava a confiança. No restante do encontro, que podia ser de uma hora ou uma tarde inteira, falava sobre si mesmo como se ele fosse uma outra pessoa.

Octavio puxou um pedaço do papelão liso para o lado, dando lugar a um buraco que servia como porta do barraco. Não havia luz lá dentro e a fumaça pungente do fogo minguido da lareira de pedra fez com que os olhos dele lacrimejassem. Apertou-os e foi tateando o caminho pela escuridão. Tropeçou em algumas latas e bateu com a canela em um engradado de madeira.

— Maldito lugar fedorento — xingou ao sentir o cheiro. Sentou-se por um momento no chão sujo de papéis e esticou as pernas. No canto mais distante do miserável barraco, ele viu um homem velho cochilando em um puído banco traseiro, retirado de um carro. Apesar dos caixotes, cordas, farrapos e latas espalhados pelo chão, ele foi andando vagarosamente, desviando-se dos entulhos, até o lugar onde o homem estava deitado.

Octavio acendeu um fósforo. Sob a luz fraca, o velho parecia morto. Os movimentos de seu peito eram tão leves que ele parecia não estar respirando. As bochechas eram grandes e se destacavam no rosto magro e negro. A calça cáqui, suja e rasgada, estava enrolada na altura da panturrilha. A blusa de manga comprida, também cáqui, estava abotoada até bem perto de seu pescoço enrugado.

— Victor Julio! — Octavio gritou, sacudindo-o vigorosamente. —
Acorde, meu velho!

Ele se mexeu, abrindo, por um momento, os olhos cercados de rugas. O branco descolorado de seus olhos foi a única coisa que deu para ver antes que ele os fechasse novamente.

— Acorde! — Octavio berrou exasperado. Ele tateou por um chapéu de palha que estava jogado no chão perto dele e enfiou com força na cabeça do homem de cabelos brancos e desleixados.

— Quem você pensa que é? — grunhiu. — O que quer?

— Sou Octavio Cantú. Fui designado pelo prefeito para ser seu ajudante — ele explicou com um certo ar de importância.

— Ajudante? — falou sem convicção enquanto se sentava. — Não preciso de ajuda.

Ele calçou os velhos sapatos sem cadarço e andou pela sala escura até encontrar uma lanterna a gasolina. Acendeu-a. Esfregou os olhos e, piscando várias vezes, estudou atentamente o jovem.

Octavio Cantú tinha uma altura mediana e músculos fortes, deixados à mostra pela jaqueta azul-escura sem botões. A calça, que parecia ser grande demais para ele, cobria parte das suas botinas novas e engraxadas. Victor Julio deu um risinho, imaginando se Octavio Cantú as roubara.

— Então você é o novo homem? — disse rispidamente, tentando determinar a cor dos olhos de Octavio, escondidos por um boné vermelho de beisebol. Eram olhos astutos, da cor da terra molhada. Victor Julio viu que havia alguma coisa decididamente suspeita a respeito daquele jovem. — Nunca vi você por aqui — disse. — De onde você vem?

— Paraganá — Octavio deu uma resposta curta. — Estive aqui algumas vezes. Cheguei a vê-lo na praça.

— Paraganá... — o velho repetiu pensativamente. — Já vi as dunas de areia de Paraganá. — Ele balançou a cabeça e com voz áspera exigiu uma explicação: — O que você está fazendo neste lugar esquecido por Deus? Você sabe que não há futuro nesta cidade? Nunca foi avisado de que os jovens estão migrando para outras cidades?

— Tudo isto vai mudar — Octavio falou, tentando manter a conversa

para longe de si próprio. — Esta cidade vai crescer. Estrangeiros estão comprando pés de cacau e plantações de cana-de-açúcar. Eles vão construir indústrias, pessoas vão voltar aos bandos para cá. Pessoas vão ficar milionárias.

Victor Julio chegou a dobrar-se ao dar uma risada zombeteira.

— Indústrias não são para gente como nós. Se você insistir em ficar aqui por muito tempo, vai terminar igual a mim. — Ele colocou a mão no braço de Octavio. — Sei que você está muito longe de Paraguaná. Você está fugindo de alguma coisa, não está? — perguntou, encarando profundamente os olhos inquietos do jovem.

— E se eu estiver? — Octavio retrucou desconfortavelmente. Ele percebeu que não precisava dar nenhuma explicação a ele. Ninguém sabia a seu respeito na cidade. Mas alguma coisa nos olhos do velho homem o enervavam. — Tenho alguns problemas para voltar para casa — murmurou evasivamente.

Victor Julio arrastou-se até a porta do barraco, apanhou um saco de estopa pendurado em um prego enferrujado e tirou dele uma garrafa de rum barato. Suas mãos, cobertas de veias protuberantes, tremiam incontrolavelmente enquanto ele desenroscava a tampa da garrafa. Foi tomando goles ininterruptamente, sem se importar com as gotas do líquido âmbar que escorriam por sua barba malcuidada.

— Há muito trabalho a ser feito — Octavio falou. — É melhor que comecemos.

— Era jovem como você quando fui indicado por outro prefeito para ser o assistente de um idoso — Victor Julio recordou.

— Estava decidido e impaciente para começar a trabalhar. Olhe para mim agora. O rum já não queima mais minha garganta. — Agachando-se no chão, Victor Julio procurou por sua bengala. — Ela pertencia àquele velho homem. Ele me deu antes de morrer.

— Levantou a bengala escura e muito polida para Octavio. — Ela foi feita com madeira de lei da floresta amazônica. Nunca quebrará.

Octavio olhou de relance para a bengala e perguntou impacientemente:

— As coisas de que nós precisamos já estão aqui? Ou ainda teremos que apanhá-las?

Julio deu um sorriso forçado.

— A carne está sendo macerada desde ontem. Já deve estar pronta. Está fora do barraco num tonel de aço.

— Você vai me mostrar como apurar a carne? — Octavio perguntou.

Victor Julio riu. Ele perdera todos os dentes da parte da frente de sua boca. Os dois molares amarelados que lhe restavam pareciam dois pilares em sua boca cavernosa.

— Não há nada para mostrar — falou entre dois risinhos.

— Apenas vou até o farmacêutico todas as vezes que quero preparar a carne. Ele é o único que a amassa até que ela fique tenra. Na verdade, explicou, para que fique mais com um marinado.

— Deu um grande sorriso. — Sempre apanho a carne no matadouro, uma cortesia do prefeito. — Tomou outro gole da bebida. — O rum me ajuda a me preparar. — Coçou o queixo seco.

— Os cachorros vão me pegar um dia desses — murmurou, oferecendo a garrafa pela metade a Octavio. — É melhor você ter uma também.

— Não, obrigado. — Octavio recusou polidamente. — Não bebo com o estômago vazio.

Victor Julio abriu a boca, pronto para falar alguma coisa. Em vez disso, apanhou sua bengala e o saco de estopa e indicou a Octavio que o acompanhasse para fora do barraco. Introspectivo, ele parou por um momento e ficou olhando para o céu, que não estava nem escuro nem claro, mas trazia um estranho e opressivo tom cinzento. Ele ouviu o latido de um cachorro longe dali.

— Ali está a carne — disse apontando com o queixo o tonel de aço, em cima de um toco de árvore. Ele entregou a Octavio um rolo de corda. — Será mais fácil carregar o tonel se você amarrá-lo nas costas.

Experiente, Octavio envolveu o tonel de aço com as cordas, colocou-o nas costas, cruzou as cordas pelo peito e, por fim, amarrou-as seguramente abaixo do umbigo.

— Isto é tudo de que precisamos? — perguntou, evitando o olhar fixo do velho homem.

— Tenho algumas cordas sobressalentes e uma lata de querosene no meu saco — Victor explicou e tomou outro gole de rum. Distraidamente, colocou a garrafa no bolso.

Um atrás do outro, eles seguiram os sulcos secos que dividiam os canteiros de cana-de-açúcar. Tudo estava quieto, com exceção do sussurrar dos grilos e da leve brisa que atravessava as folhas da cana. Victor Julio tinha problemas para respirar. Seu peito doía. Ele se sentia tão cansado que queria parar para descansar no chão duro. Voltou-se e fitou seu barraco a distância. Um pressentimento atravessou sua mente, o fim estava próximo. Eleja sabia há tempos que estava muito velho e fraco para suportar todo trabalho que deveria fazer. Era uma questão de tempo para que arrumassem um novo homem.

— Venha, Julio — Octavio chamou impacientemente. — Está ficando tarde.

A cidade continuava dormindo. Apenas poucas mulheres, a caminho da igreja, estavam acordadas. Com suas cabeças cobertas por véus negros, elas passaram correndo pelos dois homens e não responderam a seus cumprimentos. Nas estreitas calçadas de concreto, cães de rua esqueléticos e aparentemente doentes se esticavam em frente das portas fechadas, aproveitando a proteção das casas silenciosas.

Sob o comando de Victor Julio, Octavio arriou o tonel de aço no chão e abriu a tampa apertada. Utilizando um longo alicate de madeira que havia trazido no saco de estopa, o velho homem retirou pedaços de carne do tonel. E, como em todo o caminho que percorreram para chegar até a cidade, alimentou todos os cachorros que passaram por eles. Furiosamente, sacudindo o rabo, eles devoravam a carne fatal.

— Os cães vão te comer no inferno — um homem gordo gritou antes de sumir por entre as largas portas de madeira da velha igreja colonial, no outro lado da praça.

— Nenhum caso de raiva este ano — Victor Julio berrou de volta, limpando o nariz na manga da camisa. — Acredito que eles estão bem

alimentados para o além.

— Conte dezessete — Octavio lamentou-se, coçando as costas machucadas. — Temos um monte de cachorros mortos para apanhar.

— O maior deles nós não vamos ter que carregar — Victor Julio falou, com um estranho sorriso em seu rosto. — Existe um cachorro que não deve morrer na rua.

— O que quer dizer? — perguntou, virando a aba do boné de beisebol para a parte de trás da cabeça. Um olhar de dúvida estampou-se em seu rosto.

Os olhos de Victor Julio eram estreitos e, naquele momento, suas pupilas brilharam com um lampejo demoníaco. O corpo magro e velho tremeu antecipadamente.

— Estou excitado. Agora, nós vamos matar o pastor alemão do mercador libanês.

— Você não pode fazer isso — Octavio protestou. — Ele não é um cão de rua. Não está doente. Está bem alimentado. O prefeito falou apenas cães de rua doentes.

Victor Julio praguejou em voz alta e, então, olhou para seu ajudante com uma expressão cruel. Ele estava certo de que aquela era a última vez que teria acesso ao veneno. Se não fosse Octavio, outra pessoa estaria encarregada de cuidar dos cães até o final do próximo período de seca. Ele podia compreender que o jovem homem não queria causar nenhum transtorno para a cidade, mas era algo que ele não podia entender. Ele queria matar aquele cachorro desde que ele o havia mordido. Essa era sua última chance.

— Esse cachorro é treinado para atacar — Victor Julio disse. — Todas as vezes que ele se perde, morde alguém. Ele me atacou alguns meses atrás. — Puxou uma das pernas da calça. — Olhe para esta cicatriz! — resmungou com raiva, esfregando a cicatriz vermelha e protuberante na sua canela. — O libanês nem ao menos me levou ao médico. Por isso tudo, sei que aquele cachorro pode ter raiva.

— Mas ele não tem e você não pode matá-lo — Octavio insistiu. — O cachorro não está na rua. Ele tem um dono. — Ele parecia implorar ao velho

homem. — Você está apenas procurando encrenca.

— Quem se importa? — Victor Julio esquivou-se beligerantemente. — Odeio aquele bicho e não vou ter outra chance de matá-lo. — Jogou o saco de estopa sobre os ombros. — Vamos.

Sem acreditar em tudo aquilo, Octavio o acompanhou por uma estreita rua lateral em direção aos limites da cidade. Eles pararam em frente de uma grande casa verde.

— O cão deve estar na parte de trás — falou. — Vamos dar uma olhada. — Eles caminharam ao lado do muro até chegar aos fundos da casa. Nenhum sinal do animal.

— É melhor irmos embora — Octavio sussurrou. — Estou certo de que o cachorro dorme dentro de casa.

— Ele vai ter que sair — Victor Julio falou enquanto arrastava sua bengala pelo muro.

Um latido alto quebrou a tranqüilidade da manhã. Excitado, o velho homem pulou para cima e para baixo com suas pernas frágeis, brandindo sua bengala no ar.

— Dê-me o resto da carne — ordenou.

Octavio desamarrou as cordas em seu peito e, relutantemente, colocou o tonel de aço no chão. O velho apanhou os últimos pedaços de carne com o alicate de madeira e lançou por cima do muro.

— Apenas ouça esse demônio engolir a carne envenenada — Victor Julio disse alegremente. — Esse bruto está faminto como todos os outros.

— Vamos sair rápido daqui — Octavio assobiou, amarrando o tonel nas costas.

— Não tem problema — Victor Julio gargalhou. Uma sensação de orgulho invadia seu corpo enquanto procurava alguma coisa para subir.

— Vamos — Octavio insistiu. — Nós vamos ser pegos.

— Não vamos — Victor Julio assegurou-o com calma, subindo em um caixote de madeira bambo que ele, apropriadamente, encostou no muro. Ficou nas pontas dos pés e procurou pelo cachorro enraivecido. Latindo furiosamente, o animal babava gosma e sangue numa tentativa de arrancar o que estivesse preso em sua garganta. Suas pernas ficaram rígidas. Ele

caiu. Espasmos violentos sacudiram seu corpo. Victor Julio vibrou.

— Ele é duro de morrer — murmurou, descendo do caixote. Ele não sentia nenhuma emoção por ter matado o pastor alemão do libanês. Durante todos os anos em que envenenou cachorros, ele sempre evitara olhar suas mortes. Jamais gostou de matar os vira-latas sem dono da cidade, mas esse foi o único trabalho que arranhou.

Um medo vago atravessou o coração de Julio. Ele olhou para a rua vazia. Entortou o polegar para trás e colocou sua bengala entre ele e o punho. Mantendo o braço estendido, começou a mover a vara de um lado para o outro tão rápido que parecia que a bengala estava suspensa no meio do ar.

— Que tipo de brincadeira é essa? — Octavio perguntou, observando-o encantado.

— Não é uma brincadeira. É uma arte. Isto é o que eu faço melhor — Victor explicou tristemente. — De manhã e à tarde, eu entretenho as crianças na praça com minha bengala dançarina. Algumas delas são minhas amigas. — Entregou a vara para Octavio. — Tente. Veja se você consegue fazer.

Victor Julio riu das tentativas desajeitadas de Octavio em segurar a bengala corretamente.

— São anos de prática — o velho homem falou. — Você tem que forçar seu polegar para trás, até que ele toque no punho. E tem que mover o braço mais rápido de forma que a bengala não tenha tempo de cair no chão.

Octavio devolveu-lhe a bengala.

— É melhor que apanhemos aqueles cachorros! — exclamou, surpreendido pela luz da manhã e pelos raios vermelhos que apareciam no horizonte.

— Victor Julio, espere por mim — uma criança berrou atrás deles. Descalça, com o cabelo preto preso sem jeito no alto da cabeça, uma garotinha de seis anos alcançou os dois homens. — Veja o que minha tia trouxe para brincar comigo — disse, mostrando um filhote de pastor alemão para o velho homem. — Dei o nome de Borboleta. Ela parece uma, não parece?

Victor Julio sentou-se no meio-fio. A garotinha sentou-se ao seu lado, colocando o bonito e gorducho filhote no colo dele. Distraidamente, ele correu seus dedos por todo o pêlo negro com manchas amarelas.

— Mostre a ela como você faz a dança das bengalas — a menina pediu.

Victor Julio colocou o cachorro no chão e tirou a garrafa de rum de dentro do bolso. Em um só gole, bebeu todo o líquido que restava e depois jogou a garrafa vazia para dentro do saco de estopa. Havia uma expressão desolada em seus olhos quando ele fitou o rosto alegre da menina. Logo ela cresceria, pensou. Ela não se sentaria mais ao seu lado, embaixo das árvores da praça e não o ajudaria mais a encher latas vazias com folhas, imaginando que elas se transformariam em ouro durante a noite. Ele ficou imaginando, também, se ela passaria a berrar e encarnar nele como faziam as crianças mais velhas. Ele cerrou os olhos.

— Vamos ver se a bengala quer dançar — murmurou. Coçando os joelhos, que rangiam, levantou-se.

Tanto Octavio quanto a garotinha ficaram olhando pasmos para a vara. Parecia que ela dançava sozinha, animada não apenas pelo gracioso movimento de seus braços, mas também pelo ritmo das batidas de seus pés e pela voz rouca e melodiosa enquanto ele cantava uma modinha infantil.

Octavio colocou o tonel no chão e sentou-se para admirar a habilidade do velho. Victor Julio parou de cantar no meio de uma frase. Sua bengala caiu no chão. Com um olhar de surpresa e horror, viu o filhote lamber o suco da carne envenenada que escorria do tonel.

A garotinha apanhou a bengala, afagando a ponta finamente talhada, e devolveu-a para Victor Julio.

— Nunca tinha visto você deixá-la cair — lamentou consolando-o. — A vara está cansada?

Victor Julio repousou suas mãos trêmulas na cabeça dela, puxando seu rabo-de-cavalo gentilmente.

— Vou levar Borboleta para passear — ele disse. — Volte para cama, antes que sua mãe a encontre aqui fora. Vejo você mais tarde na praça. Vamos catar folhas juntos. — Ele segurou o gordo filhote em seus braços e

acenou para que Octavio o acompanhasse rua acima.

Os cachorros de rua não estavam mais deitados na frente das portas fechadas e sim estendidos, rijos, com as pernas esticadas, nas ruas empoeiradas. Os olhos opacos encaravam o vazio. Um a um, eles eram amarrados por Octavio com as cordas que Victor Julio trouxera no saco.

Borboleta, enquanto seu corpo se agitava convulsivamente, vomitou sangue em cima da calça do velho. Ele balançava a cabeça em desespero.

— O que vou dizer para aquela criança? — murmurou, colocando rapidamente o filhote envenenado com os outros.

Fizeram duas viagens e arrastaram os cachorros mortos para fora dos limites da cidade, passando pela casa do libanês, passando pelos campos vazios, até descerem um barranco completamente seco. Victor Julio os cobriu com uma camada de gravetos secos, depois encharcou a pilha com a lata de querosene que havia trazido com ele e tascou fogo. Os cachorros queimaram lentamente, impregnando o ar com o cheiro de carne e pêlo queimados.

Com a garganta ardendo com a fumaça e a poeira, eles subiram o barranco arfando. Não andaram muito até se jogarem sob a sombra de uma acácia toda florida de vermelho.

Victor Julio se esticou no chão duro, ainda frio da noite. Suas mãos tremiam ao colocar, firmemente, a bengala contra o estômago. Fechou os olhos e tentou normalizar sua respiração, torcendo para que isso diminuísse a dor que comprimia seu peito. Desejava dormir para se perder nos sonhos.

— Tenho que ir andando — Octavio falou um pouco depois. — Tenho outros trabalhos para fazer.

— Fique comigo — o velho implorou. — Tenho que contar à menina sobre o cachorro. Ele se sentou e fitou-o quase implorando. — Você pode me ajudar. Logo as crianças vão ter medo de mim. Ela é uma das poucas que são afáveis.

O tom irreal de infelicidade na voz dele assustou Octavio. Ele se encostou no tronco da árvore e fechou os olhos. Não seria obrigado a ver o medo e a perda refletidos no rosto do velho homem.

— Venha comigo até a praça. Deixe todos saberem que você é o novo

homem — Victor Julio pediu.

— Não quero ficar nesta cidade — Octavio disse asperamente. — Não gosto desta história de matar cachorros.

— Não é uma questão de gostar ou não — comentou. — É uma questão de fé. — Ele sorriu ansiosamente e deixou seu olhar vagar na direção da cidade. — Quem sabe você não tenha que ficar aqui para sempre — murmurou, fechando os olhos novamente.

O silêncio foi quebrado pelo som de vozes raivosas. Da parte de baixo da rua, vinha um grupo de rapazes liderados pelo filho mais velho do libanês. Eles pararam a alguns passos dos dois homens.

— Você matou meu cachorro — o menino libanês gritou e, então, chutou o chão a poucos centímetros do pé de Victor Julio.

Apoiando-se na bengala, o velho homem levantou-se.

— O que faz você pensar que fui eu? — perguntou, tentando ganhar algum tempo. Suas mãos tremiam incontrolavelmente enquanto ele procurava pela garrafa de rum em seu saco. Fitou o frasco vazio, sem entender. Não se lembrava de ter bebido a última dose.

— Você matou o cachorro — os garotos repetiam em coro. — Você matou o cachorro. — Amaldiçoando-o e batendo nele, eles tentavam agarrar a bengala e o saco de estopa.

Victor Julio correu para trás. Brandindo sua bengala, balançou cegamente a vara contra os sarcásticos garotos.

— Deixem-me sozinho! — gritou por seus lábios trêmulos.

Paralisados momentaneamente pela raiva dele, os garotos continuaram. De repente, como se só agora tivessem percebido que Victor Julio não estava sozinho, eles se viraram para Octavio.

— Quem é você? — um dos garotos berrou, olhando de um homem para outro, talvez para avaliar as possíveis conseqüências de lutar com os dois. — Você está com o velho? É seu ajudante?

Octavio não respondeu mas retirou a corda em volta de seu pescoço e, como se fosse um chicote de verdade, deu uma chicotada em frente ao menino.

Rindo e gritando, os garotos se esquivavam das laçadas bem dadas.

Mas, quando boa parte dos garotos começou a ficar presa pelas cordas, não só nas canelas e coxas, mas também nos ombros e braços, eles fugiram. Foram perseguir Victor Julio que, neste intervalo, correu de volta para o barranco onde os cachorros continuavam a queimar.

Victor Julio virou a cabeça. O terror dilatou suas pupilas quando ele viu os garotos se aproximando. Eles não pareciam mais humanos, lembravam um bando de cachorros ferozes. Ele tentou correr, mas a ardência em seu peito o fez ir parando.

Os garotos apanharam pedrinhas e ficaram jogando nele, apenas para irritá-lo. Mas, quando o garoto libanês levantou uma pedra grande, o resto dos garotos, ávidos para sobrepujarem uns aos outros, começaram a procurar pedras cada vez maiores. Um deles atingiu Victor Julio na cabeça. Ele cambaleou. Sua visão ficou embaçada. O chão desapareceu e ele caiu no precipício.

O vento carregou o grito do velho para fora do barranco. Arfando com os rostos repletos de poeira e suor, os garotos ficaram olhando uns para os outros. Então, ao sinal de um deles, fugiram cada um em uma direção.

Octavio correu ladeira abaixo e se ajoelhou ao lado do corpo inerte de Victor Julio. Balançou-o vigorosamente. O velho abriu os olhos. Sua respiração vinha em espasmos. Sua voz era um leve murmúrio.

— Sabia que o fim estava próximo, mas pensei que fosse apenas o do meu trabalho. Nunca pensei que seria dessa maneira. Suas pupilas tremulavam com uma estranha luz ao fitar os olhos do ajudante. De repente, a luz se esvaiu.

Octavio balançou-o freneticamente.

— Meu Deus! Ele está morto — murmurou para si mesmo, e então fez o sinal-da-cruz. Ele ergueu seu rosto suado na direção do céu. Uma lua pálida podia ser vislumbrada, apesar do brilho já ofuscante do sol. Ele queria rezar mas não conseguia lembrar-se de uma simples oração. Uma única imagem atravessava sua mente: uma multidão de cachorros caçando o velho homem pelos campos.

Octavio sentiu que suas mãos começaram a ficar geladas e o corpo tremer. Podia fugir para outra cidade, pensou. Mas, então, pensariam que

ele matara Victor Julio. Era melhor ficar por um tempo, decidiu, até que os acontecimentos fossem esclarecidos.

Durante um longo período, Octavio ficou apenas fitando o homem morto. Depois, num impulso, apanhou a bengala de Victor Julio, estendida ali perto. Acariciou-a e esfregou a ponta finamente esculpida em sua bochecha esquerda. Sentia que ela sempre pertenceria a ele. Ficou imaginando se algum dia seria capaz de fazer a dança da vara.

Capítulo 7

Octavio Cantú tivera a última sessão da temporada. Colocou o chapéu e levantou-se da cadeira. Percebi como os anos se abateram sobre seu peito e como ele perdeu a musculatura dos braços. O casaco desbotado e a calça eram muitos números acima de seu tamanho. No bolso direito de sua calça dava para perceber, claramente, que guardava uma grande garrafa de rum.

— Isso sempre acontece quando ela termina meu tratamento. Eu a ponho para dormir — sussurrou para mim, fixando seus olhos profundos e descoloridos em Mercedes Peralta. — Já falei muito por hoje. De qualquer modo, não consigo descobrir por que você está interessada em mim.

Um largo sorriso enrugou seu rosto ao segurar a bengala entre o polegar e o pulso. Movimentou a vara para frente e para trás tão habilmente que ela parecia estar suspensa no ar. Sem dizer uma palavra ele caminhou para fora da sala.

— Dona Mercedes — chamei-a gentilmente, virando-me na direção dela. — Está acordada?

Mercedes Peralta balançou a cabeça.

— Estou acordada. Sempre estou acordada, mesmo quando estou dormindo — falou suavemente. — É dessa maneira que tento estar um passo à frente de mim mesma.

Disse a ela que desde o momento em que comecei a conversar com Octavio Cantú estava sendo invadida por questões profundas e inoportunas. Octavio Cantú poderia ter evitado seguir os passos de Victor Julio? E por que ele repetiu a vida de Victor Julio de maneira idêntica?

— São perguntas incontestáveis — Dona Mercedes retrucou. — Mas vamos até a cozinha e perguntar à Candelária. Ela tem mais sensibilidade que nós duas juntas. Estou muito velha para ter sensibilidade e você é muito educada.

Com um sorriso iluminando o rosto, ela pegou no meu braço e

caminhamos até a cozinha.

Envolvida no trabalho de polir a superfície de seus preciosos potes e panelas, ela não ouviu nem percebeu que estávamos nos aproximando. Ela deu um berro profundo e paralisante quando dona Mercedes tocou em seu braço.

Candelária era alta, com ombros inclinados e quadris largos. Não poderia avaliar sua idade. Ela tanto parecia ter 30 quanto 50 anos. Seu rosto moreno era coberto de pequenas sardas, espalhadas de maneira uniforme que até pareciam ser pintadas. Tingia o escuro cabelo encaracolado em um tom avermelhado e usava vestidos confeccionados em algodão colorido tingido.

— Então? O que vocês estão fazendo na minha cozinha? — perguntou, fingindo estar aborrecida.

— A *musiúa* está obcecada por Octavio Cantú — Dona Mercedes explicou.

— Meu Deus! — exclamou. Seu rosto expressava uma surpresa genuína ao olhar para mim. — Por que ele? — perguntou.

Perplexa com o tom acusador de sua voz, repeti as mesmas perguntas que fizera à dona Mercedes. Candelária começou a rir.

— Por um instante fiquei preocupada — ela disse a dona Mercedes. — *Musiúas* são estranhas. Lembro-me daquela finlandesa que costumava beber um copo de urina depois do jantar para não engordar. E a mulher que veio da Noruega para pescar no mar do Caribe. Até onde saiba, ela nunca conseguiu pegar nada.

Mas os donos de embarcações brigavam entre si para ver quem iria levá-la para pescar.

Rindo ruidosamente, as duas mulheres se sentaram no chão.

— Uma pessoa nunca sabe o que se passa na cabeça de uma *musiúa* — Candelária continuou. — Elas são capazes de qualquer coisa. — Ela ria em espasmos, cada um mais alto que o anterior. E, então, voltou a polir seus potes.

— Parece que Candelária pensa muito pouco sobre nossas perguntas — dona Mercedes falou. — Pessoalmente, acredito que Octavio Cantú não

conseguiria evitar seguir os passos de Victor Julio. Ele tem pouquíssima força. Este é o motivo pelo qual ele foi pego por aquela coisa misteriosa sobre a qual falei a respeito. Algo mais misterioso que a fê. Feiticeiras chamam isto de sombra da feiticeira.

— Octavio Cantú era muito jovem e forte — Candelária falou repentinamente —, mas ele permaneceu muito tempo sob a sombra de Victor Julio.

— Do que ela está falando? — perguntei a dona Mercedes.

— Quando as pessoas estão indo embora, especialmente no momento da morte, elas criam, com essa força misteriosa, um elo com outras pessoas, uma forma de se perpetuar — dona Mercedes explicou. — É por causa disso que as crianças ficam tão parecidas com seus pais. Ou porque aquelas pessoas que tomam conta de idosos acabam seguindo os passos de seus protegidos.

Candelária falou novamente:

— Octavio Cantú permaneceu muito tempo sob a sombra de Victor Julio. E a sombra minou-o. Victor Julio era fraco, mas a forma como ele morreu tornou sua sombra forte.

— Poderíamos chamar a sombra de alma? — perguntei à Candelária.

— Não, a sombra é algo que todos os seres humanos possuem, algo mais forte do que a alma — ela respondeu parecendo estar aborrecida.

— É isso aí, *musiúa* — disse dona Mercedes. — Octavio Cantú permaneceu preso durante muito tempo... um ponto onde a fê une vidas. Ele não teve força suficiente para fugir disso. E, como Candelária já disse, a sombra de Victor Julio o minou. Todos nós temos uma sombra, uma fraca ou uma forte. Podemos dar esta sombra a alguém que nós amamos, a alguém que odiamos ou a uma pessoa que esteja simplesmente disponível. Se nós não a dermos a alguém, ela flutua em volta durante algum tempo depois que morremos até desaparecer para sempre.

Eu a devo ter encarado com um ar de incompreensão. Ela riu e falou:

— Tinha dito a você que gosto de feiticeiras. Gosto da forma como elas explicam os acontecimentos, mesmo que seja difícil entendê-los.

"Octavio precisa de mim para diminuir sua dor. Faço isso através de

meus encantamentos. Ele pressente que, sem a minha interferência, repetiria, detalhe por detalhe, a vida de Victor Julio."

— Isso é um aviso — Candelária disse impulsivamente. — Nunca fique durante muito tempo sob a sombra de alguém, a menos que queira seguir os passos dele ou dela.

Parte Dois

Capítulo 8

Estava antecipando os sons que usualmente ecoavam pela casa toda manhã de quinta-feira, quando Candelária rearruma os pesados móveis da sala de estar. Imaginando se conseguiria dormir de verdade sob aquele tumulto, andei até a sala.

Feixes de luz passavam pelos buracos nos toldos de madeira que cobriam as duas janelas voltadas para a rua. A mesa de jantar com seis cadeiras, o sofá escuro, os armários abarrotados, a mesa de vidro para o café, e desenhos emoldurados de paisagens campestres e de cenas de touradas na parede, estavam exatamente como Candelária arrumara na última quinta-feira.

Andei até o jardim, onde encontrei Candelária meio escondida atrás de um arbusto de hibiscos. Seu cabelo frisado, tingido de vermelho, havia sido penteado para trás e estava preso por dois prendedores enfeitados com pedrinhas. Argolas douradas e brilhantes enfeitavam suas orelhas. Seus lábios e unhas vermelho-cintilantes combinavam com as cores de seu vestido de algodão tingido. Seus olhos longos sob pálpebras que nunca se abrem totalmente, traíam uma expressão sonhadora.

— O que a fez acordar tão cedo, *musiúa*? — Candelária perguntou. Levantando-se, ela alisou a longa saia e o apertado corpete de seu vestido que revelava um pedaço generoso do seio.

— Não ouvi você mexer os móveis esta manhã — falei. — Você vai sair?

Sem responder, ela correu para a cozinha, suas sandálias frouxas escorregavam do calcanhar enquanto ela corria.

— Estou cheia de coisas para fazer hoje — declarou, parando por um momento para ajeitar o pé de volta na sandália.

— Estou certa de que você vai conseguir — falei. — Vou ajudá-la. — Coloquei fogo na lenha do fogão e me sentei à mesa com o jogo de chá chinês totalmente descasado. — Ainda são 7:30. Você está atrasada apenas meia hora.

Ao contrário de dona Mercedes, que era totalmente indiferente a horários, Candelária dividia seu dia em tarefas, cada uma delas com horários determinados. Embora ninguém se sentasse à mesa para comer na mesma hora, ela fixava o horário do café exatamente às sete da manhã. Às oito, ela já estava varrendo o chão e tirando o pó dos móveis. Ela era alta o bastante para limpar as teias de aranha que se formavam nas quinas e o pó das prateleiras. E, às 11 horas, a sopa diária já estava sendo esquentada no fogão.

Assim que tudo estivesse concluído, ela se encarregava de suas flores. Regador na mão, primeiro caminhava para cima e para baixo do pátio, depois no jardim, molhando as plantas com amor. Às duas horas, pontualmente, lavava roupas, mesmo que tivesse apenas uma toalha para lavar. Depois que as roupas estivessem passadas, ela lia fotonovelas. No final da tarde, recortava fotos de revistas, colocando-as em um álbum de fotografias.

— O padrinho de Elio esteve aqui ontem à noite — ela sussurrou. — Dona Mercedes e eu ficamos conversando com ele até o sol nascer. — Ela apanhou o milho socado e cozido na tarde anterior e começou a bater a massa para preparar o bolo de milho que comeríamos no café da manhã. — Ele deve ter mais de oitenta anos. E ainda não conseguiu se recuperar da morte de Elio. Lucas Nunez acusou-o da morte do garoto.

— Quem é Elio? — perguntei.

— O filho de dona Mercedes — Candelária murmurou, dividindo a massa em pequenas rodela. — Ele tinha apenas 18 anos quando morreu tragicamente. Isto foi há muito tempo. — Ela arrumou uma mecha de cabelo para trás da orelha e completou: — É melhor não dizer a ela que eu contei que ela teve um filho.

Colocou os bolos de milho em uma grelha para serem assados no forno e então me fitou, com um grande sorriso maldoso em seus lábios.

— Você não acredita em mim, acredita? — perguntou, mas impediu que eu respondesse levantando uma das mãos. — Tenho que me concentrar no café. Você sabe como dona Mercedes fica furiosa se ele não está forte ou suficientemente doce.

Considerava Candelária suspeita. Ela tinha o hábito de contar histórias inacreditáveis sobre a curandeira, como uma vez em que disse que dona Mercedes havia sido capturada por um grupo de nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e trancafiada em um submarino.

— Ela é uma mentirosa — dona Mercedes uma vez me confidenciou. — E mesmo quando fala a verdade, exagera de tal modo que a torna quase uma mentira.

Candelária, sem provavelmente saber de minhas suspeitas, limpou o rosto com o avental que havia amarrado em volta do pescoço. Então, com um movimento rápido e abrupto, ela se virou e correu para fora da cozinha.

— Vigie os bolos — gritou do corredor. — Estou cheia de coisas para fazer hoje.

Por volta do meio-dia, Mercedes Peralta finalmente acordou, depois de conseguir dormir com o barulho do furacão de quinta-feira de Candelária, que hoje foi mais barulhento que o normal por causa da correria.

Indecisa, dona Mercedes ficou parada na porta do quarto, apertando os olhos para se adaptar à luminosidade. Recostou-se na soleira da porta por um instante antes de se aventurar pelo corredor.

Corri até seu lado, peguei no seu braço e levei-a até a cozinha. Seus olhos estavam vermelhos. Sua boca estava cerrada e ela tinha uma aparência triste. Fiquei pensando se ela, também, tinha passado a noite acordada. Havia sempre a possibilidade de Candelária estar dizendo a verdade.

Parecendo preocupada, ela examinou o prato com bolos de milho, mas, em vez de pegar um, apanhou duas bananas do cacho pendurado em um dos caibros. Descascou-as, cortou-as em fatias, depois começou a mastigá-las comendo uma de cada vez.

— Candelária quer que você conheça os pais dela — falou, limpando delicadamente o canto da boca. — Eles vivem nas montanhas, perto da

represa.

Antes que eu tivesse a chance de dizer que ficaria encantada, Candelária entrou pulando na cozinha.

— Você vai adorar minha mãe — afirmou. — Ela é pequena e magra como você e também come o dia inteiro.

Não sei por que, nunca imaginei que Candelária tivesse uma mãe. Com um sorriso embevecido, as duas mulheres ouviam atentamente eu tentar explicar o que queria dizer com isto. Assegurei-lhes que categorizar algumas pessoas como um tipo sem mãe não tinha nada a ver com a idade ou com a aparência, mas sim com uma qualidade remota e evasiva que eu não sabia exatamente explicar.

O que parecia divertir mais Mercedes Peralta, em minha explicação, era justamente o fato de que ela não fazia qualquer sentido. Ela sorveu o café pensativamente, e então olhou para mim com um ar de interrogação.

— Você acha que eu tenho mãe? — perguntou. Fechou os olhos, franziu a boca e mexeu os lábios como se estivesse mamando. — Ou você acredita que fui chocada de um ovo? — Deu uma olhada rápida para Candelária e pronunciou num tom sério: — A *musiúá* está quase certa. O que ela quer dizer é que feiticeiras têm uma ligação muito pequena com pais e filhos. Sim, elas os amam como podem mas somente quando estão de frente para eles, nunca quando estão atrás.

Imaginei se Candelária estava com medo de que eu mencionasse Elio, pois ela parou atrás de dona Mercedes, gesticulando discretamente para que eu permanecesse em silêncio.

Dona Mercedes parecia determinada a ler nossos pensamentos; primeiro olhou para mim, depois para Candelária, com um olhar fixo e vazio. Suspirando, segurou sua caneca e bebeu o resto do café.

— Elio tinha poucos dias quando sua mãe, minha irmã, morreu — falou olhando para mim. — Ele era minha alegria. Amava-o como se ele fosse meu próprio filho. — Sorriu ligeiramente e, depois de uma pequena pausa, continuou a falar sobre Elio. Disse que ninguém o consideraria bonito. Ele tinha uma boca grande e sensual, um nariz reto com narinas largas e o cabelo era selvagem e encaracolado. Mas o que fazia Elio irresistível para os

jovens e velhos eram seus grandes, negros e lustrosos olhos, que brilhavam com alegria e bem-estar.

Minuciosamente, dona Mercedes contou sobre as excentricidades de Elio. Embora ele estivesse se tornando um curandeiro, raramente perdia seu tempo pensando no curandeirismo. Ele estava muito ocupado em se apaixonar e deixar de se apaixonar. Durante o dia, ficava tagarelado por horas a fio com as jovens mulheres e garotas que vinham vê-lo. A noite, com o violão na mão, ia fazer serestas para suas paqueras. Dificilmente voltava antes do amanhecer, a não ser quando não era bem-sucedido nas suas aventuras amorosas. Então, chegava mais cedo e a divertia com os espirituosos, mas nunca vulgares, relatos dos seus sucessos e fracassos amorosos.

Com uma curiosidade mórbida, fiquei esperando que ela falasse sobre a morte trágica dele. Senti-me desapontada quando ela fitou Candelária.

— Pegue o meu casaco — murmurou. — Venta muito nas montanhas onde seus pais vivem. — Ela se levantou e, tomando meu braço, dirigiu-se ao jardim. — Hoje, Candelária vai surpreendê-la — confidenciou-me. — Há muitas coisas divertidas sobre Candelária. Se soubesse metade delas, você provavelmente desmaiaria em choque. — Dona Mercedes sorriu docemente como uma criança tentando, com dificuldade, esconder um segredo.

Capítulo 9

Gargalhadas, vozes excitadas e o som abafado das músicas de *jukebox* escapavam dos pequenos restaurantes e bares que margeavam as ruas que levavam para fora de Curmina. Na frente do posto de gasolina, antes de chegar à estrada, os galhos das árvores troncudas nos dois lados da rua se cruzavam como arcos, criando uma tranqüilidade irreal.

Na estrada, passamos por solitários barracos, feitos de bambu e cobertos de barro. Todos eles tinham portas estreitas, poucas janelas e telhados de sapê. Alguns deles eram pintados de branco, outros mal tinham a cor do barro. Flores, principalmente gerânios que cresciam em panelas velhas e latas de ferro, pendiam de beirais largos. Árvores majestosas, cobertas de flores douradas e vermelho-sangue, encobriam meticulosamente os limpos quintais, onde mulheres estavam lavando roupas em bacias de plástico ou colocando-as para secar em arbustos. Algumas nos cumprimentavam, outras apenas acenavam imperceptivelmente com a cabeça. Por duas vezes nós paramos no acostamento onde crianças vendiam frutas e legumes colhidos dos quintais.

Candelária, sentada no banco de trás do meu jipe, me foi mostrando o caminho. Passamos por um grupo de casebres nos limites da pequena cidade e, num minuto, uma densa neblina envolveu-nos. Uma neblina tão forte que eu mal conseguia ver o capô do carro.

— Meu Deus — Candelária começou a rezar. — Desça e venha nos ajudar a sair desta neblina maldita. Por favor, Virgem Maria, mãe de Deus, venha aqui nos proteger. Santo Antônio abençoado, Santa Teresa misericordiosa, espíritos divinos, venham aqui nos ajudar.

— É melhor você parar com isso, Candelária — dona Mercedes cortou-a. — E se os santos estiverem realmente ouvindo você e decidirem responder ao pedido? Como iríamos colocar todos eles dentro do carro?

Candelária riu e depois começou a cantar. Seguidamente, ela repetia as primeiras linhas de uma ária de uma ópera italiana.

— Você gosta? — perguntou-me ao captar meu olhar no espelho retrovisor. — Meu pai me ensinou. Ele é italiano. Gosta de ópera e me ensinou árias de Verdi, Puccini, entre outros.

Olhei para dona Mercedes para confirmar, mas ela tinha dormido.

— É verdade — Candelária insistiu, e começou a cantar pedaços de árias de diferentes óperas.

— Você a conhece? — perguntou, depois que corrigi, sem querer, a ópera que pertencia a um deles. — Seu pai também era italiano?

— Não — ri. — Ele é alemão. Na verdade, não sei muito sobre óperas — confessei. — A única coisa que ele me ensinou sobre música foi que Beethoven estava próximo de ser um semi-deus. Todos os domingos, enquanto vivi em casa, meu pai tocava todas as sinfonias de Beethoven.

A neblina sumiu tão abruptamente quanto tinha descido sobre nós, revelando as cadeias de montanhas azuladas. Elas pareciam estender-se infinitamente pelo vazio do ar e luz. Seguindo as instruções de Candelária, virei num estreito caminho de terra, perpendicular à estrada, que mal dava para a passagem do jipe.

Um senhor, vestindo uma camiseta amassada, estava recostado em uma das janelas do andar de cima da casa. Ele acenou para nós e desapareceu. A voz excitada do homem ecoava pela casa silenciosa.

— Roraima! As feiticeiras estão aqui!

Assim que chegamos à porta da frente, uma mulher pequena e enrugada parou para saudar-nos. Sorrindo, ela abraçou Candelária e depois dona Mercedes.

— Esta é minha mãe — Candelária falou com orgulho. — O nome dela é Roraima.

Depois de uma leve hesitação, Roraima também me abraçou. Ela não tinha mais que um metro e meio e era muito magra. Usava um longo vestido preto. Tinha cheios cabelos negros e os olhos brilhavam como os de um pássaro. Os gestos também eram como os de um pássaro, elegantes e rápidos enquanto nos levava para dentro do vestibulo escuro, no qual uma pequena lâmpada estava acesa embaixo de um quadro de São José.

Radiante de satisfação, ela pediu para nós a seguirmos pela larga

galeria, em forma de L, que limitava o pátio interno, onde um limoeiro e uma goiabeira encobriam a sala de jantar, a céu aberto, e uma espaçosa cozinha.

Mercedes Peralta sussurrou alguma coisa no ouvido de Roraima e, então, continuou a atravessar o corredor que desembocava nos fundos da casa.

Por um momento parei indecisa, depois continuei a seguir Candelária e a mãe até as escadas de pedra que levavam ao segundo andar. Passamos pelos quartos. Todos eles tinham grandes varandas, que se estendiam por todo o pátio.

— Quantos filhos você teve? — perguntei ao passarmos pela quinta porta.

— Só Candelária. — As duras rugas do rosto de Roraima aprofundavam-se ainda mais quando ela sorria. — Mas os netos que moram em Caracas vêm passar os feriados aqui.

Pasma, virei para Candelária e encarei seus cautelosos olhos negros, nos quais era possível discernir um lampejo de diversão.

— Não sabia que você tinha filhos — disse, imaginando se era a surpresa que dona Mercedes escondera pela manhã. De certa forma era uma decepção.

— Como posso ter filhos? — Candelária retrucou indignada. — Sou solteira!

Caí na gargalhada. A afirmação dela não implicava somente o fato de ela não ser casada, mas também de ser virgem. A expressão insolente no seu rosto não deixava nenhuma dúvida de que ela se orgulhava do fato.

Candelária se debruçou no parapeito, então se virou e nos encarou.

— Nunca contei para você que tenho um irmão. Na verdade, um meio irmão. Ele é bem mais velho do que eu. Nasceu na Itália. Como meu pai, veio para a Venezuela para fazer fortuna. Ele tem uma empresa de construção. E agora é rico.

Roraima concordou, enfaticamente, com a cabeça.

— O meio irmão dela tem oito filhos. Eles adoram passar os verões conosco — completou.

Em uma repentina mudança de humor, Candelária riu e abraçou a

mãe.

— Imagine! — exclamou. — A *musiú*a não conseguia conceber que eu tivesse uma mãe. — Com um sorriso travesso, completou: — E o que é pior, ela nem mesmo acreditava que eu tinha um pai italiano!

Neste exato instante, a porta de um dos quartos se abriu e o senhor, que tinha visto na janela, parou do lado de fora do varandão. Era troncado, com finos traços que lembravam muito Candelária. Ele tinha se vestido às pressas. A camisa fora abotoada de forma errada, o cinto de couro, que segurava sua calça, não havia sido passado em todas as passadeiras, e os sapatos estavam desamarrados. Ele abraçou Candelária.

— Guido Miconi — ele se apresentou para mim, depois se desculpou por não nos ter recebido na porta. — Quando criança, Candelária era tão bonita quanto Roraima — falou, envolvendo a filha em um caloroso abraço. — Só quando cresceu, começou a ficar parecida comigo.

Dividindo claramente uma piada particular, os três caíram na gargalhada. Balançando a cabeça com satisfação, Roraima olhou para o marido e para a filha com inabalável admiração. Ela pegou no meu braço e me levou para baixo.

— Vamos nos juntar a dona Mercedes — sugeriu.

O quintal, cercado por uma cerca de estacas, era enorme. No ponto mais distante, erguia-se um casebre com telhado de sapê. Sentada numa rede, presa em duas vigas da pequena casa, estava Mercedes Peralta. Ela estava provando o queijo caseiro de Roraima. Elogiou-a pela receita.

Guido Miconi permaneceu irresoluto na frente de dona Mercedes. Parecia não ter certeza se apertava a mão dela ou se colocava o braço a sua volta. Ela sorriu para ele, que, então, a abraçou.

Todos nos sentamos em volta da rede, com exceção de Roraima que se sentou na rede ao lado de dona Mercedes. Fez perguntas sobre mim, as quais dona Mercedes respondeu prontamente, como se eu não estivesse ali.

Por alguns momentos, ouvi a conversa, mas logo o calor, o ar parado e as vozes de Guido Miconi e das mulheres, intercaladas por risadas aqui e ali, me fizeram ficar tão sonolenta que me deitei no chão. Devo ter cochilado, pois dona Mercedes teve dificuldades para me fazer entender que eu deveria

falar com Candelária sobre o almoço. Não percebi quando Candelária e seu pai saíram dali.

Entrei na casa. Uma voz confortante e profunda, murmurando um encantamento, saía de um dos quartos. Com medo de que Candelária estivesse entretendo o pai com uma das minhas fitas das sessões de cura, corri até o segundo andar. Numa outra ocasião, ela ouviu uma fita e sem querer apagou-a, apertando o botão errado.

Parei subitamente na porta entreaberta. Sem falar uma palavra, vi Candelária massageando as costas e ombros do pai, enquanto murmurava suavemente um encantamento. Havia alguma coisa em sua postura — a concentração, também a beleza fluida dos movimentos de suas mãos — que me fazia lembrar de Mercedes Peralta. Percebi, então, que Candelária também era uma curandeira.

Assim que ela terminou de massagear o pai, virou-se para me olhar com um brilho de divertimento nos olhos.

— Dona Mercedes nunca falou sobre mim? — A voz tinha uma curiosa maciez que nunca ouvira antes. — Ela diz que eu nasci feiticeira.

Havia muitas perguntas passando por minha cabeça, mas não sabia por onde começar.

Candelária, sem se importar com a minha confusão, encolheu os ombros num gesto um tanto ou quanto impotente.

— Vamos almoçar — Guido Miconi sugeriu, do alto da escada. Eu e Candelária o seguimos. De repente, ele se virou e me encarou.

— Mercedes Peralta está certa — disse, depois inclinou a cabeça e olhou fixamente para as sombras entrecortadas da goia-beira no chão de pedra do pátio. Por um longo tempo, ele apenas ficou parado ali, balançando a cabeça para frente e para trás, sem saber o que dizer.

Rindo ligeiramente, ele olhou para cima e começou a andar pelo pátio, tocando suavemente nas flores e folhas. Os olhos envergonhados pareciam não querer se encontrar com os meus, até que eles se focaram em mim.

— É uma história estranha — disse com a voz excitada, o que tornava

o sotaque italiano mais acentuado. — Candelária me disse que dona Mercedes quer que eu a conte para você. Você sabe que é bem-vinda aqui. Espero que venha algumas vezes e, então, conversaremos.

Estava me sentindo perdida. Olhei para Candelária, torcendo para que ela explicasse alguma coisa.

— Acho que sei o que dona Mercedes quer fazer com você — Candelária falou. Pegando no meu braço, ela me levou até a cozinha. — Ela gosta muito de você, mas não pode lhe dar a sua sombra porque ela tem apenas uma e já a está dando para mim.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Sou uma feiticeira — retrucou — e sigo os passos de dona Mercedes. Somente seguindo os passos espirituais de uma curandeira, você pode tornar-se uma delas. Isto é chamado de junção, de ligação. Dona Mercedes já disse que feiticeiras chamam isso de sombra.

"Sombras são a verdade para qualquer coisa — continuou — e só existe um sucessor, que tem o verdadeiro conhecimento. Victor Julio tinha um conhecimento real sobre matar cachorros e fez uma ligação involuntária com Octavio Cantú. Disse a você que Octavio permaneceu muito tempo na sombra de Victor Julio e que dona Mercedes está me dando a dela. Ao deixar certas pessoas contarem suas histórias, ela está tentando colocar você, por alguns momentos, sob a sombra deles. Você, então, poderá sentir a roda da oportunidade girar e como uma feiticeira pode ajudar esta roda a se mover."

Sem sucesso, tentei dizer a ela que suas informações estavam me deixando profundamente confusa. Ela me fitou com olhos brilhantes e confiáveis.

— Quando uma feiticeira intervém, nós dizemos que a sombra dela girou a roda da oportunidade — disse pensativamente e, depois de refletir por um instante, completou: — A história de meu pai poderia esclarecê-la, mas não devo estar presente quando ele for contá-la a você. Eu o inibo. Sempre faço isso. — Virou-se para o pai atrás de si e gargalhou. Sua risada era como uma explosão cristalina, que ecoava pela casa inteira.

Acordado, Guido Miconi tossia na cama e imaginava se a noite, que parecia imensa pelo tranqüilo sono de Roraima, já estaria terminando. Uma

expressão de ansiedade cruzou seu rosto ao olhar para o corpo nu de sua mulher, escuro em contraste com os lençóis brancos, e para o rosto dela, escondido por uma mecha de cabelo. Gentilmente, ele afastou o cabelo para trás. Ela sorriu. Os olhos se abriram levemente, reluzentes entre as grandes e eriçadas pestanas, mas ela não acordou.

Tomando cuidado para não perturbá-la, Guido Miconi levantou-se e olhou para fora da janela. Estava quase amanhecendo. Em um quintal próximo, um cachorro começou a latir para um bêbado que cantava cambaleando rua abaixo. Os passos e a canção do homem sumiram na distância. O cão voltou a dormir.

Guido Miconi saiu da janela e agachou-se para apanhar, embaixo da cama, uma pequena mala que ele mantinha escondida ali. Com a chave que guardava em um cordão em volta do pescoço, junto com a imagem da Virgem Maria, ele abriu a fechadura e procurou atrapalhadamente por uma larga bolsa de couro, enfiada entre as roupas dobradas. Um estranho sentimento, quase uma premonição, o fez hesitar por um momento. Ele não amarrou a bolsa em volta de sua cintura. Procurava alguma coisa dentro dela e retirou um pesado bracelete de ouro, que colocou ao lado do travesseiro de Roraima e, depois, colocou o saco de volta na mala.

Ele fechou os olhos com força. O pensamento voltou ao dia em que ele imigrou para a Venezuela, vinte anos atrás, atraído pelas oportunidades de emprego e bons salários. Tinha apenas 26 anos. Certo de que a mulher e os dois filhos viriam logo se juntar a ele, permaneceu em Caracas nos primeiros anos. Para guardar dinheiro, vivia em uma pensão barata, convenientemente próxima ao canteiro de obras onde trabalhava. Todos os meses, ele mandava parte do dinheiro para casa.

Depois de alguns anos, ele finalmente percebeu que a mulher e os filhos não queriam se juntar a ele. Mudou-se para fora de Caracas, aceitando um emprego no interior. As cartas da família só o encontravam esporadicamente e, depois, pararam completamente. Ele também não enviava mais nenhum dinheiro. Em vez disso, como muitos dos seus colegas de trabalho, começou a investir seu dinheiro em jóias. Ele voltaria para a Itália como um homem rico.

— Um homem rico — Guido murmurou, segurando a mala pela alça de couro. Ele ficou imaginando por que aquelas palavras evocavam um excitamento familiar.

Olhou para Roraima na cama. Já estava sentindo saudades dela. O pensamento voltou a quase uma década atrás, até o dia em que a viu pela primeira vez. Roraima estava no pátio da pensão onde ele morava. Ele estava esquentando um espaguete em um fogareiro. Ela tinha olhos fundos e usava um vestido grande demais para seu corpo magro, ligeiramente ossudo. Ele pensou que ela era uma das crianças da vizinhança que viviam gozando os estrangeiros, principalmente os operários italianos.

Mas Roraima não tinha vindo zombar dos italianos. Ela fora contratada para trabalhar na pensão. E à noite, em troca de poucas moedas, ela dividia a cama com os homens. Para chateação de seus colegas de trabalho, ela se prendeu a Guido com tanta devoção que se recusava a dormir com qualquer outro homem, independente do quanto eles ofereciam. Um dia, entretanto, ela desapareceu. Ninguém sabia de onde ela tinha vindo, ninguém sabia para onde tinha ido.

Cinco anos mais tarde, ele a viu novamente. Por algum motivo inexplicável, em vez de sair com o grupo das pensões próximas para um canteiro onde estavam sendo construídos uma indústria e um laboratório farmacêutico, ele pegou um ônibus a caminho da cidade. Lá, sentada no ponto de ônibus, como se estivesse esperando por ele, estava Roraima.

Antes que ele tivesse se recobrado da surpresa, ela chamou uma garotinha que estava brincando próxima a ela.

— Esta é Candelária — falou, dando um grande sorriso conciliador. — Ela tem quatro anos e é sua filha.

Havia alguma coisa irreprensivelmente infantil em sua voz e em sua expressão, e ele não pôde deixar de sorrir. Tão frágil e franzina como ele lembrava, Roraima parecia mais a irmã do que a mãe da criança parada ao seu lado.

Candelária olhou para ele em silêncio. A expressão velada em seus olhos escuros o fazia lembrar de alguém muito velho. Ela era alta para sua idade. O rosto era sério demais para uma criança. Ela desviou o olhar para a

criança com a qual brincava. Quando voltou a olhar para ele, havia um brilho travesso em seus olhos.

— Vamos para casa — falou, pegando na mão dele e puxando-o para a frente.

Incapaz de resistir à firme pressão da pequena mão, ele a seguiu pela rua principal até chegarem ao limite da cidade. Pararam em frente a uma pequena casa, cercada por uma fileira de pés de milho, que balançavam com a brisa. Os blocos de cimento, sem qualquer cobertura, e as folhas de zinco corroídas do telhado tinham sido colocadas no lugar com largas pedras.

— Candelária finalmente trouxe você até aqui — Roraima falou, segurando a pequena mala que ele levava na mão. — E eu que quase parei de acreditar que ela nasceu uma feiticeira. — Ela o convidou para entrar por um pequeno corredor que dava para uma grande sala, que estaria vazia se não fossem três cadeiras encostadas na parede. Mais adiante, havia um quarto, separado da sala por uma cortina. Em um dos lados, debaixo de uma janela, estava um beliche, no qual Roraima jogou a pequena mala. Do outro lado, havia uma rede pendurada, na qual a menina tinha ido deitar-se.

Ele seguiu Roraima por um corredor pequeno até a cozinha e os dois se sentaram a uma mesa no meio do aposento.

Guido Miconi pegou a mão de Roraima e, como se estivesse explicando coisas para uma criança, disse para ela que não fora Candelária que o havia trazido até a cidade, mas sim a represa que iria ser construída nas montanhas.

— Não, isto é apenas o que está na superfície. Você veio porque Candelária o trouxe até aqui — Roraima balbuciou. — Agora, você vai ficar aqui com a gente. Não vai? — Percebendo que ele continuava sem falar, ela complementou: — Candelária é uma feiticeira. — Com um movimento de mão que parecia querer agarrar tudo em volta, ela apontou para a cozinha, para a casa e para o jardim. — Tudo isto pertence a ela. Sua avó era uma famosa curandeira e deixou isto tudo para ela. — Sua voz enfraqueceu e ela murmurava as palavras. — Mas não é isso o que ela quer. Ela quer você.

— A mim?! — repetiu Guido balançando a cabeça com tristeza e perplexidade. Ele nunca mentira sobre sua família na Itália. — Tenho certeza

de que a avó dela era uma excelente curandeira. Mas ter nascido uma feiticeira! Isso não faz sentido. Você sabia que um dia eu iria voltar para a família que deixei para trás.

Um estranho sorriso perturbador atravessou o rosto de Roraima, enquanto ela apanhava um jarro e desvirava os copos que estavam emborcados sobre a mesa. Encheu um deles e, então, ofereceu a ele, complementando.

— Esta água de tamarindo foi enfeitiçada por sua filha Candelária. Se você beber, vai ficar conosco para sempre.

Por um instante ele hesitou, depois caiu na gargalhada.

— Feitiçaria não é nada mais do que superstição. — Ele esvaziou o copo de uma só vez. — Este é o melhor refresco que já tomei — observou, enchendo outra vez o copo.

A leve tosse de sua filha o acordou de seus devaneios.

Correu na ponta dos pés até o quarto e, ansiosamente, curvou-se sobre a rede, presa por duas argolas cimentadas na parede, onde ela dormia. Um triste sorriso cortou seus lábios ao fitar o pequeno rosto, no qual eleja vinha tentando descobrir alguma semelhança. Não encontrara nenhuma. Mas, estranhamente, em alguns momentos a menina fazia-o lembrar de seu avô. Não era exatamente uma semelhança física, mas sim um modo, um certo gesto feito pela garota, que nunca parava de surpreendê-lo.

Ela tinha a mesma facilidade para lidar com os animais que o velho homem também tinha. Curava todos os macacos, vacas, cabras, cachorros e gatos da vizinhança. Ela, na verdade, persuadia os pássaros e borboletas a pousarem em seus braços esticados. O avô dele tinha o mesmo poder. Um santo, assim as pessoas o chamavam em uma pequena cidade na Calábria.

Se havia ou não alguma coisa santificada em Candelária, ele não tinha certeza. Uma tarde, ele encontrou Candelária de bruços no chão do jardim, com os braços dobrados embaixo do peito, conversando com um gato, que parecia doente, todo enrolado, poucos metros a frente dela. O animal parecia estar respondendo a ela, não com miados, mas com grunhidos que lembravam o riso de um homem velho.

No momento em que eles sentiram a presença dele, tanto Candelária

quanto o gato deram um pulo para o alto como se alguém os tivesse puxado. Aterrissaram na frente dele, com um sorriso fantasmagórico nos rostos. Ele ficou desnorteado durante um breve momento quando as feições deles pareciam estar superpostas uma na outra. Ele era incapaz de decidir que rosto pertencia a quem. Desde então, ele se pegou imaginando sobre o que Roraima sempre havia dito, que Candelária não era uma santa mas sim uma feiticeira.

Suavemente, preocupado em não acordá-la, Guido Miconi acariciou as bochechas dela e, depois, caminhou na ponta dos pés até o pequeno vestíbulo, iluminado pela luz de uma lamparina a querosene. Procurou por sua jaqueta, chapéu e sapatos deixados ali na noite anterior e terminou de se vestir. Ergueu a lamparina até o espelho e estudou sua imagem. Aos 46 anos, seu rosto magro, marcado pelo tempo, ainda carregava aquela energia indestrutível que o acompanhara por todos os anos de trabalho duro. Os cabelos, embora estivessem grisalhos, ainda eram fartos. Os iluminados olhos castanhos brilhavam debaixo das espessas sobrancelhas.

Cora cuidado, sem pisar no cachorro que sonhando gemia e retorcia suas patas, Guido saiu da casa. Encostou-se no muro e esperou até que seus olhos se acostumassem com a escuridão. Suspirando, viu os primeiros trabalhadores seguindo para o trabalho como fantasmas na solidão da noite.

Em vez de seguir para o lado sul da cidade, onde um caminhão apanhava os trabalhadores para o canteiro de obras da represa nas montanhas, Miconi foi para a praça, onde o ônibus para Caracas estava estacionado. A fraca luz dentro do ônibus borrava as formas dos poucos passageiros que cochilavam em suas poltronas. Ele foi para o fundo do ônibus e, enquanto colocava a pequena mala no bagageiro acima dele, viu uma sombra através do vidro sujo do ônibus. Preta e imensa, a sombra ficou estendida em frente das paredes brancas da igreja. Ele não soube o que o fez pensar em feitiçaria. Embora não fosse religioso, começou a rezar. A sombra se dissolveu em uma leve nuvem de fumaça.

As luzes fracas da praça devem ter pregado uma peça em seus olhos, pensou, e riu. Roraima e Candelária teriam explicado aquilo de uma forma diferente. Elas diriam que ele vira uma das entidades noturnas, que

vagavam pela noite. Seres que nunca deixavam rastro mas usavam misteriosos sinais para anunciar sua presença e seu desaparecimento.

A voz do cobrador interrompeu seus pensamentos. Miconi pagou sua passagem, perguntou qual era a melhor forma de chegar ao porto de La Guaira e, então, fechou os olhos.

Barulhento e balançando de um lado para o outro, o ônibus cruzou o vale e depois, vagorosamente, subiu a sinuosa estrada de terra. Miconi levantou-se e olhou para trás pela última vez. Os telhados de casas acolhedoras e a igreja branca com um campanário o fizeram ficar com os olhos cheios de lágrimas. Como ele adorava o som daquele sino. Agora, ele nunca o ouviria novamente.

Após descansar por um momento sob a pequena sombra de uma amendoeira florida na praça, Guido recomeçou sua caminhada por uma rua estreita, que terminava em um lance de degraus tortos cavados no morro. Escalou metade do caminho e, então, parou para vislumbrar o porto abaixo dele: La Guaira, uma cidade cravada entre a montanha e o mar, com casas cor-de-rosa, azuis e multicoloridas, as duas torres da igreja, e a velha casa da alfândega que vigiava o porto como um forte antigo.

As excursões diárias até este ponto remoto tornaram-se uma necessidade. Era o único lugar onde ele se sentia seguro e em paz. Às vezes, ele ficava ali durante horas olhando os grandes navios ancorando. Tentava adivinhar, pelas bandeiras ou pela cor da chaminé, a qual país o navio pertencia.

A visita semanal, na cidade, ao posto da alfândega era tão essencial para seu bem-estar quanto olhar os navios. Já fazia um mês desde que ele deixara Roraima e Candelária e continuava indeciso se deveria ir direto para a Itália ou se deveria fazer uma escala em Nova York. Ou, como o senhor Hylkema, um dos oficiais havia sugerido, ele talvez devesse conhecer o mundo primeiro, embarcando em uma das fragatas alemãs que navegavam para o Rio, Buenos Aires, atravessavam a África e, então, chegavam ao mar Mediterrâneo. Mesmo sem levar em conta estas atrativas possibilidades, ele não conseguia convencer-se a comprar a passagem de volta para a Itália.

Não conseguia entender o porquê. Ainda que, no fundo de sua alma,

ele soubesse.

Miconi subiu até o topo da escada e virou em um estreito caminho sinuoso, que levava até um grupo de palmeiras. Sentou-se no chão, suas costas encostadas em um tronco, e abanava-se com seu chapéu. O silêncio era absoluto. As folhas da palmeira pendiam inertes. Mesmo os pássaros pareciam voar com esforço, como folhas presas ao céu sem nuvens.

Ele ouviu uma breve risada ecoando naquele silêncio. Espantado, olhou em volta. O som estridente fazia-o lembrar da risada da filha. E, de repente, o rosto dela se materializou ante seus olhos. Uma imagem fugaz, abstrata, flutuando numa luz tênue; tão pálida que o rosto parecia estar envolvido por um halo.

Com movimentos rápidos e abruptos, como se estivesse tentando apagar a imagem, Guido Miconi abanou-se com o chapéu.

Talvez fosse verdade que Candelária tenha nascido uma feiticeira, refletiu. A criança poderia ser a causa da sua indecisão em partir?, ele perguntou a si mesmo. Seria ela a razão de suas tentativas frustradas em trazer à mente, por mais que ele tentasse, o rosto de sua mulher e filhos na Itália?

Guido Miconi levantou-se e perscrutou cuidadosamente o horizonte. Por um instante, ele pensou que estivesse sonhando ao ver um grande navio emergir, como uma imagem, diante do embaçado ar quente. A embarcação chegou perto, ancorando no porto. Apesar da distância, ele reconheceu, claramente, a chaminé verde, branca e vermelha.

— Um navio italiano! — exclamou, jogando o chapéu para o alto. Ele estava certo de que havia, finalmente, quebrado o feitiço da Venezuela e de Roraima e Candelária, criaturas supersticiosas que liam presságios no vôo dos pássaros, no movimento das sombras, na direção do vento. Riu felicíssimo. Como um milagre, o navio que atracava no porto era sua libertação.

Excitado, ele tropeçou várias vezes enquanto descia apressado a escada. Passou correndo pelas casas coloniais. Não teve tempo de parar e ouvir o murmúrio da água jorrando na fonte e o canto dos pássaros engaiolados que saía das janelas e portas abertas. Ele estava indo ao posto

da alfândega. Iria comprar a passagem de volta para casa neste mesmo dia.

Uma voz infantil chamando pelo seu nome inteiro o fez parar rapidamente. Acometido de um súbito mal-estar, fechou os olhos e se recostou em uma parede. Alguém pegou no seu braço. Ele abriu os olhos, mas tudo o que via eram luzes negras girando na sua frente. Mais uma vez, ouviu a voz de uma criança chamando-o.

Devagar, ele começou a melhorar do mal-estar. Os olhos ainda estavam um pouco embaçados quando olhou para o rosto assustado do senhor Hylkema, o alemão do posto da alfândega.

— Não sei como cheguei até aqui, mas quero falar com você — Guido Miconi gaguejou. — Lá das montanhas, acabei de ver um navio italiano atracando no porto. Quero comprar minha passagem para casa agora mesmo.

O senhor Hylkema balançou a cabeça incrédulo.

— Você tem certeza? — perguntou.

— Quero comprar minha passagem para casa — Miconi insistiu infantilmente. — Agora mesmo! — Sob os olhos do senhor Hylkema, ele completou, eloqüente, como se tudo aquilo fizesse sentido: — Finalmente quebrei a magia!

— Claro que você quebrou. — O senhor Hylkema desconversou, tranqüilizando-o e levando-o para a frente do guichê.

Olhando para cima, Guido Miconi observou o alto e desolado alemão mover-se para trás do balcão. Como sempre, o senhor Hylkema usava um terno branco de linho e sandálias pretas de pano. Uma mecha de cabelo grisalho, que crescia em um dos lados da cabeça, tinha sido cuidadosamente penteada e distribuída pela careca. O rosto estava sendo marcado pelo implacável sol tropical e, sem dúvida, pelo rum.

O senhor Hylkema apanhou um pesado livro-razão e colocou-o, sem fazer barulho, em cima do balcão. Puxou uma cadeira, sentou-se e começou a escrever.

— Alguns de nós são escolhidos para ficar aqui — falou, erguendo a caneta e apontando-a para Miconi. — E você, meu amigo, nunca vai voltar para a Itália.

Guido Miconi, sem saber ao certo o que pensar das palavras dele, torceu um pouco os lábios.

O senhor Hylkema caiu na gargalhada e mexeu-se fazendo um estrondoso barulho. Entretanto, quando ele falou, sua voz tinha uma curiosa docilidade.

— Estava apenas brincando. Eu próprio o levarei até o navio.

O senhor Hylkema acompanhou-o até o hotel e o ajudou a juntar as bugigangas dele. Depois de ter certeza de que iria ter uma cabina particular, como ele havia requisitado e pago, o alemão deixou-o com o comandante do navio.

Ainda tonto, Guido Miconi olhou em volta, imaginando por que não havia alguém no *deck* do navio italiano, ancorado no píer número nove. Ele apanhou uma cadeira que estava ao lado de uma mesa no *deck*, abriu-a e repousou a cabeça no encosto de madeira. Ele não estava louco. Estava no navio italiano, repetia para si mesmo, torcendo para dispersar a constatação de que não havia outra pessoa em volta. Depois de descansar por um momento, andou até outro *deck* e confirmou para si próprio que a tripulação e os outros passageiros estavam em algum lugar do navio. Este pensamento restaurou sua confiança.

Guido Miconi levantou da cadeira e, debruçando-se sobre o corrimão, olhou para o píer abaixo. Viu o senhor Hylkema acenando, olhando para ele.

— Miconi! — o alemão gritou. — O navio está levantando âncora. Você tem certeza de que quer ir embora?

Guido Miconi sentiu um suor frio. Um temor irracional invadiu-o. Ficou com saudades de sua vida tranqüila e sua família.

— Não quero ir — gritou de volta.

— Você não vai ter tempo de apanhar a bagagem. A prancha de desembarque já foi erguida. Você tem que pular agora. Você tem que cair na água. Se você não pular agora, não o fará nunca mais.

Guido Miconi vacilou por um segundo. Na sua mala estavam as jóias que ele juntara ao longo dos anos, trabalhando quase como um escravo. Por que tudo isto deveria ser perdido? Decidiu que ainda tinha força suficiente para recomeçar e pulou por sobre a mureta.

Tudo se misturou. Ele se preparou para o impacto com a água. Não estava preocupado, era um bom nadador. Mas o impacto nunca chegou. Ele ouviu a voz do senhor Hylkema falando alto:

— Acho que esse homem desmaiou. O ônibus não pode partir antes que o tiremos daqui. Alguém pegue a mala dele.

Guido Miconi abriu seus olhos. Viu uma sombra negra contra a parede branca da igreja. Não sabia o que o havia feito pensar em feitiçaria. Sentiu como se estivesse sendo levantado e carregado. E, logo, ele teve uma constatação devastadora.

— Nunca deixei. Nunca deixei. Foi tudo um sonho — ficou repetindo. Pensou nas jóias na mala. Tinha certeza de que qualquer um que a pegasse iria roubá-la. Mas as jóias não mais lhe importavam, já as perdera no navio.

Capítulo 10

Mercedes Peralta me acompanhou na minha última visita à casa de Guido Miconi. Quando já estávamos prontas para voltar para a cidade no fim do dia, Roraima pegou na minha mão e guiou-me por um caminho por entre o canavial, uma trilha estreita que desembocava em uma clareira delimitada por lírios, cujas flores, retas e brancas, faziam-me pensar em uma fileira de velas num altar.

— Você gosta? — Roraima perguntou, apontando para um canteiro de sementes coberto com uma estrutura de galhos finos e secos que eram sustentados, nos cantos, por varas finas bifurcadas.

— Parece um caminho de boneca, repleto de plantas! — exclamei, examinando o chão coberto de frágeis brotos de cenoura, pequenas folhas de alface e um ramo enrolado de salsa.

Sorrindo com prazer, Roraima andou para cima e para baixo, pelas ordenadas carreiras aradas no campo adjacente. Pedacos de folhas secas e pequenos gravetos grudavam em sua longa saia. Todas as vezes que ela apontava para um local onde havia plantado um pé de alface, um de couve-flor ou rabanete, virava para mim, a boca arqueava em um leve e etéreo sorriso, os olhos agudos brilhavam entre as pálpebras semicerradas pelo sol já fraco do final da tarde.

— Sei que tudo que tenho foi conquistado pela intervenção de uma feiticeira — exclamou repentinamente. — A única coisa boa nisso tudo é que eu sei a respeito.

Antes que tivesse chance de entender o que havia dito, ela me abrigou em seus braços abertos em um expansivo gesto de afeição.

— Espero que você nunca se esqueça de nós, disse e me levou até o jipe.

Mercedes Peralta, sentada no banco da frente e com a cabeça recostada, parecia dormir.

Debruçado em uma das janelas do andar de cima estava Guido

Miconi. Ele acenava em despedida, com um gesto que mais parecia um até breve do que um adeus.

Um pouco antes de chegarmos a Curmina, Mercedes Peralta acordou. Bocejou alto e, depois, olhou distraidamente para fora da janela.

— Você sabe o que realmente aconteceu com Guido Miconi? — perguntou.

— Não — falei. — Tudo o que sei é que tanto ele quanto Roraima chamam o que aconteceu de intervenção de uma feiticeira.

Dona Mercedes sorriu.

— Certamente foi uma intervenção de feiticeira — falou. — Candelária já disse a você que, quando feiticeiras intervêm, elas fazem isto com suas sombras. Candelária fez uma ligação, uma junção com seu pai. Ela o fez viver um sonho. Por ser uma feiticeira, ela moveu a roda da oportunidade.

"Victor Julio também fez uma ligação e moveu a roda da oportunidade, mas como Victor Julio não era um feiticeiro o sonho de Octavio Cantú, embora seja tão real quanto irreal como o de Miconi, é mais longo e doloroso."

— Como Candelária interveio?

— Algumas crianças — dona Mercedes explicou — têm a força para desejar alguma coisa com muita paixão por um longo período de tempo. — Ela recostou-se no banco e fechou os olhos.

— Candelária era uma criança assim. Ela nasceu deste jeito. Ela desejou que seu pai ficasse e desejou isto sem um pinga de dúvida. Dedicção, determinação, é isto que uma feiticeira chama de sombra. Foi uma sombra que não deixou Miconi ir embora.

Dirigi o resto do caminho em silêncio. Queria digerir as palavras dela. Antes de entrarmos em casa, fiz uma última pergunta.

— Como Miconi teve um sonho tão real?

— Miconi nunca quis ir embora realmente — dona Mercedes retrucou. — Dessa forma ele ofereceu uma abertura para que Candelária concretizasse seu desejo. Os detalhes do sonho? Bem, esta parte não teve nada a ver com a intervenção de uma feiticeira. Foi a imaginação de Miconi.

Parte Três

Capítulo 11

Levantei ao sentir alguma coisa se esfregando na minha bochecha. Devagar, ergui meus olhos na direção do teto, procurando por uma gigantesca mariposa. Desde que vira aquela com o tamanho de um pássaro, na sala de cura, ficara obcecada com isto. De madrugada, a mariposa aparecia nos meus sonhos se transformando em dona Mercedes Peralta. Quando disse a ela que, de alguma forma, acreditava no meu sonho, ela riu, dizendo que isso era obra da minha imaginação.

Voltei a recostar a cabeça no meu travesseiro duro. Estava começando a cair no sono, quando ouvi o inconfundível andar de dona Mercedes passando pela minha porta. Levantei, vesti-me e andei na ponta dos pés, corredor abaixo. Uma leve risada ecoava de sua sala de trabalho. A luz âmbar do candelabro passava através da cortina abaixada com negligência. Dominada pela curiosidade, olhei para dentro. Dona Mercedes e um homem, cujo rosto estava escondido por um chapéu, estavam sentados à mesa.

— Não quer se juntar a nós? — dona Mercedes chamou. — Estava justamente dizendo ao nosso amigo aqui que você não demoraria muito para vir me ver.

— Leon Chirino! — exclamei quando ele se virou e puxou a aba do chapéu como uma forma de cumprimento. Ele havia sido apresentado a mim, durante a malsucedida sessão espírita de que participei, como o homem responsável pela organização dos encontros espirituais. Apesar da face escura e das poucas rugas, ele devia ter cerca de 70 anos, talvez chegasse aos 80. Tinha grandes olhos pretos e escassos dentes brancos, que deveriam estar amarelados pelo fumo do charuto. A barba branca estava por fazer, embora os cabelos brancos e crespos estivessem imaculadamente

penteados. Parecia que havia dormido com o terno escuro, amassado e largo que usava.

— Ele vem trabalhando como um louco — dona Mercedes falou como se estivesse lendo os meus pensamentos.

Embora não tivesse sido convidada novamente para uma sessão, Mercedes Peralta encorajou-me a visitar Leon Chirino, no mínimo uma vez por semana. Às vezes, ela me acompanhava, em outras eu ia sozinha. Ainda que seus conhecimentos a respeito de várias tradições xamanistas praticadas na Venezuela fossem impressionantes, ele era carpinteiro por opção. Estava interessado na minha pesquisa e ficava horas examinando detalhadamente as minhas anotações, traçando uma linhagem de bruxos que o precederam, nas raízes africana e indígena de sua origem. Ele conhecia a história de todos os espiritualistas, feiticeiros e curandeiros venezuelanos dos séculos XVIII e XIX. Falava a respeito deles com tanta familiaridade que parecia conhecê-los pessoalmente.

A voz de Mercedes Peralta invadiu meus pensamentos.

— Gostaria de ir conosco cumprir uma promessa? — perguntou.

Desconcertada com a pergunta, olhei para um depois para o outro. Os rostos não revelavam nada.

— Estamos saindo agora — falou. — Temos uma longa noite e um longo dia a nossa frente. — Ela se levantou e pegou no meu braço. — Tenho que prepará-la para esta viagem.

Ela não gastou muito tempo me arrumando. Prendeu meu cabelo com um apertado gorro de marinheiro tricotado e escureceu meu rosto com pasta vegetal preta. E me fez jurar que não iria falar com quem quer que fosse ou fazer perguntas.

Ignorando a sugestão de pegar meu jipe, Mercedes Peralta arriou-se no banco de trás do velho carro de Leon Chirino. Com o pára-lama amassado e a lataria batida, o carro parecia ter sido retirado de um ferro-velho.

Antes que tivesse chance de perguntar sobre nosso destino, ela ordenou que eu segurasse e cuidasse da bolsa dela, que estava abarrotada de plantas medicinais, velas e charutos. Suspirando alto, ela fez o sinal-da-

cruz e começou a dormir de imediato.

Não ousei perturbar Leon Chirino com conversas, parecia precisar de toda a concentração para manter o carro andando. Os faróis pouco iluminavam a área que estava a nossa frente. Nas ligeiras inclinações à frente, ele agarrava tensamente o volante como se isto fosse nos ajudar a ultrapassar as montanhas escuras. Quando o carro falhava nas subidas, ele falava suavemente com o carro, impelindo-o a seguir. Na descida, deixava o carro seguir fazendo as curvas na mais completa escuridão e, naquela velocidade, temi por nossas vidas. Nuvens de poeira entravam pelas janelas sem vidro e pelas frestas no papelão que encobria os buracos no chão do carro.

Sorrindo triunfantemente, ele finalmente guiou o carro até uma clareira. Desligou as luzes. Dona Mercedes se mexeu no banco de trás.

— Chegamos — Leon Chirino disse suavemente.

Silenciosamente, saímos do carro. Era uma noite escura e nublada. Nenhuma estrela brilhava no céu. Tudo o que havia na nossa frente era uma sombra negra. Fui tropeçando desajeitadamente atrás de dona Mercedes, que parecia não ter nenhum problema em enxergar na escuridão.

Leon Chirino pegou-me pelo braço e me guiou. Ouvi risos abafados por toda a volta. Parecia que outras pessoas estavam ali, mas eu não conseguia ver ninguém.

Finalmente, alguém acendeu uma lamparina a querosene. Iluminados pela luz suave e tremulante, fui capaz de vislumbrar a silhueta de quatro homens e de dona Mercedes agachados, formando um círculo. Leon Chirino me deixou há alguns metros do grupo. Sentia-me totalmente incapacitada. Ele me ajudou a sentar e me fez encostar em algo que parecia uma rocha protuberante, saindo do chão. Deu-me a lanterna e me instruiu para que a segurasse e iluminasse o lugar que ele havia indicado. Depois, entregou-me dois cantis; o maior estava cheio de água, o menor, de rum. Deveria passar os cantis aos homens todas as vezes que eles pedissem.

Silenciosamente e sem muito esforço, dois homens começaram a cavar na terra fofa com duas longas pás. Eles depositavam a areia em um pequeno monte perto do buraco. Pelo menos meia hora se passara até que

eles parassem e pedissem pelo cantil com rum. Enquanto eles bebiam e descansavam, Leon e o outro homem começaram a cavar.

Em turnos, os homens trabalhavam, bebiam — tanto o rum quanto a água — e descansavam. Em uma hora eles tinham cavado um buraco, grande o suficiente para que uma pessoa desaparecesse nele. No momento em que um dos homens bateu com a pá em alguma coisa dura, eles pararam de trabalhar. Leon Chirino me pediu para iluminar o buraco, mas não olhar o que havia lá dentro.

— Aí está — disse um dos homens. — Agora, podemos cavar em volta. Ele e o companheiro acompanharam os outros para dentro do buraco.

Estava morta de curiosidade mas não ousava quebrar minha promessa. Desejei, ao menos, poder falar com dona Mercedes, sentada perto de mim, que imóvel parecia estar num transe profundo.

Os homens trabalharam fervorosamente no buraco. Pelo menos meia hora se havia passado até ouvir a voz de Leon Chirino avisando dona Mercedes de que eles estavam prontos para abrir.

— *Musiúa*, acenda o charuto que está na minha bolsa e traga-o até mim — ordenou. — E traga minha bolsa também.

Acendi o charuto e, quando me levantei para entregá-lo a ela, Leon sussurrou do fundo do buraco:

— Abaixе, *musiúa*! Abaixе.

Parei e entreguei o charuto e a bolsa à dona Mercedes.

— Não olhe para dentro do buraco por nada neste mundo! — ela murmurou no meu ouvido.

Voltei para o lugar onde estava sentada, brigando com um desejo quase invencível de iluminar o buraco. Sabia com absoluta certeza que eles estavam desenterrando um baú repleto de moedas de ouro. Podia ouvir o som opaco das pás batendo contra algo que parecia ser um objeto grande e pesado.

Fascinada, observei dona Mercedes Peralta retirar da frásqueira uma vela negra e um jarro com pó preto. Obedecendo ao comando de alguma voz, um a um, a partir da direita de dona Mercedes, os homens ergueram a cabeça para fora do buraco. Cada vez que aparecia uma cabeça, ela colocava

um pouco do pó preto nas mãos em concha e, então, esfregava cada cabeça como se fosse uma bola. Assim que terminou com as cabeças, ela espalhou o pó nas mãos dos homens.

Minha curiosidade atingiu o ápice quando ouvi o rangido de uma tampa sendo aberta.

— Conseguimos — Leon Chirino falou, colocando a cabeça para fora do buraco.

Dona Mercedes entregou a ele o jarro com o pó preto e um outro com pó branco e, então, apagou a vela negra.

Mais uma vez, estávamos sendo engolidos pela escuridão. A lamúria e o barulhão que os homens faziam ao sair do buraco apenas acentuavam o silêncio anormal. Cheguei perto de dona Mercedes mas ela me empurrou para longe.

— Está feito — Leon Chirino murmurou com a voz fraca. Dona Mercedes acendeu a vela negra. Mal podia distinguir

as formas dos três homens carregando uma larga trouxa. Colocaram-na atrás do monte de areia. Estava observando-os tão intensamente que quase caí na cova ao ouvir a voz de dona Mercedes dizendo a Leon Chirino, que ainda estava dentro do buraco, para firmar os pregos rapidamente e sair de dentro dali.

Leon Chirino emergiu logo depois e, então, dona Mercedes massageou as mãos e o rosto dele, enquanto os outros homens apanhavam as pás e começavam a tampar o buraco. Assim que eles terminaram, dona Mercedes acendeu uma vela no centro do buraco recém-tampado. Leon Chirino jogou a última pá de areia sobre ela, apagando a chama.

Alguém reacendeu a lamparina a querosene e, imediatamente, os homens recomeçaram a trabalhar. Arrumaram tão bem o chão que ninguém poderia dizer que ali tinha sido cavado um buraco. Observei-os por um momento, mas perdi o interesse. Minha curiosidade estava voltada para a agora visível trouxa feita de lona.

— Ninguém saberá — um dos homens falou e riu suavemente. — Agora vamos embora daqui. Logo amanhecerá.

Andamos em volta da trouxa. Guiei-me pela luz. A minha curiosidade

em descobrir o que era aquilo fez-me tropeçar sobre o embrulho. A lona se abriu um pouco, revelando o pé de uma mulher, calçando um sapato preto.

Incapaz de me controlar, puxei a lona e iluminei a trouxa aberta. Era o corpo de uma mulher. Meu medo e revolta eram tão intensos que não consegui sequer gritar como queria e pretendia. Tudo o que consegui foi me abaixar um pouco e, depois, tudo ficou preto.

Voltei a mim, deitada no colo de dona Mercedes, no banco traseiro do carro de Leon Chirino. Pressionado firmemente contra meu nariz, havia um guardanapo embebido numa mistura de amônia e água de rosa. Era o remédio favorito de dona Mercedes. Ela costumava chamá-lo de injeção espiritual.

— Sempre soube que você era uma covarde — comentou e começou a massagear minha têmpora.

Leon Chirino virou-se.

— Você é muito ousada, *musiúa* — disse. — Mas você ainda não tem força suficiente. Você conseguirá. Um dia, terá.

Não estava com humor para comentários. Meu pavor tinha sido grande demais para confortar-me. Acusei-os de maldade por não avisarem o que pretendiam fazer.

Dona Mercedes falou que tudo o que eles fizeram foi premeditado e que minha total ignorância dos fatos fazia parte daquilo.

Dei a eles uma série de advertências contra exumar um cadáver. O problema era minha enorme curiosidade em descobrir o que estava envolto pela lona.

— Disse que nós íamos cumprir uma promessa — dona Mercedes falou para mim. — Fizemos a primeira parte. Desenterramos o corpo, agora temos que enterrá-lo novamente. — Ela fechou os olhos e caiu no sono.

Mudei-me para o banco da frente.

Cantarolando baixinho, Leon Chirino entrou em uma estrada de terra que levava até o litoral.

Estava quase amanhecendo quando chegamos a uma plantação de coco abandonada. Estimulada talvez pelo cheiro da brisa marítima, Mercedes Peralta acordou. Bocejou alto e, depois, sentou-se. Inclinação para

fora da janela, ela parecia respirar no mesmo ritmo do som das ondas distantes.

— Esse é um bom lugar para estacionar — Leon Chirino concluiu, parando embaixo da palmeira mais robusta e alta que jamais havia visto. As folhas prateadas e pesadas pareciam varrer as nuvens do céu.

— A casa de Lorenzo Paz não é longe daqui — Leon Chirino desceu, ajudando dona Mercedes a sair do carro. — A caminhada nos fará bem. Sorrindo, ele me entregou a bolsa dela para que eu carregasse.

Viramos na direção contrária do mar e seguimos um caminho bastante utilizado, que cortava uma espessa plantação de bambu que margeava um córrego. Estava frio e escuro no meio da plantação e o ar estava impregnado da transparência verde das folhas. Leon Chirino caminhava na nossa frente, o chapéu de palha abaixo das orelhas para que o vento não o carregasse.

Nós o acompanhamos por uma pequena e estreita ponte. Recostados em balaustradas rústicas feitas de estacas recém-cortadas, descansamos por um momento e observamos um grupo de mulheres lavando roupas, esfregando-as nas pedras da beira do riacho. Uma camisa escorregou da mão de alguém e uma jovem garota mergulhou na água para apanhá-la. O vestido fino inflou como um balão e depois se moldou em volta dos seios, barriga e nas gentis curvas do quadril.

A estrada reta do outro lado da ponte levava até um pequeno vilarejo, que nós não queríamos alcançar. Em vez disso, viramos numa estrada lateral, ao longo de uma negligenciada plantação de milho. Espigas endurecidas e descascadas pendiam esquecidas nos caules esbranquiçados. Farfalhavam como jornal amassado na brisa suave. Fomos até uma pequena casa; as paredes haviam sido pintadas recentemente e o telhado tinha sido parcialmente refeito. Bananeiras, com as copas quase transparentes na luz do sol, erguiam-se nos dois lados da porta da frente, como se fossem guardiãs.

A porta estava entreaberta. Sem bater ou chamar, entramos. Um grupo de homens, sentados no chão de pedra com as cabeças encostadas na parede, ergueu as garrafas com rum como uma forma de saudação e

continuou a conversar em vozes baixas e calmas. Raios de sol, empoeirados, irradiavam por uma janela estreita, adicionando ao fétido ambiente calor e uma intensificação no odor pungente de querosene e creolina. No canto mais distante, apoiado em dois caixotes, havia um caixão aberto.

Um dos homens levantou-se e, segurando gentilmente meu cotovelo, levou-me até o caixão. O homem era pequeno mas muito forte. O cabelo branco e o rosto enrugado indicavam que ele era velho, ainda que houvesse alguma coisa muito jovial no engraçado ângulo de suas bochechas, além de uma expressão travessa nos olhos castanhos.

— Dê uma olhada nela — sussurrou, curvando-se sobre o corpo da morta estendido no caixão rude e sem cor. — Veja como ela ainda é bela.

Abafei um grito. Era a mesma mulher que havia sido desenterrada na noite passada. Cheguei mais perto e examinei-a atentamente. Apesar do tom cinza-esverdeado da pele, que mesmo sob a maquiagem pesada não pode ser disfarçado, havia alguma coisa viva dentro dela. Ela parecia estar rindo da própria morte.

No nariz, finamente esculpido, repousava um par de óculos de metal sem as lentes. Os lábios brilhantes, pintados de vermelho, estavam um pouco separados, revelando os fortes dentes brancos. Um robe vermelho contrastava com a alvura do resto do seu corpo. A esquerda do corpo havia algumas coisas, à direita, uma máscara do demônio em madeira vermelha e preta com dois ameaçadores chifres de carneiros.

— Ela era muito bonita e muito, muito querida — o homem falou, esticando uma dobra no robe.

— É inacreditável como ela ainda está bonita — concordei com ele. Com medo de que ele parasse de falar, segurei minhas perguntas.

Enquanto continuava a desamassar o robe vermelho, ele me deu detalhes sobre como ele e seus amigos a haviam desenterrado do seu túmulo era um cemitério perto de Curmina e como a haviam trazido até a casa dele.

De repente, ele olhou para cima e percebeu que eu era uma estranha e observou-me com uma indisfarçável curiosidade.

— Oh, querida! Que tipo de anfitrião eu sou? — exclamou. — Estou aqui falando e falando e nem lhe ofereci algo para beber ou comer. — Ele

envolveu meu braço com o seu. — Sou Lorenzo Paz — apresentou-se.

Antes que tivesse chance de dizer que não poderia engolir nada, ele me conduziu até uma porta estreita que levava à cozinha.

Mercedes Peralta, parada perto do fogão a querosene colocado no alto de uma pedra com a forma de um coração pela metade, estava mexendo um preparado feito com as ervas medicinais que tinha trazido com ela.

— É melhor enterrá-la logo, Lorenzo — falou. — Está muito quente para mantê-la aqui em cima por muito tempo.

— Ela ficará bem — o homem assegurou. — Estou certo de que o marido pagou pelo melhor serviço de embalsamento de Curmina. E, para assegurar-me de que não haveria problemas, borrifei o caixão com cal e estendi farrapos de roupa, embebidos em querosene e creolina, em volta do corpo dela. — Olhou suplicante para a curandeira. — Tenho certeza de que os espíritos nos seguiram até aqui.

Concordando com a cabeça, dona Mercedes continuou a mexer seu preparado.

Lorenzo Paz encheu até a metade duas canecas esmaltadas de rum. Ofereceu-me uma e a outra a dona Mercedes.

— Iremos enterrá-la assim que a noite cair — prometeu e voltou para a sala.

— Quem era a mulher que nós desenterramos ontem à noite? — perguntei a dona Mercedes e, então, sentei-me em um fardo de folhas secas de palmeira, encostado na parede.

— Para alguém que passou a maior parte do tempo estudando pessoas, você não é muito observadora — comentou, rindo suavemente. — Falei sobre ela algum tempo atrás. Ela era a mulher do farmacêutico.

— A sueca? — perguntei horrorizada. — Mas por quê...? — O resto das minhas palavras foram abafados pela risada de um homem no outro aposento.

— Acho que eles acabaram de descobrir que era você que estava segurando a lamparina na noite passada — dona Mercedes falou e foi para a sala rir junto com eles.

Desacostumada a beber licores, senti um ligeiro estado de moleza,

não muito longe do sono. As vozes dos homens, as risadas e, minutos depois, marteladas ritmadas me alcançavam como se estivessem vindo de muito longe.

Capítulo 12

No final da tarde, depois que os homens tinham ido para o cemitério com o caixão, eu e dona Mercedes fomos até a vila.

— Queria saber onde estão todas as pessoas? — perguntei. Exceto por uma jovem em pé na frente de uma porta com um bebê nu agarrando uma de suas pernas e por poucos cachorros deitados na sombra das casas, o lugar estava deserto.

No cemitério, dona Mercedes falou, levando-me até a igreja do outro lado da praça:

— Hoje é dia de Finados. As pessoas estão limpando os túmulos, cheios de ervas daninhas, de seus parentes mortos e rezando por eles.

Estava frio e escuro dentro da igreja. Os últimos raios de sol que penetravam pelos vitrais coloridos iluminavam as estátuas de santos, bem distribuídas por toda a parede. Um crucifixo em tamanho natural dominava o altar. À direita do crucifixo, havia uma estátua da alegre Virgem de Coromoto envolta por uma manta de veludo azul, bordada com estrelas. À esquerda, estava uma imagem estrábica de São João, com o chapéu de aba estreita colocado de uma maneira pouco usual e a manta de flanela vermelha, rasgada e empoeirada, jogada casualmente nos ombros.

Dona Mercedes apagou a chama de sete velas que estavam acesas no altar, colocou-as em sua bolsa, e acendeu outras sete velas novas. Fechou os olhos, dobrou as mãos e recitou uma longa oração.

O sol era apenas um fraco clarão por trás das montanhas quando saímos da igreja. As nuvens laranjas e avermelhadas, que corriam no céu em direção ao mar, davam ao final da tarde um pôr-do-sol dourado. Ao chegarmos ao cemitério já estava escuro.

Toda vila parecia ter vindo se comungar com seus mortos. Homens e mulheres, rezando baixinho, estavam agachados ao lado dos túmulos iluminados por velas.

Andamos em volta do pequeno muro que cercava o cemitério até um

ponto afastado onde Lorenzo Paz e seus amigos estavam descansando. Eles já tinham baixado o caixão e coberto com terra. Os rostos, transformados em máscaras pela luz das velas, poderiam ser as formas fantasmagóricas da morte abaixo de nós. Assim que eles viram Mercedes Peralta, começaram a fincar firmemente uma cruz no solo, na parte de cima do túmulo. Depois, os homens desapareceram, silenciosa e rapidamente, como se tivessem sido engolidos pela escuridão.

— Agora, temos que atrair o espírito de Birgit Briceño até aqui — dona Mercedes falou, retirando as sete velas que tinha pegado no altar da igreja e o mesmo número de charutos de sua bolsa. Enfiou as velas na terra fofa em cima do túmulo. Assim que terminou de acendê-las, colocou um charuto na boca. — Observe atentamente — murmurou, segurando o resto dos charutos. — No momento em que terminar este charuto, você deve entregar-me o próximo, já aceso.

Dando tragadas profundas, ela assoprou fumaça na direção dos quatro pontos cardinais. Curvou-se sobre o túmulo e fumou ininterruptamente, recitando um encantamento num tom baixo e grave.

A fumaça do tabaco não parecia sair mais de sua boca, mas diretamente do chão. Como uma fina bruma, ela crescia à nossa volta, envolvendo-nos como uma nuvem. Fascinada, apenas me sentei e entreguei para ela charuto após charuto, ouvindo o melodioso, mas incompreensível cântico.

Cheguei mais perto quando ela começou a movimentar o braço esquerdo acima do túmulo. Pensei que ela estivesse balançando um chocalho, mas não consegui ver nada em sua mão. Só conseguia ouvir o som estrondoso de grãos ou, talvez, pequenos cristais movimentando-se rapidamente em suas mãos. Pequenas faíscas, como vaga-lumes, escapavam pelas fendas entre os dedos. Ela começou a assobiar uma melodia estranha que logo se tornou indistinguível por causa do som estridente.

De dentro da nuvem de fumaça, emergiu uma figura alta, barbuda, usando um robe longo e um barrete frígio. Tapei a boca com a mão para abafar minha risada. Achei que estivesse sob a influência do rum que tinha tomado mais cedo ou, então, que os homens que carregaram o caixão

estivessem fazendo uma espécie de brincadeira, parte da celebração do dia de finados.

Totalmente absorta, observei a figura se mover para fora do círculo de fumaça em direção da parede que cercava o cemitério. A visão permaneceu lá, com um melancólico sorriso no rosto. Ouvi uma risada baixa, tão baixa, tão fantasmagórica, que deveria fazer parte do cântico de dona Mercedes.

A voz dela ficou mais alta. O som parecia sair dos quatro cantos do túmulo, cada lado repetia as palavras como se fosse um eco. A fumaça dispersou-se, em direção das palmeiras, desaparecendo pela noite. Por um longo tempo, dona Mercedes permaneceu debruçada sobre o túmulo e, murmurando baixinho, mal dava para visualizar seu rosto sob a luz das velas quase apagadas.

Ela se virou para mim, traços de um sorriso nos lábios.

— Atraí Birgit Briceño até aqui mas não até o túmulo dela — falou. Segurando meu braço, levantou-se.

Queria perguntar a respeito da estranha visão, mas algo na expressão vazia de seus olhos me compeliram a ficar calada.

Lorenzo Paz, encostado em uma enorme pedra, esperava por nós fora do cemitério. Sem dizer uma palavra, levantou-se e nos seguiu pelo caminho estreito que ia até a praia. Uma lua crescente brilhava intensamente sobre as madeiras espalhadas pela larga faixa branca de areia.

Dona Mercedes ordenou que eu esperasse no tronco caído de uma árvore. Ela e Lorenzo caminharam à beira do mar. Ele tirou as roupas, começou a andar na água, desaparecendo na espuma fluorescente das ondas encobertas por uma sombra prateada.

Caminhou por algum tempo até que uma onda, reluzindo à luz do luar, o trouxe de volta para a areia.

Mercedes Peralta retirou um jarro de sua bolsa e derrubou o seu conteúdo sobre Lorenzo, que estava deitado na areia. Ajoelhada a seu lado, ele repousou suas mãos sobre a cabeça dele e sussurrou um encantamento. Gentilmente, ele o massageou, os dedos quase não tocavam no corpo, até que um ligeiro halo apareceu em volta dele. Rapidamente, ela o empurrou de um lado para o outro; as mãos descreviam, no ar, estranhos movimentos

circulares como se ele estivesse capturando sombras e cobrindo-o com eles.

Alguns minutos depois, ela veio até o lugar onde eu estava sentada.

— O espírito de Birgit Briceño o está envolvendo como se fosse uma segunda pele — ela falou, sentando-se ao meu lado no tronco.

Pouco depois, Lorenzo Paz, a esta altura totalmente vestido, andou até nós. Dona Mercedes, com um movimento do queixo, indicou que ele se sentasse na areia em frente a ela. Franzindo os lábios, ela fazia sons de beijos e os rápidos suspiros transformaram-se em abafados resmungos em sua garganta enquanto ela recitava uma longa oração.

— Levará muito tempo até que o fantasma de Birgit Briceño seja esquecido — ela falou. — A morte continua depois que o corpo está enterrado. O morto perde suas memórias lentamente.

Virou-se para mim e ordenou que eu me sentasse na areia ao lado de Lorenzo Paz. As roupas cheiravam a vela e água de rosas.

— Lorenzo — dona Mercedes dirigiu-se a ele —, gostaria que contasse à *musiúa* como você enfeitiçou Birgit Briceño.

Ele respondeu com um ar enigmático, depois virou o rosto para o mar; a cabeça tremia ligeiramente, como se ele estivesse ouvindo mensagens secretas das ondas.

— Por que ela iria querer ouvir histórias sem sentido sobre pessoas velhas? — perguntou a ela sem olhar para mim. — A *musiúa* tem suas próprias histórias. Tenho certeza disso.

— Vamos dizer que eu pedi para você contar a ela — dona Mercedes falou. — Ela está examinando as diferentes formas como uma feiticeira pode movimentar a roda da oportunidade através dos sentimentos humanos. No seu caso, um objeto girou a roda para você, Lorenzo.

— A roda da oportunidade! — disse melancólico. — Lembro como se tudo tivesse acontecido ontem. — Parecendo confuso, cutucou uma pedrinha com a ponta do sapato, chutando-a para longe.

De sua cadeira de balanço, atrás do balcão de um bar fedorento, Lorenzo observava um grupo de homens debruçados sobre a mesa de bilhar. Desviou o olhar para o antigo relógio de lareira em cima da prateleira, marcando as horas embaixo de um sino de vidro. Estava quase

amanhecendo. Já ia levantar-se, alertando os homens sobre o horário, quando ouviu o inconfundível som dos passos de Petra na parte de trás da casa. Prontamente, sentou-se de novo. Um fraco sorriso atravessou devagar seu rosto. Deixaria a tia cuidar dos homens. Ninguém na cidade escapava de suas advertências; eles ouviam sem se importar o quanto terríveis e ultrajantes fossem.

— Essas malditas tacadas não deixam nenhuma alma dormir — lamentou-se com a voz rouca enquanto parava na sala. — Não têm mulheres esperando por vocês? Não têm trabalho para ir de manhã como qualquer cristão? — Ela não deu tempo para que os homens se recuperassem da surpresa, pois continuou a falar da mesma maneira indignada. — Sei qual é o problema com vocês.

Ainda estão arrependidos de ter comprado aquelas árvores-de-Natal pagas para suas casas e de ter permitido que seus filhos atuassem em uma peça de Natal. — Cruzou a sala e fitou um dos homens. — Você é o prefeito — disse. — Como permitiu coisas deste tipo. Vocês todos se tornaram protestantes?

— Que Deus te perdoe, Petra — o prefeito falou, fazendo o sinal-da-cruz. — Não faça tempestade em copo d'água. Qual é o problema com a árvore e com a peça? Crianças gostam disso.

Resmungou alguma coisa ininteligível, ela se virou para ir embora e, então, parou subitamente.

— Que vergonha, don Serapio! Ele é mais forasteiro que os verdadeiros forasteiros. E uma vergonha a mulher dele, uma forasteira de verdade. Agradeça-os pelo fato de a maior parte das crianças da cidade não receber presentes dos três Reis Magos, no dia 6 de janeiro, como todo bom cristão deveria. — Ela apanhou um maço de cigarros no balcão. — Agora, eles recebem no dia de Natal — continuou — de algum amigo chamado Papai Noel. É uma desgraça!

Encostada na porta, ela fitou o prefeito ameaçadoramente, ciente de que todos os cigarros caíam da sua boca para o chão. Ela apanhou a garrafa de rum pela metade perto da mesa de bilhar e deixou a sala, resmungando para si mesma.

Lorenzo, sorrindo atrás do balcão, lembrou claramente o dia em que um caminhoneiro chegou à cidade com uma carga de árvores singular. Don Serapio, o farmacêutico, chamara-as de árvores-de-Natal. Ele as encomendara em Caracas, junto com os enfeites e com os discos de músicas natalinas européias.

Para não ficarem para trás, os amigos de don Serapio logo seguiram seu exemplo e pagaram uma fortuna pelas frágeis árvores, que, então, poderiam ser exibidas com destaque nas salas de estar.

Para grande desgosto dos parentes anciãos que viviam nas casas, as árvores eram colocadas perto, ou mesmo no lugar dos tradicionais enfeites nativos.

Com as largas janelas abertas, qualquer transeunte poderia ouvir canções desconhecidas como *Noite Feliz* e *Ó Tannenbaum*, e ver as mulheres decorando os galhos pontiagudos com bolas de vidro, guirlandas, lantejoulas douradas e prateadas e algodão branco, que imitavam a neve.

O barulho da cortina de contas o acordou de suas lembranças. Ele acenou para os homens que deixavam o bar, depois colocou as garrafas de volta nas prateleiras. Seu olhar foi atraído por uma máscara socada atrás de estátuas baratas de virgens, santos e de Jesus Cristo. As imagens haviam sido dadas a ele há mais de três anos por um freguês pobre que não tinha dinheiro para pagar os drinques. Ele retirou a máscara. Era a imagem de um demônio com imensos chifres de carneiro. Um homem de Caracas a havia deixado ali, também como forma de pagamento pelas garrafas de rum que consumira.

Ao ouvir Petra mexendo nos potes e panelas na cozinha, ele recolocou a máscara na prateleira. Em vez de fechar o bar, colocou sua cadeira de balanço na calçada. Os grandes bancos de madeira antiga da praça estavam apenas delineados pela pálida luz do amanhecer.

Descansado, ele balançava a cadeira para frente e para trás. Pelos olhos quase fechados, viu os velhos homens que nunca dormiam antes de amanhecer. Sentavam-se na porta de casa, conversando, relembando todos os detalhes do passado com uma incrível vivacidade.

Uma melodia rasgou o silêncio. Do outro lado da rua, Birgit Briceño,

a mulher do farmacêutico, de sua janela, olhava firmemente para Lorenzo com o rosto repousado sobre os braços dobrados. O rádio dela estava ligado. Ficou imaginando se ela também não dormira ou se apenas acordara cedo.

O rosto dela era perfeitamente oval. Os cantos de sua boca pequena, bonita e sensual conferiam ao rosto um ar de provocação e atrevimento. Os cabelos loiros estavam presos em tranças em volta da cabeça e os olhos azuis gélidos pareciam faiscar ao sorrir para ele.

Ele balançou a cabeça, cumprimentando-a silenciosamente. Ele sempre ficava meio tonto na presença dela, pois ela era para ele, desde o dia em que a vira pela primeira vez, o retrato da beleza. Ela é a razão de eu já ter chegado aos quarenta e continuar solteiro, murmurou. Para ele, todas as mulheres eram desejáveis e irresistíveis, mas Birgit Briceño era mais do que irresistível, ela era completamente inalcançável.

— Por que você não vem assistir à peça de Natal hoje à noite? Hoje é véspera de Natal — Birgit Briceño gritou do outro lado da rua.

Os velhos homens, cochilando na porta de suas casas, levantaram-se, repentinamente, e viraram a cabeça em direção ao dono do bar. Sorrindo com expectativa, eles esperavam a resposta dele.

Até então, Lorenzo havia recusado constantemente os convites de don Serapio. Ele não agüentava o ar de importância do farmacêutico, nem a sua insistente tentativa em convencer todos os amigos de que ele era o homem mais influente da cidade e como ele se sentia por ser um exemplo de como é viver civilizadamente.

Entretanto, apesar de achar o homem insuportável, Lorenzo não podia resistir aos apelos de sua mulher. Falando baixo, ele prometeu a Birgit Briceño que iria à noite. Então, levou a cadeira de balanço para dentro e foi dormir em sua rede na parte de trás da casa, contente e confiante em si mesmo.

Vestido com um terno branco de linho, Lorenzo andou em volta de sua cama, testando seus novos sapatos de couro. Era um aposento grande, repleto de pesadas peças de mogno entalhadas que um dia estiveram na sala de estar que seu pai havia transformado em bar anos atrás. Lorenzo sentou-se na cama, tirou os sapatos e meias e colocou suas sandálias de pano.

— Estou feliz de que você não esteja usando aquela coisa fútil — Petra comentou, andando pela sala. — Não há nada pior do que usar sapatos desconfortáveis. Torna uma pessoa insegura. — Seus pequenos olhos castanhos brilharam com aprovação ao examinar seu terno. — Você nunca a seduzirá de uma maneira comum — ela falou, captando o olhar dele refletido no espelho. — A estrangeira só irá responder à feitiçaria.

— Sério? — Lorenzo murmurou, balançando os ombros com uma estudada indiferença.

— Não é por isso que você foi ver uma feiticeira? Para conseguir uma poção de amor para a *musiúa*? — desafiou-o, cruzando os braços arqueados em volta do peito. Percebendo que ele não iria responder, acrescentou: — Bem, por que você não segue o conselho da feiticeira?

Lorenzo riu e olhou para a tia pensativamente. Ela possuía uma incrível capacidade de saber o que se passava em sua mente e o que ela dizia estava sempre certo.

Petra mudara-se para sua casa logo depois que o pai dele morrera. Ele tinha dez anos de idade. Ela não tinha apenas cuidado dele, mas também tomara conta do bar até que ele fosse capaz de fazê-lo sozinho.

— Birgit Briceño somente responderá à feitiçaria — Petra repetiu obstinadamente.

Lorenzo examinou seu rosto no espelho. Ele era muito baixo e parrudo para parecer digno. Suas maçãs do rosto eram pronunciadas, a boca muito fina, o nariz muito pequeno para ser bonito. Mesmo assim, ele amava as mulheres despudoradamente e sabia que elas gostavam do seu jeito. Mas, para ter Birgit Briceño, ele precisaria de algo mais. E ele a queria mais do que a qualquer outra coisa no mundo.

Nunca duvidara do poder da magia. Uma feiticeira o ensinara a seduzir a forasteira, entretanto, isto era muito estranho.

— Poções de amor são para pessoas que não têm força suficiente para ir direto ao espírito das coisas — ela lhe dissera. — Nada pode impedir o seu desejo, o seu desejo mais ardente, se você é forte o suficiente para desejar diretamente o espírito das coisas. Você tem uma máscara do demônio; use-a para seduzir Birgit Briceño.

Achou aquilo tudo muito vago. Ele era muito prático, acreditava apenas nas coisas concretas.

— Sabe do que mais? — falou, encarando a tia. — Birgit Briceño me convidou para ir até sua casa.

— Ela provavelmente convidou metade da cidade — Petra retrucou cinicamente. — E a outra metade que não foi convidada também vai estar lá. — Ela se levantou e, antes de se arrastar de volta para o quarto, falou: — Não deveria dizer para você não se envolver com Birgit Briceño. Mas lembre-se de minhas palavras. Não será através de meios normais.

Ele descartara o conselho da feiticeira pois não queria, meramente, seduzir a sueca, ele queria que ela se apaixonasse por ele, mesmo que fosse por um instante. Nos momentos de euforia, imaginava que não ficaria satisfeito com menos de uma hora.

A porta da frente e as janelas da casa dos Briceño estavam totalmente abertas. O enorme pinheiro, iluminado por uma infinidade de lâmpadas coloridas, podia ser visto, da praça, em todo seu resplendor.

Lorenzo caminhou para dentro da casa. O lugar parecia uma estação de trem. Fileiras de cadeiras estavam arrumadas em frente a uma plataforma armada no pátio. As poltronas de couro, sofás e os bancos marroquinos da sala de estar haviam sido colocados em uma galeria próxima aos móveis de salgueiro. Garotos e garotas deslizavam descalços, as mãos em pânico, tentando à última hora ensinar-lhes boas maneiras.

— Lorenzo! — Don Serapio chamou-o no instante em que bateu os olhos nele, dentro da sala. Embora fosse alto e magro, don Serapio era muito barrigudo e, quando ficava em pé, suas pernas eram ligeiramente arqueadas. Ele ajustou os óculos grossos com aros de tartaruga e bateu cordialmente no ombro de Lorenzo. — Que tal um café? — falou, levando-o para perto dos outros convidados, a elite da cidade. Entre eles estavam o médico, o prefeito, o barbeiro, o diretor da escola e o padre. Todos eles tinham a mesma expressão de total perplexidade ao ver Lorenzo na casa de don Serapio.

O farmacêutico parecia estar genuinamente satisfeito de ter o esquivo proprietário do bar entre seus convidados.

Lorenzo cumprimentou a todos, depois foi escapulindo para a porta e

quase colidiu com Birgit Briceño quando esta parou no meio da sala.

— Bem! — exclamou, o sorriso encantando todos os presentes. — As crianças já estão prontas para começar a peça. Mas antes, venham e tragam suas mulheres para tomar café e comer biscoitos. Agarrando o braço do marido, seguiu para a sala de jantar.

Lorenzo não conseguia tirar os olhos dela. Ela era alta e o corpo forte, ainda que ele achasse que havia alguma coisa vulnerável, quase frágil no longo pescoço e nas delicadas mãos e nos pés.

Como se estivesse ciente do exame minucioso, ela o encarou. Hesitou por um momento, depois despejou café em duas pequenas xícaras, enfeitadas com um fio de ouro, e levou-as até onde ele estava.

— Também há rum — disse, olhando pensativamente para a garrafa na outra ponta da mesa —, do qual apenas os homens podem servir-se.

— Cuidarei disso agora mesmo — Lorenzo falou, tomando o café de um só gole. Ele apanhou a garrafa, encheu a xícara com rum e depois, casualmente, trocou a xícara vazia dela com a dele.

Rindo, ela foi apanhar um biscoito, deu uma pequena mordida e tomou o rum delicadamente.

— Sempre existem surpresas de reserva para mim — ela falou, e os olhos, de repente, faiscaram e as faces ficaram coradas.

Lorenzo não estava prestando atenção em mais nada a não ser nela. Não percebeu que don Serapio estava falando até que ela, subitamente, fez um gesto de concordância.

— E melhor eu voltar para as crianças — falou.

Numa voz lenta e pedante, o farmacêutico condenava a tradição venezuelana para as festas de Natal e passou a noite tocando bateria e cantando improvisadamente canções natalinas. Ele não estava apenas aborrecendo, mas estressando as pessoas com a incessante batida da bateria, mas sentia-se recompensado, como um prêmio por terem ouvido as canções dele, ao ver os jovens cambaleando pelas ruas por ter bebido além da conta.

Uma expressão maliciosa foi configurando-se no rosto de Lorenzo quando ele se lembrou da última visita que fez à feiticeira.

— Não acredito no que você está me dizendo — falou — porque não acredito que alguém me possa conceder tal desejo monumental.

— Acredite em mim — ela retrucou. — Não há como adivinhar quem concede estes desejos. Mas eles acontecem quando menos você espera. — E insistiu em que ele possuía o item que seria responsável pelo encantamento de Birgit Briceño: uma máscara do demônio. — Tudo o que eu posso dizer é que deve usar a máscara triunfantemente e seu desejo será concedido.

A feiticeira disse a ele que era vital que ele escolhesse o momento de usá-la com muito cuidado, pois a magia da máscara só funcionaria uma única vez.

Certo de que não era uma simples coincidência ele ter manuseado a máscara naquela manhã, andou casualmente até o jardim. Assegurou-se de que ninguém o olhava, então atravessou para o outro lado da rua e entrou em casa pela porta dos fundos.

Foi andando na ponta dos pés até o bar, acendeu uma vela e apanhou a máscara na prateleira. Hesitante, correu seus dedos pela superfície pintada de vermelho e preto. O escultor havia posto algo diabólico em sua criação, Lorenzo pensou. Ele tinha um estranho pressentimento de que os olhos talhados, meio escondidos atrás de um tufo marrom feito de fibras de sisal, o estavam acusando pela sua negligência. A boca, com dentes caninos de algum animal selvagem em cada canto, ria demoniacamente, provocando-o para dançar com a máscara.

Colocou-a no rosto. Os olhos, nariz e boca cabiam perfeitamente na máscara; ele quase acreditou que havia sido feita para ele. Apenas suas faces roçavam levemente na madeira. Amarrou os cordões atrás da cabeça e os cobriu com as longas fibras de sisal, pintadas de púrpura, verde e preto, que caíam pelas suas costas.

Lorenzo não ouviu Petra arrastando-se pela sala. Surpreso, ele deu um pulo ao ouvir a voz dela.

— Você tem que mudar suas roupas — declarou e entregou a ele um par de calças e uma camisa remendada. — Tire a sandália, o diabo anda descalço. — Ela olhou em volta, com medo de que alguém pudesse estar ouvindo e completou: — Lembre-se, o demônio comanda sem dizer uma

única palavra.

Silenciosamente, da mesma forma como havia entrado, ele saiu de casa. Matutou um instante, imaginando qual caminho deveria tomar quando ouviu um grupo de foliões tocando bumbos rua abaixo. Protegido pelas sombras, Lorenzo se encostou na parede ao se aproximar deles.

— O demônio! — um deles gritou ao ver Lorenzo e, então, correu rua abaixo, anunciando que o diabo viera para a cidade.

Quatro garotos destacaram-se do grupo e envolveram o demônio, as mãos se movendo livre e graciosamente ao começarem a tocar o bumbo. Um deles cantou, de improviso, alguns versos, declamando que naquela noite estavam sob o comando do demônio.

Lorenzo sentiu um arrepio percorrer sua espinha, e que logo tomou conta de seu corpo de uma forma que não conseguia controlar. Devagar, deixou que os músculos do braço e que seus pés se movessem, por sua própria vontade, ao ritmo das batidas.

Janelas e portas se abriram quando eles começaram a pular pelas ruas em frente à praça, seguidos por uma multidão crescente. Como se o diabo houvesse requisitado, as luzes da praça e em volta das casas se apagaram por três ou quatro segundos. A música parou. Momentaneamente paralisada, a multidão viu o demônio entrar na casa dos Briceño.

Pulou na plataforma do pátio como um foguete, aceso por alguém do lado de fora e lançado no ar. Luzes vermelhas, azuis, verdes e brancas explodiam no céu, depois caíam vertiginosamente na terra, como uma chuva fraca de faíscas douradas.

Fascinados, os convidados permaneciam petrificados, os olhos fixos no demônio e nos bateristas que o acompanhavam. Como se estivesse ouvindo alguma música silenciosa, ele dançou no meio dos tambores, o corpo foi parando ligeiramente, a máscara vermelha e preta brilhava, os chifres apontavam ameaçadoramente para o céu.

Depois, como um trovão saído do som dos tambores, o silêncio transformou-se num estrondo que chegava a todos os cantos da casa.

O demônio, vendo Birgit encostada na porta da sala de jantar, pulou da plataforma, apanhou a garrafa de rum na mesa e entregou-a a ela.

Gargalhando, ela pegou a garrafa e, orgulhosamente, jogou a cabeça para trás e bebeu.

Confiante no seu poder, o demônio dançou em volta dela. Movia-se com gestos graciosos, embora permanecesse parado, apenas sugerindo movimentos com seu quadril.

Com as mãos esticadas, o rosto extasiado, Birgit Briceño respondia à música como se estivesse em transe.

Don Serapio, o rosto contorcido por detrás dos óculos grossos, sentou-se no braço de uma cadeira como se aquilo tudo, repentinamente, se houvesse tornado pesado demais para ele.

Os convidados, já misturados à multidão que viera da praça, começaram a dançar. Devagar, os quadris ondeavam um pouco, os movimentos deliberadamente controlados.

Lorenzo, cercado por um número cada vez maior de mulheres, as quais queriam abraçá-lo, tocá-lo, assegurarem-se de que ele era feito de carne e osso, perdeu Birgit Briceño de vista. Livrou-se das mãos das mulheres e correu para trás da porta. Seguro de que não havia sido seguido, deslizou para fora da casa, procurando em todas as ruas pelas quais passava.

O som jovial de uma risada o fez dar um salto abrupto. Encostado em um arco que separava a lavanderia da área dos fundos estava uma figura alta, corpulenta que calçava botas pretas, um longo robe vermelho e branco e um barrete frígio vermelho adornando uma peruca de cabelos encaracolados.

Lorenzo aproximou-se do estranho.

— Birgit Briceño — murmurou baixinho, olhando para os olhos claros e corajosos, por trás de um par de óculos com haste e aros de arame, mas sem lentes.

— Papai Noel! — ela corrigiu, um sorriso largo separando seus lábios, escondidos por uma barba peluda e bigode. Ela apanhou um saco de lona no chão cheio de pacotes e um cajado encostado na parede.

— Ia esperar até amanhã e surpreender as crianças que participaram da peça com estes presentes — explicou —, mas não podia deixar esta oportunidade passar. — O sorriso tomou um ar de conspiração. — Você está

comigo, não está? — perguntou, os olhos brilhando com uma expressão perversa ao inclinar-se para olhar o desenho da máscara.

Lorenzo fez um gesto de mesura, apanhou o saco, jogando-o por sobre o ombro e fez sinal a ela para acompanhá-lo.

Levou-a para fora da área, em direção a uma das ruas que desembocava na praça, onde alguns idosos, muitas mulheres e algumas crianças tinham se agrupado para ver a festa dos Briceño do outro lado da rua.

— Lá vai o demônio! — uma garotinha berrou. Chamando as outras para seguirem-na, correu para o meio da praça. Pararam abruptamente, em silêncio na frente das duas estranhas figuras; os olhos estavam repletos de medo e curiosidade.

— Este é o demônio — falou a garotinha, apontando para Lorenzo. — E você quem é? — perguntou à figura alta. — Por que está vestido desta maneira?

— Sou Papai Noel e trouxe alguns presentes — falou Birgit Briceño, retirando um embrulho do saco. Sorrindo, entregou-o a uma criança.

— Você tem presentes para a gente também? — perguntou outra criança, dançando em volta deles.

Gargalhando, Birgit Briceño colocou os pacotes em suas pequenas mãos. Uma menina atordoada apertou o pacote contra o peito e gritou excitada:

— Papai Noel e o demônio vão dançar juntos!

A alegria das crianças atraiu uma multidão em poucos minutos. Como havia alguns músicos, eles começaram a tocar seus instrumentos e a bater nos tambores.

— Vamos dançar longe de sua casa — Lorenzo sussurrou no ouvido de Birgit Briceño. — E quando chegarmos do outro lado da rua, poderemos fugir.

Lorenzo envolveu a cintura dela com uma faixa, segurando as pontas firmemente. Os corpos se enroscaram e vibraram num ardente e rítmico abraço.

Com medo de perder a alça no final da faixa, ele ignorou os explícitos

convites de outras mulheres para dançar. Aparentemente, eles estavam absolutamente envolvidos pela dança, mas, ao ouvir o som de outros músicos que chegavam, ele agarrou a espantada Birgit Briceño pela mão e puxou-a para fora da multidão. Antes que qualquer um tivesse idéia do que estava acontecendo, o demônio e o Papai Noel haviam sumido.

Eles correram até perder o fôlego. E quando ouviram a multidão rindo e batendo a apenas uma quadra deles, Lorenzo pegou Birgit no colo e caminhou até a porta da frente da casa de um de seus amigos e clientes. Ele o viu na sala de estar junto a um pequeno grupo de pessoas. Não ocorrera a Lorenzo que estava invadindo uma reunião familiar. Tudo no que podia pensar era em convencer o amigo a emprestar-lhe o carro.

— Que noite — Birgit Briceño suspirou, um sorriso radiante atravessando seus lábios. — A multidão quase nos alcançou. — Tirou a peruca, a barba e o bigode, jogando-os pela janela. Depois, retirou o enchimento por baixo do robe e o atirou no banco traseiro do carro. — Para onde estamos indo? — perguntou, procurando algo na escuridão lá fora.

Lorenzo deu um risinho de satisfação por baixo da máscara e continuou a dirigir em direção a uma pequena casa perto da praia.

Sorrindo, ela relaxou no banco.

— Posso sentir a brisa do mar — murmurou rapidamente, respirando profundamente. — Nasci numa vila de pescadores da Suécia. As pessoas do lugar de onde venho são enterradas no mar ou perto dele, e a única certeza que tenho na vida é de que eu quero que isso aconteça comigo. Serapio já comprou um jazigo para mim no cemitério.

Confuso pelo estranho pedido dela, ele parou o carro.

— A máscara do demônio pode conceder meu desejo de ser enterrada perto do mar? — perguntou com uma expressão tão séria e determinada em seu rosto que ele apenas pôde concordar.

— Uma promessa como essa é sagrada — falou. A luz nos olhos dela tornavam claro que o entendimento entre eles havia sido total. Ela se recostou no banco. Ela estava quieta, embora um estranho, quase indecifrável sorriso estivesse esboçado em seus lábios. — E como minha parte no trato, prometo amar o dono da máscara por toda esta noite —

sussurrou.

Ele tinha sonhado com um momento de amor. Perto de um instante, uma noite era uma eternidade.

Capítulo 13

Durante dias, fiquei pensando no significado da história que ouvira. Pensei que tivesse entendido o que significava a ligação, ou a sombra de uma feiticeira, ou a roda da oportunidade; mas ainda queria que dona Mercedes ou Candelária me explicassem as coisas.

Aceitara desde o início que não estava ali para interpretar o que estava experimentando sob a minha ótica acadêmica, entretanto, não conseguia ver as coisas sob a ótica do que havia aprendido no mundo do nágual.

Florinda explicara aquilo tudo em função do *intento*: uma força universal e abstrata, responsável por moldar qualquer coisa no mundo em que vivemos. Sendo uma força abstrata, esse poder de moldar está fora do conhecimento normal dos homens, ainda que sob circunstâncias especiais ela possa ser manipulada. E é por isso que nos dá a falsa impressão de que pessoas ou coisas possam conceder nossos desejos.

Comparadas à Florinda — e eu não poderia deixar de fazer essa comparação — dona Mercedes e Candelária eram muito mais pragmáticas. Elas não possuíam um completo entendimento sobre suas ações. Elas acreditavam que aquilo que faziam, como médiuns, feiticeiras e curandeiras, era parte de eventos concretos e isolados, vagamente conectados uns aos outros. Para explicar, dona Mercedes estava me dando alguns exemplos concretos da forma como se pode manipular alguma coisa sem nome. O ato de manipular, ela chamou de sombra da feiticeira. O resultado desta manipulação ela chamou de uma ligação, uma continuidade, um movimento na roda da oportunidade.

— Certamente, foi a máscara que realizou o desejo de Lorenzo

— dona Mercedes falou com convicção absoluta. — Sei de outros casos similares de objetos que realizaram desejos.

— Mas me diga, dona Mercedes, o que é mais importante: o objeto ou a pessoa que o está usando?

— O objeto — respondeu. — Se Lorenzo não tivesse a máscara, não teria suspirado toda a vida por Birgit Briceño, e também não teria tido seu desejo realizado. Uma feiticeira pode dizer que a máscara, e não Lorenzo, foi responsável pela ligação.

— Poderia continuar a chamar isso de sombra da feiticeira, mesmo não havendo nenhuma envolvida?

— Sombra da feiticeira é apenas um nome. Todos temos um pouco de magia dentro de nós. Lorenzo não é, definitivamente, um espiritualista nem um curandeiro, ainda que ele tenha um certo poder de feitiçaria. Não o bastante, porém, para construir uma ligação, para mover a roda da oportunidade. Mas com a ajuda da máscara já é outra história.

Parte Quatro

Capítulo 14

Um leve barulho me sobressaltou. Tentei mover-me, mas meu braço esquerdo, jogado por cima da minha cabeça, estava sem circulação. Dormira no quarto de Mercedes Peralta depois do exaustivo trabalho de catalogar as plantas medicinais dela. Virei minha cabeça ao ouvir uma voz dizendo meu nome.

— Dona Mercedes? — murmurei. A não ser pelos rangidos, provocados pelo atrito da argola de metal contra o tecido da rede da curandeira, não obtive resposta alguma. Fui andando na ponta dos pés até o canto do quarto. Não havia ninguém na rede. Porém, tinha uma forte impressão de que ela estivera ali até pouco tempo e, por algum motivo, sua presença se prolongara.

Num arroubo inexplicável de ansiedade, abri a porta, corri o corredor escuro e silencioso; cruzei o pátio até a cozinha e alcancei o jardim. Na rede, suspensa entre duas árvores de araticum, dona Mercedes estava deitada, envolvida por uma cortina de fumo como se fosse uma sombra.

Vagarosamente, o rosto dela surgiu na névoa sombria. Parecia mais a imagem de um sonho. Os olhos brilhavam com uma peculiar profundidade.

— Estava pensando em você — falou. — Sobre o que você está fazendo aqui. — Ela jogou as pernas para fora da rede.

Disse a ela que havia dormido no quarto dela e que tinha ficado assustada com o som da rede vazia.

Ela me ouviu em silêncio com uma expressão de preocupação no seu rosto.

— *Musiúa* — disse asperamente —, quantas vezes disse para não dormir no quarto de uma feiticeira? Somos muito vulneráveis enquanto dormimos.

Inesperadamente, ela deu uma grande risada e cobriu a boca, como se tivesse falado mais do que deveria. Gesticulou para que me aproximasse e sentasse no chão perto do topo da rede. Começou a massagear minha cabeça. Os dedos percorriam, com um movimento ondulatório, todo o meu rosto.

Um reconfortante entorpecimento atravessou meu corpo. Minha pele e meus ossos pareciam dissolver-se por sob seus dedos hábeis. Totalmente relaxada e em paz, senti uma sonolência que, no entanto, não era sono. Estava semiconsciente de seus toques gentis, enquanto ela continuava a me massagear. Finalmente, deitei-me de barriga para cima na laje de cimento próxima dali.

Silenciosa, dona Mercedes ficou me vigiando de perto.

— Veja, *musiúa* — gritou repentinamente, olhando para a lua cheia por detrás das nuvens. Escondendo-se, levantando-se, emergindo, a lua parecia competir com as nuvens. — Veja — gritou novamente, jogando uma longa corrente dourada repleta de medalhas de ouro para o alto. — Quando vir esta corrente de novo, você terá que regressar para Caracas.

Por um momento, aquela massa escura parecia estar suspensa pela lua cheia que surgira por detrás de uma nuvem. Não vi cair. Estava preocupada demais, imaginando o que a levara a mencionar meu retorno para Caracas. Perguntei a ela sobre isso e ela respondeu que era tolice pensar que ficaria em Curmina para sempre.

Capítulo 15

O zumbido persistente da cigarra no galho acima da minha cabeça parecia mais uma vibração pontuando o silêncio da noite quente e úmida. Deitei-me de bruços numa esteira no pátio e fiquei esperando pela mulher que aparecia para mim naquele lugar todas as noites.

Dona Mercedes, cochilando numa rede próxima, decidira fazer-me companhia esta noite, quebrando com sua presença a singularidade daquelas aparições. Desde o início, ela estabelecera que, enquanto ninguém mais estivesse comigo ou me observando, meu contato com o espírito continuaria um evento pessoal. Se, no entanto, outra pessoa estivesse presente, toda matéria se tornaria propriedade pública e eu, então, poderia falar a respeito.

Tinha adquirido uma certa experiência em fumar charutos. A princípio, contei à dona Mercedes minha restrição ao irritante efeito do calor no delicado tecido interno da boca. Ela riu, dissipando meu medo, e assegurou-me que o ritual de fumar charutos era, na verdade, frio e sedativo.

Depois de praticar por um curto período, fui obrigada a concordar com ela. A fumaça era completamente fria, o tabaco parecia mentolado.

A decisão de dona Mercedes em me acompanhar naquela noite foi movida pelas dúvidas de Candelária em saber se eu seria forte o suficiente para conduzir uma sessão espírita inteira sozinha. Para elas, uma sessão espírita completa significava que, em um determinado momento, o médium está absolutamente fora de seu controle voluntário, podendo o espírito expressar-se através do corpo do médium.

Mais cedo naquele dia, dona Mercedes explicara-me que minha presença em sua casa estava chegando ao fim. Não que ela ou Candelária tivessem algo contra mim, mas sim porque ela não tinha mais nada de importante a me oferecer. Assegurou-me que tanto ela quanto Candelária sentiam uma profunda afeição por mim. Se gostasse menos de mim, teria

ficado satisfeita em me deixar apenas assistir a seus tratamentos e fingir que eu era sua ajudante. Era sua afeição por mim que a forçava a ser verdadeira. O que eu precisava era de uma ligação, e ela não tinha nenhuma para mim. Ela só podia ter uma, que já era de Candelária. Entretanto, uma vez que o espírito me havia escolhido para ser seu intermediário — ou talvez um médium de verdade —, ela tinha que honrar esta escolha. Por isso, ela me havia ajudado indiretamente nos meus contatos noturnos com a aparição.

— O fato é que o espírito do meu antepassado escolheu você — falou —, transformando você, Candelária e eu em parentes.

Candelária dissera-me que se contactava com este espírito desde a infância. Mas, seguindo uma tradição de total segredo dos médiuns ela nunca pôde se aperfeiçoar.

Dona Mercedes esticou-se na rede e cruzou os braços por trás da cabeça.

— *Musiúá*, é melhor agachar-se e começar a fumar — disse suavemente, com uma voz relaxada.

Acendi um charuto, tragando-o em pequenos intervalos, enquanto murmurava o encantamento que ela me havia ensinado. A fumaça e os sons eram os responsáveis por chamar os espíritos. Ouvi um leve sussurro. Dona Mercedes também ouvira, pois virou-se no mesmo instante em que também me virei. A mulher estava a poucos metros, agachada entre os grandes potes de flores de Candelária feitos de terracota.

Dona Mercedes se abaixou atrás de mim e tirou o charuto de minha boca. Deu um trago, murmurando um encantamento diferente do que eu estava falando. Senti um tremor no meu corpo. Uma mão invisível agarrou-me pela garganta. Ouvi a mim mesma emitindo sons gorgolejantes e vibrantes. Para minha surpresa, eles pareciam palavras ditas por outra pessoa com minhas cordas vocais. Soube instantaneamente — embora não entendesse — que eram palavras de um outro encantamento. O espírito pairou sobre minha cabeça e então desapareceu.

Depois, descobri-me com dona Mercedes e Candelária dentro da casa. Estava encharcada de suor e me sentia fisicamente exausta. As duas mulheres também. Entretanto, minha exaustão não beirava a debilidade.

Sentia-me extraordinariamente iluminada e estimulada.

— Como cheguei até aqui?

Candelária consultou dona Mercedes com um olhar inquisidor e finalmente disse:

— Tivemos uma sessão completa.

— Isso muda tudo — dona Mercedes falou num sopro de voz. — O espírito do meu antepassado fez uma ligação com você. Desse modo, você deve ficar aqui até que o espírito deixe você ir embora.

— Mas, por que o espírito me escolheu? — perguntei. — Sou uma estrangeira.

— Não existem estrangeiros para os espíritos — Candelária respondeu. — Os espíritos apenas procuram os médiuns.

Capítulo 16

Mercedes Peralta estava debruçada sobre o altar murmurando um encantamento. Morta de fome e fadiga, peguei-me olhando para o relógio. Eram quase seis da tarde. Desejei fervorosamente que aquela mulher obesa sentada à mesa fosse a última paciente do dia.

Não havia explicação para ver mais de dois doentes por dia, mas desde o último sábado ela assistia mais de vinte em um dia.

Eram, na maior parte, mulheres das cidades próximas que viajavam toda semana para fazer compras e paravam para ver a curandeira. Estavam sempre procurando ajuda para males como dores de cabeça, resfriados e alguns distúrbios femininos. A maioria, no entanto, vinha para resolver seus problemas emocionais. Amores não correspondidos, problemas conjugais, brigas com parentes, educação dos filhos e problemas no trabalho e na comunidade eram os assuntos mais discutidos. Cabelos grisalhos, perda de cabelo, o aparecimento de rugas e ataques de má sorte eram as reclamações mais frívolas. Dona Mercedes tratava cada pessoa, qualquer que fosse o problema dela, com o mesmo interesse e eficiência.

Ela primeiro diagnosticava o mal com a ajuda de sua bússola ou interpretava as formas das cinzas do charuto dentro do prato. Se a pessoa estivesse sofrendo de algum distúrbio psicológico — que ela chamava de espiritual — recitava um encantamento-oração e dava uma massagem. Se a pessoa estava sofrendo de uma mal físico, ela prescrevia ervas medicinais e um tratamento.

A arte dela em usar a linguagem e sua grande sensibilidade ao ouvir cada pessoa mudavam a disposição da mais relutante mulher ou homem a se abrir e falar candidamente sobre suas dúvidas mais secretas.

A voz de Mercedes Peralta me surpreendeu.

— Você realmente se confundiu desta vez — falou, dirigindo-se para a mulher obesa sentada em frente da mesa. Balançando a cabeça com ceticismo, ela examinou novamente as cinzas do charuto que havia coletado

no prato do altar.

— Você é uma tola — falou, segurando o prato na frente do rosto da mulher, esperando que ela conseguisse reconhecer no pó cinza-esverdeado a natureza do mal. — Você realmente está com um problema desta vez.

Cheia de preocupação, a mulher olhava de um lado para o outro da sala, tentando encontrar uma saída. Franziu os lábios como uma criança.

Dona Mercedes levantou-se, caminhou até o canto onde eu estava sentada e, num tom formal, ordenou:

— Gostaria que você escrevesse o tratamento que minha cliente irá seguir.

Como sempre, listei primeiro as ervas, essências florais e as restrições da dieta. Depois, descrevi detalhadamente quando e como a paciente deveria tomar a infusão medicinal e os banhos purificadores. Com a permissão de dona Mercedes, copiava as receitas para mim com uma folha de carbono. E, finalmente sob sua ordem, lia em voz alta várias vezes o que havia escrito. Tinha certeza de que não era apenas para dona Mercedes se assegurar se o que eu havia escrito estava correto, mas para beneficiar a paciente caso ela fosse analfabeta.

Apoderando-se da receita, a mulher levantou-se e olhou para o altar. Colocou algumas moedas embaixo da estátua da Virgem, depois prometeu solenemente que iria seguir as instruções da dona Mercedes.

Dona Mercedes parou na frente do altar, acendeu uma vela e ajoelhou-se para pedir aos santos que seus julgamentos estivessem corretos.

Mencionei que conhecia médicos que rezavam um bocado.

— O que bons médicos e curandeiros têm em comum é o profundo respeito por seus pacientes — falou. — Ambos acreditam que uma grande força externa existe para guiá-los. Ambos podem alcançá-la através de orações, meditações, encantamentos, fumaça de tabaco, remédios e equipamentos médicos.

Ela apanhou as cópias em carbono de todas as receitas que eu havia escrito aquele dia e contou-as.

— Eu realmente vi todos esses pacientes hoje? — perguntou-me, parecendo estar pouco interessada na minha resposta. Um leve sorriso

atravessou seus lábios enquanto ela cerrava os olhos e recostava-se em sua cadeira aparentemente desconfortável. — Vá e me traga suas anotações sobre todos os meus clientes, menos aqueles que lhe estão contando suas histórias. Quero descobrir quantas pessoas tratei desde que você chegou aqui. — Ela se levantou e andou comigo até a porta. — Leve tudo para o pátio. Quero que Candelária me ajude — completou.

Levei quase uma hora para juntar todo o material. Com exceção do meu diário, carreguei tudo para o pátio, onde dona Mercedes e Candelária já estavam me esperando.

— É isso? — dona Mercedes perguntou, olhando as pilhas de papel que coloquei no chão em frente a ela.

Ela não esperou minha resposta e mandou que Candelária colocasse os papéis e os cartões de orientação junto a um tonel de aço no canto mais afastado do pátio. Assim que terminou, Candelária veio sentar-se ao meu lado na esteira de palha. Nós duas olhamos para dona Mercedes, que estava, novamente, deitada na rede.

— Já disse que você está sob a guarda do espírito de meu antepassado — dona Mercedes falou para mim. — Desde aquela noite você é uma médium escolhida pelo espírito. E médiuns não guardam papéis sobre cura. Essa idéia é abominável.

Levantou-se da rede e foi até onde estavam as pilhas com minhas anotações. Só percebi o que ela iria fazer quando já era tarde demais. Com uma faca, ela cortou o barbante que envolvia os fardos e foi jogando, com as mãos cheias, os papéis dentro do tonel de aço. Pasma, vi a fumaça que saía do tonel. Não havia percebido antes que havia fogo lá dentro.

Desesperada para salvar meu trabalho, dei um pulo. As palavras de Candelária me impediram de correr até o tonel.

— Se fizer isso, terá que ir embora agora. — Ela sorriu e bateu no lado da esteira que estava vazio.

Naquele momento entendi tudo. Não havia nada que pudesse fazer.

Capítulo 17

Depois de um dia inteiro de trabalho, dona Mercedes dormiu na cadeira.

Observei-a por um tempo, desejando poder relaxar com tanta facilidade, depois, silenciosamente, coloquei de volta no armário de vidro as várias garrafas, jarras e caixas. Ao caminhar na ponta do pé para sair dali, ela abriu os olhos de repente, virou a cabeça devagar e ficou atenta. Suas narinas se alargavam ao fungar o ar.

— Quase esqueci — falou. — Traga-o, agora.

— Não há ninguém aqui — respondi com absoluta convicção. Ela levantou as mãos como se estivesse pedindo ajuda.

— Apenas faça o que digo — falou gentilmente.

Certa de que ela estaria errada desta vez, andei até o lado de fora. Estava escurecendo. Não havia ninguém lá. Estava quase voltando para o quarto, com um sorriso triunfante no rosto, quando ouvi uma tosse fraca.

Como se tivesse sido invocado pela previsão de dona Mercedes, um homem elegantemente vestido surgiu das sombras do corredor. As suas pernas eram desproporcionalmente longas. Os ombros, em contraste, pareciam pequenos e frágeis sob o casaco escuro. Ele vacilou por um momento e então balançou um cacho de cocos verdes em saudação. Na outra mão, ele segurava um facão do mato.

— Mercedes Peralta está? — perguntou num tom de voz profundo e ríspido, intercalado por uma tosse áspera.

— Ela está esperando por você — eu disse, segurando a cortina atrás dele.

Ele tinha cabelos curtos e encaracolados e o vão entre suas sobrancelhas dava-lhe um aspecto profundamente carrancudo. O rosto angular e escuro transpirava pouca docilidade, aumentada pela expressão furiosa e implacável de seu olhar. Apenas o canto de sua boca bem torneada aparentava uma certa amabilidade.

Ficou parado, irresoluto por um momento. Um leve sorriso se formou lentamente em seu rosto com a aproximação de dona Mercedes. Ele largou os cocos no chão e, ajeitando a calça na altura dos joelhos, agachou-se ao lado dela. Escolheu o maior coco da pilha e, com três perfeitos cortes de seu facão, retirou a parte de cima da fruta.

— Eles estão como você gosta — falou. — Ainda moles e muito doces.

Dona Mercedes levou a fruta até os lábios e, entre cada gole, exclamava o quanto a água era boa.

— Dê-me um pouco da polpa — pediu, devolvendo a fruta a ele.

Com um único corte, ele partiu o coco ao meio e retirou a polpa mole e gelatinosa com a ponta do facão.

— Prepare a outra metade para a *musiúa* — dona Mercedes disse.

Ele me encarou longa e demoradamente, depois, sem dizer uma palavra, raspou o restante da polpa da outra metade com o mesmo cuidado e me entregou. Agradei.

— O que o trouxe aqui hoje? — dona Mercedes perguntou, quebrando o desconfortável silêncio. — Você precisa de minha ajuda?

— Sim — falou, retirando um maço de cigarro do bolso. Acendeu o cigarro com um isqueiro. Após dar uma longa tragada, recolocou o maço no bolso. — Os espíritos estão certos. Esta maldita tosse está ficando pior. Não está me deixando dormir. Também tenho dor de cabeça. Ela não me deixa trabalhar.

Ela o convidou a sentar-se, não na frente dela como a maioria dos pacientes se sentava, mas sim em uma cadeira no altar. Acendeu três velas em frente à Virgem, e depois perguntou casualmente pela plantação de coqueiros que ele tinha em algum lugar perto do litoral.

Ele se virou devagar e olhou nos olhos dela. Ela respondeu com um movimento da cabeça.

— Esta *musiúa* me ajuda com meus pacientes — falou para ele. — Pode falar como se ela não estivesse presente.

Os olhos dele cruzaram com os meus por um instante.

— Meu nome é Benito Santos — falou e olhou rapidamente de volta para dona Mercedes. — Ela tem um nome?

— Ela diz que seu nome é Florinda — dona Mercedes respondeu antes que eu tivesse tempo de dizer alguma coisa. — Mas eu a chamo de *musiúa*.

Ela o olhou atentamente, posicionando-se, depois, atrás dele. Com pequenos e delicados movimentos, ela esfregou um unguento no peito e nos ombros dele por cerca de meia hora.

— Benito Santos — falou, virando-se para mim — é um homem forte. Ele vem me ver de tempos em tempos, sempre por causa de uma dor de cabeça, um resfriado ou uma tosse. Curei-o em cinco sessões. Uso um unguento especialmente preparado e uma oração eloqüente oferecida ao espírito do mar.

Ela continuou a massageá-lo por um longo período.

— A dor de cabeça sumiu? — perguntou, repousando as mãos nos ombros de Benito.

Ele parecia não ter ouvido esta pergunta. Fitava, com um olhar vazio, o tremular das velas. Começou a falar sobre o mar, como ele era ameaçador ao amanhecer, quando o sol nascia das águas escuras. Murmurando monotonamente, quase em transe, ele falou sobre suas excursões diárias, ao meio-dia, ao mar. Nunca aprendera a nadar, apenas a navegar.

— Pelicanos me circundam — disse. — Às vezes, eles voam tão baixo e olham diretamente nos meus olhos. Estou certo de que eles querem saber se minha força está minguando.

Com a cabeça inclinada, ele permaneceu em silêncio por um longo período até que sua voz ressurgiu, embora em um murmúrio baixo e difícil de entender.

— Ao anoitecer, quando o sol está por trás das montanhas distantes e a luz não encosta mais na água, ouço a voz do mar. Ela me diz que algum dia irá morrer, mas, enquanto viver, será implacável. Entendi, então, que amava o mar.

Mercedes Peralta pressionou as mãos contra as têmporas dele, os dedos alcançando a cabeça.

— Benito Santos — falou — é um homem que venceu a culpa. Ele está velho e cansado. Mas, até agora, está sendo implacável como o mar.

Benito Santos veio ver dona Mercedes durante cinco dias consecutivos. Depois de terminar o tratamento diário, ela sempre pedia a ele para me contar sua história. Ele nunca respondia e me ignorava totalmente. Por fim, ao acabar a última consulta, virou-se abruptamente e me encarou.

— É o seu jipe que está lá na rua? — perguntou. Sem me dar tempo de responder, completou:

— Leve-me de volta à plantação de coqueiros, por favor. Seguimos em silêncio. Assim que cheguei ao litoral, assegurei que ele não precisava honrar o pedido de dona Mercedes.

Ele balançou a cabeça enfaticamente.

— Qualquer coisa que ela me peça é sagrado para mim — falou secamente. — Apenas não sei o que dizer ou como dizer.

Fiz inúmeras visitas a Benito Santos sob o pretexto de apanhar cocos para dona Mercedes. Conversamos bastante. Mas ele nunca se tornou acessível. Sempre me encarava desafiadoramente até que eu desviasse os meus olhos. Ele deixou bem claro que estava falando comigo apenas porque Mercedes Peralta havia pedido. Ele certamente era, como ela havia descrito, rude e implacável.

Segurando o facão com firmeza na mão, Benito Santos ficou imóvel sob o sol escaldante do meio-dia, que queimara suas costas depois de uma semana de corte de cana. Ele recolocou o boné de brim. Os olhos acompanhavam o grupo de homens exaustos cruzando os campos vazios, onde havia sido feita a colheita da cana, em direção à cidade.

No último dia e noite, todos haviam trabalhado sem descanso. Como ele, os homens não teriam onde trabalhar na segunda-feira. Esta havia sido a última colheita de cana antes de os tratores aplanarem e lotearem a terra. O dono deste campo havia suportado o máximo. Mas, finalmente, como os outros agricultores da área, fora forçado a vender sua propriedade a uma companhia de terras de Caracas.

O vale fora transformado em um centro industrial. Alemães e americanos estavam construindo indústrias farmacêuticas. Italianos construíam fábricas de sapatos trazendo os próprios trabalhadores da Itália.

— Malditos forasteiros — Benito Santos amaldiçoou-os, cuspidando no

chão. Ele não sabia escrever ou ler e não tinha nenhuma habilidade. Era um cortador de cana. A única coisa que sabia era como manejar o facão. Colocando a lâmina no chão, ele se aproximou do jardim da fazenda, tomou a direção de um pequeno bangalô, onde o forasteiro tinha um escritório. Um grupo de homens, alguns em pé, outros agachados sobre a sombra do extenso telhado da construção, o olhavam receosamente assim que ele parou no escritório.

— O que você quer? — perguntou o estrangeiro baixo e barrigudo, sentado atrás de uma mesa de metal cinza. — Você foi pago, não? — completou impacientemente, enxugando o suor da testa com um lenço branco limpo e dobrado.

Benito Santos concordou com a cabeça. Era um homem taciturno, quase mal-humorado. Era difícil falar com ele, ou pedir um favor.

— Ouvi dizer que a cana está sendo transportada para um moinho na cidade vizinha — gaguejou, os olhos fixos no pescoço massudo do estrangeiro, saliente em cima do colarinho da camisa engomada. — Já estive em moinhos antes. Estava imaginando se você poderia me contratar para trabalhar lá.

Encostando-se na cadeira, o estrangeiro avaliou o pedido de Benito Santos através do tampo da mesa.

— Você mora aqui perto, não? Como pretende chegar à próxima cidade? São mais de 25 quilômetros.

— De ônibus — Benito Santos murmurou, olhando furtivamente para os olhos do homem.

— Ônibus! — O forasteiro riu com desprezo.

— Eu chegarei — Benito Santos disse desesperadamente. — Se você me der o trabalho, de alguma forma chegarei. Por favor.

— Ouça — o estrangeiro falou rispidamente. — Contratei qualquer um capaz de cortar a cana sem levar em consideração a idade ou a experiência, pois tinha um prazo a cumprir. Deixei bem claro a todos os homens que era um trabalho temporário. No moinho, já temos mais gente do que precisamos. — O estrangeiro começou a arrumar os papéis em cima da mesa. — Não me faça perder mais tempo. Sou um homem ocupado.

Benito Santos saiu andando pelo jardim, tomando cuidado para não tropeçar nas pedras que ficavam encobertas pela grama que crescia em volta delas. O moinho, no ponto mais longínquo da propriedade, parecia abandonado apesar de ter sido usado alguns dias antes. Sabia que nunca mais o veria funcionando no vale.

O forte som do cano de descarga de um caminhão o sobressaltou. Rapidamente, caminhou para fora e levantou a mão pedindo uma carona para a cidade. Ele estava envolto em uma nuvem de poeira.

— Você tem que andar, Benito Santos — alguém gritou de dentro do veículo em movimento.

Logo depois de a poeira ter assentado, ele ainda pôde ouvir os gritos e risos dos trabalhadores no caminhão. Seus dedos envolveram com força o cabo do facão. Devagar, foram relaxando novamente. Puxou o chapéu em direção à testa para proteger os olhos do sol ofuscante que brilhava no céu azul.

Benito Santos não seguiu a estrada principal era direção à cidade. Em vez disso, cruzou os campos vazios até chegar a uma trilha estreita, que levava à região sul da cidade, onde acontecia uma feira ao ar livre aos sábados. Andou mais devagar que o normal, sem se incomodar com o buraco em um dos seus sapatos e com a sola descolando do outro, que acabava levantando areia. De tempos em tempos, ele descansava sob a sombra das mangueiras que cresciam nos dois lados do caminho. Sem esperança, observava os lagartos que passavam correndo, entrando e saindo dos arbustos.

Já passava do meio-dia quando ele chegou à feira. O lugar ainda estava cheio de gente. Os vendedores, com as vozes já roucas, ofereciam suas mercadorias com o mesmo entusiasmo que haviam demonstrado de manhã cedo. Os compradores, a maior parte mulheres, negociavam os preços sem vergonha. Benito Santos passou pela barraca do fazendeiro português, onde os legumes, agora limpos, estendiam-se desarrumadamente, passou pelos estandes de carne e peixe seco, onde uma nuvem de moscas voava em volta e cachorros doentes esperavam pacientemente por um pedaço de carne que caísse no chão.

Seguiu até um garoto risonho escondido atrás da banca de frutas frescas, que misturava frutas podres nos sacos de papel em vez de deixar os fregueses escolherem entre as que estavam expostas.

Ele tocou no dinheiro que estava na bolsa: o soldo de seis dias. Ficou deliberando se deveria comprar, naquele momento ou mais tarde, a comida para sua mulher, Altagracia, e para seu filho pequeno.

— Mais tarde — disse em voz alta. Sempre existia uma chance de barganhar com os feirantes quando eles estivessem prestes a empacotar as sobras.

— Compre a comida enquanto você tem dinheiro, Benito Santos — gritou uma velha que o conhecia bem. — O feijão e o arroz não ficarão mais baratos.

— Apenas mulheres esperam pelos descontos da tarde — zombou um feirante enquanto fazia gestos obscenos com uma banana-da-terra.

Benito Santos fitou a face risonha do mascate libanês, parado atrás da barraca espalhafatosa que oferecia vestidos baratos, bijuterias e perfumes. A raiva fazia com que as veias de seu rosto saltassem e com que os músculos do pescoço se estirassem. O incidente humilhante no escritório do forasteiro ainda estava vivo em sua mente. A gargalhada irônica dos trabalhadores no caminhão ainda ecoava nos seus ouvidos. O facão brilhava como uma faca em suas mãos. Com um esforço tremendo virou-se e foi embora.

Um suor frio banhava seu corpo. A boca estava seca. Sentiu uma ardência no estômago, mas não era fome. Beberia o rum agora, decidiu. Não podia esperar até chegar em casa. Precisava do rum para dissipar a raiva, o desânimo e o abatimento.

Propositadamente, ele tomou o rumo da entrada principal do mercado, onde caminhões e charretes puxadas a burro esperavam para recarregar com os produtos que não haviam sido vendidos. Atravessou a rua, parou dentro de uma loja escura e pequena na esquina e, por fim, comprou três garrafas do rum mais barato.

Sentou-se embaixo da sombra de uma árvore, olhando os caminhões e os burros. Não queria perder o momento em que os feirantes começavam a

empacotar. Suspirando contentemente, recostou-se no tronco da árvore. Tirou o chapéu e enxugou o suor e a poeira do rosto com o lenço. Com cuidado, abriu uma das garrafas e tomou um quarto do líquido de uma vez. Gradualmente, o rum dissipou a tensão no estômago, diminuiu a dor nas costas retesadas e pernas feridas. Sorriu. Uma vaga sensação de bem-estar pressionava sua cabeça. Sim, murmurou, era melhor sentar-se ali, saboreando o rum, do que ouvir a ladainha incessante de Altagracia. Ele dificilmente ficava com raiva, mas hoje tivera muito mais do que podia suportar.

Pelos olhos semi-abertos, Benito Santos observava as pessoas se reunirem em um círculo em frente à entrada do mercado. Era o mesmo grupo que vinha todos os sábados à tarde das aldeias próximas para apostar na briga de galos. Devagar, levantou os olhos em direção a dois homens agachados perto de uma árvore na sua frente. Ele não estava muito interessado em brigas de galo, ainda que tivesse ficado atento aos dois galos que os homens seguravam nas mãos. Eles os puxavam para cima e para baixo de forma a fortalecer suas pernas. Com um gesto estranho, os homens eriçavam as penas das aves e então os empurravam um contra o outro para acirrar os espíritos.

— Esta é uma ave de primeira — Benito Santos disse ao homem que segurava o galo escuro com penas douradas nas pontas.

— Com certeza — o homem concordou rapidamente.— Ele vai estar na última luta desta tarde. Os melhores galos são poupados para a última briga — completou o homem com orgulho, penteando as penas da ave. — Você devia apostar nele. Ele será o vencedor de hoje.

— Tem certeza? — Benito perguntou casualmente, tirando outra garrafa de rum do saco de papel. Tomou um longo gole, depois desviou o olhar para a multidão de homens excitados, agachados em volta de uma arena na areia. Deram-lhe passagem sem olhar para ele, os olhos estavam fixos no centro da arena onde dois galos estavam presos em um combate mortal.

— Suas apostas! Senhores, suas apostas! — um homem gritava e sua voz silenciou por um momento a barulhenta multidão. — Suas apostas para

a última luta! Para a luta real!

Avidamente, os homens trocaram as cédulas imundas por fichas coloridas indicando a quantia apostada.

— Tem certeza de que seu galo irá ganhar hoje? — Benito Santos perguntou ao dono da ave com as penas de pontas douradas.

— Claro que sim! — o homem exclamou, lascando uma porção de beijos na crista da ave.

— Com medo de apostar, Benito Santos? — perguntou um dos trabalhadores que haviam trabalhado com ele no corte da cana. — É melhor você comprar alguma comida para sua velha mulher se não quiser ter problemas esta noite — acrescentou zombeteiramente.

Benito Santos escolheu uma ficha e sem hesitar apostou o resto do seu salário no galo com as penas de pontas douradas. Estava certo de que dobraria o dinheiro. Seria capaz de comprar não apenas arroz e feijão mas também carne e mais rum. Talvez até sobrasse algum dinheiro para comprar o primeiro par de sapatos para o filho.

Benito Santos, excitado como o resto dos espectadores, berrou em aprovação quando os donos levantaram os galos acima de suas cabeças. Eles chupavam as esporas afiadas e mortais nas pernas dos galos para provar que não havia veneno nelas. Os homens sussurravam coisas doces para as aves e, ao comando do juiz, colocaram-nas no centro da arena.

Os combatentes se estudavam com raiva mas se recusavam a brigar. A multidão gritava e uma gaiola foi colocada em volta dos galos. Excitados, os homens incitavam as aves a atacar. Os galos tremiam com a força e a plumagem caía de seus pescoços pelados e sangrando.

A gaiola foi retirada. Os galos pulavam um contra o outro, evitando habilidosamente as bicadas e os golpes com as asas. Mas logo eles estariam engalfinhados em golpes de asas mortais, cabeçadas e chutes, numa explosão de fúria. O galo de penas brancas estava vermelho de sangue, tanto do seu próprio quanto do profundo corte no pescoço de seu oponente.

Silenciosamente, Benito Santos rezou para que a ave na qual tinha apostado ganhasse.

Ao sinal do juiz, os galos, de bicos abertos e com dificuldade para

respirar, foram retirados da arena. Com uma ansiedade crescente, Benito Santos observou o dono do galo com as penas de pontas douradas soprando as feridas dele. Suavemente, ele conversava com o galo, acariciando-o, preocupando-se com todos os detalhes.

Ao comando do juiz, as aves foram colocadas novamente no centro da arena. Rapidamente, o galo de penas brancas voou em cima do oponente, enfiando a espora no pescoço dele. Uma multidão triunfante quebrou o silêncio dos espectadores quando o galo com as penas de pontas douradas caiu morto.

Benito Santos sorriu tristemente e depois riu, fazendo caretas para tentar impedir que as lágrimas rolassem dos olhos.

— Pelo menos tenho meu rum — murmurou, bebendo o resto da segunda garrafa. Com os dedos trêmulos esfregou o queixo áspero. Andou para longe da multidão, tomando a direção das montanhas. Os campos de cana vazios se estendiam infinitamente até onde a luz difusa da tarde os alcançava. A poeira amarela da estrada, levantada pelo sapato dele, cobria seus braços e mãos com um pó fino e dourado.

Devagar, foi andando por um caminho no monte. Onde quer que houvesse uma árvore, ele cruzava a estrada e descansava à sua sombra.

Abriu a última garrafa de rum e tomou um grande gole. Não queria ver a mulher. Não suportaria encarar os olhos acusadores dela. Olhou a região em volta do monte e deixou os olhos repousarem no declive arborizado do outro lado da estrada, onde um alto general do governo tinha uma fazenda.

Benito Santos tomou outro gole. O rum o fez sentir um ligeiro torpor. Talvez eles dessem um trabalho para ele na fazenda do general. Ele poderia cortar a grama, irrigar a alfafa cultivada especialmente para os cavalos. Droga! Ele era habilitado!, pensou. Era um cortador de cana. Cortar cana ou alfafa era a mesma coisa. Talvez até pudesse pedir um adiantamento. Não muito. O suficiente para comprar arroz e feijão.

Quase correu rampa abaixo, mas foi andando pela nova estrada pavimentada que levava até a fazenda do general. Estava tão excitado com a possibilidade de conseguir um trabalho que nem viu os dois soldados no

largo portão aberto.

— Aonde pensa que está indo? — um deles o parou, apontando o rifle para uma placa na estrada. — Não sabe ler? Proibida a passagem. Essa é uma estrada particular.

Benito Santos estava tão esbaforido que sua garganta ardia ao respirar. Olhou de um soldado para o outro e depois se dirigiu ao segundo, que estava encostado em uma pedra enorme próxima à placa. Ele parecia velho e amigável.

— Preciso de um emprego desesperadamente — murmurou. Em silêncio, o soldado balançou a cabeça, os olhos fixos nos cabelos negros de Benito Santos que apareciam pelas bordas do chapéu. A calça cáqui malcuidada e a camisa estavam grudadas no corpo por causa do suor.

— Não há nenhum trabalho aqui — falou em um tom compreensivo. — Não há ninguém aqui para empregar você.

— Alguém deve cuidar dos cavalos — Benito Santos insistiu. — Talvez possa ajudar. Apenas algumas horas por dia.

Os guardas entreolharam-se, encolheram os ombros e sorriram maliciosamente.

— Pergunte ao alemão sobre os cavalos — disse o homem mais jovem. — Ele pode ajudá-lo.

Por um momento Benito Santos ficou pensando se os soldados estavam brincando. Mas se sentia muito agradecido para deixar que isso o preocupasse. Com medo de que eles mudassem de idéia e o chamassem de volta, foi andando rápido pela estrada pavimentada que cortava o monte.

Parou abruptamente na frente da casa do general. Indeciso, ficou em pé olhando a construção de dois pavimentos. Era toda branca, com um longo balcão sustentado por grandes colunas. Em vez de chamar alguém, ele foi andando na ponta dos pés na direção de uma das janelas do primeiro andar. Ela estava aberta e o vento fazia a cortina de gaze tremular gentilmente. Queria dar uma pequena olhada e ver o que havia lá dentro. Tinha ouvido que a mobília luxuosa havia sido trazida da Europa.

— O que está fazendo aqui? — perguntou alguém com uma voz alta e um sotaque acentuado atrás dele.

Assustado, Benito Santos quase deixou a garrafa de rum cair ao virar-se. Com os olhos arregalados, ele cumprimentou um homem de meia-idade, vigoroso, de cabelos louros. Devia ser o alemão sobre quem os soldados falaram, pensou, olhando os olhos inquietos do homem. Eram da cor do céu e brilhavam fortemente debaixo das sobranceiras cerradas.

— Tem um trabalho para mim? — Benito Santos perguntou. — Qualquer tipo de trabalho.

O homem se aproximou de Benito Santos e o encarou ameaçadoramente.

— Como conseguiu chegar até aqui, seu bebum? — disparou com desprezo. — Saia daqui antes que solte os cachorros em cima de você.

O olhar de Benito Santos ficou trêmulo, os cílios tremiam. Sentia-se como um miserável. Odiava pedir favores. Sempre trabalhara da melhor forma que podia. Sua língua estava pesada.

— Apenas por algumas horas. — Ele esticou as mãos para que o homem pudesse ver os calos e os sulcos nela. — Trabalho duro. Sou um cortador de cana. Posso cortar a grama para os cavalos.

— Saia daqui! — o alemão berrou. — Você está bêbado.

Benito Santos caminhou devagar, arrastando a ponta do facão pelo chão. A estrada à sua frente parecia mais longa do que nunca, como se ela se esticasse propositalmente para atrasar a sua chegada em casa. Queria ter alguém com quem falar. O monótono zumbido dos insetos o fazia sentir-se ainda mais desolado.

Atravessou a vala seca para chegar até seu casebre. Permaneceu um pouco do lado de fora, inspirando profundamente o ar do final de tarde, deixando que a leve brisa refrescasse seu rosto suado.

Teve que se abaixar para poder entrar no casebre. Não havia janelas, apenas uma abertura na frente e outra na parte de trás, que ele fechava à noite com um pedaço de papelão preso com uma vara.

O calor estava insuportável dentro de casa. O som das cordas da rede roçando contra a madeira e a respiração irregular de Altagracia o irritaram. Sabia que ela estava fervilhando de raiva. Virou-se para olhar o filho que dormia no chão. Ele vestia um trapo desbotado, que mal cobria seu pequeno

peito. Não conseguia lembrar se o menino tinha dois ou três anos.

Altagracia levantou-se da rede com os olhos fixos no saco que ele carregava nas mãos. Plantou-se na frente dele e perguntou com uma voz áspera e estridente:

— Onde está a comida, Benito?

— A feira já estava desmontada quando cheguei lá — Benito Santos murmurou, dirigindo-se para uma cama de lona em um dos cantos do casebre, segurando firmemente o saco de papel. — Tenho certeza de que ainda há algum arroz e feijão por aqui.

— Não tem mais nada aqui como você bem sabe — Altagracia disse, tentando apanhar o saco de papel. — Com certeza você teve tempo para se embriagar. — O rosto dela estava amarelado, era só pele e osso. Os olhos encovados, geralmente sem vida, brilhavam de raiva e desprezo.

Ele sentiu claramente as batidas de seu coração acelerarem. Não tinha que dar nenhuma explicação a ela. Não precisava dar explicação a ninguém.

— Cala a boca, mulher — gritou. Apanhou a garrafa e bebeu o resto do rum sem parar para respirar. — Trabalhei a noite inteira cortando cana. Estou cansado. — Jogou a garrafa vazia pela abertura do casebre. — Quero ter um pouco de paz e sossego agora. Não quero nenhuma mulher berrando no meu ouvido. Pegue o garoto e suma daqui.

Antes que ele tivesse tempo de se esquivar, Altagracia agarrou-o pelo braço.

— Dê-me o dinheiro, eu mesma compro a comida. O garoto precisa comer. — Ela abriu a bolsa dele. — Não tem dinheiro? — repetiu, atordoada, olhando-o incompreensivelmente. — Você não recebeu hoje? Não pode ter gastado o trabalho de seis dias em rum.

Gritando palavrões, ela começou a puxá-lo pelos cabelos e bater com os punhos fechados no peito e nas costas dele.

Sentia-se bêbado, não do rum, mas da revolta e da desesperança. Viu uma ponta de medo nos olhos dela ao levantar seu facão. O grito dela cortou o ar até o silêncio total. Olhou para ela caída no chão, o cabelo mergulhado em uma poça de sangue.

Sentiu alguma coisa puxando suas calças. O pequeno filho agarrou sua perna com tanta força que estava certo de que ele nunca mais o largaria. Possuído por um medo irracional, tentou livrar-se do garoto, mas ele não o largava. Os olhos dele eram iguais aos da mãe, escuros e profundos, e refletiam a mesma luz acusadora. Suas têmporas começaram a latejar ao confrontar o olhar cegante do menino. Com uma fúria cega, levantou o facão mais uma vez.

Nunca, em toda sua vida, havia sentido uma desolação tão agonizante. Nunca, também, havia percebido tudo tão claramente.

Por um momento, era como se tivesse uma nova vida, uma mais significativa — com um grande propósito — e só percebia isto agora, ao olhar para o pesadelo em que sua vida havia se tornado. Mais consciente do que nunca, socou alguns trapos em uma lata quase vazia de querosene e tascou fogo no casebre.

Correu o máximo que pôde e, depois, parou. Sem se mover, ficou parado olhando os campos vazios no pé dos morros, as montanhas mais longínquas. Pela manhã, aquelas montanhas tinham a cor da esperança. Por trás delas estava o mar. Nunca havia visto o mar. Apenas tinha ouvido que era imenso.

Benito Santos esperou até que as montanhas, os morros e as árvores não fossem mais do que uma sombra. Sombras como as memórias de sua infância. Sentiu como se estivesse caminhando com sua mãe pelas estreitas ruas da aldeia, seguindo a multidão em alguma procissão, carregando velas que tremulavam na escuridão.

— Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

Sua voz foi levada pelo vento e pelos inúmeros sussurros da montanha. Tremeu de medo e saiu correndo numa fuga frenética. Correu até perder o fôlego. Sentiu-se desabando no chão. A terra o estava engolindo, acariciando-o com sua escuridão. E Benito Santos sabia que este era o último dia de sua vida comum. Ele, no final das contas, havia morrido.

Abriu os olhos ao ouvir o som de uma mulher gemendo. Era a brisa da noite, roçando nas folhas ao seu redor. Como havia desejado permanecer

na escuridão. Mas sabia que nada seria fácil para ele. Levantou-se, apanhou o facão e tomou o caminho da estrada que levava às montanhas. Uma luz clara surgiu no céu, envolvendo-o e dando a ele uma sombra. A noite clara fez o ar ficar mais leve, mais fácil para respirar.

Não tinha nenhum lugar para onde ir. Nada por que procurar. Não sentia nenhuma emoção. Apenas uma vaga sensação, uma vaga esperança de que pudesse ver o mar.

Capítulo 18

— Está na hora de você ir embora — falou Candelária. — Não deveria trabalhar aos domingos. — Ela apertou o interruptor do meu gravador.

Neste instante, dona Mercedes entrou na cozinha. Franziu as sobancelhas ao perceber que eu ainda estava de robe.

— Ainda não está pronta? — perguntou-me.

— Sei a razão — Candelária falou. Sua voz ficou curiosamente macia e seus olhos brilharam com uma ponta de divertimento. — Ela não quer colher os cocos de Benito Santos. Ela tem medo dele.

Antes que tivesse chance de negar a acusação, ela tinha saído da sala.

— É verdade *musiúa*? — dona Mercedes perguntou, servindo-se de uma xícara de café. — Nunca percebi qualquer tipo de desconforto quando você estava perto dele.

Assegurei que não tinha. Entretanto, não podia fingir que aquilo que Benito Santos fizera à mulher e ao filho fora abominável.

— A história dele não tem nada a ver com moralidade ou justiça — ela me interrompeu. — É a história de um homem violento e desesperado.

Protestei, pois ressentia-me profundamente por ele ter pensado apenas em si próprio. Falei quase histericamente sobre o desespero e a desesperança da mulher e da criança.

— Pare, *musiúa*. — Ela cutucou meu peito com o dedo na região próxima à clavícula. Senti como se ela estivesse me empurrando com a ponta de um ferro.

— Não ceda a sua falsa noção de ordem. Não seja uma *musiúa* que veio a um país estrangeiro para encontrar imperfeições. Esse tipo de pessoa poderia sentir-se ofendida por Benito Santos e perder o que estou tentando mostrar a você. Quero colocá-la sobre a sombra das pessoas que escolhi para contar suas histórias para você. A história do último dia normal de Benito Santos recapitulou sua existência. Pedi a ele que lhe contasse com

todos os detalhes que pudesse lembrar. E, também, enviei-a para que você mesma visse a sua plantação de cocos perto do mar. Dessa forma poderia confirmar que a roda da oportunidade girou para ele.

Para mim, era difícil explicar meus sentimentos a dona Mercedes sem moralizá-los. Não queria fazer isso, mas, ao mesmo tempo, não conseguia evitar. Ela deu um sorriso compreensivo.

— O valor desta história — falou de repente — é que sem qualquer tipo de preparação, ele fez uma ligação, ele conseguiu que a roda da oportunidade se movesse. Feiticeiras dizem que, às vezes, uma simples ação constrói esta ligação.

Dona Mercedes levantou-se da cadeira onde estivera sentada e, segurando firme no meu braço, caminhou para fora da cozinha em direção à sala.

Na porta, parou e me olhou.

— Benito Santos matou a mulher e o filho. O ato moveu a roda da oportunidade, mas o que o fez estar onde ele está agora, perto do mar, era seu desejo de ver o mar. Como eleja deve ter dito a você, foi um desejo vago, ainda que fosse o único que possuísse após cometer um ato de tanta violência. Dessa forma, o desejo o envolveu e guiou. Por isso ele teve que permanecer fiel ao seu desejo para se salvar. Ele tinha que amar o mar. Ele veio até mim e, então, pude ajudá-lo a manter firme seu destino.

E concluiu:

— Isso pode ser feito, você sabe. Nós podemos construir nossa própria ligação com um simples ato. Não precisa ser tão violento e desesperado quanto o de Benito, mas tem que ser determinado. Se o ato for seguido de um desejo enorme, como o de Benito Santos, nós podemos, algumas vezes, colocar a moralidade de lado.

Parte Cinco

Capítulo 19

Já era final da tarde quando eu e dona Mercedes saímos de casa e caminhamos em direção à casa de Leon Chirino. Vagarosamente, passamos pelas velhas casas coloniais perto da praça, espiando por dentro das janelas abertas. Os aposentos estavam escuros, ainda que pudéssemos vislumbrar a sombra de mulheres idosas desfiando as contas do rosário enquanto faziam silenciosamente as orações da tarde.

Descansamos em um banco na praça, cercadas pelos velhos sentados em rudes cadeiras de madeira, encostadas nos troncos das árvores. Esperamos com eles até o sol desaparecer por trás das montanhas e a brisa da noite esfriar o ar.

Leon Chirino vivia no outro lado da cidade, ao pé da montanha repleta de barracos. Sua casa, construída de blocos de cimento sem emboçamento, tinha um grande jardim e era cercada por um muro alto.

O pequeno portão de madeira estava aberto, assim como a porta da frente. Sem importuná-lo, batendo ou chamando por ele, entramos por uma grande sala e caminhamos até a área no fundo da casa, que tinha sido transformada em um local de trabalho. Sob a fraca luz de uma única lâmpada, Leon Chirino estava serrando um pedaço de madeira. Movimentou as mãos em um gesto de convite e contentamento e nos convidou a sentar no banco defronte à mesa de trabalho.

— Imagino que é hora de estar pronto — falou, espanando a poeira de seu cabelo branco e sacudindo as lascas de madeira da roupa.

Cheia de expectativa, olhei para dona Mercedes, mas ela simplesmente acenou com a cabeça. Uma luz indefinível brilhou em seus olhos enquanto ela se virava para Leon Chirino. Sem dizer uma palavra, ela se levantou e deslizou pelo corredor que margeava o pátio em volta da parte

dos fundos da casa.

Estava prestes a segui-la quando Leon Chirino me parou.

— É melhor vir comigo — disse, apagando a luz. Cuspiu entre os dentes, mirando acuradamente o pote de flores secas em um dos cantos.

— Aonde dona Mercedes está indo? — perguntei.

Ele deu de ombros e me guiou na direção oposta por um pequeno aposento que separava a sala de estar da cozinha. Encostado em uma das paredes estava um filtro de barro e do outro uma geladeira.

— Quer um refrigerante? — perguntou, segurando uma garrafa de Pepsi que havia retirado da geladeira. Sem esperar pela minha resposta, abriu a garrafa e casualmente falou: — Dona Mercedes está verificando se há charutos suficientes.

— Haverá uma sessão? — perguntei, tirando a garrafa de suas mãos.

Leon Chirino acendeu a luz da sala de estar e foi para a janela que dava para a rua. Apanhou um painel de madeira e, antes de colocá-lo na esquadria da janela, olhou para trás. Seus olhos brilhavam, uma das mãos apoiava o queixo. O sorriso, levemente torto, era malévolo.

— Certamente que sim — falou.

Bebendo a Pepsi, fui sentar-me no banco próximo à janela. A escassez de móveis fazia com que a sala parecesse maior do que realmente era. Além do banco, havia apenas uma estante com livros, garrafas, fotos, jarras, taças e, encostadas na parede, algumas cadeiras de madeira.

Murmurando algo ininteligível, Leon Chirino apagou a luz, acendeu as velas encravadas nas saliências do chão entre as inúmeras imagens de santos, artefatos indígenas e adornos de escravos negros que enfeitavam a parede pintada de ocre.

— Quero que você se sente aqui — ordenou, colocando duas cadeiras no meio da sala.

— Em qual delas?

— A que você preferir.

Sorrindo largamente, ele tirou meu relógio de pulso, colocou-o em seu bolso e apanhou uma pequena jarra na estante, que estava cheia até a metade com mercúrio. Em suas mãos escuras, parecia a pupila gigante de

um monstro.

— Pelo que entendi, você é uma médium inexperiente — falou enquanto colocava a jarra no meu colo.

— O mercúrio vai manter o espírito flutuando longe de você. Não queremos o espírito perto de você. É muito perigoso para você. — Deu uma piscada e colocou no meu pescoço um cordão com uma imagem da Virgem Maria. — Esta medalha é uma proteção — assegurou-me.

Fechando os olhos, juntou a palma das mãos para rezar. Assim que terminou, advertiu-me que não há forma de saber qual o espírito que nos visitaria durante a sessão.

— Não se afaste da jarra nem retire o cordão — preveniu-me, colocando as outras cadeiras no meio da sala formando um círculo.

Apagou as velas com exceção de uma que queimava embaixo do quadro *El Negro Miguel* — um famoso líder escravo que foi comprado na primeira leva de escravos da Venezuela. Depois, rezou outra oração pequena e deixou a sala silenciosamente.

A vela já estava quase apagada quando ele voltou. Insistindo para que eu mantivesse os olhos na jarra, sentou-se ao meu lado. Curiosíssima, olhei em volta algumas vezes quando ouvi as pessoas entrando na sala e sentando-se nas cadeiras. Sob a luz fraca, tive a impressão de reconhecer um rosto.

Mercedes Peralta foi a última a entrar. Retirou uma vela de uma das saliências e distribuiu os charutos.

— Não fale com ninguém antes ou depois da sessão — ela sussurrou no meu ouvido ao acender meu charuto. — Ninguém mais, além de Leon Chirino, sabe que você é uma médium. Médiuns são vulneráveis.

Ela se sentou do lado oposto ao meu. Fechei meus olhos e traguei habilmente como havia feito inúmeras vezes no pátio da casa de dona Mercedes. Fiquei tão entretida nisto que não percebi o tempo passar. Uma breve lamúria surgiu na escuridão esfumaçada. Abri meus olhos e vi uma mulher materializar-se no centro do círculo de cadeiras, uma figura atordoante. Vagarosamente, uma luz avermelhada se espalhou por todos os lados até que pareceu incandescer.

A maneira como ela se movimentava, o modo como se vestia — saia e blusa preta —, a maneira como balançava a cabeça para um lado, me fez pensar em Mercedes Peralta. No entanto, quanto mais a observava, menos acreditava nisso.

Imaginando se aquela era uma das visões que havia tido no pátio, segurei firmemente o jarro de mercúrio em minhas mãos e me levantei da cadeira. Fiquei parada olhando fixamente a mulher até que se tornou transparente. Não havia nada de assustador nisto, simplesmente aceitei que era possível ver através dela.

Sem nenhum aviso, a mulher caiu em um monte escuro no chão. A luz em sua volta parecia ter sido apagada. Fiquei totalmente segura de que não era uma aparição quando ela pegou um lenço e assoou o nariz.

Exausta, afundei em minha cadeira. Leon Chirino, sentado à minha esquerda, cutucou-me com o cotovelo, para que eu prestasse atenção no centro da sala. Lá, no círculo de cadeiras, onde a mulher transparente havia estado, erguia-se uma mulher velha e com a aparência de estrangeira. Ela me fitou. Seus olhos azuis, totalmente abertos, assustados e desnorreados. A cabeça pendia para trás, depois para frente e, antes que aquilo tudo pudesse fazer sentido, ela desapareceu. Não subitamente, mas lentamente, flutuando ali em volta.

A sala estava tão silenciosa que por um instante pensei que todos tivessem ido. Às escondidas, olhei em volta de mim. Tudo que pude ver foi a fumaça do charuto. Eles não podiam, pensei, estar fumando o mesmo charuto que dona Mercedes havia distribuído. Terminara o meu há algum tempo. Quando me voltei para chamar a atenção de Leon Chirino, alguém tocou no meu ombro.

— Dona Mercedes! — exclamei, reconhecendo seu toque.

Com a cabeça inclinada, esperei que ela dissesse alguma coisa. Como não falou, olhei para cima, mas ela não estava mais lá. Estava sozinha na sala. Todos haviam ido embora. Assustada, levantei-me e corri na direção da porta, até que Leon Chirino me parou.

— O espírito de Frida Herzog está por aqui — falou. — Ela morreu nos pés desta montanha.

Ele foi em direção da janela e abriu as persianas de madeira. Como uma aparição fantasmagórica, a fumaça desapareceu da sala, dissolvendo-se no ar noturno. Leon Chirino olhou para mim mais uma vez e repetiu que Frida Herzog havia morrido nos pés da montanha. Andou em círculo pela sala, inspecionando cuidadosamente os cantos sombrios. Talvez para se assegurar de que não havia ninguém por lá.

— A velha mulher que vi era Frida Herzog? — perguntei. — Você a viu também?

Ele concordou com a cabeça, murmurou mais uma vez que o espírito ainda estava rondando a sala. Esfregou a testa repetidamente, como se estivesse tentando tirar de sua mente um pensamento ou, talvez, uma imagem da velha mulher assustada.

O silêncio na sala começou a tornar-se insuportável.

— Acho melhor alcançarmos dona Mercedes — disse suavemente e abri a porta.

— Espere! — Leon Chirino parou adiante e segurou meu braço. Retirou o cordão do meu pescoço e pegou a jarra de mercúrio que estava na minha mão. — Durante uma sessão espírita, o tempo cronológico está suspenso — murmurou com voz tranqüila e cansada. — O tempo espiritual é um tempo de equilíbrio, que não é sonho nem realidade. É o tempo que existe no espaço.

Ele enfatizou que eu havia sido transportada para um evento que acontecera muito tempo atrás.

— O passado não tem seqüência — continuou. — O hoje pode ser compartilhado com o ontem, com eventos de muitos anos atrás. Ele colocou o relógio no meu pulso. — O melhor é não falar sobre estas coisas. O que acontece é vago e indefinível, e não deve ser transcrito em palavras.

Ansiosa para me encontrar com dona Mercedes, concordei com ele sem entusiasmo. Leon Chirino, no entanto, estava determinado em fazer com que eu permanecesse na casa, repetindo diversas vezes que Frida Herzog morrera na montanha, logo atrás da casa.

— Vi dona Mercedes ficar transparente — interrompi-o. — Você viu também?

Ele me encarou assustado como se não esperasse que eu fosse perguntar por ela. Mas, no momento seguinte, estava gargalhando.

— Ela quer confundi-la — falou, sorrindo com orgulho. — Ela é uma médium perfeita. — Com um meio sorriso, ele abriu seus olhos cansados. Parecia estar deliciando-se com alguma visão divertida. Então, gentilmente, me retirou da sala e, sem fazer barulho, fechou a porta atrás de mim.

Por um momento, fiquei parada, escondida atrás da porta de Leon Chirino. Sabia que havia perdido a noção de tempo durante a sessão, mas não conseguia acreditar que uma noite inteira havia passado e que não havia escutado o barulho da chuva. Estava amanhecendo e ainda havia poças na rua.

Um papagaio gritou alguma coisa longe dali. Olhei para frente. Do outro lado da rua, Mercedes Peralta estava em pé como a sombra do eucalipto que marcava o chão de cimento em direção a um caminho que levava até os barracos na montanha. Corri até ela.

Antecipando-se às minhas perguntas, ela tocou nos meus lábios com seu dedo, agachou-se, apanhando no chão um pequeno galho, recém-partido. Ainda estava úmido por causa da chuva da noite. Ela o balançou; a fragrância do eucalipto, concentrada em centenas de gotas, molhou minha cabeça.

— É melhor irmos — falou, mas, em vez de tomar o caminho de casa, ela me levou em direção a montanha.

O ar cheirava a papelão mofado. Não havia ninguém nas redondezas. Os barracos pareciam abandonados. No meio da caminhada, viramos em um dos caminhos que se estendiam como ramificações dos caminhos mais largos e paramos em frente a uma casa amarela com telhado de folhas-de-flandres enferrujadas.

A porta da frente, que estava destrancada, dava para uma espécie de quarto. Uma cama estreita e mal construída ocupava o centro do aposento. Samambaias felpudas cresciam em potes de flores pendurados na parede. Havia canários em gaiolas de bambu presas no teto. Calças, casacos e blusas passadas repousavam em ganchinhos presos nas paredes amarelas.

Um homem apareceu por trás de uma cortina vistosa, que a princípio

achei que fizesse parte da decoração da parede.

— Efrain Sandoval! — exclamei, imaginando o que este homem, dono da loja onde eu havia comprado meus cadernos de anotações e lápis, fazia naquele lugar. Já estava familiarizada com ele e com sua mulher alemã, cujo sotaque e gestos eram mais venezuelanos do que o de muitos nativos. Os dois viviam com as duas filhas perto da praça, na parte de cima de uma loja de produtos eletrônicos que eles haviam comprado.

Ele estava na casa dos quarenta, mas seu corpo robusto e os traços delicados do rosto o faziam parecer bem mais novo. Os oblíquos olhos escuros, cobertos por longas e encaracoladas pestanas, brilhavam. Parecia estar se divertindo com algum pensamento secreto. Como sempre, estava impecavelmente vestido; mas, naquela manhã, ele cheirava a fumaça de charuto.

— Você esteve na sessão? — perguntei a ele, num tom involuntário de incredibilidade.

Gesticulando para que eu ficasse quieta, ele nos convidou para sentar na cama.

— Já volto — prometeu, desaparecendo por trás da cortina. Rapidamente, reapareceu, carregando uma pesada bandeja de bambu com comida, pratos e talheres. Abriu espaço em uma das prateleiras e colocou a bandeja lá e, com movimentos suaves de um *maitre*, serviu-nos feijão, arroz, banana frita, picadinho de carne temperado e café.

Num nervosismo antecipado, olhei de um para o outro, esperando algum comentário sobre o encontro espiritual.

— A *musiúa* está ardendo de curiosidade — dona Mercedes anunciou, com um brilho sarcástico nos olhos. — Quer saber por que você vive aqui no alto quando tem uma bela casa em cima de sua loja na cidade. Gostaria que você contasse para ela.

— Gostaria? — Efrain Sandoval perguntou indiferente enquanto comia os últimos caroços de feijão de seu prato. Mastigou vagarosamente, parando vez ou outra. Levantou-se, andou até a janela e a abriu. Por um ou dois segundos, espiou o céu pálido, virou-se e me encarou.

— Suponho que você tenha um bom motivo para querer saber a meu

respeito? — falou num tom interrogativo.

— Ela tem — dona Mercedes respondeu. — Então, não a descarte quando ela for até sua loja para ouvir sua história.

Efrain Sandoval riu bobamente, inclinou o banco para trás e encostou-se contra a parede. Deixou seu olhar vagar pela sala. Havia uma expressão distante em seus olhos, parecia não ter conhecimento de nossa presença.

— Mas qual é a parte que devo contar? — ele finalmente perguntou sem olhar para dona Mercedes. — Não é uma história de tremer a terra. É quase banal.

— Este é o ponto — falou. — A *musiúa* tem ouvido toda sorte de histórias até agora. A sua é particularmente interessante porque você nunca fez nada para que ela acontecesse. Você apenas estava lá, levado por uma força maior.

— Ainda não vejo como a história de Frida Herzog possa ajudar a *musiúa* — Efrain Sandoval insistiu.

— Deixe seu receio de lado — Mercedes Peralta falou secamente. Levantou-se da cama e indicou que eu fizesse o mesmo.

Efrain Sandoval nos olhou como se fosse defender seu ponto de vista. Mas, ao contrário, concordou.

— Como você já sabe, tenho uma casa grande na cidade — falou, virando-se para mim. Abriu seus braços amplamente. — Mesmo assim, também vivo aqui onde posso sentir a presença de Frida Herzog que involuntariamente me deu tudo o que tenho.

Caminhou na direção da janela mas, antes de fechá-la, olhou inseguro para dona Mercedes e perguntou:

— Você vai me purificar hoje?

— Claro — ela sorriu — , não se incomode com a *musiúa*. Ela já me viu fazer isso antes.

Efrain Sandoval pareceu vacilar por um momento, depois, aparentemente preocupado que não houvesse tempo suficiente, tirou prontamente o casaco e deitou-se de bruços na cama.

Mercedes Peralta retirou uma pequena garrafa, um lenço branco,

duas velas e dois charutos do bolso de seu vestido. Meticulosamente, ela os alinhou no chão, ao pé da cama. Acendeu uma das velas e um charuto, que tragou profundamente. Envolvida pela fumaça, murmurou palavras de uma oração saída de sua boca após cada baforada. Um sorriso fraco cortou seu rosto ao apanhar o lenço branco e a pequena garrafa, com uma mistura de amônia e água perfumada, pela metade. Ela derramou uma quantidade generosa no lenço e dobrou-o, formando um quadrado perfeito.

— Respire! — ordenou e, num gesto rápido e bem-feito, colocou o lenço embaixo do nariz de Efrain Sandoval.

Murmurando algo incompreensível, ele se virou e fez um enorme esforço para sentar-se. Lágrimas escorriam pelas suas faces e ele movimentava os lábios, tentando formar um apelo. Dona Mercedes segurou-o no lugar com firmeza, apenas aumentando a pressão de sua mão sobre o seu nariz. Rapidamente, ele se levantou, cruzou os braços sobre o peito e recostou-se, totalmente exausto.

Dona Mercedes acendeu um segundo charuto. Murmurando uma delicada oração, pediu ao espírito de Hans Herzog para proteger Efrain Sandoval. Soprou as últimas baforadas nas mãos em concha e, depois, correu os dedos pela face dele, pelos braços dobrados, por todo o corpo até as pernas.

Assustada ao ouvir um barulho estranho, olhei em volta de mim. A sala estava coberta de fumaça e, por cima da névoa, uma forma surgiu. Não era mais do que uma sombra ou um espectro de fumaça que parecia mover-se detrás da cama.

O sono pesado de Efrain Sandoval, intercalado por roncos altos, quebrou a magia. Mercedes Peralta levantou-se, colocou toda a parafernália, inclusive os charutos, dentro do bolso, voltou-se para a janela e a abriu. Apontando o queixo para a porta, indicou que eu a seguisse.

— Ele ficará bem? — perguntei quando estávamos do lado de fora. Nunca estivera numa sessão tão curta.

— Ele ficará bem por mais um ano — ela me assegurou. — Todos os anos, Efrain Sandoval participa de uma sessão espiritual para se renovar. — Ela balançou os braços, num gesto amplo. — Frida Herzog é um espírito que

vaga por aqui. Efrain acredita que ela trouxe sorte para ele. Este é o motivo pelo qual ele mantém este barraco enquanto sua família vive na cidade. Isto não é verdade, mas sua crença não prejudica ninguém. Na verdade, isto significa um alívio para ele.

— Mas quem é Frida Herzog? — perguntei. — E quem é Hans Herzog? Você pediu ao espírito dele para proteger Efrain Sandoval.

Dona Mercedes colocou as mãos sobre minha boca.

— *Musiúa*, tenha paciência — falou, confusa. — Efrain contará no momento certo. Tudo o que posso dizer é que quem moveu a roda da oportunidade para Efrain não foi Frida Herzog. Ela não tinha nenhuma razão para fazê-lo. Na verdade, foi um fantasma que fez isso. O fantasma de Hans Herzog. — Dona Mercedes se agarrou fortemente em mim enquanto descíamos a montanha. — Mal posso esperar para me deitar na minha rede — murmurou. — Estou exausta.

Com medo de que alguém pudesse danificar, ou até mesmo quebrar, sua motocicleta, Efrain a tirou da calçada e colocou-a no saguão de entrada da nova loja comprada por sua chefe, Frida Herzog.

A mulher e os filhos, que moravam no apartamento no segundo andar, olharam-no ressentidos. O saguão era, para eles, a entrada da casa. Ele balançou os ombros como se pedisse desculpas e subiu as escadas em direção ao apartamento de Frida Herzog.

Trabalhava para os Herzog desde adolescente. Fora Hans Herzog que comprara sua motocicleta. Os anos em que trabalhara para eles haviam passado tão rápido que Efrain nem havia percebido. Ele gostava do seu trabalho de faz-tudo e de entregador dos produtos do aviário de Hans Herzog. Entretanto, o que ele mais gostava era da gentileza e do bom humor de seu patrão. Efrain não sentia que estava trabalhando, mas sim que ia todos os dias para o trabalho para ter uma aula na arte de viver bem.

Com o passar dos anos, ele se tornara mais um filho adotivo ou um discípulo de Hans do que um empregado. "Obrigado Efrain", ele costumava dizer, "um homem com a minha personalidade precisa, a uma certa idade, de uma audiência cativa, um ouvido atento."

Hans Herzog imigrara da Alemanha antes da guerra, não para fazer

fortuna, mas em busca de um sentido para sua vida. Casara-se tardiamente porque acreditava que o casamento e a família eram uma necessidade moral.

Quando Hans Herzog teve um derrame, foi Efrain quem cuidou dele dia e noite. Ele não podia mais falar, no entanto comunicava-se com Efrain pela intensidade e expressão do olhar. Nos seus últimos momentos, fizera um esforço enorme para tentar dizer algo a Efrain mas não conseguiu. Ele então balançou os ombros e sorriu. E morreu.

Agora, Efrain trabalhava para a viúva do homem, não mais com a mesma capacidade e, certamente, não com o mesmo prazer. Ela colocara o aviário à venda. Ele a fazia lembrar do marido, dissera, mas decidira manter Efrain como empregado porque ele era o único que sabia andar na motocicleta.

Percebendo que a porta do apartamento de Frida Herzog estava entreaberta, empurrou-a sem bater e parou no pequeno corredor que levava à sala de espera.

A sala, decorada com móveis forrados de bege, era separada da sala de jantar por um grande piano. Porta-livros de vidro erguiam-se dos dois lados da lareira que Frida só acendia uma vez no ano, na noite de Natal.

Efrain andou alguns passos para trás para mirar-se, completamente, no espelho sobre a lareira. Ele tinha vinte e poucos anos, ainda que seu corpo magro mas musculoso, sua juventude de alguma forma imatura e o rosto sem barba dessem a ele a aparência de dezesseis. Totalmente absorto, penteou os cabelos encaracolados e ajustou sua gravata e o lenço perfumado colocado no bolso do paletó. Ser pobre não era razão para parecer desleixado, pensou. Olhou por cima do ombro para certificar-se de que a parte de trás de seu casaco estava limpa e desamassada.

Assobiando, cruzou a sala e parou na varanda espaçosa. Parcialmente encoberta pelas orquídeas, pelos xaxins de samambaias pendurados no teto e gaiolas de pássaros estava Frida Herzog, sentada em uma mesa branca de ferro com um tampo de vidro pesado e grosso.

— Estava esperando por você desde as nove horas — falou como cumprimento. A expressão de raiva no seus olhos azuis era ampliada pelos óculos que caíam pela ponta do seu nariz proeminente.

— Que paz! Quanta tranqüilidade respirar neste pedacinho do céu! — Efrain exclamou em um tom de exaltação. Sabia que elogiar a selva particular de Frida Herzog a deixava de bom humor. — Mesmo ao meio-dia, seus canários cantam como anjos. — Imitando o canto dos pássaros, tirou o casaco e pendurou-o, cuidadosamente, nas costas da cadeira.

— Esqueça os pássaros — ela falou secamente, indicando que ele se sentasse na sua frente. — Pago a você um salário e exijo que chegue no horário.

— Fiquei preso com um possível cliente — falou, sentindo-se importante.

Ela o felicitou ambigualmente, enxugando as pequenas gotas de suor na parte de cima dos lábios e na testa com um delicado lenço.

— Conseguiu algum pedido?

Ela não lhe deu oportunidade para responder. Puxou várias caixas brancas que estavam na mesa na frente dele.

— Cheque estes — resmungou.

Sem se incomodar com o mau humor dela, ele a informou, delicadamente, que os pedidos estavam em ordem, prontos para ser transcritos e assinados. Depois, quase com reverência, abriu as caixas brancas que estavam na sua frente e olhou as grossas canetas banhadas com prata, que repousavam no porta-canetas forrado com veludo azul. Ele tirou a tampa de uma delas, retirou o lacre da ponta e, cuidadosamente, inspecionou um pequeno pedaço de metal retangular e esfregou, por um minuto, em um tinteiro. Era um selo. Para deixar a marca, ele pressionava o buraco da parte final da tampa da caneta contra um espaço determinado da caixa de metal. Ele selava a caixa, recolocava o selo de volta e tampava a caneta. Fazia isso com todas as canetas. Tinha certeza de que dessa forma o nome dos compradores e seus endereços ficariam escritos corretamente.

— Quantas vezes vou ter que dizer que não quero impressões digitais nas canetas? — Frida Herzog vociferou, pegando a caneta das mãos dele. Ela a limpou com o lenço e colocou-a de volta na caixa.

— Agora, limpe as outras!

Ele a fitou com hostilidade, fazendo o que ela ordenara.

— Quer que eu cole as etiquetas com endereços também? — perguntou assim que terminou de limpar a última.

— Sim. Faça isso. — Ela entregou a ele seis etiquetas escritas com perfeição, que apanhara de uma pequena caixa de metal. — Certifique-se de colocar a cola com regularidade.

— O quê? — Efrain retrucou irritado. Não havia entendido uma só palavra do que ela dissera. Seu sotaque, quase imperceptível em situações normais, tornava-se acentuado quando ela estava com raiva ou medo, tornando difícil a compreensão do que dizia.

Frida Herzog falou pausadamente, pronunciando cada palavra com cuidado ao repetir.

— Distribua a cola regularmente por todos os cantos da etiqueta. — Ela olhava para ele com severidade e continuou falando: — Quero que as etiquetas permaneçam coladas.

— Se olhares pudessem matar, eu estaria morto — murmurou, levando as duas mãos à cabeça em um gesto de agonia. Sorriu por ela não entender que estava sendo amaldiçoada bem debaixo do próprio nariz.

— O que disse? — Frida Herzog perguntou, o sotaque era tão forte que as palavras saíam emboladas.

— Disse que isso não tomaria, de jeito nenhum, tempo das outras coisas que tenho que fazer. — Ele afrouxou a gravata e o colarinho da camisa, apanhou o tubo de cola que estava sobre a mesa e derramou um pouco de cola em cada etiqueta. Meticulosamente, espalhou-a com o pincel de borracha por toda a superfície e colou as etiquetas, esticando-as perfeitamente nas caixas estampadas, contendo as canetas de ponta fina.

— Belo trabalho, Efrain. — Uma expressão de aprovação surgiu, momentaneamente, em seu rosto rosado. Ela nunca deixava de ficar surpresa com a habilidade dele em colocar a etiqueta no meio da caixa com exatidão. Ela não conseguia fazer melhor.

Encorajado pelo elogio dela, decidiu perguntar sobre a caneta que ela havia prometido a ele. Embora já tivesse perdido a esperança de recebê-la, em qualquer oportunidade lembrava-a do prometido. Cada vez ela tinha uma desculpa diferente para não honrar sua promessa.

— Quando vai me dar uma caneta? — repetiu, a voz alta e urgente.

Frida Herzog encarou-o em silêncio, inclinou-se para frente e colocou os cotovelos, com firmeza, sobre a mesa.

— Já não falei antes das dificuldades que tenho para convencer o fabricante das canetas para me dar a distribuição nesta área? Você não entende que ter a minha idade — ela nunca dizia quantos anos tinha — e ser mulher é uma grande barreira? — Ela parou por um momento e, com uma ponta de orgulho, completou: — Não é porque vendo canetas tão bem que estou na situação de dá-las.

— Uma caneta não irá quebrá-la — Efrain insistiu.

— Sua caneta! Sua caneta! É tudo em que você pensa?

A indignação fazia sua voz tremer. Ela inclinou o rosto mais para a frente, ficando alguns centímetros do dele. Seus olhos nunca estiveram tão escuros quanto naquele momento em que ela os fixou nele.

Pasmo, ele apenas manteve o olhar naqueles olhos azuis, nos quais já era possível discernir um brilho de loucura.

Talvez, percebendo que havia ido muito longe, ela desviou o olhar. Vagarosamente, a expressão desanuviou-se. Em um tom persuasivo, começou a dizer que juntos eles poderiam vender milhares de canetas. Poderiam vendê-las não só na cidade e nas vilas das redondezas, mas também por todo o país.

— Seja paciente, Efrain — implorou, reclinando-se para trás.

— Quando os negócios se expandirem, nós dois ficaremos ricos.

Ela se recostou na cadeira e correu as mãos afetuosamente pela pequena caixa cinza.

— Mas tudo o que quero é uma caneta, sua velha idiota — Efrain murmurou desesperado.

Frida Herzog não ouviu. Pensativa, ela olhava para seus passarinhos na gaiola, com uma expressão triste e distante.

— Trabalho duro — Efrain falou em alto e bom som. — Não entrego apenas as canetas para você, mas consigo os compradores. — Ele ignorou a tentativa dela em interrompê-lo. — E você não quer me dar uma caneta.

— Não estou dizendo que você não trabalhe corretamente

— ela falou impaciente. — O que estou tentando fazer é que você entenda que no início de qualquer negócio sacrifícios são feitos. Ela se afastou do balcão, sua voz tornou-se aguda ao continuar. — Logo, não darei apenas uma caneta e uma comissão a você, mas o farei meu sócio. — Ela parou na frente dele. — Sou uma mulher de negócios. Posso vislumbrar estas canetas em todas as casas do país. Efrain, nós venderemos canetas para todas as pessoas alfabetizadas neste país.

Ela foi para longe dele e recostou-se na murada.

— Olhe estas montanhas! — ela gritou. — Olhe para estes barracos!

Com um movimento dos braços, que fez com que as mangas de seu casaco flutuassem, ela envolveu toda a vista diante dela. Um sorriso radiante atravessou seus lábios quando ela se virou para ele.

— Apenas pense em todos estes barracos na montanha. Quanta oportunidade! Nós iremos vender canetas para os analfabetos também. Em vez de fazer um X todas as vezes em que precisem assinar documentos, eles poderão estampar seus nomes em qualquer papel que exija a assinatura deles.

Ela bateu palmas como uma criança, sentou-se ao lado dele e apanhou algo no bolso.

— Isto — declarou ao segurar sua própria caneta dourada — é a resposta perfeita para o problema de qualquer pessoa!

Excitada, ela retirou a tampa da caneta, agarrou o pequeno selo de metal que ficava na ponta da tampa e carimbou o fundo de todas as caixas. Orgulhosa, ela leu seu nome e endereço, impressos em pequenas letras roxas.

— Existem milhares de pessoas vivendo naqueles barracos. Sei que todos eles querem estas canetas. — Ela tocou no braço dele. — Efrain, somente hoje, pagarei uma comissão por cada caneta que você vender naquele morro.

— Eles não têm como pagar — lembrou-lhe sarcasticamente.

— Vou fazer algo que nunca havia feito antes — declarou bombasticamente. — Deixarei que paguem a caneta depois.

Com um ligeiro movimento dos braços, ela jogou, distraidamente, a

pequena caixa — inclusive sua própria caneta de ouro — dentro da pasta de couro de Efrain.

— É melhor ir agora.

Um olhar de total incredulidade atravessou seu rosto. Ele olhou para ela, imaginando se ela havia percebido o engano e apanhou indiferente a pasta.

— Vejo-a amanhã — falou.

— Você só tem seis canetas para entregar esta tarde — ela lembrou. — Estarei esperando-o por volta das cinco. Estas canetas já estão pagas. Você não terá que esperar pelo pagamento.

— Já é meio-dia — Efrain protestou. — Não espere que eu saia neste calor. Além do mais, ainda vou comer. Também preciso de dinheiro para cobrir as despesas com as entregas. — Percebendo a expressão de surpresa dela, ele esclareceu: — Preciso de dinheiro para colocar gasolina na motocicleta.

Ela lhe entregou alguns trocados.

— Não se esqueça de pedir um recibo — falou, espiando-o por trás dos óculos.

Ele balançou os ombros com desprezo.

— Pão-dura idiota. Isto não é suficiente nem para encher o tanque — sibilou por baixo da respiração.

— Do que você me chamou? — Frida Herzog falou asperamente.

Ele engoliu o insulto que estava prestes a repetir.

— Isto não é o suficiente para encher o tanque da motocicleta — falou, despejando as moedas no seu bolso. Apanhou o pente e, ignorando a expressão de desaprovação dela, penteou os cabelos negros.

— Quatro das entregas podem ser feitas a pé — advertiu-o.

— Não precisa ficar correndo pela cidade com a motocicleta. Eu mesma caminho estas distâncias e até muito mais. Se consigo fazer isso com minha idade, posso, certamente, esperar que um jovem como você também o faça.

Com um ligeiro assobio, ele ajustou a gravata e colocou o paletô. Fazendo um movimento casual com a mão, virou-se e foi andando para fora

da sala. Um suspiro alto escapou da sua boca. Arregalou os olhos, num misto de surpresa e admiração.

Sentada em uma das pesadas cadeiras, com as pernas nuas erguidas para fora da cadeira, estava Antonia, a única filha de Frida Herzog. Ela não cobriu as pernas mas olhou para ele com uma expressão de ternura — a maneira como as mulheres olham para os bebês — e sorriu provocativamente.

Ela era baixa, bonita, com pouco mais de 25 anos, mas a expressão de preocupação e o ar de desespero a faziam parecer bem mais velha. Ela ficava longe a maior parte do tempo. Demais para vergonha de sua mãe. Antonia ia embora com os homens, em qualquer oportunidade que tivesse, só voltando para visitar. Não era de se estranhar que a velha estivesse com um humor terrível, Efrain pensou. Sentiu-se atraído por Antonia e desejou poder ficar e conversar com ela, mas, sabendo que Frida poderia escutar da varanda, fez um biquinho com os lábios e, sem fazer barulho, jogou um beijo para ela antes de sair.

Frida Herzog ficou encostada no parapeito da varanda. Piscou incessantemente. O sol e o vento faziam seus olhos lacrimejarem. A massa de ar quente que soprava no pé da montanha transformava os barracos em uma confusa colagem tremeluzente.

Até bem pouco tempo, aqueles montes eram verdes. De um dia para o outro, posseiros o haviam transformado em uma pequena cidade. Como cogumelos depois de uma chuva forte, os barracos pipocaram em uma manhã e ninguém foi capaz de derrubá-los.

Seu olhar se dirigiu para a motocicleta de Efrain, estacionada logo embaixo na rua. Esperava que ele primeiro ligasse para as secretárias do laboratório farmacêutico que demonstraram grande entusiasmo pelas canetas. Frida Herzog estava certa de que, assim que as duas garotas mostrassem as canetas para seus colegas de trabalho, os pedidos surgiriam prontamente.

Rindo de si mesma, ela se virou e olhou para o outro lado da varanda, onde ficava a sala e onde sua filha estava sentada.

Suspirou profundamente e balançou a cabeça de um lado para o

outro em sinal de desaprovação. Não havia como convencer Antonia a não colocar as pernas nuas sobre o sofá bege. Ela tivera grandes esperanças em relação à bonita filha. Antonia poderia ter se casado com qualquer milionário. Estava além da compreensão de Frida Herzog o motivo pelo qual a garota se casara com um vendedor pobretão e sem ambição, que lhe dera o fora. Não conseguia lembrar se havia sido durante o almoço ou o jantar que ele se levantara, saíra da mesa e nunca mais voltara.

Com um ar de resignação, Frida Herzog parou na sala de estar, forçando um sorriso.

— Realmente! Efrain está ficando cada dia mais impertinente — falou, sentando no sofá oposto ao de Antonia. — Receio que, se eu não lhe der uma caneta, vai pedir demissão. Isto é a única coisa pela qual ele se interessa.

— Você sabe como ele é — falou Antonia. Sem olhar para cima, continuou a lixar suas unhas bem-tratadas. — Então, tudo o que Efrain quer é uma caneta. Qual é o problema com isso?

— Ele deveria comprar uma! — Frida respondeu asperamente.

— Realmente, mãe — Antonia chiou. — Estas traquitanas idiotas são muito caras. É óbvio que ele não pode comprar.

— Não me faça rir — bufou Frida Herzog. — Pago um bom salário. Se não gastasse o dinheiro com roupas, ele poderia...

As palavras de Antonia interromperam-na.

— Estas canetas são uma moda passageira — observou — e Efrain sabe disso também. Em poucos meses ou, talvez, em algumas semanas as pessoas não vão mais querê-las.

Frida Herzog ficou petrificada na cadeira como se sua espinha tivesse sido arrancada. O rosto estava vermelho de raiva.

— Não seja tola em me dizer isto — gritou. — Estas canetas serão eternas!

— Calma, mãe. Não precisa acreditar — Antonia falou em um tom conciliatório. — Por que acha que está vendendo estas canetas neste lugar esquecido por Deus? Não percebe que é porque ninguém mais em Caracas as quer?

— Não é verdade — gritou Frida Herzog. — Algum dia, serei a responsável pelas entregas nesta região inteira, talvez, até, em todo o país. Se eu fosse a fabricante das canetas, poderia ganhar o mercado internacional. Isso é o que quero fazer. Criar um império.

Antonia gargalhou, virou-se em direção ao espelho que ficava em cima da lareira. Fios de um prematuro cinza cobriam seus cabelos louros-escuros. Havia rugas em ambos os cantos da boca. Os grandes olhos azuis poderiam ser bonitos se não fosse sua expressão dura e amargurada. Não a idade, mas sim o cansaço e o desespero começavam a roubar a juventude de seu rosto e corpo.

— Efrain tem habilidades de que você nem desconfia — falou Antonia. — Ninguém como ele para descobrir como fazer dinheiro. Mas achar que vocês vão ficar ricos com canetas! É uma piada. Por que você não pode, simplesmente, usá-lo no que ele sabe fazer de melhor?

Uma risada impetuosa cruzou o rosto de Frida Herzog.

— Usá-lo da melhor forma! Você acha que não sei o que tem feito nos últimos meses? Posso ser um pouco surda, mas não sou estúpida. — Percebendo que Antonia estava prestes a se levantar, terminou de falar com hostilidade:

— Você nunca teve classe. Saindo com Efrain! Devia ter vergonha de si mesma. Ele é um mulato, ou de qualquer forma que você defina! Ele é de cor.

Depois de ter jogado toda sua raiva para fora, Frida Herzog recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Queria poder retratar suas palavras, no entanto sua voz, quando voltou a falar, ainda estava agressiva.

— Existe algo que você queira para sua vida?

— Quero me casar com Efrain — Antonia falou calmamente.

— Só se for sobre o meu cadáver! — Frida Herzog berrou. — Eu deserdando você. Expulso você daqui. — Respirou fundo. — Deixe-me dizer-lhe uma coisa: vou pegar a motocicleta dele de volta e vou demiti-lo.

Mas Antonia não podia mais ouvi-la. Já tinha deixado a sala, fechando a porta atrás de si.

Por alguns segundos, Frida Herzog olhou para a porta por onde sua

filha sumira, esperando que ela voltasse. O olhos doíam por causa das lágrimas que não caíam. Silenciosamente, foi em direção ao seu quarto no fundo do corredor.

Sentou-se em frente da penteadeira. Com os dedos trêmulos, tirou os óculos e examinou o rosto. Deveria fazer um novo permanente, pensou, ao pentear, com os dedos, os cabelos grisalhos. Os olhos, envolvidos por olheiras, estavam sem brilho. A pele, que um dia fora clara e fina como porcelana, havia envelhecido com o tempo, curtida pelo inexorável sol tropical.

Lágrimas encheram seus olhos.

— Oh, Deus — falou suavemente. — Não me deixe ficar doente ou morrer neste país.

Ouviu passos do lado de fora. Sem dúvida, Antonia ficara escutando atrás da porta. Estava cansada demais para se preocupar com isso. Deitou-se na cama, cochilou e teve um sonho gostoso, embalado por uma sonata de Mozart. Pensar que Antonia estava, na verdade, tocando o grande piano a enchia de felicidade. A garota sempre tocara muito bem.

Eram quase quatro horas quando Frida Herzog acordou. Como é normal depois de uma sesta, ela se sentia revigorada e de bom humor. Decidiu colocar um vestido e usar os sapatos que Antonia lhe dera de presente no Natal.

O sol, embora já estivesse quase se pondo, enchia a sala de sombras. Da varanda, olhou para os barracos coloridos que cobriam as montanhas distantes. Pareciam estar mais perto na luz da tarde. Entrou na cozinha e preparou seu lanche da tarde: café, açúcar, creme e um prato de massa de sementes de papoula.

— Antonia — ela chamou carinhosamente, ao sentar-se na poltrona da sala. Esperou ouvir o ruído familiar dos calcanhares batendo no chão antes do café ficar pronto. Ela chamou novamente, mas não obteve resposta. Ela deve ter saído, Frida decidiu, desdobrando um guardanapo branco de linho sobre o colo.

Faltava pouco para as cinco horas quando ela olhou a hora no seu relógio de pulso. Efrain deveria estar de volta a qualquer minuto, pensou.

Talvez ele estivesse dizendo a verdade e tenha, realmente, conseguido um novo cliente. Embora nunca tenha dito, ela reconhecia que, apesar da falta de ambição, ele era bom para negociar com as pessoas. Era péssimo que ela tivesse que deixá-lo ir. Provavelmente, teria um período difícil até encontrar alguém para substituí-lo, mas não podia consentir que ele ficasse ali sabendo das intenções de Antonia. O objetivo de Antonia, pensou, era apenas aborrecê-la. Não podia acreditar, realmente, que ela quisesse casar-se com aquele garoto.

Por volta das seis horas, Frida Herzog estava tão preocupada que decidiu ligar para as duas secretárias do laboratório e para o dono da loja de roupas perto da praça. As canetas não haviam sido entregues.

Atordoada, ficou olhando para o telefone, foi andando até a varanda e, com as mãos nervosas, revirou as coisas que estavam em cima da sua mesa.

— Ele pegou a minha caneta! — gritou.

Correu para a porta da frente, desceu as escadas correndo até chegar à rua. Não viu os rostos espantados dos vizinhos parados na calçada nem ouviu os seus cumprimentos ao dobrar a esquina. Só parou para descansar ao chegar no pé do morro. Desejando ter posto sapatos mais confortáveis, começou a subir a trilha que levava até os barracos.

Nunca estivera na casa de Efrain mas sabia, mais ou menos, onde era. Ouvira sobre os perigos daquela cidade de casebres, onde nenhum estranho era bem-vindo. Mesmo a polícia receava perseguir criminosos que se escondiam nas montanhas. Ela não tinha medo. Quem importunaria uma mulher velha? Teve mais certeza ao ver que nem todas as construções eram barracos. Algumas eram feitas de cimento e outras tinham, até mesmo, dois andares.

Parava freqüentemente para tomar fôlego e para desacelerar as batidas de seu coração. As pessoas olhavam-na com curiosidade. Crianças descalças e quase nuas paravam de brincar e sorriam ao vê-la passar. Um pouco antes de chegar ao topo da montanha, ela se virou e olhou para a cidade atrás dela. Uma leve brisa gelava seu rosto.

Banhada pela luz do entardecer e ainda vibrante com o calor da

tarde, a cidade nunca pareceu tão bonita. Dominada por uma estranha e indefinível premonição de desgraça, seus olhos procuraram pela silhueta de seu prédio.

A voz amigável de uma garota dispersou seus sentimentos.

— Precisa de ajuda? — ela perguntou, matando sua curiosidade. — Está perdida?

— Estou procurando a casa de Efrain Sandoval. — Estava tão concentrada em encontrar seu prédio que não percebera que já havia escurecido.

— Você pode me dizer onde Efrain vive? — Repetiu sua pergunta várias vezes, enquanto a garota a fitava com uma expressão vaga nos olhos. Era evidente que ela não havia entendido uma só palavra do que ela dissera.

— Você foi muito longe — informou um senhor que estava sentado perto dali. Só era possível vislumbrar a silhueta dele por causa de um fecho de luz que saía de um dos barracos.

— Desça um pouco e vire à esquerda. É a casa amarela. Não tem como errar. Parece um canário. — Havia uma expressão de medo nos olhos dele ao vê-la descer as escadas. — É melhor voltar para casa — chamou por ela. — Há muitos bêbados por aqui essa hora e eles se metem em brigas.

Mas Frida Herzog não conseguiu ouvir o seu aviso. Os gritos raivosos de uns homens, correndo pelas escadas, impediram que ela ouvisse. Antes que tivesse tempo de virar-se e de ver o que estava acontecendo, sentiu um golpe cortante. O chão parecia mover-se sob seus pés e ela tombou contra uma amurada e foi rolando. Por um instante, ela viu horrorizada a pedra que crescia abaixo dela. Ouviu vozes, algumas altas, outras baixas, e tudo ficou silencioso e escuro.

Efrain acordou com um sobressalto. Tivera um pesadelo. Como acontecera anteriormente em seus sonhos, ele voltara a conversar com Hans Herzog. Seu amigo insistia que ele deveria resolver seus problemas e casar-se com Antonia. Juntos, eles deveriam dar uma volta pelo mundo. Efrain rira, dissera a seu amigo que se contentava em ouvir uma das histórias dele sobre outros lugares. Hans Herzog retrucou, dizendo que era hora de Efrain ver esses lugares com seus próprios olhos.

Embora estivesse acostumado a vivenciar seus sonhos com Hans, este particularmente havia sido muito sugestivo. Ele havia deixado uma impressão de realidade tão forte que Efrain não conseguia esquecer. Naquele dia, custara a admitir que seu amigo e patrão havia morrido. Depois, via-o e conversava com ele todas as noites em seus sonhos.

Efrain acendeu o lampião de querosene que estava na mesa perto de sua cama e abriu a garrafa de cerveja que havia deixado na prateleira. Derramou o líquido num copo alto e soprou a espuma antes de tomar um grande gole. Não se importou de a cerveja estar quente.

— Resolver meus problemas! — virou-se e tirou a caneta dourada de sua pasta. Balançando-a alegremente, retirou o selo, preso na tampa da caneta, e começou a marcar seu braço repetidas vezes.

Há uma semana, ele decidira resolver seus problemas e arrumara um joalheiro que fizesse uma réplica exata do selo com seu nome. Efrain não tinha dúvida de que a sorte intervieria a seu favor. De que outra forma poderia explicar esta coincidência assustadora: no dia em que ele iria apanhar o selo com seu nome e endereço, Frida Herzog, por engano, havia colocado a caneta dela na sua pasta, junto com as outras seis que iria entregar.

Despejou o restante da cerveja no copo e bebeu feliz. Talvez, alguma parte inconsciente de Frida Herzog quisesse lhe dar a caneta. Queria acreditar nisso.

Uma batida insistente na porta se intrometeu nos seus pensamentos.

— Efrain! — alguém gritou com uma voz desesperada. — Uma senhora estrangeira que estava procurando por você, foi atacada por um bêbado.

— Frida Herzog! — Apanhando a pasta em cima da mesa, ele correu até chegar ao topo da montanha onde já havia uma pequena multidão.

— Não pode ser! — ele repetia, tirando as pessoas da sua frente. Ela estava estirada no chão. Ele se ajoelhou ao seu lado. A luz fraca do lampião dava uma coloração amarelada ao rosto dela. Tentou dizer alguma coisa mas nenhuma palavra saía de sua boca. Tudo que conseguia fazer era olhar para os pálidos olhos azuis dela. Sem os óculos, seus olhos eram grandes, quase

infantis. Um leve sorriso cobriu seus lábios entreabertos, revelando parte dos dentes. Sentia como se ela quisesse falar algo.

— Estou com as canetas — assegurou, tirando as seis canetas da pasta. Segurou-as perto do rosto dela. — Não pude entregá-las hoje — mentiu — porque fiquei ocupado em conseguir novos pedidos para você. Temos quatro novos clientes.

O sorriso esvaneceu. Os lábios mexeram, e ela começou a murmurar algo sobre ele estar demitido e sobre Antonia. Os olhos falharam, as pupilas se dilataram e a vida se esvaiu.

— Eu trabalhava para ela — Efrain disse sem se dirigir a alguém em particular. — A vida é muito estranha. Esta manhã, ela me deu esta bela caneta — explicou, retirando a caneta dourada de seu bolso. Com um movimento preciso e cuidadoso, retirou o selo da tampa da caneta e pressionou contra seu antebraço. — Efrain Sandoval. Barraco do canário. Curmina — ele leu seu nome e endereço em voz alta. — E eu posso arranjar para que qualquer um de vocês compre uma dessas preciosas canetas a crédito.

Capítulo 20

Era manhã de domingo e estava sentada com dona Mercedes na praça, esperando que Candelária saísse da igreja. Há apenas uma hora, tive meu último encontro com Efrain Sandoval.

Em um banco próximo, um homem, bem vestido e distinto, lia em voz alta um jornal de Caracas. Lia com uma voz grave, absorto no que parecia ser importante para ele; não percebera o riso das pessoas que estavam em volta.

Do outro lado da rua, um senhor, com a roupa amarrotada, saiu de dentro de um bar já aberto àquela hora. Colocou o chapéu e segurando, debaixo do braço, uma garrafa envolvida com um saco de plástico, foi descendo a rua, tossindo e ofegante.

Com um inexplicável sentimento de tristeza, olhei para dona Mercedes. Ela usava óculos escuros. Não consegui ver a expressão de seus olhos quando ela olhou para frente. Dobrou os braços sobre o peito e apertou-os contra si como se tivesse sido atingida por um vento frio.

Ela escutava atentamente enquanto eu tentava dizer o quanto havia entendido das histórias que ouvira.

— Você está me mostrando as diferentes formas de manipular a força que Florinda chama de *intento* — falei.

— Fazer mover não é o mesmo que manipular — ela me corrigiu, apertando ainda os braços contra o corpo. — E estou tentando fazer mais do que isso. Como já disse, estou colocando-a, temporariamente, sob a sombra dessas pessoas para que você possa sentir a roda da oportunidade movendo-se. Sem esta sensação, tudo o que estamos fazendo será inútil. Você deve seguir todos os altos e baixos da pessoa que está contando a história; por um momento, você deve estar sob a sombra dela.

— E Efrain Sandoval? Ele certamente não teve nada a ver com o que lhe aconteceu. Por que devo ficar sob a sombra dele? — perguntei.

— Porque a roda se moveu para ele. Ele não a moveu, ainda que sua

vida tenha mudado. Quero que você sinta a mudança, a sensação do movimento da roda. Como já havia falado, um fantasma, o espírito de Hans Herzog, moveu para ele. Assim como Victor Julio que, no momento da morte, moveu a roda da oportunidade e arruinou a vida de Octavio Cantú, Hans Herzog moveu a roda após estar morto, ajudando a melhorar a vida de Efrain Sandoval.

Dona Mercedes tirou os óculos e encarou-me. Abriu a boca para dizer algo mas, em vez disso, sorriu e levantou-se do banco.

— A missa vai terminar a qualquer momento — falou. — Vamos esperar Candelária na porta da igreja.

Parte Seis

Capítulo 21

— Você está aí, *musiúá*? — Mercedes Peralta suspirou, abrindo a porta do quarto sem fazer barulho. Delineada pela fraca luz do meu abajur, ela parecia a pintura de uma bruxa com o longo vestido negro e com um grande chapéu de pano que escondia parte de seu rosto.

— Não acenda a luz — falou, enquanto eu alcançava o interruptor. — Não suporto a luz da lâmpada.

Ela se sentou na minha cama. As sobrelhas arquearam-se ao alisar as dobras do meu travesseiro. Ela levantou o rosto e fixou o olhar no meu rosto.

Sem ter despertado totalmente, corri os dedos por minhas faces e queixo, imaginando se havia alguma coisa de errado.

Sorridente, ela se voltou para minha mesa e começou a mexer no meu bloco de anotações.

— Tenho que ir a Chuao agora mesmo — ela finalmente falou, com uma voz grave e alta.

— Chuao? — repeti. — A essa hora? — Notando a enfática confirmação, completei: — Vamos atolar na lama se começar a chover.

Chuao era uma vila perto da costa, que ficava a mais ou menos uma hora de carro de Curmina.

— Vai chover — admitiu casualmente. — Mas com seu jipe nós não atolaremos.

Ela se recostou na mesa, mordiscou o lábio, pensando se diria mais alguma coisa.

— Tenho que estar lá por volta da meia-noite — murmurou num tom de voz que demonstrava que a urgência era maior do que o desejo. — Tenho que buscar umas plantas que só estarão disponíveis esta noite.

— Já passa das onze — falei, checando o horário com a luz do meu relógio de pulso. — Nunca chegaremos lá antes da meia-noite.

Com um sorriso largo, ela apanhou meu *jeans* e minha camiseta pendurados na frente da cama de ferro.

— Farei seu relógio parar de contar as horas. — Um ligeiro sorriso iluminou seu rosto; os olhos, confiantes e esperançosos, se fixaram nos meus. — Você vai me levar, não vai?

Pesadas gotas de chuva começaram a cair sobre o jipe no momento em que deixamos a cidade. Em segundos, a chuva se transformou em uma sólida nuvem densa e escura. Eu dirigia devagar, irritada pelo movimento do limpador do pára-brisa retirando a água que no minuto seguinte já encharcava novamente o vidro. As árvores da estrada balançavam na nossa frente e atrás de nós, dando a impressão de que atravessávamos um túnel. Apenas o solitário latido de um cachorro indicava que havíamos passado por outro barraco.

A tempestade terminou tão abruptamente quanto havia começado, ainda que o céu permanecesse encoberto. As nuvens estavam ameaçadoramente baixas. Mantive meus olhos grudados no vidro, tentando desviar dos sapos que, momentaneamente cegos pelo farol do carro, pulavam na estrada.

De uma só vez, como se tivessem sido apagadas do céu, as nuvens desapareceram no momento em que viramos na estrada que levava à costa. A luz do luar iluminava uma árvore solitária cujas folhas prateadas pela luz irreal eram balançadas pela brisa.

Parei no meio de uma encruzilhada e saí do jipe. O ar, quente e úmido, cheirava a terra e mar.

— O que a fez parar aqui *musiúa*? — Mercedes Peralta perguntou perplexa ao sair do carro e parar ao meu lado.

— Sou uma bruxa — expliquei, olhando para seus olhos. Sabia que se dissesse que só queria esticar minhas pernas ela não acreditaria em mim. — Nasci num lugar como este — prossegui —, um lugar entre a montanha e o mar.

Mercedes Peralta franziu as sobrancelhas mas, depois, um brilho

divertido e bem-humorado encheu seus olhos. Rindo incontrolavelmente, sentou-se no chão molhado e me puxou para o seu lado.

— Talvez você não tenha nascido como um ser humano normal; talvez uma *curiosa* tenha perdido você no caminho para o céu — falou.

— O que é uma *curiosa*? — perguntei.

Ela me encarou docemente e explicou que *curiosas* são bruxas que não estão mais ligadas aos aspectos óbvios da bruxaria como parafernália simbólicas, rituais e encantamentos.

— *Curiosas* — suspirou — são seres preocupados com a eternidade. São como aranhas, tecendo fios invisíveis e finos entre o conhecido e o desconhecido.

Ela tirou o chapéu, deitou-se no chão, colocando a cabeça, precisamente, no centro do cruzamento, apontando para o norte.

— Deite-se, *musiú* — ordenou, abrindo os braços em direção do leste e oeste. — Assegure-se de que sua cabeça encoste na minha e que seus braços e pernas estejam na mesma posição dos meus.

Era confortável encostar cabeça com cabeça no cruzamento. Embora separadas por nossos cabelos, sentia que nossas almas estavam se fundindo. Virei minha cabeça para o lado e, para minha surpresa, notei que os braços dela eram maiores do que os meus. Parecendo estar ciente da minha descoberta, dona Mercedes aproximou o braço do meu.

— Se alguém nos visse, pensariam que nós somos loucas — falei.

— Talvez — concedeu. — Entretanto, se for alguém que, normalmente, anda por este cruzamento a esta hora da noite, sairia correndo assustado, julgando ter visto duas *curiosas* prestes a voar.

Ficamos em silêncio por um momento, mas antes que eu perguntasse sobre o vôo das *curiosas*, ela voltou a falar.

— A razão pela qual estava tão interessada em saber por que você parou no cruzamento — ela disse — é porque algumas pessoas juram ter visto uma *curiosa* deitada nua neste mesmo lugar. Disseram que ela tinha asas que cresciam de suas costas e viram, também, seu corpo ficar branco translúcido ao subir para o céu.

— Vi seu corpo ficar transparente na sessão do Efrain Sandoval —

falei.

— É claro que sim — concordou com uma normalidade espantosa. — Fiz aquilo para você porque sei que você nunca será uma curandeira. Você é uma médium e, talvez, uma bruxa mas não uma curandeira. Deveria saber disso, eu mesma sou uma bruxa.

— O que faz de alguém uma bruxa? — perguntei entre acessos de riso. Não queria levá-la a sério.

— Bruxas são criaturas capazes não apenas de mover a roda da oportunidade — retrucou —, mas também de criar suas próprias ligações. O que você diria se, nesse momento, nós começássemos a voar?

Por um segundo ou dois, fiquei terrivelmente apreensiva. Depois, uma sensação de total indiferença me invadiu.

— Repita um dos encantamentos que o espírito do meu ancestral ensinou para você — ordenou. — Vou falar com você.

Nossas vozes se misturaram num único som harmonioso, enchendo o vazio em volta de nós, envolvendo-nos como um casulo gigante. As palavras cresciam como uma linha contínua e profunda, que nos ia carregando cada vez mais para cima. Vi as nuvens se aproximando de mim. Começamos a girar como uma roda até que tudo ficou escuro.

Alguém me sacudia vigorosamente. Acordei com um inesperado solavanco. Estava sentada atrás do volante do meu jipe. *E* estava dirigindo! Não conseguia me lembrar de ter caminhado de volta para o carro.

— Não durma — dona Mercedes falou. — Vamos bater e morrer como duas idiotas.

Parei no acostamento e desliguei o carro. A idéia de que dirigira dormindo me fez tremer de medo.

— Aonde estamos indo? — perguntei. Minha voz soava um pouco mais alta.

Ela sorriu e fez um gesto irritado, arqueando as sobrancelhas.

— Você se cansa facilmente, *musiúa* — disse. — Você é muito pequena. Mas acho que este é o melhor tamanho para você. Se fosse maior, você seria insuportável.

Insisti em saber para onde íamos. Queria dizer em termos de direção,

para poder me orientar.

— Vamos encontrar Leon Chirino e outro amigo — ela me informou.
— Vamos. Vou indicando a direção enquanto você dirige.

Liguei o jipe e fui dirigindo em silêncio. Ainda estava curiosa.

— Leon Chirino é um médium e um curandeiro? — perguntei rapidamente.

Ela riu suavemente mas não respondeu.

— O que a faz pensar isto? — perguntou depois de algum tempo.

— Há algumas coisas nele que ainda não consigo entender — falei. —
Ele me faz lembrar de você.

— Verdade? — perguntou me gozando, mas depois seu tom de voz mudou abruptamente e ela admitiu que Leon Chirino era um médium e um clarividente.

Perdida era meus pensamentos, não ouvi as orientações dela e levei um susto quando ela berrou:

— Você passou! Terá que voltar — advertiu-me, indicando uma árvore alta. — Pare aqui! — Ela sorriu e acrescentou: — Daqui temos que ir andando.

A árvore marcava a entrada de um caminho estreito. O chão estava coberto de flores miúdas. Sabia que elas eram vermelhas mas, sob a luz da lua, pareciam negras. *Bucares* dificilmente cresciam sozinhos, normalmente eram encontrados em plantações, servindo como sombra para pés de café e cacauzeiros.

Seguindo uma trilha estreita e ladeada por outras árvores de *bucare*, fomos caminhando até avistar uns montes a nossa frente. Não havia mais nenhum som além da respiração irregular de dona Mercedes e o barulho dos gravetos se quebrando enquanto ela andava. O caminho terminava em frente de uma pequena casa, rodeada por um longo muro de terra batida. As paredes de barro estavam descoradas pela ação do tempo. O teto estava parcialmente coberto com folhas de zinco e folhas secas de palmeira. As folhas mais longas formavam um pequeno beirai. Na parte da frente, não havia nenhuma janela, apenas uma porta estreita, donde escapava uma luz fraca.

Dona Mercedes empurrou a porta aberta. A chama bruxuleante das velas jogava mais sombras do que luz na sala pouco mobiliada. Leon Chirino, sentado em uma cadeira no canto da sala, fitava-nos com uma expressão de surpresa e prazer. Levantou-se, abraçou calorosamente a curandeira e levou-a até a cadeira que tinha acabado de desocupar.

Cumprimentou-me e, brincando, ficou balançando minha mão.

— Deixe-me apresentar-lhe um dos maiores curandeiros dessa região — falou. — O melhor depois de dona Mercedes.

Mas antes que pudesse continuar, alguém gritou:

— Sou Agustín.

Só nesse momento, percebi uma rede baixa em um dos cantos da sala. Um homem pequeno estava deitado nela. Seu corpo estava meio para fora da rede, um dos seus pés tocava no chão de maneira que ele pudesse balançar a rede para frente e para trás. Não parecia ser novo nem velho. Talvez tivesse uns trinta anos, ainda que suas faces encovadas e os ossos angulosos dessem a ele a aparência de uma criança faminta. A coisa mais marcante nele eram seus olhos. Eram de um azul-claro e, contrastando com seu rosto escuro, brilhavam intensamente.

Meio perdida, parei no centro da sala. Havia algo estranho na luz das velas, parecendo que elas brincavam com nossas sombras na parede, transformando-as numa teia de aranha. A mobília espartana — uma mesa, três cadeiras, dois armários e uma pequena cama, todos meticulosamente encostados na parede — conferia à sala uma atmosfera de irrealidade.

— Você vive aqui? — perguntei a Agustín.

— Não — respondeu, aproximando-se de mim. — Este é meu palácio de verão. — Satisfeito com a própria piada, ele jogou a cabeça para trás e riu.

Embaraçada, segui em direção a um dos armários e dei um grito, assustada, quando algo pontiagudo arranhou meu quadril. Um gato odioso e sujo me encarava.

— Não há razão para gritar — falou Agustín, apanhando o gato magro no colo. Ele começou a ronronar enquanto Agustín acariciava sua cabeça.

— Ela gosta de você. Quer tocá-la?

Balancei minha cabeça enfaticamente. Tive receio não por causa das pulgas ou dos machucados que apareciam em todo o seu pêlo amarelado, mas sim pelos traiçoeiros olhos amarelos-esverdeados que insistiam em me fitar.

— É melhor irmos andando se quisermos colher as plantas no horário — disse Leon Chirino, ajudando dona Mercedes a se levantar. Ele pegou um lampião pendurado em um prego atrás da porta, acendeu-o e indicou que o seguissemos.

Uma porta em forma de arco, coberta por uma cortina de plástico, levava a um aposento na parte de trás da casa que servia como cozinha e área de serviço. Um dos lados do aposento abria-se para um quintal cheio de pequenas árvores e moitas enormes. Iluminada pela luz fraca do lampião, aquela área parecia um pomar abandonado.

Passamos por um caminho dentro daquela aparentemente impenetrável parede de arbustos e saímos para um vasto campo abandonado. A encosta do morro, com a vegetação recém-queimada, parecia assustadoramente grotesca à noite.

Em silêncio, Leon Chirino e Agustín desapareceram.

— Aonde eles foram? — perguntei à dona Mercedes.

— Lá para frente — falou vagamente, apontando para a escuridão.

Sombras, animadas pelo lampião que ela carregava, mexiam-se em ziguezague de um lado para o outro no caminho estreito por dentro das moitas. Vi uma luz a distância, brilhando por entre os arbustos. Como um vaga-lume, ela desaparecia e aparecia rapidamente. Quanto mais chegávamos próximo a ela, tive certeza de que estava ouvindo uma prece monótona misturada ao som dos insetos e ao farfalhar das folhas.

Mercedes Peralta apagou o lampião. Mas antes que a última chama se extinguisse, vi sua saia ondeante perto de um muro, a mais ou menos quatro metros de onde eu estava. A chama do charuto iluminava suas feições. Uma radiância diáfana e brilhante escapava do alto de sua cabeça. Falei seu nome, mas não obtive resposta.

Fascinada, vi uma nuvem da fumaça do charuto vir em minha direção e formar um círculo bem acima da minha cabeça. Ela não se

dispersou como deveria e ficou parada no ar por um longo tempo. Sem pensar, coloquei as mãos no meu rosto e completamente atônita olhei para os meus dedos; eles estavam fosforescentes. Assustada, corri para o muro baixo onde havia visto dona Mercedes sentada. Tinha dado poucos passos quando fui interceptada por Leon Chirino e Agustín.

— Onde vai, *musiúa*? — Leon Chirino perguntou zombeteiramente.

— Tenho que ajudar dona Mercedes a colher as plantas. Minha resposta parecia diverti-los. Eles gracejavam. Leon

Chirino deu um tapinha na minha cabeça e Agustín agarrou meu polegar e ficou apertando o como se fosse uma borracha.

— Temos que esperar aqui pacientemente — disse Agustín. — Eu apenas injetei um pouco de paciência em você através do seu polegar.

— Ela me trouxe aqui para ajudá-la — insisti.

— Claro — falou concordando. — Você tem que ajudá-la, mas não com as plantas. — Segurando no meu braço, ele me levou até o tronco de uma árvore caída. — Vamos esperar dona Mercedes aqui.

Algumas folhas verdes e brilhantes ficaram presas na testa de dona Mercedes. Quieta, ela apanhou o lampião, agachou-se no chão e começou a separar em pilhas as plantas que havia colhido. Raízes de verbena são indicadas para cólicas menstruais. Raiz de valeriana socada com rum é o remédio ideal para nervosismo, irritabilidade, ansiedade e pesadelos. Raiz de torço, socada com rum, cura anemia e febre amarela. Raízes de guaritoto, basicamente um remédio masculino, são prescritas para dificuldades de urinar. Alecrim e arruda são usados principalmente como anti-sépticos. Folhas de malva são aplicadas nas feridas da pele e artemísia, fervida com suco de cana-de-açúcar, alivia a cólica menstrual, mata parasitas e reduz febres. Zabala cura asma.

— Mas você cultiva todas essas plantas no seu jardim — falei intrigada. — Por que veio até aqui recolhê-las?

Agustín sorriu satisfeito.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa, *musiúa* — suspirou, aproximando sua cabeça da minha. — Essas plantas crescem de corpos. — Fez um gesto abrupto com a mão. — Nós estamos no meio de um cemitério.

Alarmada, olhei em volta. Não havia nenhuma lápide ou túmulos que indicassem que estávamos em um cemitério, mas eu também não havia visto nenhuma lápide no outro.

— Nossos ancestrais estão enterrados aqui — Agustín falou e fez o sinal-da-cruz. — Em noites como essa, quando a lua altera a distância entre os túmulos e reflete sombras brancas ao pé das árvores, qualquer um pode ouvir o som das correntes rangendo. Homens segurando suas cabeças cortadas pairam por aqui. São os fantasmas dos escravos que, depois de cavarem um buraco para enterrar o tesouro de seus patrões, foram decapitados e enterrados com o ouro. Mas não há nada para temer. — Agustín completou rapidamente: — Tudo o que eles querem é um pouco de rum. Se der isso, eles vão contar onde os tesouros estão enterrados. Também existem fantasmas de monges que morreram blasfemando e agora querem confessar seus pecados, mas não há ninguém para ouvi-los. E há fantasmas de piratas que vieram a Chuao em busca do ouro dos espanhóis. — Ele sorriu e continuou com um tom de voz confidencial. — Também existem os fantasmas solitários, que ficam implorando às pessoas. Eles são os mais simples de todos. Não pedem muito. Tudo o que eles querem é que alguém reze o Pai-Nosso para eles.

Segurando uma raiz em uma das mãos, Mercedes Peralta levantou a cabeça devagar. Seus olhos escuros alcançaram os meus.

— Agustín tem uma incrível galeria de histórias — falou. — Cada uma delas ele tempera até o limite.

Agustín levantou-se. A maneira como ele andava e se contorcia, dava a impressão de que não possuía nenhum osso. Ele se sentou no chão em frente de dona Mercedes e repousou a cabeça no colo dela.

— É melhor irmos — ela falou, afastando a cabeça ternamente. — Estou mandando a *musiúa* para sua casa em alguns dias.

— Mas eu só trato crianças — contestou Agustín, olhando para mim com uma expressão de tristeza e desculpa.

— Ela não precisa de um tratamento. — Dona Mercedes riu. — Tudo o que ela precisa é observá-lo e ouvir suas histórias.

Capítulo 22

Sentei-me na cama surpresa. Alguma coisa havia caído perto dos meus pés, fazendo um forte estrondo. O cachorro que dormia ali perto levantou a cabeça, empinou as orelhas, mas, não ouvindo nada mais do que minhas imprecações, voltou a repousar a cabeça sobre as patas dianteiras. Por um momento, fiquei totalmente desorientada, sem saber onde estava. Mas, quando ouvi o murmúrio tranqüilo e persistente de dona Mercedes, percebi que estava na casa do irmão de Leon Chirino, em uma pequena cidade a uma hora de Curmina. Estava na pequena cama que eles haviam armado para mim na cozinha. Tive que levar dona Mercedes e Leon Chirino no meio da noite para conduzirem uma sessão particular com o irmão dele.

Fechando meus olhos, deitei novamente minha cabeça no travesseiro macio e deixei-me embalar pelo som confortante da voz da curandeira. Estava quase dormindo quando um outro estrondo me fez acordar de novo.

O lençol mofado com que me cobriam estava estendido até meu pescoço. Já estava retirando-o quando gritei ao ver o gato de Agustín encostado no meu joelho.

— Por que você sempre se assusta ao ver meu bichinho? — A voz dele vinha da escuridão e aparentava um certo tom de ironia. Sentado com as pernas cruzadas no pé da cama, Agustín apanhou seu gato. — Vim para protegê-la do cachorro — explicou, os misteriosos olhos azuis fixos no meu rosto. — Cachorros não dormem à noite. Se você abrir seus olhos durante a madrugada, vai ver que o cão a está observando durante toda a noite. E por isso que são chamados de cães de guarda. — Ele riu da própria piada.

Abri minha boca para falar algo mas nenhum som saiu de meus lábios. Tentei alcançá-los, mas Agustín e o gato foram sumindo na frente dos meus olhos como uma nuvem até que, finalmente, desapareceram. Talvez eles estivessem do lado de fora, pensei, e andei até o jardim, ainda escuro pelas sombras do amanhecer. Não havia ninguém lá. Olhei para meu relógio. Apenas duas horas se haviam passado desde a nossa chegada. Percebendo

que teria pouco tempo para dormir, voltei para a cama, coloquei o travesseiro sobre minha cabeça e dormi.

Acordei com o som de vozes e música e com o cheiro de café. Leon Chirino, encostado no fogão a querosene, estava ouvindo o rádio enquanto coava o café com um coador de pano.

— Dormiu bem? — perguntou, indicando para que me sentasse perto dele.

Segui-o até uma grande mesa quadrada, coberta com uma toalha de mesa nova. Ele encheu duas xícaras com café, colocando, em cada uma, uma generosa porção de cachaça.

— Para dar força — falou, empurrando a xícara de porcelana na minha direção.

Com medo de ficar bêbada, tomei alguns hesitantes goles. A xícara tinha as bordas douradas e rosas pintadas na superfície. Ele encheu novamente seu copo com mais café e cachaça.

— Dona Mercedes me disse que você é um clarividente — falei. — Poderia me dizer qual é meu destino? — Torci para que minha pergunta abrupta pudesse ter uma resposta direta.

— Minha querida — falou com aquele tom de voz característico das pessoas mais velhas quando se dirigem a alguém muito novo. — Sou um velho amigo de dona Mercedes. Vivo com os fantasmas e com as memórias dela. Compartilho sua solidão. — Rangeu os dentes, pegou dois cigarros de sua bolsa sobre a mesa e colocou um atrás de cada orelha. — É melhor você ir agora e ver Agustín — advertiu-me. — Ele começa cedo. Deixe mostrar-lhe o caminho para a cidade.

— Você não respondeu minha pergunta — falei sem me importar com sua insistência em me levar para fora da casa.

Uma expressão sarcástica e confusa surgiu em seu rosto.

— Não posso dizer o que o destino prepara para você — afirmou. — Clarividentes têm visões de coisas que nós não entendemos e depois completam o resto.

Ele pegou meu braço e, praticamente, colocou-me para fora.

— Deixe-me mostrar-lhe o caminho para a casa de Agustín —

repetiu. Apontou para uma trilha que levava para a parte debaixo do morro. — Se você seguir este caminho, vai chegar à cidade. Qualquer um vai poder dizer onde Agustín mora.

— E dona Mercedes? — perguntei.

— Nós vamos apanhá-la à tarde — respondeu, aproximou-se de mim e num sussurro conspirador completou: — Dona Mercedes e eu estaremos ocupados o dia inteiro com os negócios de meu irmão.

O canto dos azulões nas árvores e a fragrância das flores das mangueiras, que flutuavam no ar como pó de ouro, preenchiam o ambiente. O final da trilha desembocava em uma larga estrada de terra que, por sua vez, terminava no morro do outro lado da cidade calorenta e ensolarada.

Mulheres varrendo as calçadas de cimento em frente as suas casas coloridas paravam um instante para retribuir meus cumprimentos enquanto eu passava.

— Você pode me dizer onde vive o curandeiro Agustín? — perguntei a uma das mulheres.

— Claro que posso — respondeu, repousando o queixo sobre suas mãos, que cobriam a ponta da vassoura. Falando alto, sem dúvida para saciar a curiosidade de suas vizinhas, ela me indicou a casa verde no final da rua.

— É aquela com uma grande antena no telhado. Não tem como confundir.

Ela baixou o tom de voz para um murmúrio e num tom de voz confidencial assegurou-me que Agustín podia curar qualquer coisa, de insônia a picadas de cobra. Mesmo câncer e lepra não eram problema para ele. Seus jovens pacientes sempre ficavam bem.

Bati inúmeras vezes na porta da frente, mas ninguém me respondeu.

— Apenas entre — uma jovem gritou, debruçada sobre o parapeito de uma janela do outro lado da rua. — Agustín não pode ouvir. Ele fica nos fundos.

Seguindo seu conselho, entrei pela porta da frente que levava até uma área interna. Dei uma espiada nos aposentos por onde passava, que também davam para a área. Exceto por uma rede em cada um deles, os dois

primeiros quartos estavam vazios. O terceiro era a sala de estar. Calendários e páginas de revistas decoravam as paredes. Um conjunto de cadeiras e um sofá encapado com plástico ficavam em frente da televisão.

Mais além, ficava a cozinha. Depois dela, havia um pequeno vão que também era um quarto. Lá, vi Agustín sentado a uma mesa larga. Enquanto me aproximava, ele se levantou sorrindo, estendeu uma das mãos, a outra continuava enfiada no fundo do bolso da sua calça cáqui. A camisa branca tinha remendos e os punhos estavam puídos.

— Esta é minha sala de trabalho! — exclamou com orgulho, abrindo seus braços em círculo. — Tenho tudo aqui. E estou quase abrindo. Meus pacientes vêm pela porta lateral. A porta traz sorte para nós dois.

O quarto, bem iluminado e ventilado por duas janelas que davam para o morro, tinha cheiro de desinfetante. Nas paredes, várias prateleiras sem envernizar e pintar. Nelas, havia inúmeros potes, jarras e frascos com raízes, sementes, folhas e flores, cuidadosamente arrumados e etiquetados. Além de estarem identificados por seu nome comum, estes itens também continham o nome científico.

A mesa, fabricada toscamente, estava colocada na direção das janelas. Garrafas, livros, tigelas, pilões e duas balanças estavam alinhadas em cima da superfície muito polida. A cama de lona e o crucifixo de um metro que pendia em um dos cantos bem acima de uma vela que queimava em uma armação triangular, apenas confirmaram que havia entrado na sala de trabalho de um curandeiro e não de um antiquado farmacêutico.

Sem fazer muito barulho, Agustín trouxe uma cadeira da cozinha e convidou-me para observá-lo trabalhando. Abriu a porta lateral que me havia mostrado antes. Três mulheres e quatro crianças esperavam no quarto adjacente.

As horas passavam rapidamente. No tratamento, ele primeiro examinava uma jarra com a urina da criança trazida pela mãe. Inspirado pelo relato das mães sobre os sintomas das crianças, Agustín começava a "ler os líquidos". O odor, a cor e o tipo de micróbios, ou filamentos como preferia chamar e que ele jurava ver a olho nu, eram cuidadosamente avaliados antes do diagnóstico. Febres, resfriados, indigestões, parasitas,

asma, alergias, anemias e mesmo sarampo e varíola estavam entre as principais doenças que Agustín garantia reconhecer pela "leitura dos líquidos".

Em um silêncio respeitoso, cada mulher esperava Agustín invocar a ajuda de Cristo antes de prescrever a medicação apropriada. Ele misturava suas próprias receitas naturais. Familiarizado e confiante na farmacologia moderna, Agustín suplementava seus próprios remédios com leite de magnésia, antibióticos, aspirinas e vitaminas, que ele recolocava nos seus próprios vidros. Como Mercedes Peralta, ele não estipulava honorários. Cada um pagava o que podia.

Mais tarde, o nosso lanche de empanadas de galinha e porco trazido por uma mulher da vizinhança foi subitamente interrompido por um homem que entrou na cozinha carregando um garotinho. A criança, talvez tivesse seis ou sete anos, havia cortado o tornozelo com o facão do pai enquanto brincava no campo.

Com sua calma e segurança, Agustín carregou a criança para a cama da sua sala de trabalho e apanhou uma bandagem para estancar o sangramento. Primeiro, ele banhou a gaze com água de alecrim e depois com água oxigenada.

Era difícil dizer se a criança estava sendo hipnotizada pelo seu toque suave enquanto massageava seu rosto ansioso, ou pela sua voz enquanto recitava uma oração. Em poucos minutos, o menino dormiu e Agustín iniciou a parte mais importante do tratamento. Para curar a ferida, ele receitou uma mistura de várias folhas amassadas com cachaça. Preparou uma pasta que, segundo ele, curaria a ferida em no máximo dez dias e não deixaria cicatriz.

Evocando a ajuda de Cristo, Agustín pingou algumas gotas de uma substância leitosa em uma concha oval. Com movimentos lentos e rítmicos, ele começou a socar a concha com um socador de madeira. Uma hora se passou antes que ele tivesse cerca de meia colher de chá de uma substância verde e com um cheiro almiscarado.

Examinou o corte mais uma vez, pressionou a ferida coberta com os dedos e, cuidadosamente, espalhou a pasta por baixo da gaze. Murmurando

uma oração, ele, experientemente, envolveu a perna com um pano branco. Um sorriso satisfeito cruzou seu rosto ao entregar o garoto adormecido nos braços do pai e ao pedir que trouxesse o menino todos os dias para mudar o curativo.

No fim da tarde, certo de que não haveria mais pacientes naquele dia, Agustín levou-me para conhecer seu jardim. As plantas medicinais cresciam em pequenos tufos dentro de canteiros quadrados, arranjados tão cuidadosamente quanto as jarras e garrafas estavam na mesa e nas prateleiras da sala de trabalho. No canto mais afastado do jardim, havia um velho refrigerador movido a querosene encostado no barracão de ferramentas.

— Não abra! — gritou Agustín, segurando meu braço firmemente.

— Como poderia? — protestei. — Está trancado. Que segredos você guarda aí?

— Minha bruxaria — suspirou. — Você não sabia que eu praticava bruxaria, sabia? — Sua voz era irônica, mas o rosto ficou sério quando completou: — Sou um especialista em curar crianças e enfeitiçar adultos.

— Você realmente pratica bruxaria? — perguntei incrédula.

— Não seja antiquada, *musiúa* — chiou Agustín. Parou por um momento e, então, com um tom enfático completou: — Dona Mercedes lhe deve ter dito que do outro lado da cura existe a bruxaria. Elas vão juntas porque uma é inútil sem a outra. Curo crianças e enfeitiço adultos — repetiu, batendo no topo do refrigerador. — Sou bom nos dois. Dona Mercedes me diz que um dia eu ainda vou enfeitiçar uma pessoa que curei quando era criança. — Ele sorriu ao ver minha expressão atônita. — Não penso nisso, mas apenas o tempo dirá.

Tirando vantagem de seu humor expansivo, finalmente disse o que estivera pensando o dia todo. Ou seja, que o tinha visto e falado com ele enquanto estava meio adormecida.

Agustín ouviu atentamente mas seu olhar não demonstrava coisa alguma.

— Não posso definir exatamente o que era — falei — , mas não era um sonho! — Exasperada com sua relutância em comentar ou explicar,

implorei para que ele falasse algo.

— Gosto tanto de você que quis saber se era realmente uma médium — falou sorrindo. — Agora sei que é.

— Acho que está me gozando — falei ainda mais irritada. As sobancelhas castanhas de Agustín arquearam-se, demonstrando surpresa.

— Deve ser horrível ter pés grandes.

— Pés grandes? — perguntei sem entender, olhando para minhas sandálias. — Meus pés estão em perfeita proporção com o resto do meu corpo.

— Deveriam ser menores — insistiu Agustín, colocando os dedos nos lábios como se estivesse segurando um sorriso. — Seus pés são muito largos. É por isso que vive perpetuamente na realidade. É por isso que quer sempre tudo explicado. — Havia zombaria em sua voz, misturada com uma ponta de compaixão. — Bruxas seguem regras que não podem ser demonstradas empiricamente ou repetidas sob qualquer lei da natureza. Bruxaria é, precisamente, a ação de persuadir a razão a superar a si mesma ou, se desejar, de mover-se para longe de si própria. — Ele riu e me deu um empurrão.

Desequilibrei-me e ele rapidamente agarrou meu braço, impedindo que eu caísse.

— Entende agora por que seus pés são grandes? — perguntou Agustín, gargalhando.

Fiquei imaginando se ele estava tentando me hipnotizar pois olhava para mim fixamente. Fui capturada pelo seu olhar. Como duas gotas de água, seus olhos pareciam me sugar mais e mais, borrando tudo o que estava a minha volta. A única coisa de que tinha consciência era de sua voz.

— Um bruxo escolhe ser diferente daquilo que ele foi criado para ser — continuou. — Ele tem que entender que a bruxaria é um trabalho para a vida inteira. Através da feitiçaria, um bruxo cria exemplos como teias. Os exemplos que transmitem invocam poderes a alguma força misteriosa superior. As ações humanas têm uma rede de resultados ilimitada; ele aceita e interpreta novamente estes resultados de uma maneira mágica. — Ele chegou seu rosto bem próximo do meu e abaixou sua voz até virar um suave

murmúrio. — O entendimento da realidade por um feiticeiro é absoluto. Ele a agarra com tanto poder que pode usá-la em qualquer caminho da magia, a serviço de sua arte. Mas ele nunca se esquece do que a realidade é ou foi.

Sem dizer mais uma palavra, virou-se e andou até a sala de estar.

Rapidamente, seguiu-o. Ele se jogou no sofá e cruzou as pernas de forma que eu pudesse vê-lo do meu catre. Rindo para mim, ele deu um tapinha no lugar ao lado dele.

— Vamos ver alguma bruxaria de verdade — falou, segurando o controle remoto da TV enorme.

Não havia mais tempo de fazer perguntas. Em instantes, estávamos envolvidos por um grupo de crianças sorridentes da vizinhança.

— Todas as tardes, elas assistem à TV comigo durante cerca de uma hora — explicou. — Mais tarde nós teremos tempo para conversar.

Após o primeiro encontro, tornei-me uma admiradora irrestrita de Agustín. Atraída não só pelo seu trabalho com crianças mas também pela sua personalidade assombrosa, eu praticamente me mudei para um dos quartos vazios da casa. Ele me contou inúmeras histórias, inclusive a que dona Mercedes queria que eu ouvisse.

Sobressaltado por um leve gemido, Agustín abriu os olhos. Em um feixe de luz, uma aranha, suspensa por um fio invisível, desceu do teto de varas de bambu até o chão, onde Agustín estava deitado como um gato. Tateou até encontrar a aranha, pegou-a entre os dedos e comeu-a. Suspirando, ele puxou o joelho para mais perto do peito como se estivesse sentindo a friagem da madrugada entrando pelas frestas das paredes de barro.

Agustín não conseguia lembrar se dias ou semanas haviam passado desde que sua mãe o trouxera para o casebre abandonado e dilapidado, onde morcegos penduravam-se no teto como lâmpadas e baratas voavam por todos os lados dia e noite. Tudo o que sabia era que sentia fome desde então e que as lesmas, aranhas e gafanhotos que apanhava não eram suficiente para aplacar o vazio em seu estômago.

Agustín ouviu o gemido novamente. Vinha de um canto escuro no final do quarto. Viu uma aparição de sua mãe sentada no colchão. A boca

estava ligeiramente aberta enquanto acariciava a barriga descoberta. Ela montava o colchão como se estivesse em cima de um asno, a sombra nua movia-se para cima e para baixo na parede.

Poucas horas antes, ele havia visto sua mãe lutando com um homem. Vira as pernas finas dela, como cobras negras, firmemente enroscadas no torso do homem, tentando sufocá-lo. E quando ouviu o grito cortante de sua mãe, seguido por um silêncio que perdurou durante toda a noite, ele soube que o homem ganhara a batalha. Ele a matara.

Os olhos cansados de Agustín fecharam-se com prazer ao pensar que a partir daquele momento ele era órfão. Ele estava seguro. Eles haviam cumprido sua missão. Semiconsciente do fantasma de sua mãe, de suas risadas e suspiros pela sala, ele voltou a dormir.

Um gemido alto sacudiu o silêncio matinal. Agustín abriu os olhos e pressionou o punho contra os lábios para abafar um grito ao ver o mesmo homem da noite anterior sentado no colchão.

Agustín não conhecia o homem, ainda que tivesse certeza de que ele era de Ipairí. Ele tinha uma vaga lembrança de tê-lo visto conversando com sua mãe na praça. Teriam as mulheres dos pequenos casebres da montanha o mandado voltar para apanhá-lo de volta? Talvez para matá-lo? Não podia ser. Ele devia estar tendo um terrível sonho.

O homem pigarreou e cuspiu no chão. Sua voz encheu a sala.

— Vou levá-la hoje, mas não posso levar o garoto. Por que você não o deixa com os protestantes? Você sabe que eles têm um lugar para crianças; mesmo que eles não queiram ficar com ele vão alimentá-lo.

Quando Agustín ouviu a dura resposta de sua mãe, percebeu que estava totalmente acordado. Percebeu que ela não era um fantasma.

— Os protestantes não pegam uma criança a menos que ela seja órfã — disse sua mãe. — Não há mais nada que eu possa fazer além de trazer o garoto a esse barraco abandonado. Estou esperando que ele morra.

— Conheço uma mulher que vai cuidar dele — falou o homem. — Ela saberá o que fazer com ele. É uma feiticeira.

— É muito tarde agora — falou sua mãe. — Deveria ter dado Agustín a uma feiticeira quando ele nasceu. Desde que era um bebê, uma feiticeira

em Ipairí queria ficar com ele. Ela costumava alimentá-lo com estranhas poções e a pendurar amuletos em volta de seu punho e pescoço, dizendo que aquilo iria protegê-lo de calamidades e doenças. Sei que ela enfeitiçou o garoto. Aquela feiticeira é responsável por todo meu infortúnio. — Por um momento sua mãe ficou em silêncio, depois deu um suspiro raivoso, como se estivesse prestes a atacar um inimigo invisível, e completou: — Tenho horror de feiticeiras. Se eu fosse a uma agora, ela saberia que eu não tenho alimentado o garoto. Ela iria me matar.

Lágrimas rolavam pelas faces de Agustín enquanto ele lembrava os dias em Ipairí, quando ela costumava embalá-lo nos braços. Ela o enchia de beijos e dizia que seus olhos eram como pedaços do céu. Mas quando as mulheres da vizinhança proibiram que seus filhos brincassem com ele, sua mãe tornou-se uma pessoa diferente. Ela nem o tocava nem o beijava mais. Finalmente, ela parou de falar com ele.

Uma tarde, uma mulher carregando uma criança morta nos braços irrompeu no barraco deles.

— Olhos azuis em um rosto negro — ela gritou para a mãe de Agustín. — Isto é o trabalho do demônio. É o próprio demônio. Ele matou meu bebê com seu olhar demoníaco. Se você não der um jeito nesse garoto, eu darei.

Na mesma noite, sua mãe fugiu com ele para as montanhas. Agustín tinha certeza de que fora essa mulher que rogara uma praga em sua mãe para que ela o odiasse.

A voz alta do homem interrompeu as lembranças de Agustín.

— Você não precisa levá-lo pessoalmente à feiticeira. Posso falar com ela para que apanhe o garoto à noite. Já teremos partido. Eu a levarei para bem longe daqui, onde nenhuma feiticeira poderá encontrá-la — prometeu o homem.

Sua mãe permaneceu em silêncio durante um longo tempo; então jogou a cabeça para trás e riu histericamente. Levantou-se do colchão e apertou o travesseiro sujo firmemente contra seu corpo. Andando em volta da mesa quebrada e das poucas cadeiras que a rodeavam, ela cruzou a sala.

— Olhe para ele — ordenou, apontando o queixo para o canto onde

ele estava deitado, fingindo que dormia. — Ele tem apenas seis anos, ainda que pareça um velho doente. O cabelo caiu. O corpo está coberto de cicatrizes. O estômago cheio de vermes. E, mesmo assim, ele sobrevive. Ele não tem roupas. Dorme sem lençol. E mesmo assim, não tem um resfriado. — Virou-se para falar com o homem sentado no colchão. — Não consegue ver que ele é o próprio demônio? Ele vai me encontrar onde quer que eu vá. — Os olhos de sua mãe brilharam febrilmente por baixo do cabelo desalinhado. — Pensar que dei meu peito para o demônio se alimentar me dá medo e nojo.

Escondido em um pequeno nicho na parede, ela apanhou o bolo de milho, trazido pelo homem na noite anterior. Deu um pedaço ao homem e, segurando o outro, abaixou-se para ficar ao lado dele no colchão.

Falando monotonamente, numa espécie de transe, ela contou que Agustín havia sido trocado.

— Uma das enfermeiras trocou meu bebê pelo demônio — continuou e, repentinamente, tornou-se mais veemente. — Todos sabiam que eu iria ter uma menina. Minha barriga estava redonda em vez de pontiaguda. Meu cabelo começou a cair. Bolhas e manchas começaram a aparecer na minha pele. Minhas pernas incharam. São sintomas de que estava esperando uma menina. No princípio, mesmo sabendo que ele fora trocado, não pude recusá-lo, apenas amá-lo. Ele era tão bonito e inteligente. Ele nunca chorava. Começou a falar antes mesmo de andar, e cantava como um anjo. Recusei-me a acreditar em qualquer uma das mulheres que diziam que ele tinha olhos demoníacos. Mesmo depois de uma outra gestação na qual o bebê nasceu morto, não prestei atenção às insinuações de minhas vizinhas. Apenas pensava que elas eram ignorantes e, pior de tudo, que tinham inveja dos belos olhos do garoto. Além disso, quem já ouviu falar de uma criança com olhos demoníacos? — Ela pegou a crosta do bolo de milho e jogou para o outro lado da sala. — Mas quando meu marido morreu em um acidente no moinho, tive que acreditar nas mulheres. — Ela cobriu o rosto com as mãos e silenciosamente completou: — Agustín nunca ficou doente na vida. Devo deixá-lo entregue a sua própria sorte em Ipaírí. Então, a sua morte não será um problema para minha consciência.

— Deixe-me trocar algumas palavras com a mulher sobre a qual estive falando com você — o homem disse, a voz era suave e persuasiva. — Sei que ela vai cuidar dele.

Com grande prazer, explicou sobre seu trabalho no laboratório farmacêutico. Trabalhava no depósito e tinha uma boa relação com o chefe. Previa que não teria dificuldades em convencer o homem a lhe fazer um favor.

— Com o dinheiro, nós dois poderemos ir a Caracas — disse. Levantou-se e vestiu-se. — Espere-me no laboratório. Sairei às cinco. Já terei arranjado tudo.

Agustín apanhou a crosta do bolo no chão. Cambaleando, andou até um buraco estreito na parte de trás da casa, que um dia tivera uma porta, e saiu andando por um lugar que um dia fora um jardim. Encaminhou-se para seu local preferido, uma acácia retorcida que se projetava sobre a ravina. Sentou-se no chão, esticando as pernas para frente, as costas nuas recostadas no resto de um muro, que um dia cercara aquela propriedade.

O gato doente e esquelético que o seguira durante todo o caminho desde Ipairí, começou a roçar seu pêlo áspero contra a coxa dele. Agustín deu um pedacinho do bolo a ele, depois empurrou o animal em direção aos lagartos que saíam e entravam nas reentrâncias do muro. Não poderia compartilhar outra migalha. Nunca fora capaz de satisfazer sua própria fome; uma fome que o fazia sonhar dia e noite com comida. Com um sorriso nos lábios, adormeceu.

Assustado com o barulho do vento, acordou. Folhas caíam em volta dele, formando um círculo. As folhas subiam no ar e, por fim, desciam como um redemoinho marrom na ravina. Podia ouvir o murmúrio acima dele. Quando chovia, o rio enchia, carregando árvores e animais mortos que ficavam na encosta das montanhas.

Agustín virou ligeiramente a cabeça e fitou as montanhas silenciosas em sua volta. Colunas estreitas de fumaça eram levadas pelo vento, misturando-se com as nuvens em movimento. Poderia a missão protestante estar por perto?, perguntou a si mesmo. Ou talvez, esta fumaça seria da casa da mulher que não tinha medo de acolhê-lo? Repousou o rosto na

pequena mão ossuda. Moscas rondavam sua boca aberta. Pressionou os lábios ressecados, afastou as pernas e urinou. Pôde sentir a dor dentro dele ao dormir novamente.

O sol já estava alto quando acordou. O gato estava ali perto, devorando um lagarto enorme. Aproximou-se do felino. Ele rosnavia perversamente, segurando com força em baixo da pata a metade que ainda não havia comido do réptil. Agustín chutou o animal no estômago, apanhou as entranhas gosmentas e engoliu-as. Olhou para cima e viu sua mãe observando-o da porta.

— Virgem Maria! — exclamou. — Ele não é humano. — Benzeu-se. — Não vai demorar muito até que ele se envenene. — Fez o sinal-da-cruz mais uma vez, uniu as mãos e começou a rezar. — Pai do Céu. Tire-o do meu caminho. Faça com que ele tenha uma morte natural, para que eu não o tenha em minha consciência.

Ela entrou, sentou-se no colchão e apanhou seu único vestido. Alisou-o e, cuidadosamente, pressionou o tecido enrugado contra seu corpo; sacudindo-o repetidamente, esticou-o no colchão com extremo cuidado.

Curioso, Agustín observou-a acender o fogão. Cantarolando, ela pegou o café e as pedrinhas de açúcar que guardava em um caixote pregado bem alto na parede. Ele queria uma pedrinha daquele açúcar. Tentou levantar-se, mas nauseado ajoelhou-se e vomitou pedaços do lagarto que comera. Lágrimas salgadas rolaram por suas bochechas queimadas pelo sol. Teve ânsia de vômito repetidas vezes, espuma e bÍlis escorriam de seus lábios trêmulos. Limpou a boca e o queixo nos ombros. Sentido uma dor profunda, tentou levantar-se mas caiu novamente no chão.

Os murmúrios da ravina engolfavam-no como um véu suave. Quando o cheiro do café penetrou por suas narinas e ele ouviu sua mãe dizer que preparara um delicioso café para ele, soube que estava sonhando. Fez uma careta com os lábios secos. Queria sorrir quando ouviu a gargalhada de sua mãe; a risada alta, abrupta e feliz que ele conhecia tão bem. Ele imaginou se ela poria o vestido vermelho para se encontrar com o homem do laboratório farmacêutico.

Agustín abriu os olhos. No chão, perto dele, havia uma pequena

tigela com café. Com medo de que aquela visão pudesse desaparecer, ele a apanhou e levou-a até os lábios. Sem ligar para o calor que queimava seus lábios e língua, bebeu o líquido forte e doce. Isso desanuviou seus pensamentos e cessou sua náusea.

Pensativo, ele fitou a linha da chuva no horizonte. Em poucos segundos, nuvens negras, sombreadas de dourado, flutuavam pelo céu. As nuvens cobriram as montanhas com sombras violáceas e tornaram o céu uma parede negra. Um vento gelado, seguido de um bramido surdo, cortou a ravina. A água da chuva que vinha das outras montanhas descia pelo desfiladeiro com uma força imensa. Em minutos, pesados pingos caíam do céu.

Agustín levantou-se, virou a cabeça para o céu e, com os braços abertos, deu boas-vindas ao frio delicioso que o lavava. Guiado por um impulso inexplicável, entrou em casa e apanhou o vestido vermelho. Pegou-o com as mãos trêmulas, correu para a parte mais afastada da ravina e atirou a peça de roupa ao vento. Ele voou como uma pipa, ficando preso nas folhas da velha acácia.

— Seu demônio! Monstro! — sua mãe berrou, correndo atrás dele, os cabelos desalinhados caindo sobre o rosto, os braços estendidos. Como se estivesse asfixiada pelo som da água bramindo, ela apenas parou entre o garoto e o vestido que flutuava. Os olhos estavam cheios de ódio, incapaz de dizer uma palavra. Depois, segurando nos galhos e nas raízes expostas, ela começou, cuidadosamente, a subir na árvore.

Agustín observou-a por trás do tronco retorcido completamente fascinado. Os pés moviam-se com agilidade pela superfície escorregadia. Ela apanharia o vestido de qualquer forma, pensou. Ela esticou o braço o quanto podia. Tocou no vestido com a ponta dos dedos e, perdendo o equilíbrio, caiu na margem do rio.

O grito de horror dela, combinado com o bramido da água, foi carregado para longe pelo vento.

Agustín moveu-se para mais perto da borda. Os seus olhos brilhavam enquanto via o corpo de sua mãe debater-se na água barrenta do rio no seu curso para o mar. A tempestade já se dissipara. A chuva cessara. O vento

diminuíra. Tudo, inclusive a água turbulenta, retomara sua habitual tranqüilidade.

Agustín andou até a casa, deitou-se no colchão e cobriu-se com o lençol fino e sujo. Sentiu o pêlo áspero do gato procurando o calor de seu corpo. Estendeu o lençol até cobrir os olhos e caiu em um sono profundo e pesado.

Era noite quando ele acordou. Através da porta aberta, pôde ver a lua enredada nos galhos da acácia.

— Vamos agora — murmurou, pegando o gato. Seria fácil atravessar a montanha, decidira. Tendo um ao outro como companhia, ele tinha uma vaga impressão de que o gato seria capaz de encontrar a missão protestante ou a mulher que não teria medo de cuidar dele.

Capítulo 23

Mercedes Peralta veio correndo até meu quarto, sentou-se na minha cama e ficou mexendo-se até encontrar uma posição confortável.

— Desempacote suas coisas — falou. — Você não pode mais ver Agustín. Ele saiu para sua viagem anual por regiões remotas do país.

Ela falava com tanta certeza que intuí que ela acabara de falar com ele por telefone. Mas sabia que não havia nenhum aparelho pela vizinhança.

Candelária entrou no quarto, segurando uma bandeja com minha sobremesa favorita: geléia de goiaba com pedaços finos de queijo branco.

— Sei que isto não é o mesmo que um encontro espiritual com Agustín em frente à TV — comentou —, mas é tudo o que você tem no momento. — Ela colocou a bandeja sobre o criado-mudo e sentou-se na cama, no lado oposto de dona Mercedes.

Dona Mercedes riu e mandou que eu comesse minha guloseima. Disse que Agustín era conhecido em lugares distantes, cidades esquecidas que eram visitadas por ele todos os anos. Com grande prazer, ela falou sobre o dom dele em curar crianças.

— Quando ele voltará? — perguntei. O pensamento de que não o veria de novo encheu-me de uma tristeza indescritível.

— Não há como saber — dona Mercedes falou. — Seis meses, talvez mais. Ele faz isso porque sente que tem uma grande dívida a saldar.

— A quem ele deve?

Ela olhou para Candelária, depois as duas me olharam como se eu devesse saber.

— Feiticeiras compreendem dívidas deste tipo de uma maneira um tanto peculiar — dona Mercedes falou finalmente. — Curandeiros *rezam* aos santos, à Virgem e a Jesus Cristo. Feiticeiros rezam para ter poder. Eles atraem isto com seus encantamentos.

Ela se levantou da cama e caminhou pelo quarto. Suavemente, como se estivesse falando para si mesma, continuou a dizer que, embora Agustín

rezasse aos santos, ele devia alguma coisa para uma ordem maior, uma ordem que não era humana.

Dona Mercedes ficou em silêncio por alguns minutos, olhando-me sem demonstrar qualquer sentimento em seu rosto.

— Agustín conhece esta ordem maior desde que era criança — continuou. — Alguma vez ele lhe contou que o mesmo homem que estava prestes a levar sua mãe para longe, encontrou-o em uma noite escura, na chuva, quase morto e o trouxe até mim?

— Dona Mercedes não esperou pela minha resposta e completou rapidamente: — Estar em harmonia com esta ordem maior sempre foi o segredo do sucesso de Agustín. Ele faz isso na cura e na bruxaria.

Novamente, ela parou por um instante, olhando para o teto.

— A ordem maior transformou Agustín e Candelária em um presente — continuou, abaixando o olhar na minha direção. — Isso os ajudou desde o momento em que nasceram. Candelária paga parte de sua dívida sendo minha empregada. Ela é a melhor que existe.

Dona Mercedes andou até a porta e, antes de sair, virou-se, com um sorriso vago no rosto, para encarar Candelária e a mim.

— Acho que de certa forma, você também tem um acordo com esta ordem maior — disse. — Por isso, tente de todas as maneiras pagar a dívida que você tem.

Nenhuma palavra foi dita durante algum tempo. As duas mulheres olhavam-me com expectativa. Ocorreu-me que elas esperavam que eu fizesse a conexão óbvia — óbvia para elas. Como Candelária nascera feiticeira, Agustín nascera bruxo.

Dona Mercedes e Candelária ouviram-me com sorrisos radiantes.

— Agustín foi capaz de construir suas próprias ligações — dona Mercedes explicou. — Ele tem uma conexão direta com a ordem maior, a qual é a própria roda da oportunidade assim como a sombra da feiticeira. Ou qualquer coisa que possa fazer com que a roda se mova.

Parte Sete

Capítulo 24

Compartilhando a luz fraca da lâmpada acima de nós, Candelária e eu nos sentamos uma de frente para a outra à mesa da cozinha. Ela estava estudando as fotografias acetinadas na revista que eu comprara para ela; eu estava transcrevendo minhas fitas.

— Ouviu a batida na porta da frente? — perguntei, tirando o fone do meu ouvido.

Sem ligar para o que falei, ela apontou para a fotografia de um modelo louro.

— Não consigo decidir de qual garota gosto mais — comentou. — Se eu cortar esta, perco a que esta no outro lado da folha, a morena descendo a rua com um tigre numa corrente.

— Eu ficaria com a do tigre — sugeri. — Haverá mais modelos louros nas revistas. — Toquei no braço dela. — Ouça, há alguém na porta.

Demorou algum tempo até que Candelária desviasse os olhos da revista e percebesse que realmente havia alguém batendo na porta.

— Quem poderia ser tão tarde? — murmurou indiferente, como se tivesse voltado a prestar atenção nas páginas brilhantes.

— Talvez seja um paciente. — Olhei para meu relógio. — É quase meia-noite.

— Oh, não, minha querida — Candelária falou calmamente e olhou para cima. — Ninguém vem a essa hora. As pessoas sabem que dona Mercedes não trata ninguém tão tarde, a menos que seja uma emergência.

Antes que tivesse chance de dizer que, provavelmente, era uma emergência, houve outra batida, desta vez mais insistente.

Corri até a porta da frente. Por um momento, parei hesitante na sala de cura, avaliando se deveria avisar Mercedes Peralta que havia alguém na

porta.

Durante três dias ela estivera naquela sala. Dia e noite, ela acendera velas no altar, fumara charuto após charuto e, com uma expressão extasiada no rosto, recitara encantamentos ininteligíveis até as paredes vibrarem com o som. Ela nunca respondeu minhas perguntas. Ainda que parecesse feliz com as minhas interrupções para trazer comida ou insistir para que descansasse por algumas horas.

Outra batida me fez correr até a porta da frente, que Candelária sempre trancava assim que escurecia. Uma preocupação desnecessária: qualquer um que quisesse entrar, podia fazê-lo pela porta da cozinha.

— Quem é? — perguntei antes de retirar a tranca da porta de ferro.

— *Gente de paz* — uma voz masculina respondeu.

Divertida por ouvir alguém, com um leve sotaque estrangeiro, responder com um cumprimento arcaico que remontava à colonização espanhola, respondi, automaticamente, à altura:

— Salve a Virgem Maria — e abri a porta.

O homem alto de cabelos brancos, encostado na parede, cumprimentou-me com uma expressão aparvalhada no rosto. Comecei a rir.

— Mercedes Peralta está em casa? — perguntou com uma voz pausada.

Concordei, estudando suas feições. Não havia muito tempo que ganhara rugas, mas seu rosto estava todo marcado, sinal de dores e mágoas. Os círculos profundos em volta dos olhos azuis-piscina marcavam sua idade.

— Dona Mercedes está? — perguntou, olhando por trás de mim para o corredor pouco iluminado.

— Está — repeti. — Mas ela não vê ninguém tão tarde.

— Fiquei andando durante horas pela cidade, ponderando se deveria vir — falou. — Preciso vê-la. Sou um velho amigo ou um velho inimigo.

Assustada com a angústia e o desespero na voz dele, convidei-o para entrar.

— Ela está na sala de trabalho — eu disse. — É melhor avisá-la de que você está aqui para vê-la — parei perto dele e sorri encorajando-o. — Qual é seu nome?

— Não me anuncie — o homem pediu, segurando meu braço. — Deixe-me entrar sozinho. Sei o caminho. — Rapidamente, ele deslizou pelo pátio e foi andando pelo corredor. Por um segundo, parou na porta do quarto de dona Mercedes e, então, entrou.

Segui-o bem de perto, preparada para ouvir a reclamação de dona Mercedes por desobedecer sua instrução. Por um instante, achei que ela já tivesse deitado. Mas assim que meus olhos se acostumaram com a escuridão, vi-a sentada em sua cadeira de encosto alto em um dos cantos da sala, iluminada pela luz fraca de uma única vela que queimava no altar.

— Federico Mueller! — gaguejou, olhando-o totalmente em pânico. Ela parecia não acreditar no que estava vendo e esfregava, repetidamente, os olhos com as mãos. — Como pode ser? Por todos estes anos achei que você estivesse morto.

Desajeitadamente, ele se ajoelhou, enterrou o rosto no colo dela e chorou com a volúpia de uma criança desesperada.

— Ajude-me, ajude-me — repetia entre soluços. Impetuosamente, fui entrando no quarto, mas parei ao ouvir Federico Mueller cair no chão. Quis chamar Candelária, mas dona Mercedes não deixou.

— Que extraordinário! — exclamou num tom de voz trêmulo. — Tudo está tomando seu lugar como em um quebra-cabeça mágico. Esta é a pessoa de quem você me faz lembrar. Você o trouxe de volta.

Queria dizer-lhe que não via nenhuma similaridade entre o velho e mim, mas ela me mandou ir até seu quarto de dormir e apanhar sua maleta de plantas medicinais. Quando voltei, Federico Mueller ainda estava deitado, todo encurvado, no chão.

— Chame Candelária — falou. — Não consigo levantá-lo sozinho.

Candelária escutara a confusão e já estava chegando à porta da sala. Havia uma expressão de descrédito e horror era seu rosto.

— Ele voltou — murmurou, aproximando-se de Federico Mueller. Ela fez o sinal-da-cruz, virou-se para dona Mercedes e perguntou: — O que quer que eu faça?

— A alma dele está saindo do corpo — respondeu. — Estou muito fraca para tentar trazê-la de volta.

Candelária agachou-se e, rapidamente, levantou o corpo inerte de Federico, colocando-o sentado. Os ossos de suas costas estalavam como se estivessem quebrando em mil pedaços.

Candelária encostou-o na parede.

— Ele está muito doente — falou para mim. — Acho que ele voltou para morrer aqui. — Deixou a sala fazendo o sinal-da-cruz.

Federico abriu os olhos. De uma só vez, ele olhou tudo o que estava em volta e, depois, fitou-me como se estivesse implorando-me para deixá-lo sozinho com dona Mercedes.

— *Musiúa* — ela me pediu com a voz fraca quando eu ia saindo da sala —, já que foi você que o trouxe de volta, acho que deveria ficar.

Sentei-me no sofá. Ele começou a falar sem se dirigir a alguém em particular. Murmurou incompreensivelmente por horas. Mercedes Peralta ouviu-o com atenção. Qualquer coisa que ele dizia, parecia fazer todo sentido do mundo para ela.

Depois que ele parou de falar, um longo silêncio nos envolveu. Devagar, dona Mercedes levantou-se e acendeu uma vela em frente à estátua da Virgem. Parada na frente do altar, ela parecia uma antiga estátua de madeira, seu rosto era uma máscara.

Apenas seus olhos pareciam vivos enquanto se enchiam de lágrimas. Acendeu um charuto e deu longas tragadas, como se estivesse forçando algo contra o queixo.

A chama aumentava de brilho conforme a vela queimava, jogando uma luz suave sobre as feições dela ao voltar-se para Federico. Murmurando uma oração, ela primeiro massageou a cabeça e depois os ombros dele.

— Você pode fazer o que quiser comigo — disse ele, pressionando as duas mãos dela contra suas têmporas.

— Vá para a sala de espera — ordenou dona Mercedes, sua voz era quase um suspiro. — Irei a seguir levando uma poção de valeriana. Fará você dormir. — Sorrindo, ela colocou o cabelo dele no lugar.

Hesitante, ele deslizou pelo pátio e pelo corredor. O som de suas pisadas ecoava suavemente por toda a casa.

Mercedes Peralta virou-se mais uma vez para o altar mas não pôde

alcançá-lo. Estava prestes a cair, quando pulei e segurei-a. Sentindo o tremor incontrollável de seu corpo, percebi o quanto aquilo fora estressante para ela. Ela confortara Federico Mueller durante horas. Tinha apenas visto a tormenta dele; ela não me revelara nada sobre a dela.

— *Musiúa*, diga a Candelária para aprontar-se — disse dona Mercedes, entrando na cozinha onde eu escrevia. — Você nos levará no seu jipe.

Certa de que Candelária já estava dormindo, fui, imediatamente, procurá-la no quarto. Ela não estava lá. A porta do guarda-vestido estava aberta, expondo o espelho pendurado em uma das portas e todas as suas roupas. Elas não estavam arrumadas só pelas cores, mas também, pelo comprimento. Sua cama estreita

— feita de ripas e com um colchão de crina de cavalo — ficava entre duas mesinhas cheias de romances e álbuns de fotografias, contendo fotos recortadas de revistas. Tudo estava imaculadamente arrumado, não havia nada fora do lugar.

— Estou pronta — Candelária falou atrás de mim.

Assustada, virei-me.

— Dona Mercedes quer que você... — Ela não me deixou terminar e foi empurrando-me pelo corredor.

— Já cuidei de tudo — assegurou-me. — Corra e troque-se. Não temos muito tempo.

Enquanto saía, dei uma espiada na sala de estar. Federico Mueller estava dormindo tranqüilamente no sofá. Dona Mercedes e Candelária já estavam prontas esperando-me no jipe. Era uma noite agradável e escura. Soprava um vento gelado das montanhas e não havia lua nem estrelas no céu.

Seguindo as instruções de Candelária, levei as duas mulheres até a casa das pessoas que, freqüentemente, participavam dos encontros espirituais. Como de costume, esperei do lado de fora. A não ser por Leon Chirino, nunca conhecera nenhum deles, apenas sabia quem eles eram e onde moravam. Imaginei que as duas mulheres estavam marcando uma sessão e por isso não podiam ficar por muito tempo nas casas.

— E, agora, vamos a casa de Leon Chirino — falou Candelária, ajudando dona Mercedes a sentar-se no banco traseiro.

Candelária parecia com raiva. Sem parar, ela reclamou de Federico Mueller. Embora estivesse ardendo de curiosidade, não prestei atenção nas constatações dela. Estava mais preocupada em observar a expressão atormentada de dona Mercedes pelo espelho retrovisor. Abriu a boca algumas vezes mas, em vez de falar, balançou a cabeça e olhou pela janela, buscando ajuda e conforto na noite.

Leon Chirino demorou para atender a porta. Ele devia estar dormindo e incapaz de ouvir o chamado impaciente de Candelária. Abriu a porta com os braços cruzados, protegendo o corpo do frio e da brisa úmida que cortava a montanha. Havia uma expressão de mau presságio em seus olhos.

— Federico Mueller está na minha casa — dona Mercedes falou antes que ele tivesse tempo de cumprimentá-la.

Leon Chirino não disse uma palavra, ainda que ficasse evidente que havia sido jogado em um estado de profunda agitação e enorme indecisão. Seus lábios tremeram e seus olhos, alternadamente, brilhavam com raiva e enchiam-se de lágrimas.

Ele indicou para que o seguíssemos até a cozinha. Assegurou-se de que dona Mercedes estivesse confortável na rede pendurada perto do fogão e preparou café fresco enquanto nos mantínhamos em completo silêncio.

Assim que serviu Candelária e a mim, ele ajudou dona Mercedes a sentar-se e, colocando-se por trás dela, começou a massagear-lhe a cabeça, depois o pescoço, os ombros, os braços, todo o corpo até chegar nos pés. O som melodioso da oração enchia a sala, claro como o amanhecer, tranquilo e reconfortante.

— Só você sabe o que deve ser feito — disse ele para dona Mercedes, ajudando-a a se levantar. — Quer que eu vá com você?

Concordando com a cabeça, ela o abraçou e agradeceu por ele dar-lhe força. Um sorriso misterioso fez com que os lábios dela se curvassem ao virar-se para a mesa e, calmamente, sorver sua xícara de café.

— Agora, temos que ver meu *compadre* — falou ela, pegando no meu braço. — Por favor, leve-nos à casa do *El Mochó*.

— Lucas Nunez? — perguntei, olhando um de cada vez. Os três concordaram com a cabeça, sem dizer uma palavra. Lembrava-me do comentário de Candelária a respeito do padrinho do filho adotivo de dona Mercedes. Candelária dissera-me que ele se culpava pela morte de Elio.

O sol já estava nascendo por trás da montanha quando chegamos à pequena cidade onde Lucas Nunez vivia. O lugar era quente; o ar salgado por causa do mar e almiscarado por causa das flores de mimoseiras. A rua principal da cidade era margeada por casas coloniais pintadas de cores brilhantes, por uma pequena igreja e uma praça que limitava uma plantação de cocos. Atrás estava o mar. Não podíamos vê-lo, mas o vento carregava o som das ondas quebrando na encosta.

A casa de Lucas Nunez ficava em uma das ruas paralelas, que na verdade não eram nem ruas, mas caminhos cobertos com pedras. Dona Mercedes bateu levemente na porta e, sem esperar por uma resposta, empurrou-a e entrou na sala escura e fresca.

Com os olhos ainda ofuscados pela luminosidade externa, só pude ver, a princípio, a silhueta de um homem lendo em uma mesa de madeira no pequeno pátio. Ele nos fitou com uma expressão tão desolada que quis fugir dali. Indeciso, ele se levantou e, em silêncio, abraçou dona Mercedes, Leon Chirino e Candelária. O homem era alto e magro, o cabelo branco estava cortado tão curto que a pele escura de sua cabeça brilhava.

Senti-me angustiada ao olhar para as mãos dele e perceber por que seu apelido era *El Mocho*, o aleijado. Ele não tinha a primeira junta de cada dedo.

— Federico Mueller está na minha casa — dona Mercedes falou suavemente. — Esta *musiúa* trouxe-o para minha porta.

Vagarosamente, Lucas Nunez virou-se para mim. Havia algo tão intenso no rosto fino do homem, nos seus olhos brilhantes, que dei um pulo para trás.

— Ela é parente dele? — perguntou com voz áspera, parecendo que não me via ali.

— A *musiúa* nunca havia visto Federico Mueller em toda a sua vida — explicou dona Mercedes. — Mas ela o trouxe até minha porta.

Lucas Nunez encostou-se na parede.

— Se ele está em sua casa, vou matá-lo — declarou, suspirando com voz estrangulada.

Dona Mercedes e Leon Chirino pegaram-no pelo braço e o levaram para um dos aposentos.

— Quem é Federico Mueller — perguntei à Candelária. — O que ele fez?

— Mas, *musiúá* — disse ela impaciente —, durante toda a viagem, falei sobre as coisas horríveis que Federico Mueller fez. — Ela me olhou confusa, balançando a cabeça incrédula. E, apesar da minha insistência para que ela repetisse as coisas sobre ele, não falou mais nada sobre Federico Mueller.

Em vez de descansar em sua rede assim que chegou em casa, Mercedes Peralta pediu que eu e Candelária a acompanhássemos até a sala de trabalho. Acendeu sete velas no altar e, procurando debaixo do manto azul da Virgem, apanhou um revólver.

Espantada e fascinada, observei o cuidado dela com a arma. Ela sorriu para mim e pressionou o revólver contra as minhas mãos.

— Está descarregado — falou. — Descarreguei-o no dia em que você chegou. Sabia que não ia precisar mais da arma, mas não sabia que você traria Federico de volta para mim. — Andou até a cadeira e, dando um suspiro profundo, sentou-se. — Tenho essa arma há quase trinta anos — continuou. — Ia matar Federico Mueller com ela.

— E você pode fazer isso agora! — Candelária sussurrou por entre os dentes.

— Sei o que vou fazer — dona Mercedes continuou, ignorando a interrupção. — Vou cuidar de Federico Mueller enquanto ele viver.

— Meu Deus! — Candelária exclamou. — Perdeu a cabeça? Um brilho de esperança infantil e de afeição brilhou nos olhos de dona Mercedes enquanto ela nos observava atentamente. Ela levantou a mão, pedindo silêncio.

— Você trouxe Federico Mueller para minha porta — falou para mim. — E, agora, sei que não há nada para se perdoar. Nada para entender. E ele

voltou para me fazer compreender isto. É por isso que nunca falei sobre o que ele fez. Ele estava morto, mas não está mais agora.

Capítulo 25

Havia muitos quartos vazios na casa, mas Federico Mueller escolheu o pequeno aposento atrás da cozinha. Nele só cabia uma cama e uma mesinha-de-cabeceira.

Quase veementemente, ele recusou a minha oferta para que o levasse até Caracas a fim de apanhar seus pertences. Ele dissera que nada do que possuía tinha qualquer valor para ele agora. Ainda assim, ficou feliz quando eu lhe trouxe algumas camisas, uma calça cáqui e roupas íntimas, a pedido de dona Mercedes.

E, então, Federico Mueller tornou-se parte da casa. Dona Mercedes cuidava dele com muita atenção. Acompanhava-o por todos os lugares. Todas as manhãs e, novamente, à tarde, tratava-o na sala de trabalho. E, todas as noites, ela o fazia beber uma poção de valeriana misturada com rum.

Federico Mueller nunca saiu de casa. Ficava todo o tempo deitado na rede, no jardim, ou então conversando com dona Mercedes. Candelária ignorava a sua existência e ele fazia o mesmo não apenas com ela, mas comigo também.

Um dia, entretanto, Federico Mueller começou a falar comigo em alemão. Indeciso no início, pois mal conseguia construir as palavras, ele logo ganhou total domínio da língua e nunca mais falou uma palavra em espanhol comigo. Isto o mudou radicalmente. Era como se os seus problemas, fossem quais fossem, se escondessem atrás do som das palavras espanholas.

No início, Candelária ficou meio curiosa a respeito da língua estrangeira. Ela começou a fazer perguntas a Federico Mueller e terminou sucumbindo ao charme inato dele. Ele lhe ensinou canções alemãs, que Candelária cantava o dia inteiro com pronúncia perfeita. E para mim, ele repetia, com insistência e de uma maneira perfeitamente coerente, o que dissera a dona Mercedes na noite em que chegara.

Como acontecia todas as noites, Federico Mueller acordava gritando. Sentava-se na cama, empurrando as costas na cabeceira da cama, num esforço para escapar de um rosto em particular; ele sempre se aproximava tanto dele que podia vislumbrar o olhar cruel nos olhos do homem e ver seu dente de ouro enquanto ele gargalhava estridentemente. Atrás dele, estavam todos os rostos das pessoas que povoavam seus pesadelos: rostos distorcidos pela dor e medo. Eles sempre gritavam em agonia, implorando perdão. Todos eles, a não ser por ela. Ela nunca gritava. Ela nunca desviava o olhar. Um olhar que ele não conseguia sustentar.

Gemendo, Federico Mueller pressionou os punhos contra os olhos, como se pudesse, com este gesto, afastar seu passado. Durante trinta anos, ele fora atormentado por esses pesadelos, pela memória e pelas visões que o perseguiram numa onda de lucidez apavorante.

Exausto, deslizou para debaixo dos cobertores. Mas alguma coisa palpável, ainda que não pudesse ser vista, permanecia no quarto. Isso o impedia de dormir. Ele empurrou o travesseiro para o lado e, relutante, acendeu a luz, bateu até a janela e puxou a cortina.

Fitou a névoa branca do amanhecer invadindo o quarto. Ele apertou os olhos para ter certeza de que não estava sonhando.

Como já acontecera antes, ela se materializou e sentou-se na mesa de trabalho dele, entre os pássaros empalhados que o encaravam impassivelmente com seus olhos de vidro vazios e mortos. Com cuidado, ele se aproximava da figura, mas ela desaparecia rapidamente como uma sombra que não deixa rastro.

Os sinos da igreja próxima e os passos apressados das velhas mulheres em direção à primeira missa ecoavam pelas ruas silenciosas. Ele se lavara e barbeara, preparara seu café da manhã e comera encostado no fogão. Sentindo-se melhor, foi trabalhar em seus pássaros. Um cansaço, um medo indefinido, impediu-o de terminar o trabalho na coruja que prometera a um cliente para aquela tarde. Colocou sua melhor roupa e saiu para uma caminhada.

A cidade ainda tinha um ar de tranqüilidade aquela hora da manhã. Devagar, ele foi descendo a rua estreita. A parte de Caracas onde vivia, não

fora atingida pela onda de modernidade que havia assolado o resto da cidade. A não ser para dar um cumprimento casual, ele nunca parava para falar com alguém. Mesmo assim, sentia-se estranhamente protegido por aquelas casas coloniais, tão vivas pelas risadas das crianças e pelas vozes das mulheres cochichando em frente das suas casas.

No princípio, as pessoas falaram um bocado sobre ele, mas ele nunca dera qualquer explicação sobre sua presença. Estava ciente disso pelo burburinho e pelas suspeitas que provocava nos seus vizinhos.

Com o passar dos anos, como era esperado, o interesse das pessoas, finalmente, cessou. Hoje em dia, eles apenas pensam nele como um velho excêntrico que empalha pássaros e que quer viver sozinho.

Federico Mueller deu uma olhada em seu reflexo em um espelho de uma loja. Como sempre, quando ele via seu reflexo, assustava-se em descobrir que parecia muito mais velho do que realmente era. Não havia nenhum vestígio do homem alto e bonito, com cabelos louros encaracolados e bem bronzeado. Embora ele tivesse apenas trinta anos quando viera morar nesta parte de Caracas, ele já tinha a aparência do homem que seria aos sessenta: velho antes do tempo, com pernas fracas, cabelos brancos, rugas e uma palidez que não desaparecia por mais que ele ficasse fora de casa.

Balançando a cabeça, ele resumiu sua caminhada a uma volta pela praça e descansou em um dos bancos. Alguns velhos estavam ali perto, sentados com as mãos entre os joelhos, cada um deles perdido em suas memórias. Ele via algo extremamente perturbador na solidão indivisível deles. Levantou-se e andou, cruzando quarteirão por quarteirão, as ruas cheias de gente.

O sol estava quente. O contorno dos prédios havia perdido a precisão da luz matinal e os ruídos das ruas intensificavam o brilho trêmulo da névoa que encobria a cidade. E mais uma vez, como já fizera milhares de vezes, parou em frente a mesma parada de ônibus. Seus olhos se fixaram em um rosto escuro na multidão.

— Mercedes — murmurou, sabendo que era impossível ser ela. Ficou imaginando se a mulher havia escutado, pois ela olhou para seus olhos repentinamente. Foi muito rápido, embora tenha sido um olhar deliberado

que o encheu de apreensão e esperança. Depois, a mulher desapareceu na multidão.

— Você viu uma mulher alta e escura passando por aqui? — perguntou a um dos vendedores que ficavam na parada de ônibus vendendo cigarros e doces.

— Vejo milhares de mulheres — disse o homem, fazendo um gesto largo, em forma de círculo, com as mãos. — Há milhares de mulheres por aqui. — Ele pegou no braço de Federico Mueller e, delicadamente, virou-o para a esquerda. — Vê aqueles ônibus lá? Eles estão cheios de mulheres. Velhas, escuras, altas. Do jeito que você quiser. Todas elas estão indo para as cidades litorâneas. — Rindo, o homem continuou circulando pelos ônibus, entrando e saindo deles, oferecendo suas mercadorias.

Possuído por uma certeza irracional de que ele encontraria o rosto, Federico Mueller entrou em um dos ônibus e foi andando pelo corredor, observando atentamente o rosto de cada passageira. Elas o olhavam de volta em completo silêncio. Por um instante, ele achou que todos os rostos o faziam lembrar o dela. Tinha que descansar um momento, ele pensou, sentando-se em um dos assentos vagos na parte de trás do ônibus.

Uma voz fraca e distante exigindo a passagem o fez despertar. As palavras vibravam em sua cabeça. Uma sonolência pressionava suas sobancelhas e ele teve dificuldade em abrir os olhos. Olhou pela janela. A cidade estava ficando para trás. Confuso e embaraçado, ele olhou para o bilheteiro.

— Não tenho intenção de ir a lugar algum — disse, desculpando-se. — Vim apenas para encontrar alguém. — Parou por um segundo, depois murmurou para si mesmo. — Alguém que esperava e temia encontrar neste ônibus.

— Acontece — o homem concordou simpático — que, desde que tenha pago a tarifa inteira, você pode viajar por todo o trajeto até Curmina. — Ele sorriu e tocou no ombro dele. — Lá, você pode pegar um ônibus de volta para a capital.

Federico Mueller entregou a ele algum dinheiro.

— O ônibus volta quando para Caracas? — perguntou.

— Por volta da meia-noite — o homem respondeu. — Ou quando tivermos passageiros suficientes para fazer a viagem de volta.

Ele entregou o troco e continuou pelo corredor, coletando o resto dos tiquetes dos passageiros.

Quis o destino que eu apanhasse este ônibus sem ter planejado, pensou Federico Mueller. Um meio sorriso cortou seu rosto. Fechou os olhos com um sentimento de esperança, tranqüilidade e paz. O acaso finalmente o estava forçando a tomar controle do seu passado. Uma estranha paz o envolveu enquanto recordava do passado.

Tudo começou em uma festa em Caracas, onde ele fora abordado por um general graduado do governo, que lhe pedira, diretamente, para ingressar na polícia secreta. Acreditando que ele estivesse bêbado, Federico Mueller não levou as palavras do homem a sério. Foi uma surpresa quando poucos dias depois, um oficial das forças armadas bateu na sua porta.

— Sou o capitão Sérgio Medina — apresentou-se. Não havia nada esquisito naquele homem baixo e forte com pele avermelhada e um dente de ouro que reluzia com um sorriso mais amplo. Convincentemente, ele falou sobre a adrenalina que envolvia o trabalho que tinham em mente para ele, o bom pagamento, a rápida promoção. Orgulhoso e intrigado, Federico acompanhou Medina até a casa do general.

Dando tapinhas afetuosa nas suas costas, como se fosse um velho amigo, o general levou-o até seu escritório.

— Cora este trabalho vai ganhar o respeito e a gratidão deste país — falou o general. — Um país que, após todos esses anos, é seu e ao mesmo tempo não é. Esta é sua chance de tornar-se realmente um de nós.

Federico não podia deixar de concordar com ele. Ele tinha dezesseis anos quando seus pais imigraram para a Venezuela. Com a ajuda do programa governamental para imigrantes, eles foram mandados para o interior a fim de ocupar as imensas áreas de terra destinadas a eles, terras das quais, um dia, eles esperavam tornar-se proprietários. Após um acidente que matou seus pais, Federico, que não tinha nenhum interesse por agricultura, tornou-se aprendiz de um zoólogo alemão, um especialista em taxidermia, que lhe ensinou tudo que sabia.

— Não sei como posso lhe ser útil — Federico falou para o general. — Tudo que sei é caçar e empalhar pássaros.

O general riu até se cansar.

— Meu querido Federico — enfatizou —, sua experiência como taxidermista é o ideal para o trabalho que nós temos em mente para você. — Ele sorriu com confiança e, chegando bem perto, completou: — Temos notícia de um grupo subversivo operando na região de Curmina. Queremos que você descubra tudo sobre eles.

Ele riu mais uma vez, satisfeito como uma criança.

— Aliás, não tivemos sucesso com o homem que enviamos para lá. Mas você, meu amigo, um *musiú* empalhador de pássaros não vai levantar a menor suspeita.

Nunca deram a Federico a oportunidade de recusar o trabalho. Em poucos dias, um jipe novo, com equipamentos de última geração e produtos químicos de qualidade que nunca tivera condições de comprar, foi colocado à sua disposição.

Federico sempre fora cuidadoso enquanto esteve nas montanhas. Uma manhã, entretanto, ao ver um tucano raro em uma de suas armadilhas, ele correu para a rede sem antes calçar suas botas. Sentiu uma pontada na sola do pé. Xingou e pensou que tivesse pisado em uma farpa. Mas, quando uma dor lancinante começou a irradiar dos pequenos ferimentos — duas pequenas gotas de sangue haviam se formado — e rapidamente se espalhar por todo o pé e perna, ele soube que havia sido picado por uma cobra. Uma cobra que ele não vira ou ouvira.

Correu até o jipe estacionado ali perto e atirou a caixa de ferramentas para o lado até encontrar seu *kit* de primeiros socorros. Amarrou um lenço no meio da canela e, experientemente, cortou em volta das duas picadas e espremeu a região. No entanto, uma grande quantidade de veneno já estava na sua corrente sangüínea. Espasmos de dor sacudiam seu corpo e seu pé, inchado, tinha o dobro do tamanho. Nunca conseguiria chegar a Caracas, pensou, descansando atrás da roda do carro. Teria que tentar a sorte na cidade vizinha.

Calmamente, a enfermeira da farmácia perto da praça informou-o de

que eles estavam sem soro antiofídico.

— O que quer que eu faça? Morra? — Federico gritou, o rosto contorcido de dor e raiva.

— Espero que não — a enfermeira retrucou tranqüilamente. — Tenho certeza de que você já descartou a possibilidade de chegar até Caracas a tempo. — Ela o observou, avaliando com cuidado suas próximas palavras. — Conheço uma curandeira da região. Ela tem as melhores *contras*, poções secretas para aniquilar o veneno da cobra.

A enfermeira riu desculpando-se.

— É por isso que nós não estocamos o soro. A maior parte das vítimas prefere ir até ela. — Ela examinou seu pé inchado mais uma vez. — Não sei que tipo de cobra picou você, mas isso não parece estar nada bem. Sua única chance é a curandeira. É melhor ir até lá.

Federico nunca fora a um feiticeiro em sua vida, mas naquele momento estava disposto a tentar qualquer coisa. Ele não queria morrer. Estava atrás de alguém que pudesse cuidar dele.

A enfermeira, auxiliada por dois freqüentadores do bar em frente, carregaram Federico até a casa da feiticeira nos limites da cidade. Ele foi colocado em um sofá, em uma sala esfumaçada que cheirava a amônia.

Ao ouvir o som de um fósforo sendo aceso, Federico abriu os olhos. Pela névoa de fumaça, viu uma mulher alta, acendendo uma vela no altar. Na luz trêmula, a face dela parecia uma máscara, com ossos bem moldados por baixo da pele esticada, escura e lisa, que brilhava como madeira polida. Os olhos, emoldurados por grossas sobrancelhas, não revelavam absolutamente nada ao olhar para ele.

— Uma picada de *macagua*, com certeza — ela diagnosticou, colocando uma gaze no pé dele. — A cobra deu tudo que ela tinha. Você tem sorte de a enfermeira tê-lo trazido aqui. Não existe nenhum soro para este tipo de veneno.

Ela puxou uma cadeira para perto dele, examinou o pé com atenção, passando, delicadamente, os longos dedos na pele em volta da ferida.

— Não tem com o que se preocupar — ela constatou com absoluta convicção. — Você é jovem. Sobreviverá com meu tratamento.

Virando-se para a mesa atrás de si, ela apanhou dois largos filtros de cantadores cheios de um líquido adocicado, marrom-esverdeado, no qual raízes, folhas e uma cobra flutuavam juntos. De um dos jarros, ela derramou um pouco em um prato de metal; do outro, ela encheu metade de uma pequena caneca de alumínio.

Ela acendeu um charuto. Inalando profundamente, fechou os olhos e balançou a cabeça de um lado para o outro. De repente, ela se ajoelhou ao lado dos pés dele e soprou o que parecia ser a fumaça acumulada de todo o charuto no corte que ele fizera com a faca. Ela chupou o sangue, cuspiu rapidamente e limpou a boca com um líquido de odor forte. Repetiu este procedimento por sete vezes.

Totalmente exausta, ela repousou a cabeça no encosto de uma cadeira. Alguns minutos depois, começou a murmurar uma oração. Desabotoou a camisa dele e, com o dedo anular, no qual ela espalhara as cinzas do charuto, desenhou uma linha reta que ia da garganta até os genitais. De modo extremamente fácil, ela o virou, tirou a camisa dele e desenhou uma linha similar nas costas.

— Dividi você agora — ela informou. — O veneno não pode mais passar de um lado para o outro. — Retraçou então as linhas da frente e das costas com um pouco de cinza fresca.

Apesar de sua dor, Federico riu.

— Tenho certeza de que o veneno já se espalhou pelo meu corpo há muito tempo — falou.

Ela segurou o rosto dele entre as mãos, forçando-o a olhar dentro de seus olhos.

— *Musiú*, se você não acreditar em mim irá morrer — avisou-o, depois lavou o pé dele com o líquido que despejara no prato de metal. Feito isso, ela apanhou a caneca de alumínio. — Beba tudo — mandou, encostando a caneca nos lábios dele. — Se vomitar, não terá mais jeito.

Incontroláveis ondas de náusea começaram a surgir depois que ele bebeu o líquido.

— Esforce-se para mantê-lo aí dentro — ela implorou, colocando um travesseiro retangular de grãos de milho embaixo de sua cabeça. Observou-o

atentamente enquanto molhava um lenço em uma mistura de água de rosas e amônia.

— Agora respire! — ordenou, encostando o lenço no nariz dele. — Respire devagar e profundamente.

Por um instante, ele se sentiu estrangulado pela pressão sufocante da mão dela, mas, depois, foi relaxando enquanto ela massageava seu rosto.

— Não chegue perto de mulheres grávidas. Elas irão neutralizar o efeito da *contra* — ela o preveniu.

Ele a encarou sem compreender e sussurrou que não conhecia nenhuma mulher grávida.

Parecendo satisfeita com a afirmação dele, Mercedes Peralta voltou-se para o altar, alinhou sete velas em volta da estátua de São João e acendeu-as. Silenciosamente, ela fitou as chamas bruxuleantes e, com um movimento repentino, jogou a cabeça para trás e recitou uma estranha liturgia. As palavras tornaram-se pranto, que crescia conforme a regularidade da respiração dela. Era um lamento sobre-humano que fazia com que as paredes vibrassem e com que a chama das velas tremulasse. O som encheu a sala, a casa, e foi para fora como se tivesse sido apanhado por alguma força distante.

Federico estava pouco ciente do que acontecia na outra sala. Os dias se transformavam em noites e as noites em dia enquanto ele continuava deitado no sofá, semiconsciente, com febre e tendo calafrios. A qualquer hora que abrisse os olhos, via o rosto da curandeira na escuridão, as pedras vermelhas de seus brincos brilhavam como se fossem um par de olhos a mais. Com uma voz doce e melodiosa, ela afastava as sombras e os terríveis fantasmas de sua febre, expulsando-os para os cantos. Ou, como se ela fizesse parte de suas alucinações, ela identificava as forças desconhecidas e mandava que ele lutasse contra elas.

Depois, ela banhava seu corpo suado e massageava-o até que sua pele estivesse novamente fria. Houve vezes em que Federico sentiu a presença de outra pessoa na sala. Mãos diferentes, mais largas e fortes, ainda que gentis como a da curandeira, balançavam sua cabeça enquanto ela ordenava, com um tom áspero, que ele tomasse as poções que ela

colocava na sua boca.

Na manhã em que ela trouxe a primeira refeição com arroz e legumes, um jovem, segurando um violão, acompanhou-a pela sala.

— Sou Elio — apresentou-se. Então, tocando, começou a cantar uma divertida modinha que relatava o que acontecera durante o período em que Federico estivera com o veneno. Elio também contou a ele, que no dia em que a enfermeira o trouxera para a casa de sua mãe, ele fora até as montanhas e, com seu machado, havia matado a cobra. Se ela tivesse sobrevivido, as poções e os encantamentos não adiantariam.

Uma manhã, ao perceber que a carne avermelhada de seu pé voltara ao normal, Federico pegou suas roupas lavadas que estavam penduradas no pé da cama. Ansioso para testar sua força, ele caminhou pelo jardim, onde encontrou a feiticeira curvada sobre uma bacia cheia de água de alecrim. Silenciosamente, ele observou-a mergulhar as mãos no líquido violeta. Sorrindo, ela o fitou.

— Isto impede que meu cabelo fique branco — explicou, passando os dedos repetidamente nos cachos.

Confuso pelo desejo que começava crescer dentro dele, chegou mais perto dela. Começou a beijar as gotas de água de alecrim que escorriam pelo rosto, pelo pescoço e pelo decote do seu vestido. Ele não se importava com o fato de ela ter idade para ser mãe dele. Para ele, ela não tinha idade e era misteriosamente sedutora.

— Você salvou minha vida — murmurou, tocando no rosto dela. Acariciou as faces, os lábios, o pescoço quente e liso. — Você deve ter colocado uma poção de amor naquele líquido horroroso que me fazia beber todos os dias.

Ela o olhou diretamente nos olhos mas não respondeu.

Com medo de que ela tivesse ficado ofendida, ele sussurrou uma desculpa.

Ela balançou a cabeça, uma risada rouca começou a brotar em sua garganta. Ele nunca ouvira um som como aquele. Ela riu com toda a força de sua alma, como se nada mais no mundo importasse.

— Você pode ficar aqui até sentir-se forte — falou, desfazendo as

mechas douradas do cabelo dele. Em seus olhos velados, havia uma ponta de ironia mas também de paixão.

Os meses passaram rapidamente. A curandeira o aceitou como amante. Mesmo assim, ela nunca permitia que ele ficasse uma noite inteira em sua cama.

— Mais um pouquinho — ele pedia todas as vezes, acariciando sua pele macia, desejando, fervorosamente, que ao menos uma vez ela atendesse seu pedido. Mas ela sempre o empurrava para fora do quarto e, rindo, fechava a porta atrás dele.

— Talvez, se nós continuarmos amantes por três anos — ela costumava dizer a ele todas as vezes.

A estação das chuvas já estava quase terminando quando Federico decidiu voltar para as montanhas. Elio acompanhou-o. A princípio, era para protegê-lo, mas, rapidamente, ele começou a caçar e empalhar pássaros. Federico nunca tivera alguém com ele e, apesar dos dez anos de diferença de idade, eles se tornaram grandes amigos.

Federico ficou surpreso como Elio acostumou-se facilmente a passar longas horas em silêncio, enquanto esperava que um pássaro caísse na armadilha, e como ele gostava das longas caminhadas até o topo gelado da montanha, onde qualquer um era apanhado de surpresa pela neblina e pelo vento. Estava tentado a contar a Elio sobre o capitão Medina, mas de alguma forma ele nunca quis interromper aquela frágil e íntima tranqüilidade.

Federico sentia-se um pouco culpado pelos dias fáceis nas montanhas e as noites secretas com a curandeira. Ele não apenas convencera Elio e a curandeira, mas a si próprio de que o capitão Medina não era nada mais do que um homem de meia-idade de Caracas que vendia seus pássaros empalhados para escolas, museus e lojas de animais.

— Você pode fazer coisa melhor do que caçar esses malditos pássaros — disse Medina a ele, numa tarde enquanto tomavam cerveja em um bar local. — Misture-se mais com os pacientes da curandeira. Prestando atenção, qualquer um pode aprender coisas fantásticas. De qualquer forma, você tem que terminar sua manobra brilhante.

Federico ficou surpreso e, logo depois, desapontado quando Medina

congratulou-o por seu plano astucioso. O capitão acreditava, de verdade, que Federico deixara-se picar pela cobra de propósito.

— São os intelectuais, as pessoas escolarizadas que planejam golpes contra a ditadura — Federico disse. — Não os agricultores e pescadores. Eles estão ocupados demais em sobreviver para prestar atenção no tipo de governo que têm.

— *Musiú*, você não é pago para dar suas opiniões — Medina cortou-o rapidamente. — Apenas faça o que tem de fazer. — Ele girou a garrafa vazia nas mãos, olhou para Federico e completou com um suspiro: — Não faz muito tempo, o líder de um pequeno, mas fanático, grupo revolucionário fugiu da prisão. Temos razões para acreditar que ele está se escondendo nesta região. — Rindo, Medina colocou sua mão direita na mesa. — Ele deixou na prisão a primeira junta de cada um de seus dedos. Por isso, ele agora é conhecido como *El Mochó*.

A chuva caía desde o início da tarde; o som da canaleta quebrada batendo contra sua janela impedia que ele dormisse. Foi para o corredor e estava prestes a acender um cigarro quando ouviu um leve barulho vindo da sala de trabalho da curandeira.

Sabia que não era a curandeira. Naquela manhã, ele a levava até uma cidade vizinha onde ela iria participar de uma sessão espírita. Federico foi andando na ponta dos pés pelo corredor. Entre as diferentes vozes, ele reconheceu a voz excitada de Elio. A princípio, a conversa não fazia sentido para ele, mas quando ouviu as palavras "dinamite", "a represa nas montanhas" e "a visita não-oficial do ditador" repetidas diversas vezes, ele percebeu, com uma perturbadora clareza, que estava testemunhando um plano para assassinar o líder do governo militar. Federico recostou-se na parede, o coração batia com força. Resoluto, deu dois passos até entrar na sala.

— Elio! *É* você? — perguntou Federico. — Ouvi vozes e fiquei preocupado.

Havia alguns homens na sala e eles se esconderam, instantaneamente, nos cantos escuros. Elio não estava nem um pouco perturbado. Pegou Federico pelo braço e apresentou o homem sentado na

cadeira do altar.

— Padrinho, este é o *musiú* de quem lhe estava falando — disse. — Ele é amigo da família. Pode confiar nele.

Vagarosamente, o homem se levantou. Havia algo santificado em seu rosto esquelético, com os largos ossos de seus zigomas parecendo furar sua pele, e em seus olhos que brilhavam com uma fúria assustadora.

— Prazer em conhecê-lo — disse. — Sou Lucas Nunez.

Por um momento, Federico ficou olhando para a mão estendida e depois apertou-a. Ele não tinha a primeira junção de cada dedo.

— Sinto que você é confiável — ele disse para Federico. — Elio me falou que você talvez nos queira ajudar.

Concordando com a cabeça, Federico fechou os olhos, com medo de que sua voz ou olhar pudessem trair sua confusão.

Lucas Nunez apresentou-o ao resto do grupo. Um a um, eles foram apertando sua mão e sentaram-se novamente no chão, formando um semicírculo. A leve chama das velas no altar mal dava para delinear seus rostos.

Federico ouviu atentamente os argumentos precisos e calmos enquanto eles discutiam a situação política do passado e do presente na Venezuela.

— E como posso ajudá-los? — Federico perguntou no final da explanação.

Os olhos de Lucas Nunez revelavam tristeza; seu rosto se fechou, atingido por lembranças desagradáveis. Mas então, ele sorriu e disse:

— Se os outros concordarem, você pode levar para nós alguns explosivos até as montanhas.

De imediato, todos eles concordaram. Federico sentia que eles o haviam aceitado tão rápida e irrestritamente, porque sabiam que ele era amante de Mercedes Peralta.

Já passava da meia-noite quando a conversa cessou, pouco a pouco, como se fosse o lamento de um pássaro. Os homens estavam pálidos. Federico sentiu um tremor quando o abraçaram. Sem fazer barulho, eles deixaram a sala e desapareceram no pátio escuro.

Estava perplexo com a ironia da situação. As últimas palavras de Lucas Nunez em seu ouvido foram:

— Você é o homem perfeito para o trabalho. Ninguém suspeitará de um *musiú*, empalhador de pássaros.

Federico levou o jipe até uma pequena clareira ao lado da estrada. Uma névoa luminosa cobria a montanha como se fosse gaze, e a luz da lua crescente que passava por entre as nuvens conferia uma radiância espectral à terra.

Silenciosamente, ele e Elio descarregaram a caixa de papelão que continha as bananas de dinamite.

— Carregarei até o barranco — disse Elio, sorrindo confiante. — Não se preocupe, Federico. Eles terão explodido a represa antes do amanhecer.

Federico observou-o descer, na escuridão, as escadas que levavam a uma trilha montanha abaixo. Algumas vezes, ele o tinha acompanhado até aquele lugar para procurar *pomarrosas* selvagens, uma fruta peculiar com uma fragrância que lembrava pétalas de rosa. Era a fruta favorita da curandeira.

Federico sentou-se em um tronco caído e cobriu o rosto com as mãos. A não ser por um vago sentimento de culpa que sentia, às vezes, por ter aceitado o pagamento generoso — que era maior do que todos os pássaros raros que entregara a Medina — ele procurava não pensar nas implicações daquilo que estava fazendo. Até agora, tudo parecia fazer parte de um filme de aventura ou de uma novela exótica. Não tinha nada a ver com ter que trair pessoas que conhecera e amara, as pessoas que haviam confiado nele.

Esperava que Elio pudesse escapar. Vira o jipe de Medina estacionando em um lugar escondido nos limites da cidade e, depois, seguindo-o secretamente. Contara tudo a Medina e agora era muito tarde para voltar atrás.

Federico abaixou-se ao ver uma luz atordoante iluminar o céu. Um trovão ensurdecedor ecoou das profundezas da ravina. A chuva caiu tão forte que embaçou tudo que estava em volta dele.

— Que idiota eu fui! — ele berrou, correndo trilha abaixo. Com convicção absoluta, Federico soube que Medina não tinha intenção de

poupar a curandeira e seu filho, promessa que fizera a Federico para que ele contasse tudo que sabia.

— Elio!!! — Federico berrou, mas seu grito foi abafado pelo som dos disparos de uma metralhadora e pelo grito de centenas de pássaros que começaram a voar no céu escuro.

Nos poucos minutos que levou até chegar à cabana, sua mente parecia estar entrando em um pesadelo. Com uma perturbadora clareza, ele viu sua vida, por um instante, tomar um rumo fatal. Quase mecanicamente, começou a sacudir o corpo sem vida de Elio. Também não ouviu Medina e dois soldados entrarem na cabana.

Medina estava berrando com os homens, mas sua voz era apenas um murmúrio distante.

— Seu idiota, filho da mãe! Disse que não era para atirar! Poderia ter mandado todos nós pelos ares com aquela dinamite.

— Ouvi algo se mexendo na escuridão — o soldado defendeu-se. — Poderia ser uma emboscada. Não confio no *musiú!*

Medina virou-se e apontou a lanterna na direção do rosto de Federico.

— Você é mais idiota do que pensava — ironizou. — O que você acha que aconteceria? Uma brincadeirinha?

Ordenou que os soldados levassem a caixa com os explosivos para a ravina.

Federico parou o jipe com tanta violência em frente à casa da curandeira que machucou a testa ao bater com a cabeça no pára-brisa. Por um momento, sentou-se atordoado, olhando sem compreender para a porta e as janelas fechadas. Nenhuma luz brilhava pelas frestas das persianas de madeira, ainda que o som de um rádio tocando músicas populares pudesse ser ouvido a distância.

Federico andou em volta do jardim, de onde viu o jipe das forças armadas estacionado do outro lado da rua.

— Medina! — berrou, atravessando o pátio, passando pela cozinha, até chegar à sala de trabalho da curandeira.

Derrotado, liquidado, jogou-se no chão, não muito longe do canto

perto do altar onde a curandeira estava deitada.

— Ela não sabe de nada — Federico gritou. — Ela não está envolvida nisso.

Medina jogou a cabeça para trás e riu ruidosamente; seu dente de ouro brilhava atraindo a luz das velas que ardiam no altar.

— Para ser um espião duplo, você tem que ser muito mais esperto do que eu — disse ele. — Tenho prática. Ser esperto e desconfiado é minha vida. — Ele chutou Federico no estômago. — Se queria protegê-la, deveria ter vindo aqui primeiro e não ter perdido seu tempo chorando sobre o corpo do garoto que você matou.

Os dois soldados pegaram a curandeira pelos braços, forçando-a a se levantar. Seus olhos entreabertos estavam machucados e inchados. Seus lábios e o nariz sangravam. Tentando libertar-se, ela olhou por toda a sala, até seus olhos se encontrarem *com* os de Federico.

— Onde está Elio? — perguntou.

— Diga a ela Federico. — Medina riu, os olhos brilhavam maliciosamente. — Conte como você o matou.

Como um animal encurralado, usando todo o resto de força que tinha, ela empurrou Medina contra o altar, depois virou-se para um dos soldados e tentou alcançar sua arma.

O soldado atirou.

A curandeira permaneceu de pé, as mãos pressionavam o peito, tentando parar o sangramento que encharcava o vestido.

— Eu o amaldição até o final de seus dias, Federico. — A voz diminuiu, as palavras não eram claras. Ela parecia estar recitando algum encantamento inaudível. Suavemente, como uma boneca de pano, ela desabou no chão.

Num último lampejo de lucidez, Federico tomou uma decisão: na morte, acompanharia as pessoas que tinha traído. Seus pensamentos voaram para longe dele. Ele repararia o mal que causara matando os homens responsáveis por tudo aquilo: ele próprio e seu cúmplice, Medina.

Federico pegou sua faca de caça e enfiou-a no coração de Medina. Esperava ser morto na hora, mas um dos soldados apenas atirou na sua

perna.

Algemado, com um pano nos olhos e amordaçado, Federico foi levado para um carro que estava do lado de fora. Ficou imaginando se já havia amanhecido, pois era possível ouvir o som dos papagaios cruzando o céu.

Estava certo de que haviam chegado a Caracas quando o carro parou algumas horas depois. Foi posto em uma cela. Confessou tudo o que seu torturador sugeriu, para ele tudo parecia imaterial. Sua vida já tinha acabado.

Um dia, ele foi posto em liberdade. Foi uma manhã de grande agitação. As pessoas estavam gritando, chorando e rindo nas ruas. A ditadura chegara ao fim. Federico foi para a parte velha da cidade e começou a empalhar pássaros novamente. Entretanto, nunca voltou às montanhas para caçá-los.

Capítulo 26

— A natureza humana é muito estranha — disse dona Mercedes. — Sabia que você faria alguma coisa por mim. Soube desde o primeiro momento em que coloquei os olhos em você. E mesmo quando disse o que iria fazer aqui, não pude acreditar nos meus olhos. *Você*, na verdade, moveu a roda da oportunidade para mim. Posso dizer que você atraiu Federico Mueller a voltar à esfera da vida. Você o trouxe de volta para mim com a força de sua sombra de feiticeira.

Minha recusa foi cortada antes que tivesse tempo de abrir a boca.

— Durante todos estes meses você esteve na minha casa — disse — , você esteve, um pouco, sob a minha sombra, é claro; todavia o normal teria sido eu fazer uma ligação para você e não o contrário.

Queria esclarecer o caso. Insisti que não havia feito nada. Mas ela não queria ouvir isto. Na tentativa de entender, propus uma linha de pensamento: ela tinha feito uma ligação com a convicção de que eu era a única pessoa que poderia trazer algo para ela.

— Não — ela disse, franzindo o rosto. — Sua razão está errada. Fico muito triste que você fique buscando explicações que apenas nos empobrecem.

Ela se levantou e me abraçou.

— Sinto-me triste por você — sussurrou no meu ouvido. De repente, ela riu, um som jovial que dispersou sua tristeza. — Não há como explicar de que maneira você fez isso — falou. — Não estou falando sobre as providências humanas ou sobre a natureza sombria da feitiçaria, mas sim sobre algo tão impalpável quanto o próprio tempo. — Ela quase gaguejou, procurando as palavras. — Tudo o que sei é que você fez uma ligação para mim. Que extraordinário! Estava tentando mostrar-lhe como as feiticeiras movem a roda da oportunidade e, então, você a moveu para mim.

— Já disse que não posso levar o crédito por isto — insisti. O fervor

dela me embaraçou.

— Não seja tola, *musiúa* — ela retrucou com um tom de voz aborrecido que me fez lembrar de Agustín. — Algo a está ajudando a criar uma oportunidade para mim. Você pode dizer, e estaria sendo totalmente correta ao fazer isso, que usou sua sombra de feiticeira sem mesmo saber o que ela é.

Parte Oito

Capítulo 27

A estação das chuvas já estava quase terminando. Mesmo assim, ainda chovia todas as tardes, uma tempestade torrencial acompanhada por trovões e raios.

Normalmente, passava estas tardes com dona Mercedes em seu quarto, onde ela ficava deitada na rede, feliz ou completamente indiferente a minha presença. Se fizesse uma pergunta, ela me respondia; se não dissesse nada, ela permanecia em silêncio.

— Nenhum paciente vem depois da chuva — falou, observando a tempestade pela janela do quarto.

A chuva estava parando, deixando as ruas inundadas. Três cigarras pousaram em um telhado próximo. Com as asas esticadas, elas saltaram e, depois, voaram em direção ao sol que começava a brilhar por trás das nuvens. Crianças seminuas saíam de dentro das casas. Elas afugentavam as cigarras e depois perseguiam uma a outra, do outro lado da poça de lama.

— Ninguém vem depois da chuva — repeti e virei-me para dona Mercedes, sentada silenciosamente em sua rede, uma perna sobre a outra, olhando para seus sapatos furados.

— Acho que vou visitar Leon Chirino — eu disse e levantei-me da cadeira.

— Eu não faria isso — murmurou, o olhar ainda fixo nos pés. Ela olhou para cima. Seus olhos denunciavam que estava perdida em pensamentos. Hesitou, apertando e mordiscando os lábios, como se quisesse falar algo mais. Em vez disso, levantou-se, segurou no meu braço e levou-me até sua sala de trabalho.

Lá dentro, ela se movimentou com rapidez, sua saia farfalhava enquanto ela ia de um canto para o outro do aposento, examinando várias

vezes os mesmos locais, revirando tudo o que estava em cima da mesa, do altar e dentro do armário de vidro.

— Não consigo encontrar — disse finalmente.

— O que você perdeu? — perguntei. — Talvez eu possa saber onde está.

Ela abriu a boca para falar algo, mas em vez disso virou-se para o altar. Acendeu um charuto, que tragou sem parar até que só restasse a guimba, olhando as cinzas que caíam em um prato de metal, que estava na sua frente. Virou-se abruptamente, fitou-me ainda sentada à mesa e foi deslizando o corpo pelo banco. Arrastou-se por toda a mesa e, procurando entre as garrafas, retirou um longo cordão dourado, no qual estavam penduradas várias medalhas.

— O que você... — parei no meio da frase ao lembrar a noite em que ela jogara o cordão para o céu. "Quando você vir estas medalhas novamente, deverá voltar para Caracas", dissera ela naquela noite. Nunca descobri se aquilo tinha sido uma espécie de truque ou se eu, simplesmente, estava cansada demais para ver o cordão cair. Tinha me esquecido completamente das medalhas, que não vira desde então.

Mercedes Peralta estava sorrindo ao se levantar. Ela pendurou as medalhas em volta do meu pescoço e disse:

— Veja como elas são pesadas. Ouro puro!

— Realmente são pesadas! — exclamei, avaliando o peso com minha mão. Reluzentes e lisas, as medalhas tinham um luxuriante tom alaranjado, característico do ouro venezuelano. Eram de vários tamanhos, desde uma moeda de dez centavos até uma moeda de um dólar. Nem todas eram medalhas religiosas. Algumas estampavam a face dos chefes indígenas da época da colonização espanhola.

— Para que elas servem?

— Para diagnosticar — dona Mercedes falou. — Para curar. Elas são boas para qualquer coisa que eu decida fazer com elas.

Suspirando alto, ela se sentou em uma das cadeiras.

Ainda com o cordão no pescoço, parei em frente a ela. Queria perguntar-lhe onde deveria botar as medalhas, mas um sentimento de

profunda desolação me fez ficar calada. Ao fitar seus olhos, vi uma melancolia infinita e saudosismo refletidos neles.

— Você é uma médium experiente agora — murmurou. — Mas seu tempo aqui terminou.

Ela tentara durante uma semana ajudar-me a chamar o espírito do ancestral dela. Parecia que meus encantamentos não tinham mais força. Tínhamos falhado em atrair o espírito, coisa que tinha feito sozinha todas as noites durante meses.

Dona Mercedes riu um pouco, uma risada que soava estranhamente ameaçadora.

— O espírito está dizendo que é hora de você partir. Você já cumpriu seu propósito. Você veio mover a roda da oportunidade para mim. Movi-a para você na noite em que a vi, do carro de Leon Chirino, na praça. Foi naquele instante que desejei que você viesse até aqui. Se não tivesse feito isso, você jamais me teria encontrado, independente de quem a enviara até minha casa. Eu, assim como você, usei a minha sombra de feiticeira para criar uma ligação para você.

Ela juntou as caixas, velas, jarros e outros materiais que estavam sobre a mesa, envolveu-os com os braços e, cuidadosamente, foi levantando-se da cadeira.

— Ajude-me — disse ela, apontando com o queixo o armário de vidro.

Depois de colocar cada item ordenadamente nas prateleiras, virei-me para o altar e alinhei as imagens dos santos.

— Uma parte de mim sempre estará com você — dona Mercedes falou docemente. — Aonde quer que vá, o que quer que faça, meu espírito sempre estará lá. A fê constrói fios invisíveis que nos deixarão sempre juntas.

O pensamento de que ela estava dizendo adeus fez com que meus olhos se enchessem de lágrimas. Aquilo me atingiu como uma revelação de que ter ficado com ela era um privilégio, amava seu carinho e a maneira como ela, facilmente, amava os outros. Não tive tempo para expressar meus sentimentos pois uma velha mulher irrompeu na sala.

— Dona Mercedes! — ela gritou, aninhando as mãos dobradas no peito enrugado. — Você tem que ajudar Clara. Ela teve um de seus ataques e

não tenho como trazê-la até aqui. Ela está deitada na cama como se estivesse morta.

A mulher falava rapidamente, a voz aumentou de tom ao mover-se em direção da curandeira.

— Não sei o que fazer. Não adianta chamar um médico pois sei que ela está tendo um de seus ataques.

Ela fez uma pausa, benzeu-se e, ao olhar em volta da sala, reparou na minha presença.

— Não havia percebido que estava com uma paciente — murmurou arrependida.

Oferecendo uma cadeira para a mulher, dona Mercedes a acalmou.

— Não se preocupe Emilia. A *musiúa* não é uma paciente. Ela é minha ajudante — explicou. E, depois, mandou que eu fosse apanhar sua bolsa na cozinha.

Quando saí, ouvi dona Mercedes perguntar a Emilia se as tias tinham ido visitar Clara. Fui fechar as cortinas atrás de mim, de modo que pude ouvir a resposta da mulher.

— Elas finalmente foram embora esta manhã — falou. — Ficaram aqui por quase uma semana. Elas querem voltar aqui. Luisito veio também. Como sempre, ele estava ansioso para levar Clara com ele para Caracas.

Embora não tivesse idéia do que aquela afirmação significava para dona Mercedes, sabia que era o suficiente para incluir a casa no seu tratamento, pois ela mandou que Emilia fosse até a farmácia comprar uma garrafa de *lluvia de oro*, chuva de ouro; uma garrafa de *lluvia de plata*, chuva de prata; e uma garrafa de *la mano poderosa*, a mão poderosa. Estes extratos florais, misturados com água, eram usados para lavar um feitiço assim como as casas. Era uma tarefa que as próprias feiticeiras tinham que fazer.

O vale e os pequenos morros ao sul da cidade, onde ficavam as plantações de cana, tinham sido transformados em centros industriais e em uma pouco atrativa fileira de casas quadradas. Entre eles, como uma relíquia do passado, erguia-se o que restara da fazenda El Rincón, uma enorme casa rosa e um pomar.

Durante algum tempo, dona Mercedes e eu ficamos olhando a casa, a

pintura descascada, as portas e persianas fechadas. Nenhum som vinha do interior. Nenhuma folha balançava nas árvores.

Andamos até o portão da frente. O barulho do tráfego nas ruas largas em volta de nós, desaparecia atrás do muro alto que cercava a propriedade e pelas imensas árvores de casuarina, que também impediam que o sol batesse diretamente na casa.

— Acredita que Emilia tenha voltado? — sussurrei, intimidada pelo silêncio lúgubre e pelas sombras da tarde que se estendiam por todo o caminho.

Sem me responder, dona Mercedes empurrou a porta da frente. Uma rajada de vento jogou as folhas que caíam das árvores nos nossos pés. Caminhamos pelo longo corredor que margeava o pátio interno escuro e úmido. Água jorrava de um prato, perfeitamente equilibrado nas mãos levantadas de uma estátua de um anjo gorducho.

Viramos em um dos cantos e continuamos a caminhar por outro longo corredor, que terminava nos aposentos. As portas entreabertas permitiam que nós déssemos uma espiada no interior dos aposentos e vissemos a mobília toda entulhada nos cantos. Pude ver lençóis cobrindo sofás e armários, carpetes e estátuas. Espelhos, retratos e quadros estavam encostados na parede, como se estivessem esperando por alguém para pendurá-los. Dona Mercedes não se mostrou preocupada com a atmosfera caótica da casa e apenas sacudiu os ombros quando comentei sobre isto.

Com a confiança de alguém familiarizado com os sons, ela foi entrando em um quarto amplo e pouco iluminado. No meio do aposento, havia uma cama de mogno, coberta com um mosquiteiro como se fosse uma delicada névoa. Cortinas pesadas e escuras cobriam as janelas e roupas escuras estavam penduradas no espelho da penteadeira. O cheiro de incenso, de vela queimada e água benta me fez lembrar de uma igreja. Havia livros espalhados por todos os lados, empilhados, sem cuidado, no chão, na cama, nas duas cadeiras, na mesinha-de-cabeceira, na penteadeira e mesmo em cima de um penico, virado de cabeça para baixo.

Mercedes Peralta acendeu o abajur da mesinha-de-cabeceira.

— Clara — disse suavemente, empurrando o mosquiteiro para o lado.

Esperando ver uma criança, fiquei surpresa ao me deparar com uma mulher jovem, talvez com vinte e poucos anos, encostada na cabeceira da cama, com braços e pernas esticados como se fosse uma boneca de pano que tivesse sido jogada, sem cuidado, na cama. Um robe chinês de seda vermelha bordado com dragões mal cobria seu corpo voluptuoso. Apesar de sua aparência descuidada, ela era bonita, com um rosto anguloso, uma boca carnuda e sensual, e a pele escura brilhosa.

— *Negríta, Claríta* — dona Mercedes a chamou, sacudindo-a gentilmente pelos ombros.

A jovem mulher abriu os olhos sobressaltada — como alguém que acorda de um pesadelo —, depois fechou-os novamente, as pupilas estavam bastante dilatadas. Lágrimas começaram a rolar pelas suas faces, mas nenhuma expressão se formou em seu rosto.

Empurrando os livros para o chão, dona Mercedes colocou sua bolsa ao pé da cama, retirou um lenço e encharcou-o com água perfumada e amônia — seu remédio favorito — e apertou-o contra o nariz da mulher.

A injeção espiritual, como dona Mercedes costumava chamar, parecia não fazer efeito na jovem mulher, pois ela apenas suspirou irritada.

— Por que não posso morrer em paz? — perguntou com uma voz cansada.

— Não fale besteiras, Clara — disse dona Mercedes, mexendo na bolsa. — Quando uma pessoa está pronta para morrer, fico feliz em prepará-la para o sono eterno. Existem doenças que fazem com que o corpo morra, mas sua hora ainda não chegou.

Assim que ela encontrou o que procurava, levantou-se e indicou que eu me aproximasse dela.

— Fique com ela. Voltarei logo — sussurrou no meu ouvido.

Ansiosa, observei-a deixar o quarto e então voltei minha atenção para a cama e fiquei apreensiva com a aparência mortuária que cobria o rosto da jovem. Parecia que ela não estava nem respirando, mas, por outro lado, parecia estar ciente da minha atenta análise: suas pálpebras abriram-se levemente, tremendo um pouco, pois doíam por causa da luz fraca. Ela pegou uma escova em cima da mesinha-de-cabeceira.

— Você poderia fazer uma trança no meu cabelo? — perguntou.

Sorrindo, concordei com a cabeça e peguei a escova.

— Uma ou duas tranças? — perguntei, passando a escova pelos longos cabelos encaracolados até que ficassem totalmente desembaraçados. Como o cabelo de Candelária e de dona Mercedes, o dela também cheirava a alecrim.

— Que tal uma bonita trança grossa?

Clara não respondeu. Com um olhar fixo, mas vazio, ela fitava uma das paredes do aposento, onde fotografias ovais estavam penduradas, emolduradas por folhas de palmeira dispostas em forma de cruz.

Com o rosto contorcido pela dor, ela se virou para mim. Os braços e as pernas começaram a mexer violentamente. O rosto foi ficando roxo enquanto ela tentava puxar algum ar e recostar-se na cabeceira da cama.

Corri até a porta, mas, com receio de deixá-la sozinha, não tive coragem de sair do aposento. Repetidamente, chamei por dona Mercedes. Não obtive resposta. Certa de que mais um pouco de ar fresco pudesse fazer Clara melhorar, fui até a janela e empurrei as cortinas. Uma tênue luminosidade da tarde ainda iluminava o lado de fora, fazendo com que as folhas das árvores frutíferas brilhassem e espantando as sombras do quarto. Mas a brisa quente que penetrava pela janela fez Clara piorar. O corpo era sacudido por convulsões; sem ar, ela desmaiou na cama.

Com medo de que ela pudesse estar tendo um ataque epiléptico e que pudesse morder a própria língua, tentei colocar a escova de cabelo entre seus dentes. Isso a deixou aterrorizada. Os olhos se dilataram. A ponta de seus dedos ficaram roxas e as veias de seu pescoço começaram a pulsar, parecendo que iam estourar.

Sem saber o que fazer, agarrei as medalhas que ainda estavam em meu pescoço e balancei-as de um lado para o outro em frente aos olhos dela. Não fui guiada por alguma idéia ou pensamento definido; tinha sido, simplesmente, uma resposta automática.

— *Negrta, Clarita* — sussurrei da mesma forma como ouvira dona Mercedes fazer mais cedo.

Com um fraco esforço, Clara tentou levantar a mão. Abaixei o cordão

para que ela pudesse pegá-lo. Gemendo um pouco, ela agarrou as medalhas e apertou-as contra os seios. Parecia que ela estava recebendo uma força de alguma fonte mágica pois as veias inchadas de seu pescoço começaram a diminuir. Sua respiração ficou mais fácil. As pupilas voltaram ao normal e percebi que os olhos dela não estavam mais pretos e sim castanhos-claros, como âmbar. Um pequeno sorriso formou-se nos seus lábios, os quais, por estarem secos, grudaram nos dentes. Fechando os olhos, ela deixou as medalhas caírem ao lado da cama.

Dona Mercedes tinha entrado tão rápido que parecia ter se materializado ao pé da cama como se tivesse sido conjurada pelas sombras que invadiam o quarto. Nas mãos, ela segurava uma grande caneca de alumínio, cheia de uma poção de cheiro forte. Embaixo do braço, uma pilha de jornais. Pressionando fortemente um lábio contra o outro, gesticulou para que eu permanecesse em silêncio e botou a caneca em cima da mesinha-de-cabeceira e os jornais no chão. Sorrindo, ela apanhou o cordão de ouro e pôs as medalhas em volta do pescoço.

Murmurando uma oração, ela acendeu uma vela e, mais uma vez, revirou a bolsa até encontrar um pedacinho de massa escura enrolado com folhas. Fez uma bola com a massa e jogou-a dentro da caneca, dissolvendo-se instantaneamente, borbulhando. Ela mexeu a poção com o dedo e, depois de prová-la, levou a caneca até os lábios de Clara.

— Beba tudo — ordenou. Silenciosamente, com uma estranha expressão desligada, ela observou Clara sorver todo o líquido.

Um sorriso quase imperceptível apareceu no rosto de Clara, que rapidamente se transformou em uma sonora gargalhada e terminou com um monólogo terrível, do qual não consegui apreender uma única palavra. Pouco tempo depois, ela se deitou na cama, sussurrando desculpas e pedindo perdão.

Sem ficar perturbada pela sua repentina explosão, dona Mercedes debruçou-se sobre Clara e começou a massagear-lhe os olhos com a ponta dos dedos descrevendo círculos idênticos. Moveu-os depois em direção às têmporas e, com movimentos mais fortes, massageou o resto do rosto como se estivesse retirando uma máscara. Experiente, ela foi virando Clara até que

ela ficasse na beira da cama, assegurando-se para que a cabeça desta pendesse exatamente em cima das folhas de jornal. Pressionou então suas costas cora força até que ela vomitasse.

Acenando com aprovação, dona Mercedes examinou a gosma escura no chão, envolveu-a com o papel e amarrou o embrulho com um barbante.

— Agora, nós temos que enterrar isto lá fora — disse e, com um movimento rápido, tirou Clara da cama. Gentilmente, ela limpou o rosto da jovem e apertou o cinto do seu robe.

— *Musiúa* — dona Mercedes chamou-me, virando-se para mim —, segure o outro braço de Clara.

Com a jovem mulher entre nós, fomos deslizando vagarosamente pelo corredor externo até chegar ao jardim e descemos os largos degraus de cimento que levavam a uma pequena elevação, onde as árvores frutíferas cresciam. Lá, dona Mercedes enterrou o embrulho em um buraco fundo que me mandou cavar. Clara sentou-se no degrau de pedra e observou-nos com indiferença.

Clara jejuou durante seis dias consecutivos. Toda tarde, precisamente às seis horas, eu levava dona Mercedes até o El Rincón. Ela tratava de Clara exatamente da mesma maneira. Cada sessão terminava embaixo da árvore frutífera, onde o embrulho de jornal, cada dia com cheiro mais forte, era enterrado.

No sexto e último dia, por mais que ela tentasse, Clara não conseguiu vomitar. Mesmo assim, dona Mercedes fez com que ela enterrasse o embrulho de papel vazio.

— Ela ficará bem agora? — perguntei a caminho de casa. — As sessões terminaram?

— Para as duas respostas, ainda não — disse. — A partir de amanhã, você irá ver Clara todos os dias sozinha como parte do tratamento. — Ela bateu no meu braço afetuosamente. — Faça com que ela fale com você. Isso fará bem a ela. E — completou depois de pensar um pouco — também fará bem a você.

Com roupas e uma caixa de sapatos na mão, Clara correu pelo corredor até chegar no banheiro. Jogou tudo no chão, tirou a camisola e

admirou-se nas paredes espelhadas. Aproximou-se para ver se seus seios, em desenvolvimento, tinham crescido um pouco mais durante a noite. Um sorriso satisfeito espalhou-se em seu rosto ao abaixar a cabeça e contar seus poucos pêlos pubianos. Murmurando uma canção, ela se voltou para a enorme banheira e abriu as torneiras de água quente e de água fria, voltou-se para a penteadeira e, com cuidado, examinou os vários potes espalhados pelo tampo de mármore. Incapaz de decidir qual essência e sais usar, ela derramou um pouco de cada um na água.

Por um instante, ela ficou olhando as bolhas de sabão. Como tinha sido diferente em Piritú. A água deveria ser recolhida no rio ou nas torneiras recém-instaladas pela prefeitura na estrada e, depois, carregada montanha acima em latas.

Apenas um ano se passara desde que chegara ao El Rincón e, assim mesmo, parecia que ela sempre vivera naquela casa enorme. Não tinha feito nenhum esforço consciente para esquecer sua vida em Piritú. Suas memórias, no entanto, tinham começado a desaparecer como visões em um sonho. Tudo de que se lembrava era o rosto de sua avó e o som da sua cadeira de balanço no chão sujo, no seu último dia no barraco.

— Você está quase uma moça, Negra — sua avó dissera, o rosto parecia mais velho, mais cansado do que nunca. A garota soube, naquele instante, que a única pessoa que tinha no mundo iria morrer.

— É isso que a idade faz — a avó dissera, ciente da constatação da garota. — Quando um corpo está pronto para morrer, não há nada que se possa fazer além de deitar e fechar os olhos. Já troquei minha cadeira de balanço por um caixão e este barraco por um enterro cristão.

— Mas, vovó...

— Acalme-se criança — a velha parou no meio da frase. Ele puxou um lenço de sua bolsa, desfez o nó e contou as poucas moedas que guardava para uma emergência. — Isto é o bastante para levá-la ao El Rincón.

Correu os dedos pelo rosto da criança e acariciou os longos cabelos encaracolados.

— Ninguém sabe quem é seu pai, mas sua mãe, minha filha, é filha ilegítima de don Luis. Ela foi embora para Caracas assim que você nasceu.

Ele foi em busca de fortuna, mas não havia nenhuma fortuna. — A sua voz estremeceu um pouco e ele perdeu a linha de raciocínio. Depois de um longo silêncio, completou:

— Tenho certeza de que don Luis a reconhecerá como neta. Ele é o dono do El Rincón. Ele é velho e solitário.

Ela pôs as mãos da criança entre as suas, levando-as até seu rosto enrugado e beijou a marca em forma de folha na palma da mão esquerda dela.

— Mostre isso a ele.

A vela que queimava em frente ao Cristo negro ficou borrada ante os olhos da criança. Ela deixou o olhar vagar até a cama em um dos cantos, ao cesto cheio de agulhas e linhas para costurar, ao carrinho de mão encostado na parede, com o qual empurrava sua avó. Pela última vez, os olhos repousaram na velha mulher. Recostada na cadeira, ela fitava o horizonte com olhos vazios. O rosto estampava a morte.

Já estava anoitecendo quando o ônibus a deixou em frente ao grande portão em forma de arco do El Rincón. Andou até o terraço na subida do morro, onde árvores frutíferas cresciam com um espaço entre uma e outra. Na metade do caminho, ela parou de repente sentindo-se completamente em paz, com todo seu espírito envolvido pelo cheiro de uma pequena árvore coberta de flores brancas.

— É uma macieira — falou uma voz. — E você quem é? De onde veio?

Por um instante, acreditou que a árvore é que tinha falado com ela. Só depois, percebeu que havia um velho homem sentando ao lado dela.

— Essa macieira me encantou estranhamente — disse ela, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

Surpreendido pelo gesto formal, ele olhou para a mão dela. Em vez de apertá-la, ele simplesmente colocou-a entre a sua e virou-a para cima.

— Estranho — murmurou, o polegar contornava a marca em forma de folha. — Quem é você? — ele perguntou novamente.

— Acho que sou sua neta — ela disse com esperança, olhando-o rapidamente. Ele tinha uma aparência frágil, os cabelos brancos contrastavam com seu rosto bronzeado. Do nariz até os cantos de sua boca,

corriam duas linhas profundas. Ela ficou imaginando se teriam sido conseqüência de aborrecimentos, de trabalho árduo ou por ter sorrido muito.

— Quem a mandou até aqui? — o velho perguntou, ainda esfregando a marca em forma de folha.

— Minha avó, Eliza Gomez, de Piritú. Ela trabalhava aqui. Ela morreu ontem de manhã.

— E qual é o seu nome? — perguntou, estudando o rosto dela com olhos grandes e cor de âmbar, nariz pequeno, boca carnuda e um queixo determinado.

— Eles me chamam de *La Negra*... — ela hesitou ante seu intenso exame.

— *La Negra Clara* — ele completou. — Era o nome de minha avó. Ela era tão escura quanto você. — Para tornar suas palavras mais claras, ele a levou até a macieira.

— Ela era do tamanho de um ramo da salsa quando a trouxe comigo de uma viagem à Europa. As pessoas riam de mim, dizendo que esta árvore jamais cresceria nos trópicos. Agora, ela é velha. Não cresceu muito nem deu frutos. Mas, uma vez ou outra, cobre-se totalmente de branco.

Pensativo, ele olhou as delicadas flores e, depois, deixou seu olhar repousar no rosto ansioso da criança e disse:

— É como se você tivesse caído da macieira. Por isso, também, nunca terei dúvidas de que você é um presente para mim.

A voz de Emilia a fez acordar de suas lembranças.

— *Negraaaa* — ela chamou, enfiando a cabeça pela porta. — Corra, criança. Ouvi um carro descendo a rua.

Rapidamente, Clara saiu da banheira, enxugou-se e ainda meio molhada, botou seu vestido favorito. Era amarelo com pequenas margaridas em volta da gola, das mangas e da bainha. Olhando para si no espelho, ela sorriu. O vestido a fazia ficar mais escura, mas ela gostava. Não tinha dúvida de que seu primo Luisito também gostaria. Ele iria passar todo o verão no El Rincón. Ela não o conhecia. No último verão, os pais o haviam levado para a Europa.

Ao ouvir o som do motor, Clara correu por todo o corredor a tempo de

ver, pela janela aberta, uma limusine preta e brilhante parar no portão da frente. Fascinada, ela observou o chofer uniformizado e uma mulher corpulenta com um jaleco branco descerem do carro.

Eles retiraram uma infinidade de malas, caixas, cestas e gaiolas de pássaros. Silenciosamente, carregaram tudo para dentro da casa, desdenhando a ajuda de Emilia quando ela correu para fora querendo dar uma mão. Antes que eles tivessem terminado, um ronco longo e ininterrupto ecoou pela estrada. Em segundos, um segundo carro, tão grande, escuro e brilhante quanto o primeiro, estacionou em frente à casa.

Um homem pardo e baixo, usando uma camisa bege estampada, um chapéu Panamá e calças metidas dentro de botas que estalavam de novas, saiu do banco da frente do carro. Clara sabia que ele era Raul, um homem muito importante no governo e genro de seu avô.

— Don Luis! — Raul gritou. Trouxe suas filhas, as Três Graças! Ele se curvou, quase encostando o chapéu no chão, e, então, abriu a porta de trás da limusine e estendeu a mão para ajudar as três mulheres a saírem do carro: as gêmeas, Maria dei Rosário, Maria dei Carmen e, a mais nova e mulher de Raul, Maria Magdalena.

— Luisito — Raul chamou, abrindo a porta da frente do carro. — Deixe-me ajudá-lo com estas...

Clara, sem esperar para ouvir o resto da frase, correu para o lado de fora.

— Luisito! Estava esperando por... — ela deu uma parada abrupta. Surpresa, olhou o pequeno garoto segurando um par de muletas. — Não sabia que você tinha sofrido um acidente.

Carrancudo, Luisito olhou para o rosto escuro dela.

— Não sofri nenhum acidente — disse casualmente. Sendo tão frágil e franzino, ele tinha uma voz estrondosa.

— Tive poliomielite — explicou, e percebendo a expressão de incompreensão dela, completou: — Sou aleijado.

— Aleijado? — ela repetiu com uma estranha, ainda que calma, aceitação. — Ninguém me falou.

As pequenas mãos brancas e os cabelos escuros que emolduravam

seu rosto pálido e delicado a fizeram pensar em algo de outro mundo. Ele a fazia lembrar as flores da macieira. Ela sabia que ele tinha treze anos, era um ano mais velho do que ela, mas, ao olhá-lo, qualquer um pensaria que ele tinha sete ou oito anos.

Como se tivesse adivinhado os pensamentos dela, os lábios dele se apertaram tentando abafar um sorriso.

— Oh, Luisito — ela suspirou aliviada e curvou-se para beijá-lo no rosto. — Você parece um anjo.

— Quem é ela? — uma das gêmeas perguntou, virando-se para Emilia. — Encontrou alguém para ajudá-la na cozinha? É sua parente?

— Sou Clara! — a menina respondeu, colocando-se entre a governanta e a tia. — *La Negra Clara*, sua sobrinha.

— Minha o quê? — a mulher deu um grito estridente, agarrando Clara pelo braço e sacudindo-a.

— *Negríta, Claríta* — o garoto gritou excitado. Com a ajuda de uma das muletas ele deslizou até ela. — Não ouviu, tia Maria dei Rosário? Ela é minha prima! — Pegando a mão de Clara, ele a puxou para longe de seus pais estarecidos e de suas tias. — Vamos ver o que o vovô está fazendo.

Antes que Clara pudesse explicar que o avô estava na cidade, Luisito tomou o caminho que levava até o pomar na parte de trás da casa. Ele manejava as muletas tão depressa e com tal habilidade, que a fez pensar mais em um macaco do que em um aleijado.

— Luisito! — Maria dei Rosário chamou-o. — Você tem que descansar depois de uma viagem tão longa e cansativa. Está muito quente para ficar aqui fora.

— Deixe-o em paz — falou Raul, levando as três mulheres para dentro. — O ar fresco lhe fará bem.

— Onde está vovô? — Luisito perguntou, repousando sob a sombra de uma mangueira que crescia encostada no muro.

— Na cidade — Clara disse, sentando-se ao lado dele. Estava feliz por não ter acompanhado seu avô como fazia normalmente. Ela gostava de ir com ele à barbearia, à farmácia, onde ele comprava remédios modernos que nunca tomava, e ao bar, onde ele tomava um copo de conhaque e jogava

uma partida de dominó. Mas, hoje, ela não queria perder a chegada de Luisito por nada neste mundo.

— Vamos fazer uma surpresa para o vovô. Ele não está esperando vocês antes do final da tarde — Clara sugeriu. — Vamos até a cidade sem avisar ninguém.

— Não posso andar tanto. — Luisito abaixou a cabeça e, devagar, empurrou suas muletas para longe.

Clara mordiscou o lábio inferior.

— Vamos dar um jeito — declarou com uma impressionante determinação.—Vou empurrá-lo com o carrinho de mão. Sou boa nisso.

Ela apertou sua mão contra os lábios dele, impedindo que ele a interrompesse.

— Tudo o que tem que fazer é ir até o carrinho de mão e sentar-se. Ela apontou para o portão em fôrma de arco no muro. — Encontre-me ali.

Ela não deu tempo para que ele fizesse qualquer objeção. Levantou-se e correu até a casa de ferramentas que ficava no meio da rampa.

— *Vai ver como é fácil.* — Clara riu e ajudou-o a sentar-se no carrinho de mão. — Ninguém saberá onde nós estamos.

Ela colocou as muletas no colo dele e empurrou-o pela estrada larga e recém-pavimentada, passando por indústrias e terrenos ainda vazios.

Suspirando com força, ela parou o carrinho abruptamente. O calor fazia o horizonte parecer uma grande onda a distância. A luminosidade incomodava seus olhos. Sua avó, embora fosse menor e mais magra, era, certamente, mais pesada que Luisito, pensou. No entanto, ela não se lembrava de tê-la empurrado por tanto tempo como estava fazendo agora com o primo.

— Sempre vou à cidade por esta estrada — ela declarou, limpando a poeira e o suor de seu rosto com o dorso da mão. — Segure-se firme, Luisito! — ela gritou, vendo o carrinho descer em direção a um terreno vazio e verde, coberto pelas ervas silvestres que haviam crescido depois das últimas chuvas.

— Você é um gênio — o garoto disse sorrindo. — Isso é melhor do que qualquer coisa! Você me faz muito feliz. E felicidade é o que faz com que as

peessoas fiquem saudáveis. Sei disso porque sou um aleijado.

Excitado, ele jogou uma de suas muletas para cima.

— Veja, Clara. Olhe os urubus acima de nós. Eles são tão poderosos, tão livres. — Ele agarrou no braço dela. — Olhe-os! Veja como eles abrem as asas negras, como eles esticam as pernas até a cauda. Veja como seus bicos farejam sangue. Aposto como eles estão felizes também.

— O matadouro é aqui perto — Clara explicou.

— Leve-me até aquele grupo de urubus que estão no chão — ele implorou, apontando o lugar onde as aves pousaram, como sombras negras, do outro lado do matadouro.

— Rápido, Clara! — gritou. — Mais rápido!

Os urubus deram um salto, planaram preguiçosamente no ar voando em pequenos círculos até pousarem novamente, um pouco mais à frente.

Observando o rosto entusiasmado dele, os olhos vibrando excitados, ela soube que o estava fazendo feliz. Por um momento, ela se distraiu e não conseguiu desviar o carrinho de uma grande pedra. Luisito caiu em uma moita de grama alta. Ficou deitado tão quieto que parecia morto.

— Luisito — Clara chamou-o ansiosa, ajoelhando-se ao lado dele. Ele não respondeu. Com cuidado, ela o virou. Um pouco de sangue saía de um corte em sua testa e as ervas arranharam seu rosto.

Os lábios entreabriram-se. Os olhos confusos olharam dentro dos dela.

— Você está machucado — disse. Pegando a mão dele, ela a encostou na testa ferida e, depois, mostrou os dedos sujos de sangue. Ele parecia feliz, tão satisfeito consigo mesmo que ela riu.

— *Vamos* ver se você está machucado em algum outro lugar — falou. — E a sua perna?

Ele se sentou, arregaçou a calça e disse:

— Os ferros estão bem. Se os ferros entortarem, meu pai sabe como ajustá-los.

— Mas, e sua perna? — ela insistiu. — Está tudo bem? Luisito balançou a cabeça tristemente.

— Elas nunca ficarão bem — falou e, rapidamente, abaixou as calças.

Ele explicou para ela o que era poliomielite. — Estive em muitos médicos — continuou. — Papai me levou aos Estados Unidos e à Europa, mas eu sempre serei um aleijado.

Ele gritou a palavra tantas vezes que ficou cansado pelo esforço, tendo um acesso de tosse. Ele a fitou envergonhado.

— Vou com você aonde você quiser — ele falou, encostando a cabeça no ombro dela. — Clara, você é realmente minha prima?

— Acha que sou muito escura para ser sua prima? — ela retrucou.

— Não — ele respondeu pensativo. — Você é bonita demais para ser minha prima. Você é a única que não zomba de mim ou me olha com desdém e piedade. — Ele tirou um lenço do bolso, dobrou-o em forma de triângulo e passou-o várias vezes na testa. — Este será o melhor verão que já passei — disse feliz. — Venha, prima, vamos nos encontrar com o vovô.

Antes de abrir a porta da sala de jantar, Clara ajeitou o cabelo por trás das orelhas. Desde que as tias haviam chegado de Caracas, seu avô e ela não tomavam mais o café da manhã na cozinha.

Maria dei Rosário sentou-se em uma das pontas da mesa, arrumou as flores em um vaso, arranjando-as aqui e ali com gestos impacientes. Maria dei Carmen, com a cabeça enfiada em um livro de orações, sentou-se, em silêncio, ao lado da irmã. Os pais de Luisito, que tinham ficado apenas alguns dias no El Rincón, viajaram para a Europa.

— Bom-dia — Clara murmurou, tomando seu lugar, próximo a Luisito, na longa mesa de mogno.

Don Luis olhou por cima do prato e deu uma piscadinha travessa para Clara. Ele estava tentando irritar as gêmeas; molhava uma rosquinha no café, que ele sorvia fazendo barulho. Ele nunca comia antes que virasse uma massa.

Por trás da sua caneca com chocolate quente, Clara espiava a expressão desaprovadora das tias. Elas não se incomodavam mais com as pinturas a óleo de belas garotas penduradas na sala de estar. A pele amarelada, os ossos do rosto encovados e o cabelo preto preso em pequenos coques a faziam lembrar das freiras amarguradas que ensinavam catecismo na escola.

Das duas, Maria dei Rosário era a mais complicada. Clara ficava ansiosa e apreensiva na presença dela. Maria dei Rosário tinha olhos nervosos, típico de pessoas que não dormem. Olhos impacientes e alarmados. Olhos que estavam sempre observando e julgando. Ela só era agradável quando fazia o que queria.

Por outro lado, era difícil notar Maria dei Carmen. As pálpebras pesadas pareciam carregar um cansaço ancestral. Caminhava dando passos silenciosos e falava com uma voz tão suave que parecia estar apenas movendo os lábios.

A voz aguda de Maria dei Rosário invadiu os pensamentos de Clara.

— Você não convenceu Luisito a ir conosco à missa deste domingo, Clara? — ela disparou contra a garota como se falar com ela fosse uma obrigação penosa.

— Não. Ela não me convenceu — Luisito respondeu por ela. — Nós iremos à tarde com Emilia.

Clara enfiou alguns bolinhos na boca para esconder o riso. Sabia que Maria dei Rosário não insistiria. Ela detestava discussões aos domingos e não havia ninguém como Luisito para se intrometer no caminho dela. A não ser os de seu avô, ele não ouvia conselhos de ninguém. Ele usava e abusava do terror, que inspirava com sua raiva, sempre que suas tias tentavam se opor a seus desejos. A raiva, que fazia com que elas quase desmaiassem, expressava-se quando ele quebrava os objetos com suas muletas, fazia gestos obscenos ou usava linguagem chula.

— Clara, termine seu café — Maria dei Rosário ordenou. — A empregada quer limpar tudo antes de ir embora. Ela também quer ir à igreja.

Dê um gole só, Clara tomou o resto do chocolate quente e entregou a caneca à mulher alta com cara de enterro que as gêmeas haviam trazido de Caracas. Ela era das Ilhas Canárias e tomava conta da casa. Emilia não estava nem um pouco aborrecida, pois agora só tinha que preparar a comida de don Luis. Ele recusava-se terminantemente a comer os pratos vegetarianos que as tias eram adeptas.

— Nem cachorros comeriam esta comida — ele dizia todas as vezes que se sentavam para comer.

Clara, particularmente, também não gostava dos pratos vegetarianos, mas achava o máximo da elegância quando Maria dei Rosário saía todas as manhãs, com o chofer, para apanhar vegetais na plantação do fazendeiro português, cujos produtos custavam o dobro do que aqueles que Emilia comprava na feira aos sábados.

No momento em que Clara ouviu o som das muletas de Luisito batendo no chão do corredor, ela pulou a janela e correu pelo terraço, até a mangueira que crescia perto do muro.

Sem se preocupar com que seu vestido amarelo ficasse sujo, ela se atirou no chão e tirou os sapatos. Sentiu o sangue pulsando em suas têmporas, em seu pulso e no peito, enchendo-a de um estranho desejo que não conseguia compreender. Sentou-se subitamente ao perceber que Luisito estava se aproximando.

— Por que você não respondeu? — ele perguntou, deixando seu corpo cair ao lado do dela. Colocou as muletas perto de si e completou: — Todos foram à missa, inclusive vovô.

Rindo, ela olhou para ele com ternura e admiração. Ele tinha uma expressão sonhadora, inteligente, doce ainda que provocadora. Ela queria dizer tantas coisas, mas não conseguia expressar nenhuma delas.

— Beije-me como fazem nos filmes — ela pediu.

— Sim — ele suspirou e essa simples palavra respondeu suas dúvidas, os estranhos desejos que não conseguia entender.

— Oh, *Negrita* — ele murmurou, aninhando o rosto no pescoço dela. Ela cheirava a terra e sol.

Os lábios dela se moveram, mas não saiu nenhum som. Com os olhos entreabertos, ela viu-o abrir as calças. Ela não conseguia desviar o olhar.

O rosto dele vibrou com entusiasmo ao olhar para ela; seus olhos pareciam dissolver-se entre suas longas pestanas. Com cuidado, para que os ferros na sua perna não a machucassem, ele se deitou sobre ela.

— Nós ficaremos juntos para sempre — disse Luisito. — Convenci meus pais de que sou muito feliz aqui, no El Rincón. Eles enviarão um tutor para cá.

Clara fechou os olhos. Nos últimos três meses, seu amor por Luisito

tinha alcançado proporções gigantescas. Diariamente, eles se deitavam sob a sombra da mangueira.

— Sim — ela suspirou. — Ficaremos juntos para sempre. Ela envolveu os braços em volta dele.

Ela não soube o que ouviu primeiro: se o suspiro abafado de Luisito ou o grito horrorizado de Maria dei Rosário. A tia deu um grito estridente. Chegou mais perto, abaixou a voz e disse:

— Luisito, você é a desgraça da família. O que você fez é indescritível. — Seus olhos implacáveis e duros não se desviavam, um instante sequer, das flores vermelhas e brancas que cobriam o muro.

— E você, Clara — continuou —, seu comportamento não me causa surpresa. Sem dúvida você terminará na sarjeta, lugar a que pertence. — Ela correu escadas acima. No topo, berrou:

— Voltaremos para Caracas hoje mesmo, Luis. E não me venha com seus ataques de cólera. Não funcionará desta vez. Nem gestos obscenos, nem palavrões podem ser pior do que o que você fez.

Luisito começou a chorar. Clara colocou o seu rosto entre suas mãos e secou, com os dedos, as lágrimas que caíam dos seus olhos.

— Nós nos amaremos para sempre. Nós sempre estaremos juntos — disse ela e, então, deixou-o ir.

Clara observou as sombras da tarde escurecerem tudo o que estava ao seu redor. Com os olhos cheios de lágrimas, ela olhou a árvore acima dela. As folhas, delineadas pelo céu estrelado, adquiriam formas inesperadas, formas que ela não reconhecia. Uma brisa suave apagou os desenhos. Tudo que permanecia era o som do vento, um choro desolado, trazido pelo final do verão.

— Clara! — o avô chamou.

Dividida entre remorso e ansiedade, ela não respondeu. A luz que brilhava entre as árvores frutíferas não oscilava. Era certo que seu avô a esperaria, mesmo que ela levasse a noite toda para responder, e a consolaria.

Vagarosamente, ela se levantou e sacudiu as folhas presas no seu vestido.

— Vovô — chamou suavemente, subindo os degraus que levavam até a luz, o amor e a compreensão, que a esperavam.

— Vamos olhar a macieira — don Luis disse. — Talvez ela floresça novamente no próximo verão.

Capítulo 28

Duas semanas depois, numa tarde de domingo, dona Mercedes avisou que teria que ir ao El Rincón.

— Clara ficou doente de novo? — perguntei alarmada.

— Não — dona Mercedes disse, levantando-se da rede do quarto. — Quero ter certeza de que ela está seguindo minhas recomendações. Ela é uma paciente teimosa. — Dona Mercedes repousou as mãos nos meus ombros. — Hoje, você e eu vamos ajudar Clara. Juntas, iremos mover a roda da oportunidade para ela.

Ela se voltou para o guarda-roupa pintado de azul e rosa que bloqueava a porta que dava para a rua e antes de abri-lo, manuseando desajeitadamente a chave, olhou para mim.

— Junte todas as suas roupas e coloque-as no jipe. Vendo que você está cheia de malas, Clara pensará que você também está indo para Caracas. Ela pode decidir pegar uma carona. No fundo de sua alma, ela sabe que só ficará boa quando deixar o El Rincón.

Fiquei realmente surpresa com a minha quantidade ínfima de pertences. Trouxera muito mais, no entanto, lembrei que tinha dado quase tudo para alguns pacientes de Agustín.

— A história de Clara é uma espécie de bônus para você — dona Mercedes disse ao me ajudar a colocar a bagagem no jipe. — Pelo menos, eu não esperava por isto. Veio de lugar algum, mas foi muito apropriado. Encorajei-a a falar com Clara e ficar algum tempo com ela. Sob a sombra de Clara, tenho certeza de que você sentiu as mudanças que a roda da oportunidade provocou na vida dela. Ela é outra a possuir um presente natural, um controle natural sobre a sombra da feiticeira.

Definitivamente, Clara era uma pessoa forte. Pressenti que os seus conflitos emocionais a tornaram melancólica; ao menos para mim, ela parecia estar sempre preocupada, reflexo de algo não dito.

Dona Mercedes concordava com minhas observações sobre Clara e

completou dizendo que Clara precisava da nossa força combinada.

— O que isto significa, dona Mercedes?

— Significa que nós a ajudaremos a partir. Não porque nós somos boas samaritanas, mas sim porque ela nos está forçando a fazer isso.

Havia em mim uma forte compulsão em discordar dela ou, pelo menos, em colocar as coisas no lugar certo.

— Ninguém está me forçando a fazer nada — eu disse. Dona Mercedes olhou-me confusa, seu olhar refletia um pouco de censura e de ironia. Ela, então, pegou minha mala e, gentilmente, colocou-a no banco de trás do carro.

— Está dizendo que você não mexerá um dedo para ajudá-la? — perguntou suspirando.

— Não. Não disse isso. Apenas falei que Clara não está me forçando. Ficarei contente em fazer isso sem ela me pedir.

— Ah, aqui está a ligação. Clara nos força sem dizer uma palavra. Nem você nem eu podemos ficar impassíveis. De uma forma ou outra, nós ficamos sob a sombra dela muito tempo.

Pelo espelho retrovisor, pude ver Candelária, uma figura amável, acenando lá longe. Ela tinha amarrado um cata-vento de plástico amarelo, azul e vermelho na antena do jipe, que fazia barulho quando girava com o vento.

— Acha que Candelária gostaria de ir conosco até Caracas? — perguntei à dona Mercedes.

— Não — murmurou. Ela já tinha se sentado no seu banco para dormir. — Candelária detesta Caracas. Ela sempre começa a ter dor de cabeça assim que se aproxima dos limites da capital.

Logo que parei o jipe em uma vaga em frente ao El Rincón, dona Mercedes saltou do carro e entrou na casa, sem me esperar para ajudá-la. Rapidamente, alcancei-a e segui atrás do som de alguém varrendo. Era Clara limpando o pátio. Ela olhou para cima, sorriu, mas não falou conosco. Ela parecia estar varrendo o silêncio e as sombras, pois não havia mais nenhuma folha no chão.

Dona Mercedes acendeu duas velas na pedra que circundava o

chafariz. Fechou os olhos e esperou Clara terminar.

— Fiz tudo que você me disse — falou Clara, sentando-se entre as duas velas acesas.

Dona Mercedes não olhou para ela mas começou a fungar o ar, tentando identificar alguma essência indefinível.

— Ouça com atenção, Clara — ela disse logo em seguida. — A única coisa que a manterá sã é deixar esta casa.

— Por que deveria sair? — Clara perguntou alarmada. — Vovô a deixou para mim. Ele queria que eu ficasse aqui.

— Ele queria que você tivesse a casa — dona Mercedes a corrigiu. — Ele não queria que você ficasse aqui. Não lembra o que ele disse para você antes de morrer?

Parecendo indiferente à crescente agitação de Clara, dona Mercedes acendeu um charuto. Fumou dando longas baforadas e começou a massagear a cabeça e os ombros de Clara. Ela soprava a fumaça em cima dela, como se ela estivesse separando o contorno do corpo dela do ar.

— Esta casa está povoada de fantasmas e memórias que não pertencem a você, Clara — ela continuou. — Você era apenas uma convidada nesta casa. Você dominou este lugar desde o momento em que chegou aqui porque teve força e sorte. Estes dois poderes estão disfarçados em você como a afeição e a facilidade para lidar com pessoas. Mas não há mais ninguém aqui. É hora de partir. Apenas fantasmas continuam aqui. Fantasmas e sombras que não pertencem a você.

— Mas o que devo fazer? — Clara perguntou choramingando.

— Vá para Caracas! — dona Mercedes exclamou. — Vá e viva com Luisito.

— Realmente, dona Mercedes! — Clara retrucou indignada. — Como pode sugerir tal coisa. É totalmente indecente.

— Você fala como suas tias. — Dona Mercedes respondeu ternamente e, então, jogou a cabeça para trás e riu. — Não seja tola, Clara. Indecente é fingir ser recatada. Esqueceu o que você e Luisito vêm fazendo desde que você tinha doze anos?

Clara permaneceu em silêncio, parecendo estar perdida em

pensamentos.

— Não consigo tomar uma decisão. — Ela sorriu, esfregando os dedos do pé nas ranhuras do cimento do chão. — Não posso deixar tudo isto.

— Você pode se tiver coragem e determinação — disse dona Mercedes. — A *musiúa* também está indo embora hoje. Nós a levaremos para Luisito.

— E a Emilia? — Clara perguntou.

— Emilia ficará feliz aqui com suas tias. Elas estão esperando para voltar ao El Rincón há muito tempo — dona Mercedes lembrou. — Este lugar guarda todas as memórias delas, todos os sentimentos. Aqui, as três mulheres podem voltar o relógio até um tempo ideal que elas nunca experimentaram. As sombras do passado vão escurecer o presente e apagar suas frustrações.

Dona Mercedes ficou em silêncio por um instante, pôs as mãos de Clara entre as suas, talvez para demonstrar a urgência de suas palavras.

— Ponha o vestido amarelo. Amarelo fica bem em você e lhe dá força. Mude-se depressa. Você não precisa de mais nada. Quando veio para o El Rincón você tinha apenas um vestido; deve ir embora da mesma maneira. — Percebendo a hesitação de Clara, ela insistiu em um ponto: — Esta é sua última chance, garota. Já contei à *musiúa* que a maneira de você ficar bem é amando Luisito, entregando-se totalmente como fez quando era criança.

Os grandes olhos de Clara, que brilhavam por causa das lágrimas, fecharam-se como se quisessem afastar um pensamento.

— Mas eu o amo — murmurou. — Você sabe que nunca amei alguém além dele.

Dona Mercedes concordou com ela pensativamente.

— Verdade — ela admitiu e, virando-se para mim, completou: — Ela teve dezenas de pretendentes ricos. Ela ainda tem e ainda sente um prazer meio sádico em desapontá-los. Ela fugiu de mais relacionamentos do que eu consigo lembrar.

Clara riu. Pôs o braço em volta dos ombros de dona Mercedes e beijou seu rosto.

— Você sempre exagera tudo — ela disse, seu tom de voz traía o

quanto ela estava se divertindo. — Mas, apesar de todos meus admiradores, nunca amei ninguém além de Luisito.

Dona Mercedes pegou no braço dela e levou-a para a sala.

— Você tem que amar Luisito em um mundo sem as paredes decadentes do El Rincón. — Ela a empurrou para dentro. — Vá e ponha o vestido amarelo. Estaremos esperando-a no jipe.

A descrição que Clara fizera de Luisito não me preparou para o belo homem que nos saudou na porta de seu apartamento em Caracas.

Sabia que ele tinha quase trinta anos, mas parecia mais um adolescente, com cabelos pretos encaracolados, olhos esverdeados e pele branca lisa. Quando ele sorria, as faces formavam covinhas. Apesar de seu andar manco, não havia nada de estranho em seus movimentos. A forte personalidade dele e suas maneiras auto-suficientes não permitiam qualquer tipo de compaixão.

Luisito não estava nem um pouco surpreso em nos ver. E, quando ele nos serviu uma refeição estupenda, soube que dona Mercedes tinha arranjado as coisas de antemão.

Ficamos até tarde. Foi uma noite inesquecível. Nunca vira dona Mercedes com um humor tão bom. A descrição perfeita que ela fazia das pessoas que todos nós conhecíamos em Curmina, seu tino para contar as situações mais absurdas, seu talento para dramatizá-las, exagerando-as sem nenhuma vergonha, tornavam suas piadas histórias memoráveis.

Um pouco antes da meia-noite dona Mercedes levantou-se e abraçou Luisito e Clara ao mesmo tempo, declinando do convite de Luisito para passar a noite lá. Com os braços totalmente abertos, ela se aproximou de mim em um exuberante gesto de afeição.

— Não me abrace desta maneira. Você não está se despedindo de mim também. Voltarei com você. — Ri e a abracei também.

Procurei pela chave do carro. Enrolada no chaveiro havia um cordão. Com os dedos trêmulos, retirei-o. Era um longo cordão de ouro com uma pesada medalha pendurada nele.

— É melhor você usar isto — disse dona Mercedes, fitando-me. — É uma medalha de São Cristóvão, o memorável padroeiro dos viajantes. — Um

suspiro de contentamento escapou dos lábios dela ao sentar-se no banco do carro. — Você sempre estará protegida. Acima de tudo, você é uma viajante que parou apenas por um momento.

Em vez de voltarmos para Curmina, dona Mercedes guiou-me por entre ruas determinadas, que claramente cortavam a cidade. Desconfiava que estávamos andando em círculos quando ela, finalmente, fez-me parar em frente a uma velha casa colonial verde.

— Quem vive aqui? — perguntei.

— Meus antepassados viviam aqui — ela respondeu. — Essa era a casa deles. E eu sou apenas uma folha de uma enorme árvore.

Encarou-me com tal intensidade que parecia estar imprimindo meu rosto no fundo de seus olhos. Aproximando-se, ela sussurrou no meu ouvido:

— Uma feiticeira tem que ter sorte e força para mover a roda da oportunidade. A força pode ser criada, mas a sorte não pode ser pedida nem persuadida. A sorte, independente da feitiçaria e dos arranjos humanos, faz sua própria escolha. — Ela correu os dedos pelo meu cabelo e por meu rosto, querendo sentir-me mais do que me ver e completou: — É por isso que feiticeiras são tão atraídas pela sorte.

Estava sentindo uma estranha premonição. Olhei-a interrogativamente, mas ela pegou sua bolsa e retirou uma folha marrom-avermelhada com a forma de uma borboleta.

— Olhe para isto com cuidado — disse ela, colocando a folha na minha mão. — Os espíritos de meus antepassados disseram-me para carregar sempre uma folha seca. Sou esta folha e quero que você a jogue dentro daquela janela. — Ela apontou para a casa diante de nós. — Enquanto você a joga, recite um encantamento. Quero saber o quão poderosos são seus encantamentos.

Examinei a folha de todos os ângulos, virando-a várias vezes. Observei a superfície e procurei pelos sulcos.

— E bonita — disse.

— Jogue-a pela janela — repetiu.

Subi pela velha grade de ferro, empurrei a cortina para o lado e joguei

a folha lá dentro enquanto recitava um encantamento. Em vez de cair no chão, a folha ficou flutuando no alto, próxima a um dos cantos do teto como se fosse uma mariposa. Alarmada, pulei no chão.

Mercedes Peralta não estava mais no jipe. Certa de que ela entrara na casa, bati suavemente na porta. Estava aberta.

— Dona Mercedes — sussurrei, entrando na casa.

A casa, construída em volta de um pátio e de sombrios corredores, era como um silencioso convento escuro. Longos canos que coletavam a água da chuva caíam do telhado escuro e anéis de metal pendiam dos beirais.

Andei para o centro do pátio, em direção a um salgueiro coberto pela névoa. Como contas fantasmagóricas, as pequenas gotas prateadas do orvalho nas folhas caíam sem fazer barulho na fonte abaixo delas. Uma rajada de vento balançou o salgueiro, fazendo com que as folhas secas se espalhassem em volta de mim. Acometida por um medo irracional, corri para a rua.

Sentei no jipe, determinada a esperar por dona Mercedes. Procurando por uma caixa de lenços de papel em baixo do meu banco, percebi que ali estavam minha máquina fotográfica e meu gravador.

Confusa, virei-me. Não me lembrava de ter recolhido nada além das minhas roupas. Para minha total surpresa, descobri uma caixa no banco de trás com meus diários e fitas cassete. Preso na caixa, havia um bilhete sem assinatura. Reconheci a caligrafia de Candelária. Li o bilhete: "O adeus de uma feiticeira é como a poeira da estrada; ele se fixa nela quando alguém tenta soltá-lo."

Voltei para Los Angeles e, depois, fui ao México encontrar Florinda. Após ouvir um relato detalhado de minhas experiências, ela considerou quase extraordinário e inexplicável que minha vida no mundo de dona Mercedes tenha começado com um bilhete dela escrito à mão, escondido entre as minhas roupas, e que tenha terminado com um de Candelária, escondido entre minhas fitas.

Embora Florinda fizesse graça do que ela chamava de minha minúcia compulsiva, ela me encorajou a ver se poderia utilizar as inúmeras fitas para

escrever minha monografia.

Ao trabalhar com este material, percebi que, apesar de não ter tido nenhum plano teórico para organizar meus objetivos, as situações por que passei na casa de dona Mercedes pareciam ter sido premeditadas para apresentar-me aos espiritualistas, às feiticeiras, aos curandeiros, às pessoas que eles tratavam e ao que eles faziam em suas atividades diárias.

Tendo acompanhado as atividades de dona Mercedes no processo de cura, e tendo aprendido a usar o sistema de interpretação dela, acredito, sinceramente, que me tornei uma especialista, ao menos intelectualmente, nos hábitos dos curandeiros: a maneira como vêm a si próprios, os outros e seus conhecimentos. Tenho certeza de que minha experiência e as anotações que fiz são suficientes para escrever uma monografia.

Epílogo

Entretanto, após transcrever, traduzir e analisar minhas fitas e anotações, comecei a duvidar do meu conhecimento intelectual sobre o curandeirismo. Meu esforço em organizar os dados de modo a fazerem algum sentido se mostrou inútil; minhas anotações estavam repletas de inconsistências e contradições e meu conhecimento sobre o curandeirismo não poderia preencher estas lacunas.

Florinda, então, fez uma cínica sugestão para que eu ou alterasse os dados de forma que eles preenchessem minha teoria ou que esquecesse a monografia. Preferi esquecer a monografia.

Florinda também me encorajou a olhar mais além do que está na superfície das coisas. No caso da minha experiência com dona Mercedes, ela sugeriu que eu olhasse mais além do possível valor acadêmico. Ela achava que minha propensão acadêmica impedia que eu visse outros aspectos mais importantes. Li e reli as histórias que dona Mercedes havia selecionado para mim e, finalmente, entendi o que Florinda queria. Percebi que se eu removesse a ênfase acadêmica do meu trabalho, eu teria um documento sobre os valores humanos — valores humanos que são, definitivamente, estranhos para nós, ainda que possam ser perfeitamente razoáveis se nós, momentaneamente, colocarmos para fora nossos parâmetros normais de referência.

Com aquelas histórias, dona Mercedes se propôs a me mostrar como os feiticeiros, e mesmo as pessoas comuns, são capazes de usar as forças extraordinárias que existem no universo para alterar o curso dos acontecimentos, ou o curso de suas vidas, ou o curso da vida de outras pessoas. O curso dos eventos ela chamava de "roda da oportunidade", e o processo para afetá-la ela chamava de "sombra da feiticeira".

Ela pregava que nós podemos alterar qualquer coisa sem nos intrometer diretamente no processo e que, às vezes, sem nem mesmo ter consciência do que estamos fazendo.

Para os ocidentais, isto é uma proposição impensável. Se nós nos descobrimos afetando o curso dos acontecimentos sem nos intrometer diretamente, logo pensamos que a coincidência é a única explicação plausível, pois acreditamos que uma intervenção direta é a única maneira de alterar algo. Por exemplo, os homens que fazem a história afetam os acontecimentos tomando complexas decisões sociais. Ou, em um plano mais reduzido, as pessoas intervêm diretamente na vida de outras com suas ações.

Em contraste, as histórias selecionadas por dona Mercedes nos deixam cientes de algo que não é familiar para nós: Elas apontam para a incompreensível possibilidade de que, sem haver mediação direta, nós podemos influenciar mais do que pensamos na forma como os eventos transcorrem.

No final das contas, Florinda estava satisfeita com os resultados da minha viagem pela Venezuela. Disse que gostaria que eu soubesse primeiro das minhas forças ocultas. A idéia dela era de que eu não sabia como proceder diante de um acontecimento estranho para mim e que por isso deveria aprender rapidamente a me adaptar a situações fora dos limites do que eu conhecia, aceitava ou podia prever. Florinda sustentava a opinião de que nada poderia ser mais apropriado para revelar estas forças ocultas do que uma confrontação com o desconhecido social. Minha estada na casa de dona Mercedes e minha interação com os pacientes e amigos dela era este desconhecido social.

Admiti para Florinda que suas advertências a respeito da filosofia da mulher guerreira — os quais eram incompreensíveis para mim naquele tempo — tornaram-se, na verdade, a base para todos os meus atos enquanto estive com dona Mercedes.

— Existem muitas maneiras de se comportar quando se está em uma situação normal — Florinda comentou —, mas quando alguém está sozinho, em perigo, na escuridão, só existe uma maneira: o caminho do guerreiro.

Florinda disse que eu tinha descoberto o valor do caminho do guerreiro e o significado de todas as suas premissas. Sob uma situação de vida não familiar, descobri que não se render significa liberdade, que não se

sentir como uma pessoa importante desenvolve uma força indomável, e que sobrepujar julgamentos morais proporciona uma humildade confortante que não é servidão.



[http://groups-beta.google.com/group/Viciados em Livros](http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros)

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>